UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO

O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA COMO INCENTIVO À ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A PRÁTICA AUTORAL DA PROFESSORA E DOS ALUNOS

Volume 1

SANTO ANTÔNIO DE JESUS
2020

FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO

O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA COMO INCENTIVO À ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A PRÁTICA AUTORAL DA PROFESSORA E DOS ALUNOS

Volume 1

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras do Departamento de Ciências Humanas do Campus V da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Adelino Pereira dos Santos.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

B862o Brito, Fabiane de Jesus Caldas

O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA COMO INCENTIVO À ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A PRÁTICA AUTORAL DA PROFESSORA E DOS ALUNOS / Fabiane de Jesus Caldas Brito.-- Santo Antônio de Jesus, 2020.

301 fls : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Adelino Pereira dos Santos.

Inclui Referências, apêndices e anexos (2 volumes).

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras - PROFLETRAS, Campus V. 2020.

1.Gênero discursivo. 2.Crônica. 3.Escrita. 4.Reescrita. 5.Língua Portuguesa.

CDD: 469

FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO

O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA COMO INCENTIVO À ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A PRÁTICA AUTORAL DA PROFESSORA E DOS ALUNOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras do Departamento de Ciências Humanas do Campus V da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Santo Antônio de Jesus, __ de _____ de 2020.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Adelino Pereira dos Santos (UNEB) – orientador

_____

Prof. Dr. Marcos Bispo dos Santos (UNEB)

_____

Profa. Dra. Hildete Leal dos Santos (FACE/SEC-BA)

Dedico

À minha mãe, Roquelina Maria, inspiração diária, exemplo de humildade, brandura, amor incondicional, resistência e coragem. Serei sempre por e para você;

A todas as filhas de Marias, mainhas, donas de casa e encanadores, que madrugam e levam o mundo nas costas para conquistar um lugar ao sol.

Aos meus alunos do 9º ano do Colégio Municipal Hildécio Antônio Meireles Gamboa, por serem resilientes, parceiros e contribuírem significativamente para transformação de métodos teóricos em realidade prática. A todos vocês, minha eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

Ninguém veio ao acaso
A Jeová, rei dos reis
Pelo dom da vida e força para superar as adversidades.

Ninguém nasce sozinho
À minha mãe, Roquelina Maria
Por ser a vela que me faz navegar e a âncora que me faz parar.

Ninguém cresce sozinho
À minha família:
Isaac, Fabíula, Fábio, Famella, Flávia, Carlito, Geraldino,
Laurindo, Rosana, Márcia, Gustavo, Garfield
Fabrício (em memória).
Corações que batem fora do meu peito.

Ninguém ama sozinho
Ao meu esposo, Joilson Brito,
Sempre o primeiro leitor e crítico
Pelo companheirismo, dedicação e amor.

Ninguém escreve sozinho
Aos meus professores e colegas do PROFLETRAS.
À minha banca examinadora: Dra. Hildete Leal e Dr. Marcos Bispo.
Às minhas leitoras e revisoras: Leninha, Liliana e Raimundinha.

Alguém está conosco
Aos meus amigos
Alexsandro, Bete, Damares, Evelyn Dryn, Ilma, Hadjamá, Juscimare, Keila,
Liliana, Maikson, Maria Helena, Natália, Nilton, Natalícia e Vania.
As flores e os cravos do meu jardim.

Alguém cresce conosco
Aos meus alunos, colegas professores e corpo diretivo do Colégio
Por recolherem as pedras do meu caminho.

Alguém sonha conosco
Ao meu amigo/escritor Araken Vaz Galvão
Por sonhar comigo a escrita literária.

Alguém escreve conosco.
Ao meu orientador Dr. Adelino Pereira dos Santos
Por ser um exemplo de determinação
E apostar na minha capacidade de superação
Em um momento de desesperança.

O papel da escrita é constituir,
Com tudo o que a leitura constituiu, um "corpo".
E é preciso compreender esse corpo não como
um corpo de doutrina,
mas sim como o próprio corpo daquele que,
transcrevendo suas leituras,
delas se apropriou e fez sua verdade delas:
a escrita transforma a coisa vista ou ouvida
em forças ou em sangue.

(FOUCAULT, 2004, p. 63).

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado, de abordagem qualitativa, parte da adoção de procedimentos de pesquisa-ação e intervenção pedagógica desenvolvida no Colégio Municipal Hildécio Antônio Meireles, do distrito de Gamboa, Cairu-Bahia. Apresenta uma proposta, a partir de leitura e produção do gênero discursivo crônica, tendo a autoria docente como elemento motivador para alunos do nono ano do Ensino Fundamental II. Objetiva-se, com essa proposta, analisar e discutir de que maneira o trabalho de escrita e reescrita de crônicas possibilita aos alunos o desenvolvimento de habilidades cognitivas do ler e do escrever, observáveis em suas produções, que representem avanços em suas competências linguísticas e textuais. Nesse sentido, partimos dos seguintes questionamentos: De que forma o trabalho de escrita e reescrita de crônicas possibilita a alunos do nono ano do Ensino Fundamental o desenvolvimento de habilidades cognitivas de escrever, observáveis em suas produções, que representem avanços em suas competências linguísticas e textuais? Como o gênero discursivo crônica é capaz de desenvolver habilidades de escrita proficientes aos alunos do nono ano? Como ocorrem os processos de escrita e reescrita textual dos alunos do nono ano do Ensino Fundamental, em sala de aula e nos contextos de uso, utilizando o gênero discursivo crônica como texto motivador? A base teórica que embasa este estudo advém das concepções dialógica e de enunciado do círculo de Bakhtin (2011e 2016). As discussões sobre gênero, texto e sentido estão fundamentadas nos estudos de Koch (2010 e 2015) e apoiadas na visão de gênero, suporte, domínio discursivo de Marcuschi (2008). Para amparar a análise textual acrescenta-se Antunes (2003, 2005, 2010 e 2017), Cavalcante (2018), Geraldi (2013), Val (2016). As reflexões sobre escrita e reescrita são pautadas nos estudos de Elias (2018), Val e Rocha (2008); os conteúdos e habilidades estão ajustados com base na BNCC (BRASIL, 2017), assim como o desenvolvimento das atividades a partir do modelo de sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004 e 2013), e pesquisa-ação segundo as orientações de Thiollent (2011), aplicadas a 25 alunos, em 60h/a, articulados em três módulos: I – desenvolvimento de habilidades quanto à composição, circulação, suporte e contexto social do gênero; II – desenvolvimentos dos aspectos linguísticos das crônicas jornalísticas e literárias, com foco nos conteúdos textuais como ironia, humor, intertextualidade e relevância informativa; e III - consolidação das habilidades desenvolvidas nos módulos anteriores e efetivação da produção final, escrita, reescrita e publicação. O resultado revelou que os alunos obtiveram avanço nas suas competências linguísticas textuais e autorais, a partir do estudo sistemático do gênero discursivo crônica.

Palavras-chave: Gênero discursivo; Crônica; Escrita; Reescrita.

ABSTRACT

This Master's thesis, with a qualitative approach, is based on the adoption of action research procedures and pedagogical intervention developed at Colégio Municipal Hildécio Antônio Meireles, in the district of Gamboa, Cairu-Bahia. It presents a proposal, based on the reading and production of the chronic discursive genre, with teaching authorship as a motivating element for students in the ninth grade of Elementary School II. The purpose of this proposal is to analyze and discuss how writing and rewriting chronicles enables students to develop cognitive skills in reading and writing, observable in their productions, which represent advances in their linguistic and textual skills. In this sense, we start from the following questions: How the work of writing and rewriting chronicles enables students in the ninth grade of elementary school to develop cognitive writing skills, observable in their productions, that represent advances in their linguistic and textual skills? How is the chronic discursive genre capable of developing proficient writing skills for ninth grade students? How do the processes of writing and textual rewriting of students in the ninth grade of elementary school occur, in the classroom and in contexts of use, using the chronic discursive genre as motivating text? The theoretical basis that underlies this study comes from the dialogical and utterance conceptions of Bakhtin's circle (2011e 2016). Discussions about gender, text and meaning are based on Koch's studies (2010 and 2015) and supported by Marcuschi's (2008) view of gender, support, discursive domain. Antunes (2003, 2005, 2010 and 2017), Cavalcante (2018), Geraldi (2013), Val (2016) are added to support the textual analysis. Reflections on writing and rewriting are based on studies by Elias (2018), Val and Rocha (2008); the contents and skills are adjusted based on the BNCC (BRASIL, 2017), as well as the development of activities based on the didactic sequence model by Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004 and 2013), and action-research according to Thiollent guidelines (2011), applied to 25 students, in 60h / a, articulated in three modules: I - skills development regarding the composition, circulation, support and social context of the genre; II - developments in the linguistic aspects of journalistic and literary chronicles, with a focus on textual content such as irony, humor, intertextuality and informative relevance; and III - consolidation of the skills developed in the previous modules and realization of the final production, writing, rewriting and publication. The result revealed that the students achieved progress in their textual and authoritative language skills, based on the systematic study of the chronic discursive genre.

Keywords: Discursive genre; Chronic; Writing; Rewritten

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa ilustrativo praia da Gamboa 15
Figura 2 Mapa ilustrativo do Arquipélago de Tinharé - Cairu 15
Figura 3 Foto do Colégio Municipal Hildécio Antônio Meireles - Gamboa 16
Figura 4 Esquema do modelo de sequência didática 47
Figura 5 Crônica: Colégio Hildécio Antônio Meireles 61
Figura 6 Crônica: Colégio Hildécio Antônio Meireles 65
Figura 7 Crônica: Colégio Hildécio Antônio Meireles 68
Figura 8 Crônica: Colégio Hildécio Antônio Meireles 70
Figura 9 Publicidade Nacional das *Olimpíadas de Língua Portuguesa.* 77
Figura 10 Publicidade Nacional das Olimpíadas de Língua Portuguesa 77
Figura 11 Capa do livro das Olimpíadas de Língua Portuguesa. 78
Figura 12 Conversa de grupo de whatsApp. 78
Figura 13 Mural produzido pela professora para aplicação do projeto 85
Figura 14 Foto de apresentação em sala. 95
Figura 15 Foto de apresentação em sala. 95
Figura 16 Foto de apresentação em sala. 95
Figura 17 Fotos das máscaras Zambiapunga. 95
Figura 18 Foto apresentação mesa-redonda 100
Figura 19 Foto apresentação mesa-redonda 100
Figura 20 Foto apresentação mesa-redonda 100
Figura 21 Foto apresentação mesa-redonda 100
Figura 22 Foto dos Diários de leitura dos alunos 116
Figura 23 Imagem ilustrativa da capa do jornal impresso “Valença Agora”. 142
Figura 24 Imagem ilustrativa da capa do jornal impresso “A tarde”. 142
Figura 25 Imagem ilustrativa da capa do jornal impresso “Correio”. 142
Figura 26 Imagem ilustrativa de reportagem sobre Cairu. 143
Figura 27 Cartaz dos “Jogos da Primavera”. 144
Figura 28 Foto com os alunos na quadra Mestre Miliquita. 144
Figura 29 Foto na quadra Mestre Miliquita. 144
Figura 30 Foto na quadra Mestre Miliquita 144
Figura 31 Foto dos alunos em visita ao IF baiano em Valença. 167
Figura 32 Capa da revista Ocupação Cultural. 168

Figura 33 Foto no salão do Centro Cultural. 168
Figura 34 Foto no salão do Centro Cultural. 168
Figura 35 Foto dos alunos na recepção do Cinema Vitória em Valença. 169
Figura 36 Cartaz do Show Literário. 186
Figura 37 Foto da exposição 186
Figura 38 Foto da exposição 186
Figura 39 Foto da exposição 187

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Diagnóstico de Habilidades de leitura e dificuldades de escrita 49
Quadro 2 Análise Global dos Textos do Grupo A 60
Quadro 3 Análise Global dos textos do Grupo B 63
Quadro 4 Análise global dos textos do Grupo C 67
Quadro 5 Análise Global dos textos do Grupo D 70
Quadro 6 Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC 82
Quadro 7 Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC 87
Quadro 8 Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC 97
Quadro 9 Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC 118
Quadro 10 Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC 127
Quadro 11 Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC 158
Quadro 12 Análise Global dos textos do Grupo A 173
Quadro 13 Análise Global dos textos do Grupo B 178
Quadro 14 Análise Global dos textos do Grupo C 182

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

2 CRÔNICA: CARACTERIZAÇÃO E DOMÍNIO DISCURSIVO 20

2.1 DA CRÔNICA JORNALÍSTICA: CIRCUNSTANCIAL, CRÍTICA E BANAL AO ESTILO LITERÁRIO 22

2.2 O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA COMO FERRAMENTA DE ENSINO 25

2.3 PRÁTICAS DE LEITURA E (RE)ESCRITA DO GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA 29

2.4 TEXTUALIDADE: APLICAÇÃO DOS ELEMENTOS ESSENCIAIS DE PRODUÇÃO AO SENTIDO GLOBAL DO TEXTO 32

2.5 (RE)ESCRITA: UMA PRÁTICA CONTÍNUA DE EXERCITAR AS HABILIDADES DE ENSINO 36

3 "EUS": REFLEXÕES ENTRE A FORMAÇÃO DOCENTE E A AUTORIA TEXTUAL 40

3.1 – PRÁTICAS DE LINGUAGEM, ATUAÇÃO E ESCRITA: DIÁLOGOS ENTRE HABILIDADES INDISSOCIÁVEIS À LUZ DA BNCC 43

3.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA 46

3.2.1 Desenvolvendo a produção inicial 51

3.2.2 Análise da produção inicial 59

3.2.3 Habilidades consolidadas no diagnóstico e a serem construídas 71

4 CRÔNICAS: PARA ALÉM DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS 73

4.1 MÓDULO I – DESENVOLVENDO HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA DO GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA 81

4.1.1 A crônica na aula de Língua Portuguesa 82

4.1.2 "O lugar onde vivo" 87

4.1.3 O gênero crônica em debate 96

4.1.4 Textualidade e sentido: uma análise das produções dos alunos 104

4.1.5 Dados comparativos contextuais 113

4.2 MÓDULO II – ASPECTOS LINGUÍSTICOS E ESTRUTURAIS DO GÊNERO CRÔNICA 117

4.2.1 A crônica como gênero discursivo 117

4.2.2 Crônica: do jornalístico ao literário 126

4.2.3 Textualidade e sentido: análise das produções dos alunos 145

4.2.4 Dados comparativos contextuais 153

4.3 MÓDULO III – A CRÔNICA EM PRODUÇÃO 157

4.3.1 Crônica: competência autoral 158

4.3.2 Reescrita da produção final 169

4.3.3 Análise das produções finais 173

4.3.4 – Dados comparativos textuais 184

4.3.5 Culminância do projeto 186

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 189

REFERÊNCIAS 194

APÊNDICES 198

APÊNDICE A – Atividade de leitura e análise de crônicas 198

APÊNDICE B - Atividade de leitura e análise de crônicas 206

APÊNDICE C – Atividade de leitura e análise de crônicas 209

APÊNDICE D – Atividade de leitura e análise de crônicas 214

Há umas quatro décadas o futebol-arte foi sendo posto num ostracismo soturno 215

APÊNDICE E - Atividade de leitura e análise de crônicas 224

APÊNDICE F - Atividade de leitura, análise e produção de crônicas 231

APÊNDICE G – Termo de autorização de uso de imagem 238

APÊNDICE H – Livreto de crônicas 239

ANEXOS 298

1 INTRODUÇÃO

> *[...] não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão alojados. Nosso inconsciente está alojado. Nossa alma é uma morada. E, lembrando-nos das casas dos aposentos, aprendemos a morar em nós mesmos. Já podemos ver que as imagens da casa caminham nos dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nelas.*
>
> *(HATOUM, 2008, p.10).*

Um rio chamado Tempo,
Uma casa chamada Terra

(COUTO, 2003)

Apresento essas palavras de Milton Hatoum, escritor amazonense, e Mia Couto, escritor moçambicano, para iniciar esta apresentação e reforçar a minha trajetória e memórias intrigantes que me levam à proposta deste estudo. Este relato anuncia uma narrativa objetiva, mesmo sabendo que o caráter da memória tem suas dissonâncias. Tal memória, tantas vezes alterada por encruzilhadas, escolhas e vielas, mas carregando no peito o desafio de ser, sem querer parecer. Na impossibilidade de apagar minhas andanças, descobri minha identidade sendo outra, arrastando o mundo nas costas para me encontrar na fronteira comigo mesma. Do oriente ao entardecer, muitos rios longínquos me afastaram do mar, e agora o mar está à minha frente, e olho, mas não vejo o rastro que ficou para trás, apenas o horizonte, e poderei fluir, habitar no seu sal, temperar minha nova caminhada e vencer. Para tanto, procurei navegar entre minhas memórias, na impossibilidade de trazer o passado com as cores, cheiros e sons que as coisas tiveram no momento para, assim, explicar os motivos que me fizeram sair de um porto inseguro das minhas origens, para atracar nesse porto seguro do PROFLETRAS.

O contato com livros e leituras faz parte do meu cotidiano desde os primeiros anos da infância. Lembro-me, com muita saudade, do meu livro ilustrado de histórias bíblicas em que minha mãe fazia a leitura todos os dias e eu, com apenas quatro anos, ouvia atentamente. Esse livro me acompanhava em todos os momentos, folheava-o, repassando as imagens, recontando as histórias a partir das leituras de minha mãe. É ela, minha mãe, a primeira responsável por minha inclinação para a criatividade, e também por me ensinar a fazer meu nome e conhecer as letras do alfabeto. Aos cinco anos, ingressei na escola e, como não tinha idade para frequentar, tive que aguardar a maioridade escolar chegar para efetivar minha matrícula; mas participava

das aulas, acompanhando estudantes que moravam próximo da minha casa, como uma espécie de ouvinte. Enfim, quando de fato fui reconhecida como membro da comunidade escolar, já sabia ler e escrever.

Durante o Ensino Fundamental II, alfabetizava crianças na minha casa e auxiliava outras nas tarefas escolares – era o reforço escolar. Continuei essa prática até ingressar no curso de Magistério no Ensino Médio. As experiências no estágio supervisionado fizeram crescer o anseio por me tornar uma educadora. Lembro que, desde aquela época de estudante, já apresentava afinidade com a área de línguas e literatura, costumava narrar contos, recriar histórias, transformá-los em peças teatrais, fazer poesias, encenações, compor letras de músicas, dentre outros.

O sonho de docência aconteceu enquanto ainda cursava o Ensino Médio e fui escolhida por excelência – isso porque escolhiam os alunos mais aplicados para esta empreitada – pela DIREC-05, para substituir a regente em uma escola de Ensino Fundamental. Na época, essa atividade chamava-se de "Estágio Remunerado" e permaneci nesse regime por dois anos. Foi uma experiência bastante proveitosa. Ali me encontrei, pois a sala de aula era minha referência. Queria ser chamada de professora; era uma honra.

Após muitas cruzadas e outras experiências, ingressei no curso de Letras e, naquele momento, começou a minha viagem pelo âmbito da linguagem e da literatura, então pude voltar a sonhar com minha identidade, a minha sala de aula, as minhas produções, sentimento acalentado por muito tempo. Assim, o meu percurso como pesquisadora, professora e autora começou a ser trilhado em 2009, no final do curso, pois comecei a escrever poemas e crônicas e a publicar nos jornais e revistas da faculdade. Posteriormente recebi dois títulos importantes: o de **Cidadã Valenciana**; e o primeiro lugar no concurso de Crônicas da Academia Valenciana de Educação Letras e Artes, com a crônica **Descobertas** (produção publicada em jornais da região). A partir daí, passei a utilizar, também, as minhas produções em sala de aula.

A minha vida sempre foi marcada pela experiência de transformar dificuldades em oportunidades. Quando relembro minha odisseia e visualizo as perspectivas futuras e o mestrado, lembro-me do trecho do poema *Mar Português* de Fernando Pessoa que diz: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena. Quem quer passar além do Bojador, tem que passar além da dor" (PESSOA, 2010, p. 95). Então, aqui estou no PROFLETRAS, e considero que é o mestrado ideal para minha formação – o meu tempo é agora!

Atuando como professora do ensino fundamental II, tenho investigado metodologias que desenvolvam as habilidades de leitura e escrita dos alunos. Sendo assim, de forma experimental, utilizei minhas crônicas nas aulas e observei que os alunos se identificaram e

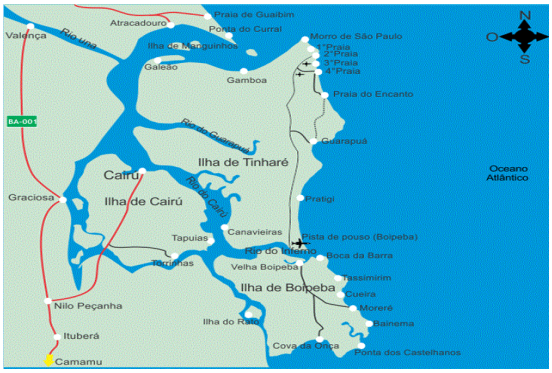
apresentaram respostas cognitivas, que despertaram em mim a necessidade de trabalhar o gênero crônica como ferramenta de diálogo no circuito de leitura. Então, esta proposta apresenta o meu fazer artístico e literário na produção de crônicas, como motivação, a fim de possibilitar aos alunos do Colégio Hildécio Antônio Meireles, situado na Gamboa, uma ilha que faz parte do arquipélago de Tinharé – Cairu – Bahia, o desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de crônicas.

Nesse sentido, a primeira etapa da pesquisa-ação de acordo aos estudos Thiollent (2011), teve início com o reconhecimento do contexto escolar e dos estudantes e, ainda, a identificação da situação problema, elaboração dos objetivos da pesquisa e estruturação do plano de ação. Assim, as imagens abaixo ilustram o cenário geográfico contextual dos alunos e do Colégio, que são privilegiados pelas belezas naturais de praias lindas e calmas, Mata Atlântica e paredão de argila medicinal. A maior parte dos professores são de outras localidades e, como pode ser observado no mapa, a única via de acesso é marítima. Isso nos deixa, de certa forma, à disposição da comunidade no período em que estamos em atividade docente. Assim, enquanto transformamos, também somos transformados pela cultura e costumes locais.

Figura 1 - Mapa ilustrativo praia da Gamboa

Fonte:www.facebook.com/pg/gamboadomorrobahia

Figura 2- Mapa ilustrativo do Arquipélago de Tinharé - Cairu



Fonte: www.acordacidade.com.br

O Colégio Hildécio Antônio Meireles, ilustrado na página seguinte, é uma Instituição de grande porte, cujas matrículas de 2018 alocaram 358 alunos do fundamental I, 307 alunos fundamental II, 125 alunos Ensino Médio e 40 alunos da EJA. Por conseguinte, a vida escolar dos alunos nativos desde o Ensino Fundamental, até a formação final é nesse Colégio. O quadro docente é composto por 41 professores, dos quais 30 são efetivos e residem em cidades vizinhas. Por causa do contingente de alunos e falta de recursos, a sala de informática foi desativada para funcionar como sala de aula e, atualmente, está funcionando como sala de vídeo. O mesmo aconteceu com a biblioteca, um depósito de livros, que foi dividida,

aproveitando parte dela como sala de aula. O refeitório também sofreu reforma para virar sala de aula e os alunos aproveitam a área externa e quadra poliesportiva e se espalham durante o intervalo para lanchar, conversar e brincar.

Figura 3 – Foto do Colégio Municipal Hildécio Antônio Meireles - Gamboa

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Os sujeitos da pesquisa aqui relatada, devidamente matriculados e frequentando a disciplina de Língua Portuguesa, sob minha responsabilidade, têm faixa etária entre 13 e 18 anos. Destes, 19 meninas e 08 meninos, solteiros, sem filhos e residem com familiares – pais, irmãos, tios e avós – oriundos de classe média baixa. Eles são nativos dessa Ilha, que é um local de passagem de muitos turistas, mas carregada de herança cultural, que envolve costumes, religiosidade, traços de cultura indígena e influência da colonização portuguesa. As atividades econômicas da Ilha são desenvolvidas por pescadores, marisqueiras, pequenos comerciantes e prestadores de serviços que dependem, principalmente, do turismo. E com o declínio da pesca, os pais dos alunos vivem dessa atividade e em setores como: hotelaria, transporte marítimo e comércio, com algumas exceções de alguns pais que não são nativos e têm formação em psicologia e outras que atuam na área publicitária, religiosa e militar. Essa forma de organização e desenvolvimento provocou uma gama de mudanças no contexto histórico e cultural da população local e tem significativa importância no cotidiano dos alunos. Certamente é um cenário instigante para transformar essa carga cultural em textos e diálogos capazes de formar laços entre autor, texto e o mundo que os cerca.

É importante salientar que a maioria desses alunos nasceu na Gamboa e passaram sua vida escolar desde o Ensino Fundamental I, durante o II e possivelmente terá sua formação

concluída nesse Colégio. Para eles, esse espaço representa muito mais que um local de estudo. É o local onde se organizam outras ações sociais como reuniões para eventos, esporte, baba do final de tarde na praia, cultos religiosos, trabalhos, dentre outras atividades. Como se pode observar, é preciso lidar com essas demandas que, se por um lado unem os alunos no sentido social, por outro dispersam no sentido escolar e ainda acabam tirando o foco essencial da instituição de ensino.

Os alunos apresentam muitas dificuldades com leitura e escrita. O *déficit* na escrita, geralmente, é atribuído a falta de hábito de leitura. A maioria dos alunos só lê na escola, prejudicando o desenvolvimento das habilidades textuais. Apesar desse fato, eles são criativos e se interessam por textos que retratem cenas do cotidiano, capazes de despertar atenção para temas de interesse comum. Esses textos precisam ir além do que está materializado em palavras, é necessário ter algo que faça sentido e possa ser o elo entre texto e pertencimento, que represente as vivências de cada um fora e dentro do texto, de suas memórias engajadas em novas descobertas a partir das suas experiências, sua cultura. Dessa forma, a crônica apresenta esse fazer literário e jornalístico que despertou nos alunos o gosto pela leitura, possibilitando o desenvolvimento de habilidades de escrita, através da leitura e produção de crônicas.

Assim, o tema que propus *A (re)escrita do gênero discursivo crônica no Ensino Fundamental II* busca um novo olhar para esse gênero, com a possibilidade de ressignificar a leitura, a partir de interpretações de crônicas autorais e a expectativa de produção e reescrita textual do gênero em sala de aula. Para tanto, este trabalho investiga o desenvolvimento de habilidades cognitivas de produção de crônicas a partir dos seguintes questionamentos: De que forma o trabalho de escrita e reescrita de crônicas poderia possibilitar a alunos do nono ano do Ensino Fundamental o desenvolvimento de habilidades cognitivas de escrever, observáveis em suas produções, que representem avanços em suas competências linguísticas e textuais? Como o gênero discursivo crônica poderia desenvolver habilidades de escrita proficiente do gênero crônica dos alunos do nono ano? Como ocorriam os processos de escrita e reescrita textual dos alunos do nono ano do Ensino Fundamental II em sala de aula, utilizando o gênero discursivo crônica como texto motivador?

Durante o meu percurso docente, enquanto professora de Língua Portuguesa, tenho observado que os alunos, durante os processos avaliativos discursivos, demonstram baixo rendimento no domínio de práticas de leitura e escrita e esse não é um problema exclusivo da disciplina, pois é uma queixa geral dos professores, inclusive os da área de exatas, pois, segundo eles, os alunos não compreendem o enunciado para responder coerentemente as questões. Essa ineficiência é atribuída somente à escola e injustamente ao professor de Língua Portuguesa.

Então, passei a investigar essas problemáticas e buscar conhecimentos teóricos para compreender esse fenômeno de ler e não compreender, ou ler e não escrever, ou escrever e não reescrever, para auxiliar meus alunos da melhor forma, com os melhores métodos e conteúdos que pudessem proporcionar a escrita de textos coerentes e proficientes.

Dessa forma, para alcançar os objetivos propostos, tracei uma linha de estudo e pesquisa para explorar as estratégias de leitura, as relações textuais de gênero e de sentido, reflexões sobre a formação docente e discente, as habilidades de leitura e escrita, para serem desenvolvidas durante a aplicação da sequência didática, visando à produção do gênero crônica. Para tanto, busquei embasamento nas concepções da Linguística Textual, nos trabalhos do Círculo de Bakhtin, nas pesquisas e teorias de leitura, textualidade, escrita e reescrita de textos, dentre outras áreas correlatas.

A base teórica que embasa este estudo advém das concepções dialógica e de enunciado do círculo de Bakhtin (2011e 2016), por sustentar a compreensão de que o discurso da crônica decorre do diálogo de dois gêneros (jornalístico e literário). Nessa perspectiva, o gênero em estudo se transforma em uma cadeia de "enunciados vivos" plenos de ecos de outros enunciados no processo de comunicação discursiva entre autor-texto-leitor-contexto-autor que se constroem e são construídos no texto por interação sociocognitivas. As discussões sobre gênero, texto e sentido estão fundamentadas nos estudos de Koch (2010 e 2015) e apoiadas na visão de gênero, suporte, domínio discursivo de Marcuschi (2008). Para amparar a análise textual acrescenta-se Antunes (2003, 2005, 2010 e 2017), Cavalcante (2018), Geraldi (2013), Val (2016). As reflexões sobre escrita e reescrita são pautadas nos estudos de Elias (2018), Val e Rocha (2008); os conteúdos estão ajustados com base na BNCC (BRASIL, 2017), assim como o desenvolvimento das atividades a partir do modelo de sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004 e 2013), e pesquisa-ação segundo as orientações de Thiollent (2011), aplicadas a 25 alunos, em 60h/a, articulados em três módulos.

Assim, no segundo capítulo, apresento o gênero discursivo crônica, bem como suas múltiplas possibilidades enunciativas, percurso, efetivação, circulação, suporte e como foi utilizado como ferramenta de ensino. Discorro sobre as práticas de leitura necessárias ao desenvolvimento da linguagem, escrita e reescrita de textos proficientes. Na sequência exibo os parâmetros textuais utilizados para auxiliar a aplicação dos elementos essenciais de produção e análise do sentido global do texto. Na reescrita propus o desenvolvimento de habilidades de escrita desde a leitura da produção em sala de aula à digitalização final do texto.

No terceiro capítulo, exponho as reflexões sobre a formação docente e a autoria textual da professora e dos alunos em virtude das vozes enunciativas que se intercalam em vários

contextos de produção comunicativa. Defino parâmetros de habilidades e conteúdos aplicáveis à escrita do gênero discursivo crônica à luz da BNCC (BRASIL, 2017). Em seguida os aspectos metodológicos da pesquisa, quanto ao desenvolvimento da produção inicial, análise da produção inicial, habilidades consolidadas e a serem desenvolvidas durante a aplicação da proposta de intervenção.

No quarto capítulo, foco na efetivação do desenvolvimento das atividades, conteúdos e produção da sequência didática em três módulos. O módulo I – o desenvolvimento das habilidades referentes à composição do gênero discursivo crônica e suas relações entre autor-texto-leitor, bem como o estilo, circulação e suportes, considerando a autoria e o contexto social. Assim, as atividades foram desenvolvidas a partir da leitura das crônicas e da contextualização do tema em entrevistas, diálogos, pesquisas, leituras em vários suportes e apresentados em sala, em forma de encenação e mesa-redonda. Essas atividades renderam escrita e reescrita como treinamento das habilidades desenvolvidas para serem melhoradas no próximo módulo. O módulo II – desenvolvimentos dos aspectos linguísticos da crônica jornalísticas e literárias com foco nos conteúdos textuais como ironia, humor, intertextualidade e relevância informativa. As atividades foram distribuídas a partir de análise textual em sala de aula, em jornais de grande circulação, dentre outros suportes digitais e contextuais durante os *Jogos da Primavera* para produção real, em contexto de uso da linguagem interativa dos participantes deste estudo. O módulo III – consolidação das habilidades desenvolvidas nos módulos anteriores e efetivação da produção final, escrita, reescrita e publicação, conferindo a efetivação das competências para escrita, autoria, interação, funcionalidade comunicativa e adequação contextual.

Espero que os resultados deste trabalho possam ao menos inspirar outros professores de Língua Portuguesa para o desenvolvimento de metodologias que melhorem sua prática pedagógica e, consequentemente, a aprendizagem dos alunos.

2 CRÔNICA: CARACTERIZAÇÃO E DOMÍNIO DISCURSIVO

Posso ser olhos de águia atenta às banalidades
Percorrer avenidas, atalhos, trilhos e mundos
Ser seu sino de final de tarde anunciando mazelas
Ou apenas mais uma voz, um som dentre outros
Posso estar na sua pele ou desnudar-me por inteira
Ou diluir-me na multidão, escuridão, calçadão
Ser seus ouvidos atentos em conversas alheias
Falar a língua dos cantos e recantos, altos e baixos
Ser sempre a primeira pessoa, erudita e coloquial
Juntar os retalhos e fiar o discurso dos relatos diários
Ser humor, verdade, emoção, banalidade e prazer
Injetar amor na sua veia e descrever se veneno ou antidoto
Ser seus olhos atentos e denunciar com leveza
Penetrar na intimidade das aparências anônimas
Ser efêmera, mas viajar na cápsula do tempo
E te entregar a magia dos desejos escondidos
Só para desvendar com clareza, beleza e poesia
Que aprendi a ser você, enquanto era eu mesma.

Fabiane Caldas (2019, inédita)

É assim que a cronista perfila seu olhar perspicaz pelo mundo a criar crônicas e a transpor fenômenos da língua e suas atividades sociais e culturais. A crônica, além de ser um texto que ganha forma nas culturas, mantém função comunicativa e cognitiva capaz de enlaçar o leitor pelo humor, pela conversa despretensiosa, pela proximidade com os relatos cotidianos e se torna um gênero de infinitas possibilidades interpretativas. "A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana [...]" (BAKHTIN, 2011, p. 262). Assim sendo, o gênero discursivo crônica assume a complexidade dos relatos sociais, devolvendo aos seus interlocutores um relato verossímil, mas transmitido com leveza e poesia.

Partindo desses pressupostos de construção social do gênero discursivo crônica, é possível asseverar que a crônica era escrita comum entre os padres jesuítas. O marco inicial no Brasil foi o registro circunstancial, a carta de achamento, de Pero Vaz de caminha em 1773. Um relato minucioso das paisagens, dos índios, dos costumes – nossa certidão de nascimento – que nasceu da circunstância, ou seja, da crônica (SÁ, 2005, p. 7-8). Desse ponto para os dias atuais, a crônica foi se adaptando ao cenário histórico e se bifurcando para atender as necessidades nos campos jornalísticos e literários.

Uma vez que sobreviveu aos *folhetins* – suporte do campo jornalístico que continha os textos literários fragmentados em capítulos, capazes de fidelizar o leitor por criar ganchos com

os próximos textos, as informações teriam que se adequar ao suporte que é "imprescindível para que o gênero circule na sociedade" (MARCUSCHI, 2008, 174); e ainda poucas páginas para apresentar os fatos semanais da época – a crônica sai do registro formal para tratar de acontecimentos reais, porém com nova roupagem, criada a partir do imaginário e interpretação do cronista e recebe refinamento literário à medida que se aproxima dos costumes sociais.

A princípio, o autor de crônica deve materializar os acontecimentos cotidianos de forma que os leitores se sintam pertencentes ao mesmo contexto de produção e, assim, sejam capazes de reverberar analogias entre o mundo real e simbólico, tornando-se criadores e criaturas de um contexto cheio de dissonâncias, mas amenizado pelas produções literárias, sendo capazes de se renderem à evidência de que o cérebro ainda é a máquina mais moderna de contar e criar histórias. Assim, o próprio cronista e sua produção retratam acontecimentos reais como se o leitor estivesse diante de uma reportagem ou uma confissão. Nesse sentido, a crônica é um gênero multifacetado, pois há uma linha tênue capaz de separar as duas formas de fazer crônica: de um lado o suporte (jornais e revistas) e do outro o próprio cronista que pode apresentar uma linha mais sensível ou mais crítica e provocadora.

Santos (2007, p. 25) defende que o cronista entra definitivamente em cena no período de 1850 a 1920, descortinando as novidades das grandes cidades brasileiras, e afirma que são "Aqueles que não esperam o distanciamento crítico do tempo e já estavam ali, ao quente, descrevendo as miudezas do cotidiano que os grandes mestres da História do Brasil não se preocupavam em anotar". São estas as principais personagens da imprensa que vão se modernizando e se profissionalizando, à maneira de Machado de Assis, equilibrando-se entre jornalismo e literatura.

Os cronistas, entre 1920 e 1950, foram influenciados pela Semana de 22 e deixaram a linguagem da crônica ainda mais leve, próxima do uso coloquial da língua, da forma que as pessoas falavam na rua; e esse espírito de conversa à toa, sem maiores compromissos, acaba por caracterizar a crônica (SANTOS, 2007, p. 63). É nesse contexto que surge o lirismo reflexivo de Rubem Braga; e suas experiências pessoais "funcionam como metáfora de situações universais" (SÁ, 14, 2005).

A década de 1950 ficou conhecida como década de ouro, devido a acontecimentos como: o Brasil vencendo a copa do mundo pela primeira vez, as novas telas de cinema, a bossa nova, a construção de Brasília. Esse período trouxe consigo a euforia e o humor de Nelson Rodrigues, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, dentre muitos outros cronistas. Uma nova era que se consolidou pela relação de carinho entre o público consumidor e o gênero, "tornando a crônica uma espécie de indicação do brasileiro ao prazer de ler" (SANTOS, 2007, p. 89). Já

em 1960, a crônica ganha o peso de denúncia social e das divergências políticas envolvidas em passeatas e comícios. Os muros viraram telas para pichação e a palavra de ordem do povo era Liberdade. Assim, nomes como o de Drummond surgem com um olhar simbólico, capaz de traduzir as manifestações da sociedade.

Os anos sombrios, reflexo da ditadura militar de 1970, limitaram muitos escritores a escreverem publicamente, sob pena de serem exilados. Muitos escritores exilados relatavam suas estadas em outros países e escreviam utilizando a leveza e o descompromisso com a gravidade do mundo, ou em forma de trocadilhos anunciando uma denúncia iminente, como os compositores Caetano Veloso e Chico Buarque. Já a década seguinte foi marcada pela assombração da AIDS, pelo desafio das relações homossexuais marcadas pelo preconceito e infecção do vírus e os textos expressavam o sentimento de perda, de incertezas, de melancolia e uma inquietação social.

Esses fatos históricos impulsionaram o avanço da linguagem da crônica. Santos (2007, p. 261) explica as adaptações do gênero e os propósitos tradicionais da seguinte forma: “Experimentar novos formatos, ousar nas palavras reprimidas, provocar assuntos com uma liberdade que no resto das páginas, por uma questão de objetividade e parâmetros jornalísticos, não é possível”. Nesse sentido, autores como Luiz Fernando Verissimo tratam, com humor, assuntos de casais, como sexo e traição, e a crônica marca as páginas dos jornais, dizendo o que outros textos, pela formalidade do suporte, não poderiam dizer. Nessa perspectiva, a crônica ganha estratégias de compreensão e dupla forma de comunicação e, assim, passa a pertencer a dois domínios discursivos descritos por Marcuschi (2008, p.194): jornalístico e literário.

Por fim, a partir dos anos 2000, a crônica ganhou espaço em vários suportes, inclusive na internet, e atualmente são muitos os cronistas de excelência, capazes de elevar as produções, especialmente aqui no Brasil, em número e qualidade, para além das fronteiras. Eles retratam as cenas do cotidiano com humor, tratam de assuntos sérios por meio de uma aparente conversa fiada, linguagem próxima dos espaços de vivências do leitor, mas capaz de fazer uma denúncia, dar um conselho, expor uma confissão e produzir sentido.

2.1 DA CRÔNICA JORNALÍSTICA: CIRCUNSTANCIAL, CRÍTICA E BANAL AO ESTILO LITERÁRIO

As crônicas jornalísticas atendem às preferências do jornal, retratam fatos que são notícias e podem causar grande impacto no leitor. Dessa forma, o cronista tem o papel de expor fatos cotidianos e circunstanciais, numa narrativa breve, mas que consiga fidelizar o público

leitor por levá-los à reflexão sobre temas banais do dia a dia das pessoas de todas as camadas sociais, tornando assim o diálogo mais referencial, espelhando os acontecimentos alheios como seus. Ela é perene e está ligada ao seu tempo, nasce no jornal e assume sua efemeridade. "O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas" (SÁ, 2005, p. 10), por essas e outras que muitos cronistas resolveram eternizar suas crônicas em livros. Nessa linha, Angélica Soares observa:

> Ligada ao tempo (chrónos), ou melhor, ao seu tempo, crônica o atravessa por ser um registro poético e muitas vezes icônico, através do que se capta o imaginário coletivo em suas manifestações cotidianas. Polimórfica, ela se utiliza efetivamente do diálogo, do monólogo, da alegoria, da confissão, da entrevista, do verso, da resenha, de personalidades reais, de personagens ficcionais..., afastando-se sempre da mera reprodução de fatos. E enquanto literatura, ela capta poeticamente o instante, perenizando-o (SOARES, 1993, p. 64).

Nesse sentido, o cronista/jornalista não consegue se distanciar da poética da vida cotidiana e nem deve simplesmente registrar a notícia. "Cabe a ele explorar o poder das palavras para que o leitor possa vivenciar, com emoção semelhante à do repórter, aquilo que está sendo narrado" (SÁ, 2005, p. 33). A crítica surge da imprevisibilidade, mascarada pelo encantamento do humor, que parte do mais simples para o mais complexo, sem que o leitor se dê conta do jogo de captura que está sendo envolvido e, assim, ela denuncia e desnuda as mazelas sociais.

O humor ou forma jocosa de escrever, de rir de si mesmo ou ironizar determinado fato é a forma que o cronista utiliza para dizer coisas sérias por meio da linguagem literária. "A busca do pitoresco permite ao cronista captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade" (SÁ, 2005, p. 23). Assim, o cronista aproxima a população dos fatos cotidianos e das coisas que acontecem dentro do espaço político, econômico, religioso, esportivo, em tempo real, desconstruindo com humor a significação e a relação de poder. Esse trabalho simbólico tem importância no processo de transformação da relação do homem com a natureza e a sociedade. Segundo Saliba (2002), o humor é uma visão de mundo e, através dele, pode ser explicado o processo de identidade cultural e ruptura para uma linguagem atual. Para esse autor, "o humor brota exatamente do contraste, da estranheza e da criação de novos significados" (SALIBA, 2002, p. 17).

A linguagem da crônica se aproxima da oralidade e dela sai o substrato do uso coloquial da fala. Esse traço não desqualifica a escrita da crônica, pois o cronista faz o jogo do mais simples ao mais complexo, sendo capaz de cativar todas as camadas de público leitor e dialogar com o leitor que quer uma informação leve e rápida ao que quer degustar uma boa leitura e analisar sua profundidade literária. Esse diálogo lhe confere o poder de dizer coisas complexas

da vida, com uma banalidade que unifica os problemas da vida em um núcleo comum a todos. Dessa forma, explica Sá (2005):

> O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é que o nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada circunstância (SÁ, 2005, p. 11).

Nessa senda, o discurso da crônica é formado por diálogos decorrentes de fragmentos de dois gêneros (jornalístico e literário) e de enunciados, muitas vezes, de leitores que são atores no jogo discursivo de representantes e representados. A construção de dois gêneros que se fundiram em um e mantêm as características discursivas de fatos externos que Bakhtin (2011) vai denominar de aspectos "extralinguísticos da linguagem", ou seja, que vai além do linguístico, pois considera o conhecimento de mundo, as vivências e as experiências envolvidas no ato de comunicação e a ideologia dos falantes. Bakhtin ainda acrescenta "[...] a extrema heterogeneidade do gênero do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano [...]" e nessa assertiva ancoramos nossa percepção referente à característica típica do gênero crônica, e ainda "[...] (salienta-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia a dia [...]" (BAKHTIN, 2011, p. 262.) e assim sendo extensa às múltiplas possibilidades, nos permite inferir sentidos e realizar produções. Essas particularidades do gênero se aproximam dos temas do cotidiano do aluno, criando, assim, uma relação de pertencimento, analogias, identidades que estão engajadas na realidade de cada um. Candido (1992) ainda acrescenta que a crônica é um gênero com candidatura à perfeição:

> Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão humanizada; e esta humanização lhe permite, como compensação, sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (p.13-14).

Perfeita e originalmente brasileira, a crônica é um marco literário desde os primórdios, o primeiro registro literário que representa nossa nação, constituída por um povo híbrido,

miscigenado, mestiço de múltiplas culturas e línguas. Ainda capaz de fazer interlocução, levar os alunos a lugares comuns e ficcionais, remeter a cenas do cotidiano, que ensina, que surpreende, que desperta o prazer pela leitura.

É nessa perspectiva que a crônica se apresenta e ganha forma para este estudo. Ela enterneceu uma capacidade própria de tocar com os olhos para não desmanchar a sutileza de ternura, de tornar públicas as impressões de fatos históricos e de fatos reais que estão em nossa alma e queremos transmitir ao outro em forma de sentimentos doces, ternos e ser literatura. Ou seja: "[...] receita de crônica é uma obra particular, onde cabem quase todos os ingredientes – mas, por favor, sempre com muito molho" (SANTOS, 2007, p. 17). Então, basta um olhar sensível para perceber as múltiplas possiblidades e repertório discursivo do gênero crônica, à medida que agregou a heterogeneidade de dois gêneros para prestar um depoimento sobre um fato à posteridade, e relatar fatos cotidianos que aguardam soluções nada simples, mas possíveis à luz desse gênero que é capaz de transcender pela arte literária.

2.2 O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA COMO FERRAMENTA DE ENSINO

Os estudos atuais têm se debruçado em pesquisar metodologias de ensino utilizando textos/gêneros que desenvolvam habilidades de leitura e escrita dos alunos. Não raro, nos questionamos se a palavra não estaria superada pela imagem, pela velocidade de informações, pelas hipermídias e hipertextos, pelo espetáculo que a "era digital" e "era da imagem" vem apresentando de forma fluída todos os dias. Mas, de certo, sabemos que, para estimular o hábito de ler e o domínio dos códigos textuais, a leitura de textos diversos e principalmente literários ainda é fundamental.

É o contato, a interação constante com a leitura, o convívio íntimo com a palavra escrita, com o texto, que leva os alunos a desenvolverem as habilidades de leitura e consequentemente de escrita, capazes de formar cidadãos com habilidades para as mais diversas imposições de comunicação impostas pela sociedade. Para tanto, cabe à escola promover esse evento e assumir a centralidade do texto como ferramenta fundamental de ensino de acordo a BNCC no que tange as "[...] perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos [...]" (BRASIL, 2017, p. 85). E, ainda, cabe ao professor mobilizar os alunos a terem compromisso com a leitura de diversos textos para torná-los capazes de aprender a fazer e cultivar hábitos de leitura.

Nesse sentido, é interessante que o professor torne as aulas de língua portuguesa propícias ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, pois os alunos, na maioria das vezes, não se sentem atraídos por textos que não acionem aspectos cognitivos e os incluam como atores e agentes de transformação. Assim, o professor pode ser esse leitor que promove leitura, esse produtor de textos que domina um gênero e sabe ensinar a fazer textos que reflitam situações sociais, tornando-se impossível o ato de comunicação não se materializar em textos. Não pretendemos formar multiplicadores de gênero embasados nas características funcionais do gênero, mas, sim, instrumentalizá-los para produzir o gênero ao passo que atinjam a formação de leitores que compreendam efetivamente os sentidos do texto.

Essa atividade dinâmica exige várias estratégias de conhecimento e não podemos dissociar os três elementos essenciais desse processo autor-texto-leitor, pois os alunos, além de fazerem interação, ativam conhecimentos prévios para produzir sentido. Essas proporções coadunam com as habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) no que se refere a *Ler, de forma autônoma e compreender*. Assim, as estratégias de leitura do gênero discursivo crônica propõem justamente aprimorar essas habilidades, "levando em conta características do gênero e suporte" e ainda "estabelecendo preferência por gêneros, temas, autores" (BRASIL, 2017, p.185). Nesse sentido, a BNCC (BRASIL, p. 73) ainda considera que as atividades de leitura fazem parte de um processo crescente em que o estudante vai ampliando seu repertório de experiências, práticas e conhecimentos que são ativados a partir de outros textos, contribuindo como base para novas situações de leitura.

Para tanto, é importante considerar a memória, a compreensão, a percepção e a capacidade de pensamento dos alunos e de aprender a usar a língua nos processos de produção de sentido e em situações de uso da linguagem, como a leitura. "Os significados não estão nas palavras, mas na mente daquele que fala ou escreve e na mente daquele que ouve ou lê" (TERRA, 2014, p.54). Nesse sentido, Kleiman (2009, p. 13) ainda acrescenta que a compreensão do texto envolve processos cognitivos múltiplos que são estratégias mentais próprias do ato de compreender e fazer relações com um contexto maior, inferindo informações e significados.

Sendo assim, a crônica representa esse texto/gênero e articula elementos linguísticos a elementos cognitivos, resultantes de experiências vividas, preservadas na memória dos alunos e ativadas pelos elementos composicionais da crônica. Assim trabalhamos as habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) que preveem para o campo artístico-literário inferir os valores sociais, culturais e humanos de diferentes visões de mundo, como formas de estabelecer "múltiplos olhares, sobre as identidades, sociais e culturais e

considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção" (BRASIL, 2017, p. 155). É esse texto carregado de significado e que se aproxima do relato reflexivo dos alunos que promove um ato social em que interagem duas ou mais pessoas com objetivos e necessidades comunicativas. Nesse sentido, o leitor aciona diversos níveis de conhecimento e a leitura é um processo comunicativo. Sobre esse aspecto, Kleiman (2009) acrescenta que a leitura implica "[...] uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo [...]" (p. 27). Assim, o conhecimento de mundo, acionados pelos sentidos textuais, rememora aspectos cognitivos para uma nova experiência e outros significados.

Nessa perspectiva, a leitura passa a ser percebida como um processo de interação e o texto precisa significar muito além de palavras combinadas, precisa retomar lembranças do contexto social do aluno para que ele consiga fazer associações. "A leitura é pensamento que está em parte focalizado sobre a informação visual impressa; é pensamento que é estimulado e dirigido pela linguagem escrita" (SMITH, 2003, p.213). A Base Comum Curricular Nacional, além de trazer a crônica como um gênero de múltiplas possibilidades, ainda corrobora com práticas de linguagem e habilidades. Nesse sentido,

> Para além de construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa (BRASIL, 2017, p.138).

A crônica oferece essas possibilidades, mas quase sempre só é trabalhada como texto literário no Ensino Médio. Os alunos do fundamental quase não têm contato com esse gênero e, quando têm, se dá por meio do livro didático e de forma fragmentada, à escolha do professor. Porém, as habilidades de leitura e escrita da Nova BNCC (BRASIL, 2017) para o nono ano consta da produção de crônicas com temáticas próprias do gênero, utilizando "os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típico dos gêneros" (p. 185). Como já explicitado, por ser um texto híbrido, que oscila entre a literatura e o jornalismo,

a crônica oferece dupla possibilidade estrutural e recursos expressivos para agradar do aluno mais crítico e reflexivo ao mais lírico e poético, ou até utilizar os dois recursos no mesmo texto.

Dessa forma, consideramos que os alunos são capazes de compreender o gênero crônica, ativar conhecimentos prévios, observar o mundo e produzi-la, talvez até com maior criatividade que muitos cronistas profissionais. Eles podem desenvolver a mesma habilidade de fazer humor e dizer coisas sérias, através de uma aparente conversa despropositada, ou até fazer poesia de coisas banais, utilizar ironia e fazer uma crítica social, apresentando outros ângulos que estão por trás das aparências.

Assim sendo, a leitura da crônica, além de possibilitar o prazer de ler, pela sua própria natureza, é capaz de formar um leitor crítico frente às demandas sociais e habilitar para os cuidados textuais, atentando para a norma padrão da língua e suas relações de poder. Cabe salientar que não faz parte dos objetivos deste estudo utilizar a crônica para o ensino de gramática, pois nosso maior alvo é potencializar as habilidades de leitura e escrita da crônica e trabalhar novas habilidades do gênero para que os alunos consigam produzir crônicas e, durante esse processo, melhorar outras habilidades.

Para isso, não se pode olvidar que com a leitura de várias crônicas os alunos são estimulados a desenvolver habilidades de leitura que estão vinculadas às habilidades de escrita e, assim, ativam conhecimentos registrados na memória de várias áreas, facilitando inferir significados e produzi-los também. Nesse sentido é que Antunes (2003) afirma que

> [...] elaborar um texto é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela decodificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos um papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita (ANTUNES, 2003, p. 54).

Como vimos, a escrita é um processo que necessita de planejamento em todas as suas fases incluindo o hábito de leitura como suporte de ideias, para possibilitar uma boa escrita e o papel de escritores protagonistas diante das imposições sociais. Sabemos que não é uma tarefa fácil, mas é possível ensinar a escrever vários gêneros e não somente os que são cobrados pelos exames vestibulares. Também é fato que nem todos os professores dominam a produção de todos os gêneros e, muitas vezes, passeiam pela teoria. Por isso, neste estudo aposta-se em um gênero no qual a professora escreve, para mobilizar os alunos a escreverem também.

É nesse contexto que a crônica se apresenta e ganha forma para este estudo. E é com ela que pretendemos criar condições que levem os alunos do nono ano a desenvolverem as habilidades de leitura e escrita necessárias para torná-los leitores proficientes de crônicas, e assumirem, de forma autônoma, o papel de leitores de textos literários e atores de textos efetivos que possam contribuir com debates sociais, enfrentamentos críticos em relação aos fatos do mundo e às produções culturais. Para tanto, elaboramos uma sequência didática com crônicas autorais intercaladas a crônicas temáticas de outros autores brasileiros, capaz de abarcar essas habilidades de leitura e escrita que o gênero discursivo crônica proporciona.

2.3 PRÁTICAS DE LEITURA E (RE)ESCRITA DO GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA

Quando escrevo...
Parte de mim se materializa na folha de papel
Como uma tela pitoresca ou uma colcha de retalhos
Se montando aos poucos de sangria, amor, saudade...
Experiências vividas, sonhadas e idealizadas
Lembranças e releituras de mim, do outro, do mundo
E como folha despregada sou livre
Perambulo, amarelo, desboto
Encontro meus pares
Me reinvento, reescrevo e mudo de nome
Gênero e sobrenome
Caminho sem volta
Infinitamente eternizada

Fabiane Caldas (2020, inédita)

Escrever é, de fato, um desses caminhos sem volta. Apesar dos muitos debates acerca das habilidades dissociáveis de leitura e escrita percorrendo caminhos paralelos e, muitas vezes, divergentes, fundamenta-se aqui um estudo a partir das produções textuais dos alunos, utilizando como recurso principal as releituras deles, do outro e de mundo, bem como a materialização dessas experiências vividas, sonhadas e imaginadas em produções escritas. Assim como assinala Antunes (2005, p.35) afirmando que a escrita é *uma atividade de interdependência com a leitura*, pois não há escrita sem o desenvolvimento das habilidades de leitura, sem reflexão e várias tentativas adequadas aos muitos propósitos interativos. Escrita que "mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade" (HIGOUNET, 2003, p. 9) que finda, renasce, transforma, transcende e eterniza todo o pensamento humano.

O divisor de águas da nossa civilização é a escrita e não há história que não se fundamente sobre textos. A escrita é a protagonista que dá "acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo" (HIGOUNET, 2003, p. 10). Nesse sentido, a leitura de mundo, as vivências cotidianas e o estudo sistematizado com diversas crônicas possibilitam a esta proposta o ponto de partida, pois a partir da gênese do conhecimento dos objetos socioculturais trazidos, relatados, compreendidos e dialogados com outros textos e contextos poderemos escrever, adaptar, estruturar, analisar, reescrever, até que essas vivências sejam representadas pelo gênero discursivo crônica e sejam publicadas como um instrumento identitário dos alunos, sujeitos da pesquisa.

É preciso salientar que o gênero discursivo crônica emerge de crenças, valores e ideologias presentes em comunidades e culturas distintas e, de certo, nossos alunos levaram consigo essa bagagem cultural como inspiração principal e motivação para escrever textos, observando o mundo e suas transformações, ele, o outro e suas identidades, a forma de fazer e viver e suas particularidades essenciais, mutáveis, frágeis e até insignificantes. Assim, esses elementos são a base cognitiva para quebrar o medo do papel em branco e fonte inesgotável de premissas que permitiriam darmos uma razão para eles se reconhecerem como autores do seu próprio texto. Com efeito, seria a oportunidade de fazerem de elementos despercebidos, e próprios da localidade, visíveis, visitáveis, observáveis com propósitos comunicativos e relevância comunicativa próprias do gênero, estimuladas por estratégias textuais didaticamente elaboradas para melhor dizer em produções escritas, transformando elementos imateriais invisíveis ao outro em uma obra material engajada à cultura local.

A ciência escrita avança na mesma medida em que o pensamento humano evolui. Essa compreensão norteia nosso trabalho com o gênero discursivo crônica, pois na proporção que os alunos reconstroem seus diálogos socioculturais, eles avançam como humanos pertencentes a determinado grupo social, contam suas histórias em forma de crônicas, evoluem com seus pares, os interlocutores, em experiências textuais; em processo de construção do sentido estrutural global do texto; na consolidação das vivências em escrita e na reescrita após efetivação dos elementos textuais, tanto em sala de aula quanto após a publicação, com outros leitores. E assim, como acertadamente postulou Bakhtin (2011);

> A obra, como réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influências sobre seguidores e continuadores; ela determina

> as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura (BAKHTIN, 2011, p. 279).

Dessa forma, embarcamos nessa missão de orientar a produzir crônicas a partir da descoberta de si mesmo, do lugar social comum entre o eu e o outro, em discursos entrelaçados, permanentes ou instáveis que se dissociam não intencionalmente, mas para construir outros textos em espaços reais ou ficcionais de mutações imensuráveis. Assim, contemplamos o texto como ponto de partida e de chegada para representar os discursos dessas vozes, muitas vezes silenciadas, de diferentes modos de vida e contextos que, como cidadãos, estão inseridos, mas aqui apreciadas e aprimoradas para interlocuções e publicação das produções finais, que são as vozes ampliadas do repertório cultural local.

Assim, não descartamos a bagagem cultural, sociológica, filosófica e psíquica dos nossos alunos, bem como a capacidade de transformar em discursos escritos os seus sentimentos e a compreensão da realidade na qual estão inseridos, pois, como defende Marcuschi (2008, p. 230), a compreensão vai além de ações linguísticas ou cognitivas, porque "É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade", permitindo-os, assim, de maneira muito ampla, positivar suas vivências, sonhos e perspectivas, fatores que os permitem fundamentar, a partir das suas visões de mundo, a recriação do passado, presente e futuro, reais ou idealizados, ou até mesmo concluir pela impossibilidade desta. Tudo isso materializado em textos, ou melhor, em crônicas, um gênero que possibilitou embasar outras produções a partir de adaptações, contextos, discursos e elementos textuais. Assim destaca Geraldi (2013):

> O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e o outro bordado, pois as mãos que agora tecem e traçam outra história. Não são mãos amarradas – se o fossem, a leitura seria reconhecimento de sentido e não produção de sentidos; não são mãos livres que produzem o seu bordado apenas com os fios que trazem nas veias de sua história – se o fossem, a leitura seria um outro bordado que se sobrepõe ao bordado que se lê, ocultando-o, apagando-o, substituindo-o. São mão carregadas de fios, que retomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecedura do mesmo e outro bordado (GERALDI, 2013, p. 166).

Nessa perspectiva, as produções dos alunos ganharam múltiplos sentidos a partir das leituras por diferentes leitores, pois, segundo Antunes (2005, p. 28), escrever é uma *atividade de interação, cooperativa, contextualizada e textual*, de tocar o outro sob pena de produzir outras histórias, não apenas as histórias que trouxeram consigo, mas a tessitura de várias

experiências e vivências, materializadas em produções escritas. Assim sendo, não há sentido no vazio de uma escrita sem destinatário, sem alguém para interagir no processo de produção, capaz de promover outros discursos e sentidos e libertar o autor para o mundo sem volta da escrita, aprimorando a cada dia as estratégias de um e do outro (leitor/produtor, produtor/leitor), situada em algum espaço ou contexto tomados por outros textos.

Assim, a crônicas entrou para este estudo como o gênero que não teve meramente a função de cumprir a solicitação de redação escolar, ou apenas um texto sem interlocução ou acabado, mas como um gênero capaz de motivar a produzir discursos escritos com vários fios a serem entrelaçados para compor outras produções do acabado ou inacabado, do jornalístico ou literário, do fictício ou real, dos discursos diretos ou indiretos, mas de possibilidades textuais intermináveis.

2.4 TEXTUALIDADE: APLICAÇÃO DOS ELEMENTOS ESSENCIAIS DE PRODUÇÃO AO SENTIDO GLOBAL DO TEXTO

Os elementos da textualidade estão à disposição dos autores textuais como recursos de ensino para dar conformidade às atividades sociocomunicativas e linguísticas, além de motivar as produções textuais e o propósito comunicativo. É mister compreender que a escrita carrega vozes do sujeito que fala; e o autor leva em conta a perspectiva do leitor, porém se o público leitor não se engajar no contexto do autor, a compreensão pode ficar prejudicada. Então, embasamo-nos nesse entendimento e nos pressupostos teóricos acerca do caráter pragmático da escrita, para defendermos uma escrita planejada, intencionada e cuidadosamente revisada.

Antunes (2005) assevera que escrever é uma *atividade necessariamente textual, intencionalmente definida e pragmática.* Nessa mesma ordem, nos comunicamos através de textos falados ou escritos e as crônicas trabalhadas aqui foram pensadas com temáticas próprias do público adolescente e intencionadas a promover discussões sobre temas que permeiam as descobertas dos alunos na faixa etária entre treze e dezessete anos, por conter um núcleo condutor, um percurso para as produções textuais. Ninguém escreve para não comunicar nada a alguém, por outro lado, a produção não orientada e sem estímulos tende a gerar palavras soltas, estanques, sem um núcleo semântico desenvolvido, o que consequentemente compromete a comunicação. Ainda nesse sentido, Val (2016) acrescenta:

> A *intencionalidade* concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso, e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente

> numa determinada situação comunicativa. A meta pode ser informar, ou impressionar, ou alarmar, ou convencer, ou pedir, ou ofender etc., e é ela que vai orientar a confecção do texto (VAL, 2016, p. 10).

De acordo com a autora, os textos precisam satisfazer intencionalmente os objetivos comunicativos e o autor precisa construir um discurso coerente, pois, de acordo com a pragmática e o pensamento de Antunes (2005, p.33), "[...] escrever constitui uma atividade interativa, contextualmente situada e funcionalmente definida [...]". A partir dessa orientação, não nos permitimos corrigir os textos, emitindo juízo de valor das *situações* e contextos de produção dos alunos, mas nos colocamos como pertencentes àquele mesmo universo, até porque já fomos adolescentes e as crises existenciais, familiares e sociais podem não ser na mesma intensidade, mas os contextos são idênticos na medida em que o trabalho a ser realizado não pretende decifrar o certo ou o errado, ou estruturar períodos sintáticos perfeitos, ao revés, desejamos interagir com os textos para compreender as condições reais de cada situação e orientarmos sobre a melhor forma de apresentar essa relevância nos textos. Os outros constituintes textuais ficam para a reescrita e adequação final.

Sobre a *coesão* e a *coerência*, Antunes (2005) orienta que a coesão é analisada a partir da sequência do texto para não perder a continuidade e o sentido da unidade temática; e Val (2016, p. 6) acrescenta que "A coesão é a manifestação linguística da coerência, advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual". Já a coerência é a unidade que confere sentido pelo leitor a partir de suas experiências socioculturais, decifrando códigos, construindo pistas para compreender o propósito comunicativo do texto. Sendo assim, não é interessante permitir que a falta de coesão atrapalhe a compreensão da coerência, então estruturamos uma reescrita, utilizando a progressão referencial, eliminando repetição de termos, utilizando pronomes anafóricos, fazendo concordância nominal e verbal, associação de sinônimos, substituindo por outros termos equivalentes. Temos ainda o uso de conectivos (conjunções e preposições) que nos permite relacionar períodos para não perder a lógica do discurso textual e ainda é possível analisar se, no enquadramento textual, utilizaram como referente propriedades de um mundo real ou fictício.

Ao longo dos anos, nossos alunos aprenderam a construir frases soltas, desconexas e, muitas vezes, despregadas do livro didático, réplicas de estruturas prontas, que não se comunicam com o contexto deles e que não compartilham os seus anseios, questionamentos, frustrações, aprendizado, enfim, o sentido fica apenas na assertiva da análise morfossintática. Nessa conjuntura, todos os anos apresentam as mesmas dificuldades de escrever períodos

longos e articular uma ideia a outra, mantendo, assim, o discurso temático sem coesão e coerência e sem relevância informativa, pois não há propósito comunicativo em orações apenas analisadas para o professor conceituar. Por conseguinte, antes de pensar em estruturar uma oração, prezamos pela compreensão de repensar a escrita, analisar os contextos de circulação, avaliar a *aceitabilidade* do público leitor e escrever como se desejasse ser compreendido por um outro alguém que não seja o professor.

Assim, orientamos a escrever partindo de uma *unidade temática ou unidade semântica* ou ideia central. Segundo Antunes (2010, p.67), essa unidade é a convergência entre a ideia principal e as secundárias em torno do texto, acrescentando-lhe cada vez mais informações a partir desse núcleo. É como ter o pólen e precisar do beija-flor, da terra, para ser raiz, caule, pétalas e flor, ser pólen novamente e precisar da abelha para ser mel ...enfim, uma produção que começa com o "pólen" e a partir disso nasce uma cadeia crescente de informações e ações articuladas para atender as expectativas do leitor e a esse esquema a autora dá o nome de *progressão do tema*. Em síntese, Antunes (2005, p. 32) orienta que escrever é *uma atividade tematicamente orientada*, ou seja, parte-se de uma ideia central para o tema global, ao passo que as ideias sejam orientadas para o todo do texto sem comprometer a relevância comunicativa no meio do caminho.

Quanto ao propósito comunicativo, analisamos nas produções o que essas vozes querem dizer, então, separamos os discursos das crônicas jornalísticas, que têm a propósito de convencer, persuadir, dar uma notícia, divulgar um resultado dentre outros, das crônicas literárias que têm o objetivo de entreter; expor, explicar, convencer, descrever uma pessoa etc. Quanto a esse elemento essencial do texto, Antunes (2010, p. 69) defende que não existe neutralidade nas atividades de linguagem, pois sempre existe uma necessidade de apoio e concordância por parte do interlocutor, então mudam-se os meios, ou o discurso, ou as pessoas do discurso, mas de forma explícita ou implícita, há argumentação, apelo, persuasão do autor para convencer o leitor.

A *relevância informativa* fica por conta da novidade apresentada nas produções e pode ser notada tanto pela forma quanto pelo conteúdo. Nesse sentido, Antunes (2010, p. 74) nos orienta que "[...] quanto mais é previsível a interpretação de um texto, menos ele é informativo, menos ele requisita a habilidade interpretativa do interlocutor e, dessa forma, menos suscita o seu interesse". Nesse contexto, as produções precisam tratar de assuntos relevantes, ditos de forma única, que desperte a curiosidade, que leve à pesquisa, que vise a outras produções. Assim, durante a análise das crônicas, acionamos esse recurso para que os alunos compreendam a forma marcante de apresentar a novidade no texto, que pode nem ser tão nova, mas, da forma

que foi escrita, vai parecer. Em relação a essa novidade, Geraldi (2013) comunga do mesmo pensamento e aponta para o momento da produção do discurso, pois é nesse momento que o sujeito constitui um ponto de vista sobre o mundo vinculado a uma formação discursiva, não pode se concretizar como mera reprodução mecânica, assim:

> A novidade, que pode estar no reaparecimento de velhas formas e de velhos conteúdos, é precisamente o fato de o sujeito *comprometer-se* com sua palavra e de sua *articulação* individual como a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando dela não está consciente (GERALDI, 2013, p. 136).

Segundo o autor, a novidade está no compromisso e na articulação que o sujeito é capaz de fazer a partir dos discursos que propõem no texto em interlocução com o leitor. Nesse sentido, o texto não é considerado uma obra inédita, sem outras bases textuais, outros diálogos sociais ou comunicação extratextual, mas uma produção que mantém diálogos intertextuais com outras fontes discursivas como afirma Bakhtin (2011, p. 272) "Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados". Na mesma linha, Koch (2010, p. 101) defende que "[...] todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(m) parte da memória social dos leitores". Também, em consenso com os dois autores citados, Marcuschi (2008, p. 129) entende que "[...] todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário". Dessa forma, todo conhecimento humano é continuado a partir das reproduções discursivas que jamais se findarão. Assim como também compreende Antunes (2017, p. 117):

> A intertextualidade é uma condição das ações discursivas, segundo a qual a linguagem é, essencialmente, uma atividade que se constitui na retomada de conhecimentos prévios – o que implica a incorporação de outaras experiências de linguagem anteriores – gerando, assim, uma ininterrupta continuidade na linha dos discursos humanos (ANTUNES, 2017, p.117).

Essas assertivas nos permitem compreender que nossos alunos, tal como nós, estão realizando produções que darão continuidade aos discursos já postos, acrescentando, assim, maior relevância informativa, outros pontos de vistas, outros contextos, outras formas de pensar o mundo e viver em sociedade, outros diálogos presentes em grupos distintos e realidades conceituais que historicamente vão se reafirmando, se refazendo e se ampliando para dialogar com o outro no passado, no presente e no futuro. Dessa forma, os alunos desenvolveram as habilidades de ler diálogos intertextuais nas crônicas estudadas e fizeram retomadas temáticas a partir dos temas estudados, citações implícitas e explícitas de outros textos, alusões,

provérbios populares, dizeres de uso local, dentre muitas outras manifestações da linguagem que desenvolvam o pensamento universal.

Mediante o exposto, na análise global, é importante avaliar os critérios desvendados por Marcuschi (2008), Antunes (2010, 2017), Val (2016) para orientar uma interpretação absoluta, tendo o texto como um produto discursivo unificado e sem fragmentos. Em síntese, para analisar a estrutura e o sentido textual (coesão e coerência); para compreender os aspectos psicossociais de intenção do autor e aceitação do leitor (intencionalidade e aceitabilidade); pela capacidade de formular e resolver um problema (informatividade); ou pelo aspecto sociodiscursivo dos fatos relacionados ao evento textual à situação social, cultural, local e relações com outros textos e contextos (situcionalidade e intertextualidade). Esses recursos, acrescidos a uma metodologia direcionada e sistemática no sentido de desenvolver habilidades essenciais de escrita, constituem importantes instrumentos para orientar a produção textual e analisá-la de forma integral.

2.5 (RE)ESCRITA: UMA PRÁTICA CONTÍNUA DE EXERCITAR AS HABILIDADES DE ENSINO

Durante a elaboração desta proposta metodológica nos envolvemos profundamente com teorias e práticas de ensino, a fim de minimizar as problemáticas relacionadas ao desenvolvimento de habilidades em escrita, considerando, assim, os aspectos contextuais e textuais que levam o aluno a refletir sobre as situações sociais reais de produção, bem como a textualidade incorporada à formulação do texto, levando em conta as situações comunicativas diversas dos interlocutores. Em vista disso, a produção final foi a reescrita da crônica, produto de tratamento e adequação textual, em que aluno-autor apresentou um discurso responsável, coeso e organizado para ser compreendido pelo leitor como um episódio comunicativo.

Para tanto, a reescrita teve início desde o momento da leitura das crônicas em sala de aula, a partir das interferências dos ouvintes/colegas e da professora. Através das discussões, buscou-se, ainda, enriquecer os pontos de vista dos autores, de forma que as sugestões possam ser pensadas, melhoradas e, talvez, incorporadas à construção textual. Com isso, o aluno-autor teve mais uma oportunidade de repensar o seu texto e, assim, incluir, alterar ou até descartar novos conceitos, argumentos e inferências das múltiplas vozes dos ouvintes que ficaram pouco claras. De certo, a progressão temática pode ser desenvolvida continuamente, buscando, assim, compensações entre revisar e reescrever, tendo em vista uma produção coerente para interação e aceitabilidade do leitor. De acordo com Antunes (2017, p.71), “É preciso mobilizar todo tipo

de conhecimento para que a compreensão do que foi dito se aproxime o mais possível do que foi pretendido pelo autor". É tentar dizer ao outro, da melhor forma possível, o que foi desejado, chegando à compreensão mais próxima da extração e exatidão do contexto "num jogo de sentido essencial a toda ação de linguagem" (ANTUNES, 2017, p.71). Esse primeiro tratamento é bastante eficaz, pois foi quando os autores tiveram a oportunidade de enriquecer seu primeiro texto, tornando-o gradativamente mais compreensível e claro.

Nesse processo de interação dialógica da língua, tanto os alunos-autores, quanto os ouvintes-leitores, são entendidos como "atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto" (KOCH, 2010b, p. 34). Equivale dizer que o texto, nessa perspectiva, é produto dos contextos sociocognitivos dos partícipes da interação. Assim, é possível explicar porque as primeiras produções carregaram traços de ordem intuitiva – com fundamentações pouco sólidas, sem aprofundamentos – com limitada consistência, pois muitos alunos escreveram para cumprir mais uma tarefa, sem definir, ao certo, onde queriam chegar, o quê queriam, como ou a quem informar. Contudo, é preciso, segundo Geraldi (2013, p. 137), que o autor defina o que dizer, tenha uma razão para dizer ou para quem dizer, e constitua-se como sujeito "que diz o que diz para quem diz" e escolha as estratégias para realizar. Dessa forma, as produções analisadas não foram ingênuas no sentido de não prescrever objetivos para interlocução aprimorada, muito pelo contrário, os alunos planejaram mobilizar e compartilhar o máximo de informação possível, num jogo discursivo e comunicativo da linguagem.

Salientamos ainda que o aluno/autor foi o primeiro leitor, julgador e protetor do seu texto, no sentido de ter a responsabilidade de ler sua produção diversas vezes e reescrever antes de apresentar em sala de aula ou entregar como versão final ao professor. "Lendo, escrevendo, relendo e reescrevendo, ele procura cumprir o propósito primeiro da sua escrita, que é a interação/intercompreensão" (SUASSUNA IN: ELIAS, 2018, p.121). De certo, fiz as correções finais e adaptações necessárias, mas a intenção não é revisar o texto e o aluno transcrever como uma cópia, mas sim entender o processo de reescrita como mais uma habilidade para ser aplicada nas próximas autorias textuais. Por conseguinte, a reescrita é vista como um trabalho de construção de conhecimento e o professor precisa dar autonomia ao aluno-autor para se comprometer com a sua obra, com o propósito de criar o seu estilo próprio, e não, simplesmente, entregar um rascunho ao professor desejando ser corrigido ou adequado. Nesse sentido, espera-se que ele, conscientemente, compreenda os mecanismos de construção de sentido e apresente uma produção revisada para os ajustes finais.

Dessa forma, o aluno/autor já foi levado a experienciar a identidade da professora/autora entendida como "[...] uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpolados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (HALL, 2006, p. 13). A partir desse entendimento é possível que o aluno/autor compreenda a construção da relevância informativa, apoiados nas experiências vividas pela autora, bem como desenvolver um estilo próprio de narrar suas vivências em construções coerentes e únicas. Diante disso, "[...] o mestre não é aquele que faz meros relatos, ou que transmite as informações como coisas em si, mas, tal qual o cronista, é um interlocutor que insere os alunos no "fluxo insondável das coisas", assegurando-lhe a aprendizagem" (SUASSUNA IN: ELIAS, 2018, p.134). Assim, como interlocutor em todo processo de leitura e análise, no primeiro processo de reescrita, a professora foi mediadora dos diálogos durante a leitura das produções no cenário enunciativo, visto que não pretendia interferir nos discursos dos adolescentes, nem nos sentidos inferidos por eles para compartilhar as experiências da faixa etária, pois durante esse processo a interferência do professor pode abortar a criatividade, a crítica, a beleza da forma sincera adolescente de dizer, sem pensar em determinados padrões sociais limitantes, que segregam, impõem, determinam e furtam a relevância informativa dos autores, pois a intenção é deixar fluir e não reprimir.

Com efeito, a atividade de reescrita configura-se numa perspectiva dialógica da linguagem, uma vez que os diálogos sociais são deslocados da prática cotidiana para a escola. Assim, aluno/autor transforma em escrita, dialoga com outros autores, reescreve diversas vezes, lapida essa obra, até que seu produto final seja devolvido à comunidade como um fenômeno sociocultural e discursivo, de práticas interativas, responsiva e ativa, capaz de criar novas possibilidades de viver e ver o mundo. Do mesmo modo, Marcuschi (2003), em seus estudos sobre retextualização, realça o sentido do trabalho textual-discursivo, pois não leva em conta apenas as estruturas formais do ensino da língua, mas outras possibilidades e "Se daí surgirem regras, elas estarão sempre situadas num contexto dinâmico de decisões que envolvem ações situadas" (p.122). Nossa prioridade, então, não foi trabalhar precipuamente os elementos coesivos, mas levar os alunos à reflexão que podem exercitar essas habilidades em gêneros discursivos diversos, dos mais simples aos mais complexos, independentemente da solicitação do professor, não simplesmente para cumprir uma redação escolar, mas utilizando a sua criatividade e os recursos da textualidade para dinamizar suas produções nas diversas manifestações sociais que requeiram comunicação escrita.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) orienta trabalhar a reescrita em todas as séries finais do ensino fundamental e elenca estratégias de produção textual, tanto nos

campos jornalístico/midiático, quanto no artístico literário, levando em conta a textualização e o estilo. Para o campo jornalístico/midiático, as habilidades de construção da textualidade se dão através das estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição e reescrita para que, junto com o professor e colaboração dos colegas, os alunos possam corrigir e aprimorar "[..] fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação [..]" (BRASIL, 2017, p.140), enfim, uma construção progressiva do conhecimento e do processo de reescrita. Sendo assim, após o processo de leitura, inferências e interferências, acreditamos sobrar o mínimo para adequar em relação à concordância, ortografia e pontuação, porém antes da publicação faremos as devidas correções juntamente com os alunos. Salientamos ainda que para o campo artístico/literário a BNCC (BRASIL, 2017) faz outros acréscimos:

> Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário (BRASIL, 2017, p.156).

Dessa forma, é possível perceber o quão importante é trabalhar a textualização e reescrita das produções, tanto jornalística, quanto literárias, para mobilizar os interlocutores a participarem de um todo significativo. Durante esse processo, os alunos realizaram escolhas relevantes para serem incorporadas ao texto, desenvolveram a consciência de leitores do próprio texto, até que, satisfatoriamente, apresentem um texto de maior qualidade. O documento ainda incorpora a necessidade de levar em conta o suporte e o contexto de circulação do texto dessas produções.

Por conseguinte, segundo os pressupostos de Geraldi (2013), "[...] um texto é uma sequência verbal escrita coerente formando um todo acabado, definitivo e publicado" (p.100). Nesse sentido, após todo o trabalho de reescrita com a presença do outro, real (colegas e professora) e imaginário (todos os outros que tiveram acesso aos suportes que carregam as crônicas), o desenvolvimento da progressão temática como unidade de sentido, de certo, o texto do aluno-autor será uma construção coerente. O autor ainda defende o significado de publicado como "dado a público" por cumprir a finalidade de ser lido pelo outro no "[...] sentido de *destinação a*, já que um autor isolado, para quem o *outro* inexistia, não produz textos" (p.100). Logo, os alunos-autores tiveram maior cuidado com as produções, pois estavam cientes que seriam lidos, interpretados, julgados, comparados por diversos leitores, e assim ganharam

existência para o outro a partir das suas crônicas autorais que foram destinadas a murais, exposição em feira literária, blog e livro de crônicas.

3 "EUS": REFLEXÕES ENTRE A FORMAÇÃO DOCENTE E A AUTORIA TEXTUAL

Metade de mim é prosa e a outra poesia
Texto falado, tatuado, infografado ou escrito
Metamorfose
Minhas verdades são unívocas caladas
Verbalizadas são até mentiras
Gritei
Ouvi um eco de ida e muitos de volta
Ensurdeci, emudeci, amadureci
Oscilação
O eu que mora em mim
Inquieta o que habita em ti
Espelho
Miscigenação de vozes e textos
Identidade em crise

Fabiane Caldas (2020, inédita).

Se escrever fosse uma tarefa fácil e o produto dela, a escrita, constituísse uma obra acabada, com discurso estanque, tecnicamente configurado para atender a estrutura que caracteriza o gênero a que pertence, facilmente seríamos bons escritores. Os textos escritos, mecanicamente produzidos, restariam uniformes, valorizados mais pela forma do que pelo conteúdo, e todas as escritas, dos mais variados gêneros, alcançariam os objetivos propostos, tornando-se formalmente obras primas. Na minha formação acadêmica, aprendi que o professor seria o sujeito ao qual caberia a iniciativa de construir o novo, de transformar teoria em prática e, de fato, na teoria, aprendemos a forma de ensinar a fazer. Mas, como ensinar a fazer na prática o que só sabemos na teoria? Ensinar a pescar não é o mesmo que pescar, mas é ensinando que se aprende – era lugar comum ouvir isso na faculdade. Porém, não seria mais produtivo um pescador ensinar a pescar? Ele não somente ensinaria a técnica de pescar, mas também os macetes, os instrumentos adequados para realizar a atividade de pesca (vara, carretilhas e molinetes, anzóis, rede, alçapão, armadilhas, capturas com luzes elétricas, jereré[1]), qual isca

[1] Rede cônica de pescar, presa num aro circular, adaptado a uma longa vara que serve de cabo; puçá, landuá. Fonte: Dício [recurso eletrônico].

utilizar, os múltiplos crustáceos, os biomas, o que fazer com peixe depois de pescado, os ciclos da lua e sua influência nas marés e na produtividade da pesca, as espécies de peixes, os mais apreciados ou valorizados comercialmente, os perigos do mar, a pesca sustentável, visando a preservação ambiental, dentre muitos outros conhecimentos decorrentes da sua experiência prática.

Durante a minha carreira docente, sempre fui cobrada pelos alunos por ensinar a fazer e não ter um estilo próprio, um modelo de gênero pronto a apresentá-los. Isso me inquietava e, apesar de me aventurar em produções literárias, não tinha todos os instrumentos para aplicar em sala de aula. Certa vez um aluno que não gostava de poesias disse: "Faz a senhora!" E eu ainda queria punir o aluno por falta de educação – velhos tempos. Ensinar a produzir uma estrutura textual ou uma tipologia não é produzir um gênero. Produzir um gênero sem desenvolver habilidades de leitura e escrita não ajuda os alunos a replicarem essas habilidades em outras produções e contextos. De igual modo, corrigir o texto do aluno dentro de um padrão normativo e perder de vista os discursos não é fazer interlocução, ao revés, é roubar e desprezar os sonhos, a criatividade, a cultura, os valores, enfim, a autoria do outro.

Ser professor/autor é colocar o seu objeto no centro das discussões e encarar os pontos de encontro ou divergências, visões de mundo, teorias. É transformar os conhecimentos empíricos dos alunos, sua realidade, valores e formas de ver o mundo, em fatos, conceitos, fenômenos, conhecimentos e materializá-los em textos, a fim de extrapolar a sua realidade. É ver seu discurso formal e técnico mesclado ao discurso do outro, interpretado, discutido, argumentado, pois a enunciação não está só no objeto, ou seja, na obra do autor, mas nos discursos do outro sobre o objeto (BAKHTIN, 2011, p. 300). Essa teoria pode ser confrontada com a analogia inicial, pois, digamos que empiricamente o aluno já "saiba pescar", ou tenha constituído habilidades para isso, como o mediador iria proceder? Dispor de todos os instrumentos de pesca à sua disposição e dar-lhe orientações necessárias não só para pescar, mas para executar essa tarefa, considerando todas as suas nuances – práticas, teóricas e metodológicas – e não pararia por aí, porque o seu produto, o peixe, ainda teria outros encaminhamentos na culinária. Este é o nosso papel enquanto professor/autor: saber ler, interpretar, escrever, discutir, permitir outras vozes, tirar as pedras do caminho e construir um conhecimento que seja capaz de quebrar as barreiras inibidoras da produção. Desse modo, BAKHTIN (2011) nos ensina que

> Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos nele a nossa individualidade

> (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2011, p. 285).

Nessa perspectiva, o docente precisa dominar o caráter material e imaterial da língua, o discurso que vai determinar significado e sentido para produzir os gêneros que propõem aos alunos, sob pena de não ter propriedade de enunciação, não possuir todos os instrumentos necessários para ensinar a produzir os gêneros; não encantar pela autoria; não conseguir lidar com as vozes discursivas e fazer interlocução, pois, na modernidade não cabe mais docentes meros aplicadores de atividades e corretores de textos. Como seres pensantes, é preciso lutar e resistir como em tempos de guerra, com argumentos e ideias, posicionar-se frente a uma sociedade complexa e ser capaz de produzir discursos e textos nos mais diversos contextos sociais. Então, diante dessa demanda, estamos

> Considerando o aluno e cada um deles em particular como sujeito autor de seus textos, ser professor já não pode mais ser o exercício puro e simples da capatazia (ou o exercício da gerência). É ser do aluno um interlocutor ou mediador entre o objeto de estudos (no caso, o texto) e a aprendizagem que vai se concretizando nas atividades de sala de aula (GERALDI, 2013, p. 112).

Diante das considerações expendidas, verificamos que é preciso repensar a identidade do professor na atualidade, pois a sociedade transforma-se cotidianamente e as pessoas, vetores dessas mudanças, constituem a base para se pensar os conteúdos, objetivos, competências e habilidades em educação. O professor precisa dominar as ferramentas adequadas de ensino para ser um criador de possibilidades, a partir das habilidades e criatividades dos alunos.

Assim, ao professor/autor é permitido apostar nas suas produções como mais uma fonte, uma das muitas que podem ser utilizadas para desenvolver as habilidades e competências esperadas. Por outro lado, é preciso ter cuidado para que os recursos textuais não se apresentem imutáveis ou inacessíveis, nem tampouco suas produções devem parecer acabadas e fechadas dentro de uma interpretação que reflita apenas o olhar do autor para o outro e para o mundo. A criação permite a recriação, num processo dialético orientado pelo professor. Do contrário, não se permitiriam análises, críticas, intertextualidade e teses sobre obras que refletem o entendimento do outro ou até a transformação destas em outros gêneros musicais e fílmicos. A partir da materialização de uma obra, permitem-se múltiplos discursos acerca do seu conteúdo e, nesse sentido, ela se constitui rica fonte de inspiração, conceitos e fomento à criatividade, conciliando a experiência individual com o pensamento crítico-social.

3.1 – PRÁTICAS DE LINGUAGEM, ATUAÇÃO E ESCRITA: DIÁLOGOS ENTRE HABILIDADES INDISSOCIÁVEIS À LUZ DA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) propõe a inovação do processo de ensino e aprendizagem e orienta sobre os conhecimentos e habilidades desde as séries iniciais até o ensino médio, agrupadas em quatro diferentes práticas de linguagem: Leitura, Produção de Textos, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica. Ela também demanda protagonismo aos estudantes e destaca mais quatro campos de atuação: Da vida cotidiana; Da vida pública; Das práticas de estudo e pesquisa; Artístico/Literário. E ainda as habilidades de escrita estão integradas e articuladas entre planejar e produzir escrita com práticas linguísticas como as de leitura e análise linguística/semiótica, a partir de situações sociais significativas para o estudante, tendo os gêneros discursivos como principais aliados.

Com base em Schneuwly e Dolz (2004), quando ensinamos um gênero, transpomos instrumentos de aprendizagem em objetos de ensino e estes se tornam uma ferramenta importante para o desenvolvimento de capacidades de linguagem com ações linguístico-discursiva poderosas. Assim sendo, não é de se admirar que a Nova Base, inteligentemente, daria essa centralidade aos gêneros discursivos e, nesse sentido, o documento é bastante incisivo em orientar o professor a partir de um trabalho progressivo e aprofundado, para que os estudantes compreendam a intencionalidade, o contexto discursivo, os efeitos de sentido, enfim, a língua, seu funcionamento e uso. Nessa conjuntura, buscamos estruturar o presente trabalho aprofundado com o gênero discursivo crônica, atentando para as habilidades específicas de compreensão e produção à luz da BNCC, além de favorecer práticas de análises linguísticas e promover situações sociais significativas reais.

No Eixo Produção de Textos, a BNCC traz o gênero discursivo crônica como uma prática de linguagem relacionada a autoria do texto escrito como "[...] narrar fatos cotidianos, de forma crítica, lírica ou bem-humorada em uma crônica" (BRASIL, 2017, p.74). A crônica também aparece como gênero de múltiplas possibilidades de leitura e produção nas séries iniciais e, ao passar dos anos, adquire-se novas habilidades a partir das complexidades de produção. Então, nas séries iniciais, a produção é "Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros" (p. 157) ou "Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas" (p.159); porém, a intenção não é esgotar e produzir os gêneros e, apesar de considerar que produzir o gênero literário é bastante complexo nos anos iniciais, pensamos que poderia partir

de um relato cotidiano mais simples para os estudantes se familiarizarem com a produção escrita do gênero. Já nos anos finais do ensino fundamental II, as habilidades vão ganhando mais corpo e a produção do gênero ganha mais sentido para "Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas" (p.169) e a leitura surge com mais proficiência:

> Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica (BRASIL, 2017, p.185).

Em Marcuschi (2008), podemos entender como fazer a distribuição sistemática dos gêneros seguindo critérios gerais e subdividindo a produção textual entre fala e escrita. Desse modo, esse autor orienta que "os textos situam-se em domínios discursivos que produzem contextos e situações para as práticas sociodiscursivas características" (p.193). Como domínio discursivo, Marcuschi entende quão uma esfera da vida social ou instrucional que pode ser definida como comercial, interpessoal, jornalístico, publicitário, artístico etc., e esse pensamento é contemplado nos campos de atuação previstos na BNCC: Da vida cotidiana, da vida pública; das práticas de estudo e pesquisa; artístico/Literário. Assim, as atividades propostas com o gênero crônica foram intencionais e estruturadas com relevância a produzir modelos de ação comunicativa por distintas práticas sociais nos campos jornalísticos, literário (artístico e ficcional) e multicultural que os estudantes possam atuar e transmitir a outras gerações, através dos processos comunicativos, ideológicos e em produções textuais significativas.

A BNCC (BRASIL, 2017) ainda traz como prática situada os papeis enunciativos dos autores dos textos e os suportes que são veiculadas às produções. Nesse sentido, é possível pensar em inúmeros "interpretantes" para cada enunciado, o que define a natureza deste signo linguístico-semiótico. Nosso entendimento para contribuição enunciativa neste estudo está embasada nos pressupostos de Bakhtin (2011) e na perspectiva da "fala viva, do enunciado vivo" ou seja, do momento em que "o ouvinte se torna falante". Dessa forma, os estudantes fizeram escuta ativa, leitura em voz alta dos textos, prevista na BNCC, e explicitaram o contexto de produção; os interlocutores participaram de forma ativa interferindo nos discursos, e outras vozes assumiram a compreensão ativa e responsiva. Nesse sentido, Bakhtin (2011) ainda acrescenta:

> Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetal. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro momento do enunciado que determina as suas particularidades estilístico-composicionais (BAKHTIN, 2011, p. 289).

Ou seja, não basta escolher um determinado gênero sem intencionar de que forma as particularidades estilísticas-composicionais podem tocar o ouvinte ou o leitor. A interferência ativa do ouvinte pode influenciar outros discursos e formar uma teia de comunicação discursiva e promover outros sentidos, assim como os recursos linguísticos podem exprimir posição emocional nos leitores que são enternecidos pelos ecos de outros enunciados.

Sobre suporte, Marcuschi (2008) adverte que precisa ser algo real, virtual ou material, mas com a função de assentar o texto e torná-lo acessível aos leitores com finalidade comunicativa. Dessa forma, os alunos leram crônicas impressas de diversos autores, inclusive da professora, publicadas em jornais impressos, em jornais digitais, em blogs e em livros. As produções dos alunos foram verbalizadas em sala, escritas em diários de leitura, em atividade específica para análise, expostas em murais da sala; em publicações na Feira Literária da escola, em Blogs. A produção final foi um livro de crônicas para compor o acervo da escola e servir de fonte para outras produções. Então, os estudantes tiveram oportunidade de vivenciar a leitura das crônicas produzidas e autorais em vários suportes materiais e digitais sendo expostos às semioses na construção de sentido.

A progressão dos conteúdos na BNCC (BRASIL, 2017) é pensada a partir da interlocução dos campos de atuação com os gêneros discursivos, dos mais simples aos mais complexos. A gramática contextualizada é discutida junto com o texto. Nesse sentido, estruturamos os conteúdos de acordo com o pensamento de Zabala (2014) que repensou a categorização dos conteúdos da aprendizagem em três aspectos: conceitual, procedimental e atitudinal. Os conteúdos conceituais visam a desenvolver habilidades a partir de atividades que favoreçam a compreensão do conceito, a fim de utilizá-lo para "interpretação ou o conhecimento de situações, ou para a construção de outras ideias" (p. 43). Já os conteúdos procedimentais incluem as regras, os métodos, as técnicas, as habilidades, as estratégias e os procedimentos, ou seja, ler diversas crônicas, em vários suportes, quantas forem necessárias para compreender as estratégias textuais de produção e sentido, produzir o gênero diversas vezes até que saiba utilizar os recursos textuais apropriados ao gênero, aplicar as habilidades

em contextos diferenciados e imprevisíveis, não somente o contexto sociocognitivo dos interlocutores, mas os que mais interessam para este estudo descrito por Koch (2015, p. 27) que "engloba todos os tipos de conhecimento arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercambio verbal". Dessa forma, o conhecimento linguístico aciona vários outros conhecimentos que ela descreve como enciclopédicos, da situação comunicativa, superestrutural (tipos textuais), estilístico (situação comunicativa), dos variados gêneros adequados às diversas práticas sociais, de outros textos (intertextualidade). Por derradeiro, os conteúdos atitudinais englobam os valores, as atitudes e normas, assim, incluímos atividades relacionadas ao respeito, à responsabilidade, à solidariedade, à dignidade e à liberdade.

Assim, é importante seguir o direcionamento das competências e habilidades previstas na BNCC (BRASIL, 2017), os objetivos de ensino e como professor/pesquisador/autor estruturar sequências didáticas e procedimentos metodológicos combinados e fundamentados a partir de pesquisa com outros estudiosos para promover situações reais de produção, esgotando um gênero discursivo, até que este seja o modelo de habilidades desenvolvidas para serem aplicadas em outras produções.

Portanto, considerando que a Nova Base Nacional Comum Curricular dialoga com os objetivos e os pressupostos da sequência didática elaborada por Dolz e Schneuwly (2013). Assim, norteamos essa possibilidade como um "conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual [...] escrito." (DOLZ; SCHNEUWLY, 2013, p. 82). É o que veremos na análise diagnóstica, juntamente com as possibilidades efetivas do processo de ensino-aprendizagem, de efetivação de elementos de textualidade na composição da produção textual e, consequentemente, a melhora qualitativa nos textos produzidos pelos alunos após aplicação dos módulos.

3.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O modelo de sequência didática a seguir foi pensado por construir possibilidades reais de resolução dos problemas coletivos identificados na produção inicial. Nessa perspectiva, seguimos os critérios de investigação qualitativa, pesquisa-ação educacional e intervenção pedagógica. Durante todo o processo, apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final foram intensificadas atividades com o gênero discursivo crônica, por meio de análise linguístico-textual, literária e participação ativa dos integrantes em situações reais de comunicação, compressão e produção. E, ainda, os sujeitos da pesquisa, (professores,

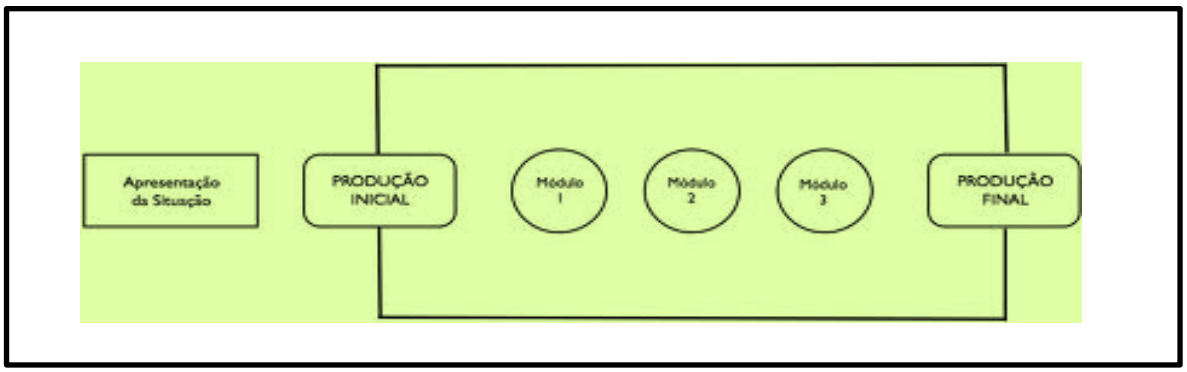
pesquisadores, estudantes, pais, corpo diretivo e pedagógico), foram convocados para contribuir com o processo de transformação de habilidades em toda ação e problemas investigados, pois como adverte Thiollent (2011, p.45), todas as partes interessadas na situação/problema devem ser consultadas.

Assim, para desenvolver as habilidades de leitura como aporte inicial às habilidades de escrita, foi dado um tratamento ao gênero conforme suas estruturas composicional, discursiva e sociocomunicativa. Então, não houve um modelo único, pois foram intercaladas crônicas de diversos autores às crônicas de inspiração autoral e, a partir dessas leituras, intensificaremos as habilidades de produção textual. Esta sequência não apresenta um modelo sem adaptações, já que ao longo do processo, devido às necessidades dos alunos, sofreu alterações, pois, como advertem os criadores deste modelo de sequência, há

> [...] uma grande variedade de atividades selecionadas, adaptadas e transformadas em função das necessidades dos alunos, dos momentos escolhidos para o trabalho, da história didática do grupo e da complementaridade em relação a outras situações de aprendizagem da expressão, propostas fora do contexto das sequências didáticas (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 111).

Nesse sentido, não propomos uma sequência fechada no modelo apresentado, mas uma possibilidade fundamentada, passível de mudanças conforme as necessidades dos alunos. Após esgotar as múltiplas possibilidades enunciativas do gênero discursivo crônica e analisada a evolução de textualidade explicitadas nos módulos, foi enfatizado o trabalho de produção textual do gênero.

Figura 4 -Esquema do modelo de sequência didática



Fonte: (SCHENEUWLY; NOVERRAZ; DOLZ, 2004, p. 83).

A primeira etapa corresponde à exposição do projeto, a situação do problema e a explicitação das condições de produção de texto – gênero, objetivo, leitores/espectadores,

veículo/suporte e formas de circulação do texto, definição de quem participa das produções do texto, do lugar social que os alunos devem assumir como autores.

Para tanto, aplicamos a atividade diagnóstica durante as duas primeiras semanas de novembro do ano de 2018 com 27 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, com uma carga horária de 8h/a com a finalidade de analisarmos as produções iniciais. Esse momento foi importante para traçarmos os passos e atividades de intervenção, através das habilidades consolidadas e das que ainda poderíamos consolidar. Então, primeiro fizemos alguns questionamentos para verificar a proximidade com a leitura e a escrita para depois verticalizar para produção do gênero em estudo, visto que pretendemos criar condições para que o aluno desenvolva habilidades de leitura e escrita. Nesse sentido, investigamos os fatores apontados pelos alunos que atrapalham os processos de leitura, bem como as dificuldades de escrita.

De acordo com o diagnóstico, foi possível perceber que 74% dos alunos declararam ter seu primeiro contato com textos literários na escola, nenhum deles escolheu livros de forma autônoma, 11% só tiveram contato com textos literários na adolescência e somente 15% dos pais tinham o hábito de ler para eles na infância. Essa ocorrência apresenta um fator determinante para que os alunos não tenham afinidade com a leitura de gêneros diversos, não desenvolvam suas potencialidades linguístico-comunicativa, bem como sejam capazes de ler na profundidade do texto, fazer relações com outros textos e contextos, gostarem de ler textos literários e, assim, apresentarem péssimo rendimento nos processos interpretativos-textuais.

Nesse sentido, Cosson (2018) considera que a leitura é um processo de compartilhamento e competência social e atribui à escola a função do não apagamento da literatura. “Daí que uma das principais funções da escola seja justamente de constituir-se como espaço onde aprendemos a partilhar, a compartilhar, a processar a leitura” (COSSON, 2018, p. 36). Com a análise dos dados, é possível perceber que os textos literários também não estão sendo trabalhados de forma eficiente na escola, cabendo a essa instituição recuperar a essência dos textos literários e, consequentemente, o gosto pela leitura que é a base fundamental para escrita de textos diversos.

O diagnóstico ainda demonstrou que atualmente os textos literários são trabalhados na escola dentro do livro didático e, às vezes, em material impresso, mas com o pretexto de trabalhar gramática ou realizar produções sem cunho literário, apenas análise. Segundo Cosson (2018), esse é um caminho perigoso, pois acaba criando um estreitamento entre o espaço de literatura e de práticas leitoras. “Se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus de conhecimento” (COSSON, 2018, p. 15). No CMHAM – Gamboa, os livros didáticos

ficam na escola, pois não há livros suficientes para todos. A biblioteca está sem bibliotecário e, com a redução do espaço físico, praticamente virou um depósito de livros didáticos e não há empréstimo dos poucos livros paradidáticos para os alunos. Por outro lado, dos alunos pesquisados, 12 afirmaram ter interesse em livros paradidáticos como a Bíblia, romances, gibis e gêneros digitais, e ainda apontaram as narrativas de ficção e suspense como textos interessantes. Referente ao gênero crônica, afirmaram já terem visto, mas de forma superficial e não lembravam muito bem as características do gênero.

Dessa forma, é inegável o papel essencial da escola no processo de formação leitora dos alunos. Se a escola nega o seu papel primordial, a formação leitora não ocorre, acarretando no insucesso dos alunos nos processos que envolvem leitura e interpretação. Assim, a formação leitora dos alunos em análise está restrita ao ato de ler para mera decodificação de signos linguísticos, cabendo o desafio de favorecer atitudes que intensifiquem, dentre outros, o prazer de ler.

Quadro 1 - Diagnóstico de Habilidades de leitura e dificuldades de escrita

ALUNOS	FLUÊNCIA NA LEITURA DE TEXTOS DIVERSOS	FATORES PARA MELHORAR AS HABILIDADES DE LEITURA.	DIFICULDADE DE ESCRITA	TEXTO QUE ESCREVE BEM
E1	Não	Ler e escrever	Não	Religiosos
E2	Sim	Ler e pontuar	Não	Poesia
E3	Sim	Ler e atenção	Não	Poesia
E4	Sim	Atenção	Sim	QD
E5	Mais ou menos	Leitura	Sim	Carta
E6	Não	Ler e atenção	Sim	Nenhum
E7	Não	Força de vontade	Sim	Nenhum
E8	Não	Mais aulas de leitura e escrita.	Não	Conto
E9	Não	Práticas de Leitura	Sim	Nenhum
E10	Sim	Ler	Não	Redação/contos
E11	Não	Ler e interpretar	Sim	Nenhum
E12	Sim	Ler e atenção	Não	Romances
E13	Sim	Ler	Sim	Contos
E14	Não	Ler	Sim	Nenhum
E15	Não	Ler	Sim	Nenhum
E16	Sim	Ler e atenção	Não	Narrativas
E17	Não	Produzir QD	Sim	QD
E18	Sim	Concentração	Não	Poesias

E19	Um pouco	Ler	Sim	Contos e redações.
E20	Sim	Ler e atenção	Não	Poesias e Aventuras
E21	Não muito	Práticas de leitura	Não	Poesias
E22	Não	Práticas de leitura	Sim	Nenhum
E23	Sim	Ler	Não	Redações e resumos
E24	Sim	Ler e compreender	Não	Nenhum
E25	Não	Ler	Sim	Carta argumentativa
E26	Não	Ler e atenção	Sim	Nenhum
E27	Sim	Paciência	Não	Nenhum

Fonte: Dados da pesquisa diagnóstica, própria da autora (2018).

A partir do quadro apresentado, observamos que, de acordo com a percepção dos alunos, praticamente metade da turma declara não ter fluência na leitura de textos diversos e ter dificuldades na escrita. Nas questões relacionadas aos textos que eles escrevem bem, 10 alunos disseram que não escrevem bem nenhum texto e os outros escrevem gêneros mais comuns das séries iniciais como carta, poesias, redações, resumos, contos. Porém, foram unânimes em apontar os fatores determinantes para ajudá-los a desenvolver habilidades de leitura: ler e interpretar com mais atenção gêneros textuais diversos.

Em suma, esses dados nos instigam a refletir sobre o formato de ensino de leitura e escrita na escola e como é difícil não atribuir as dificuldades de escrita à ineficiência da leitura. A leitura precede a escrita, mas ambas fazem parte do processo de aprendizagem e são elementos de poder por estarem associadas à ascensão ou exclusão social dos alunos. Os alunos não conseguem produzir o gênero apenas conhecendo-o superficialmente. É preciso esgotar todas as possibilidades do gênero para que eles possam ter afinidade com os elementos textuais que façam sentido e possam brotar as possibilidades de construção do gênero tanto na esfera escolar, quanto social. Dessa forma, Ferreiro e Teberosky, citando Smith, acrescentam (1999): "A escrita é uma forma alternativa ou paralela de linguagem relacionada à fala e à leitura, tanto como a recepção da fala envolve uma decodificação significativa direta ou, compensação" (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 286). Por conseguinte, os alunos escrevem sobre significados, quando o texto tem sentido para eles e não por serem apresentados ao gênero e meramente solicitados a produzi-lo. É justamente nessa perspectiva que esta proposta visa aprofundar o estudo do gênero para depois produzi-lo de forma que eles desenvolvam as habilidades de leitura e escrita aplicáveis em outras produções.

Diante do exposto, para atingir o objetivo deste estudo, pensamos em habilidades específicas de leitura e escrita do gênero crônica que foram desenvolvidas durante o processo de aplicação da proposta de intervenção para que os alunos as desenvolvessem na escrita de

crônicas que sejam aplicáveis em outras produções. Portanto, os passos seguintes foram embasados nas habilidades de leitura e escrita previstas na BNCC (BRASIL, 2017), nos descritores de Língua Portuguesa para o nono ano, adaptadas à realidade dos alunos, aos pressupostos de análise e verticalizadas para análise e produção do gênero crônica.

Assim, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver as habilidades essenciais: identificar as características do gênero discursivo crônica e as relações entre autor-texto-leitor, bem como forma de composição, estilo, circulação e suporte; compreender o jogo discursivo das crônicas jornalísticas e literárias e utilizar as informações para ampliá-las, interpretá-las, extrapolá-las, produzi-las; identificar os efeitos linguísticos de ironia, humor, intertextualidade e referência temática e aplicar nas produções; apreciar os valores sociais, culturais e humanos considerando a autoria e o contexto social.

3.2.1 Desenvolvendo a produção inicial

A segunda parte de apresentação diagnóstica foi recebida com muito entusiasmo, música, poesia e uma dose de amor – uma ligação estreita com este objeto de estudo. Para tanto, em sala de aula, e com o suporte do projetor multimídia, foram ativadas algumas habilidades quanto ao gênero. Então fiz alguns questionamentos: “vocês sabem o que é uma crônica?” “Vocês se identificam com alguma situação?” “Vocês já leram alguma crônica?” “Lembram do título ou autor?” “Vocês sabem em que local as crônicas circulam?” Os alunos não se recordaram muito bem se já haviam trabalhado com o gênero crônica, mas se mostraram dispostos a aprender. Após discutidas as questões suscitadas, em uma roda de leitura entreguei uma cópia da música *Amor e sexo* de Rita Lee para cada aluno. Foi proposta a leitura coletiva acompanhada pela música.

Conversamos sobre a temática e algumas situações foram suscitadas: vocês se identificaram com alguma situação? Qual? É pertinente tratar dessa temática na escola? Vocês se sentem à vontade para tratar desse assunto? Eles gostaram muito da música e pediram para passar novamente e disseram que o assunto era relevante. Depois da discussão, entreguei uma cópia da crônica *Amor é prosa, sexo é poesia*? de Arnaldo Jabor e expus no projetor multimídia a letra da crônica e uma aluna pediu para fazer a leitura. Enquanto discorria a leitura, os alunos faziam conjecturas, riam, cochichavam e falavam que o autor era muito direto no assunto, tirando o romantismo do amor. Essa aula teve duração de duas horas aulas e os alunos demonstraram muito interesse no assunto. Depois entreguei uma cópia da crônica “Sobre o

amor" de Ferreira Gullar e pedi que os alunos fizessem uma leitura prévia em casa para nossa próxima aula.

No dia seguinte, encontrei-me novamente com os alunos que já estavam eufóricos para tratar do assunto. Assim que entrei na sala, uma das alunas pediu para ler a crônica que levaram para casa e, enquanto ela fazia a leitura em voz alta, entre caras e bocas, os outros acompanhavam atentamente em silêncio. Quando terminou a leitura, a mesma aluna teceu alguns comentários dizendo ter gostado do texto e afirmou que os autores são muito realistas sobre a temática do amor e tratam o sexo com banalidade. Nesse momento, abriu-se a discussão e, enquanto alguns alunos permaneciam em silêncio e riam, outros demandavam opiniões sobre o assunto e suas experiências sobre o tema. Então, propus a leitura de mais uma crônica, *Descobertas*, de minha autoria, porém não revelei de imediato minha autoria para deixá-los livres para os comentários. Outra aluna pediu para ler a crônica e depois da leitura eram muitas indagações e risos. Deixei fluir os comentários e discussões entre eles. Uma aluna disse que iria colocar um trecho da crônica no status e perguntou sobre a autoria, e nesse momento não pude mais conter minha alegria e revelei a autoria. Os alunos vibraram, fizeram perguntas, disseram que queriam saber mais sobre o assunto; e fizeram relações intertextuais com a música e as outras crônicas apresentadas. Essa aula teve duração de duas horas aulas e solicitei que os alunos lessem novamente as crônicas em casa, pois iríamos fazer uma produção textual nas próximas aulas.

No encontro seguinte, expliquei sobre as condições de produção do gênero, objetivo, suporte e forma de circulação. Pedi que os alunos identificassem algumas palavras que não conheciam para discutirem sobre possíveis significados e ainda se o tipo de situação apresentada na crônica acontece na realidade. Os alunos fizeram as inferências e observações afirmando que o gênero era interessante justamente por tratar de fatos cotidianos. Expliquei a importância do projeto e da produção inicial para partirmos das maiores necessidades de leitura e produção textual para que possam assumir o lugar como protagonistas em produções autônomas e proficientes. Os alunos continuaram as discussões sobre o tema e deixei que fizessem subjeções, perguntas, críticas, para que tentassem sanar a curiosidade até se sentirem pertencentes ao mesmo contexto da autora. O pensamento racional, quanto aos elementos eróticos, serviu de problematização do mundo e questionamentos existenciais do plano reflexivo. Nesse momento, a professora, pesquisadora e autora, foi avaliada pelos alunos, assim como os outros escritores. Nesse jogo de sentidos, abriu-se a possibilidade de criarem os perfis psicológicos dos autores, contextos de produção da crônica, ativarem lembranças cognitivas do

Texto I

Amor e sexo - Rita Lee

Amor é um livro
Sexo é esporte
Sexo é escolha
Amor é sorte
Amor é pensamento, teorema
Amor é novela
Sexo é cinema
Sexo é imaginação, fantasia
Amor é prosa
Sexo é poesia
O amor nos torna patéticos
Sexo é uma selva de epiléticos
Amor é cristão
Sexo é pagão
Amor é latifúndio
Sexo é invasão
Amor é divino
Sexo é animal
Amor é bossa nova
Sexo é carnaval
Amor é para sempre
Sexo também
Sexo é do bom
Amor é do bem
Amor sem sexo
É amizade
Sexo sem amor
É vontade
Amor é um
Sexo é dois
Sexo antes
Amor depois
Amor é cristão
Sexo é pagão
Amor é latifúndio
Sexo é invasão
Amor é divino
Sexo é animal
Amor é bossa nova
Sexo é carnaval
Amor é isso

www.vagalume.com.br/rita-lee/amor-e-sexo.html. Acesso em: 05/10/2018

cotidiano, transformar representações em realidade e produzir sentido. Essa aula teve duração de duas horas aulas e os alunos foram preparados para produção inicial.

Texto 2

AMOR É PROSA, SEXO É POESIA

Arnaldo Jabor

Sábado, fui andar na praia em busca de inspiração para meu artigo de jornal. Encontro duas amigas no calçadão do Leblon:
– Teu artigo sobre amor deu o maior auê... – me diz uma delas. – Aquele das mulheres raspadinhas também... Aliás, que você tem contra as mulheres que barbeiam as partes? – questiona a outra.

– Nada... – respondo. – Acho lindo, mas não consigo deixar de ver ali nas partes dessas moças um bigodinho sexy... não consigo evitar... Penso no bigodinho do Hitler, do Sarney... Lembram um sarneyzinho vertical nas modelos nuas... Por isso, acho que vou escrever ainda sobre sexo...

Uma delas (solteira e lírica) me diz:

– Sexo e amor são a mesma coisa...A outra (casada e prática) retruca:
– Não são a mesma coisa não...

Sim, não, sim, não, nasceu a doce polêmica ali à beira-mar. Continuei meu cooper e deixei as duas lindas discutindo e bebendo água-de-coco. E resolvi escrever sobre essa antiga dualidade: sexo e amor. Comecei perguntando a amigos e amigas. Ninguém sabe direito. As duas categorias trepam, tendendo ou para a hipocrisia ou para o cinismo; ninguém sabe onde a galinha e onde o ovo. Percebo que os mais “sutis” defendem o amor, como algo “superior”. Para os mais práticos, sexo é a única coisa concreta. Assim sendo, meto aqui minhas próprias colheres nesta sopa.

–O amor tem jardim, cerca, projeto. O sexo invade tudo isso. Sexo é contra a lei. O amor depende de nosso desejo, é uma construção que criamos. Sexo não depende de nosso desejo; nosso desejo é que é tomado por ele. Ninguém se masturba por amor. Ninguém sofre de tesão. O sexo é um desejo de apaziguar o amor. O amor é uma espécie de gratidão a posteriori pelos prazeres do sexo.

O amor vem depois, o sexo vem antes. No amor, perdemos a cabeça, deliberadamente. No sexo, a cabeça nos perde. O amor precisa do pensamento. No sexo, o pensamento atrapalha; só as fantasias ajudam. O amor sonha com uma grande redenção. O sexo só pensa em proibições: não há fantasias permitidas. O amor é um desejo de atingir a plenitude. Sexo é o desejo de se satisfazer com a finitude. O amor vive da impossibilidade sempre deslizante para a frente. O sexo é um desejo de acabar com a impossibilidade. O amor pode atrapalhar o sexo. Já o contrário não acontece. Existe amor sem sexo, claro, mas nunca gozam juntos. Amor é propriedade. Sexo é posse. Amor é a casa; sexo é invasão de domicílio. Amor é o sonho por um romântico latifúndio; já o sexo é o MST. O amor é mais narcisista, mesmo quando fala em "doação". Sexo é mais democrático, mesmo vivendo no egoísmo. Amor e sexo são como a palavra farmakon em grego: remédio e veneno. Amor pode ser veneno ou remédio. Sexo também – tudo dependendo das posições adotadas.

Amor é um texto. Sexo é um esporte. Amor não exige a presença do "outro"; o sexo, no mínimo, precisa de uma "mãozinha". Certos amores nem precisam de parceiro; florescem até mais sozinhos, na solidão e na loucura. Sexo, não – é mais realista. Nesse sentido, amor é uma busca de ilusão. Sexo é uma bruta vontade de verdade. Amor muitas vezes é uma masturbação. Seco, não. O amor vem de dentro, o sexo vem de fora, o amor vem de nós e demora. O sexo vem dos outros e vai embora. Amor é bossa nova; sexo é carnaval.

Não somos vítimas do amor, só do sexo. "O sexo é uma selva de epiléticos" ou "O amor, se não for eterno, não era amor" (Nelson Rodrigues). O amor inventou a alma, a eternidade, a linguagem, a moral. O sexo inventou a moral também do lado de fora de sua jaula, onde ele ruge. O amor tem algo de ridículo, de patético, principalmente nas grandes paixões. O sexo é mais quieto, como um caubói – quando acaba a valentia, ele vem e come. Eles dizem: "Faça amor, não faça a guerra". Sexo quer guerra. O ódio mata o amor, mas o ódio pode acender o sexo. Amor é egoísta; sexo é altruísta. O amor quer superar a morte. No sexo, a morte está ali, nas bocas... O amor fala muito. O sexo grita, geme, ruge, mas não se explica. O sexo sempre existiu – das cavernas do paraíso até as saunas relax for men. Por outro lado, o amor foi inventado pelos poetas provinciais do século XII e, depois, revitalizado pelo cinema americano da direita cristã. Amor é literatura. Sexo é cinema. Amor é prosa; sexo é poesia. Amor é mulher; sexo é homem – o casamento perfeito é do travesti consigo mesmo. O amor domado protege a produção. Sexo selvagem é uma ameaça ao bom funcionamento do mercado. Por isso, a única maneira de controla-lo é programa-lo, como faz a indústria das sacanagens. O mercado programa nossas fantasias.

Não há saunas relax para o amor. No entanto, em todo bordel, finge-se um "amorzinho" para iniciar. O amor está virando um hors-d'oeuvre para o sexo. O amor busca uma certa "grandeza". O sexo sonha com as partes baixas. O perigo do sexo é que você pode se apaixonar. O perigo do amor é virar amizade. Com camisinha, há sexo seguro, mas não há camisinha para o amor. O amor sonha com a pureza.

Sexo precisa do pecado.

Amor é o sonho dos solteiros. Sexo, o sonho dos casados. Sexo precisa da novidade, da surpresa. "O grande amor só se sente no ciúme" (Proust). O grande sexo sente-se como uma tomada de poder. Amor é de direita. Sexo, de esquerda (ou não, dependendo do momento político. Atualmente, sexo é de direita. Nos anos 60, era o contrário. Sexo era revolucionário e o amor era careta). E por aí vamos. Sexo e amor tentam mesmo é nos afastar da morte. Ou não; sei lá... e-mails de quem souber para o autor.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Texto 3

SOBRE O AMOR

Ferreira Gullar

Houve uma época em que eu pensava que as pessoas deviam ter um gatilho na garganta: quando pronunciasse — eu te amo —, mentindo, o gatilho disparava e elas explodiam. Era uma defesa intolerante contra os levianos e que refletia sem dúvida uma enorme insegurança de seu inventor. Insegurança e inexperiência. Com o passar dos anos a idéia foi abandonada, a vida revelou-me sua complexidade, suas nuanças. Aprendi que não é tão fácil dizer eu te amo sem pelo menos achar que ama e, quando a pessoa mente, a outra percebe, e se não percebe é porque não quer perceber, isto é: quer acreditar na mentira. Claro, tem gente que quer ouvir essa expressão mesmo sabendo que é mentira. O mentiroso, nesses casos, não merece punição alguma.

Por aí já se vê como esse negócio de amor é complicado e de contornos imprecisos. Pode-se dizer, no entanto, que o amor é um sentimento radical — falo do amor-paixão — e é isso que aumenta a complicação. Como pode uma coisa ambígua e duvidosa ganhar a fúria das tempestades? Mas essa é a natureza do amor, comparável à do vento: fluido e arrasador. É como o vento, também às vezes doce, brando, claro, bailando alegre em torno de seu oculto núcleo de fogo.

O amor é, portanto, na sua origem, liberação e aventura. Por definição, anti-burguês. O próprio da vida burguesa não é o amor, é o casamento, que é o amor institucionalizado, disciplinado, integrado na sociedade. O casamento é um contrato: duas pessoas se conhecem, se gostam, se sentem atraídas uma pela outra e decidem viver juntas. Isso poderia ser uma coisa simples, mas não é, pois há que se inserir na ordem social, definir direitos e deveres perante os homens e até perante Deus. Carimbado e abençoado, o novo casal inicia sua vida entre beijos e sorrisos. E risos e risinhos dos maledicentes. Por maior que tenha sido a paixão inicial, o impulso que os levou à pretoria ou ao altar (ou a ambos), a simples assinatura do contrato já muda tudo. Com o casamento o amor sai do marginalismo, da atmosfera romântica que o envolvia, para entrar nos trilhos da institucionalidade. Torna-se grave. Agora é construir um lar, gerar filhos, criá-los, educá-los até que, adultos, abandonem a casa para fazer sua própria vida. Ou seja: se corre tudo bem, corre tudo mal. Mas, não radicalizemos: há exceções — e dessas exceções vive a nossa irrenunciável esperança.

Conheci uma mulher que costumava dizer: não há amor que resista ao tanque de lavar (ou à máquina, mesmo), ao espanador e ao bife com fritas. Ela possivelmente exagerava, mas com razão, porque tinha uns olhos ávidos e brilhantes e um coração ansioso. Ouvia o vento rumorejar nas árvores do parque, à tarde incendiando as nuvens e imaginava quanta vida, quanta aventura estaria se desenrolando naquele momento nos bares, nos cafés, nos bairros distantes. À sua volta certamente não acontecia nada: as pessoas em suas respectivas casas estavam apenas morando, sofrendo uma vida igual à sua. Essa inquietação bovariana prepara o caminho da aventura, que nem sempre acontece. Mas dificilmente deixa de acontecer. Pode não acontecer a aventura sonhada, o amor louco, o sonho que arrebata e funda o paraíso na terra. Acontece o vulgar adultério – o assim chamado -, que é quase sempre decepcionante, condenado, amargo e que se transforma numa espécie de vingança contra a mediocridade da vida. É como uma droga que se toma para curar a ansiedade e reajustar-se ao status quo. Estou curada, ela então se diz — e volta ao bife com fritas.

Mas às vezes não é assim. Às vezes o sonho vem, baixa das nuvens em fogo e pousa aos teus pés um candelabro cintilante. Dura uma tarde? Uma semana? Um mês? Pode durar um ano, dois até, desde que as dificuldades sejam de proporção suficiente para manter vivo o desafio e não tão duras que acovardem os amantes. Para isso, o fundamental é saber que tudo

vai acabar. O verdadeiro amor é suicida. O amor, para atingir a ignição máxima, a entrega total, deve estar condenado: a consciência da precariedade da relação possibilita mergulhar nela de corpo e alma, vivê-la enquanto morre e morrê-la enquanto vive, como numa desvairada montanha-russa, até que, de repente, acaba. E é necessário que acabe como começou, de golpe, cortado rente na carne, entre soluços, querendo e não querendo que acabe, pois o espírito humano não comporta tanta realidade, como falou um poeta maior. E enxugados os olhos, aberta a janela, lá estão as mesmas nuvens rolando lentas e sem barulho pelo céu deserto de anjos. O alívio se confunde com o vazio, e você agora prefere morrer.

A barra é pesada. Quem conheceu o delírio dificilmente se habitua à antiga banalidade. Foi Gogol, no Inspetor Geral quem captou a decepção desse despertar. O falso inspetor mergulhara na fascinante impostura que lhe possibilitou uma vida de sonho: homenagens, bajulações, dinheiro e até o amor da mulher e da filha do prefeito. Eis senão quando chega o criado, trazendo-lhe o chapéu e o capote ordinário, signos da sua vida real, e lhe diz que está na hora de ir-se pois o verdadeiro inspetor está para chegar. Ele se assusta: mas então está tudo acabado? Não era verdade o sonho? E assim é: a mais delirante paixão, terminada, deixa esse sabor de impostura na boca, como se a felicidade não pudesse ser verdade. E no entanto o foi, e tanto que é impossível continuar vivendo agora, sem ela, normalmente. Ou, como diz Chico Buarque: sofrendo normalmente.

Evaporado o fantasma, reaparece em sua banal realidade o guarda-roupa, a cômoda, a camisa usada na cadeira, os chinelos. E tudo impregnado da ausência do sonho, que é agora uma agulha escondida em cada objeto, e te fere, inesperadamente, quando abres a gaveta, o livro. E te fere não porque ali esteja o sonho ainda, mas exatamente porque já não está: esteve. Sais para o trabalho, que é preciso esquecer, afundar no dia-a-dia, na rotina do dia, tolerar o passar das horas, a conversa burra, o cafezinho, as notícias do jornal. Edifícios, ruas, avenidas, lojas, cinema, aeroportos, ônibus, carrocinhas de sorvete: o mundo é um incomensurável amontoado de inutilidades. E de repente o táxi que te leva por uma rua onde a memória do sonho paira como um perfume. Que fazer? Desviar-se dessas ruas, ocultar os objetos ou, pelo contrário, expor-se a tudo, sofrer tudo de uma vez e habituar-se? Mais dia menos dia toda a lembrança se apaga e te surpreendes gargalhando, a vida vibrando outra vez, nova, na garganta, sem culpa nem desculpa. E chegas a pensar: quantas manhãs como esta perdi burramente! O amor é uma doença como outra qualquer.

E é verdade. Uma doença ou pelo menos uma anormalidade. Como pode acontecer que, subitamente, num mundo cheio de pessoas, alguém meta na cabeça que só existe fulano ou fulana, que é impossível viver sem essa pessoa? E reparando bem, tirando o rosto que era lindo, o corpo não era lá essas coisas… Na cama era regular, mas no papo um saco, e mentia, dizia tolices, e pensar que quase morro!

Isso dizes agora, comendo um bife com fritas diante do espetáculo vesperal dos cúmulos e nimbos. Em paz com a vida. Ou não.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Texto 4

DESCOBERTAS

Fabiane Caldas

Outro dia ouvi no rádio a música de Rita Lee “Amor e sexo” e prestando atenção à letra, fiquei traçando um paradoxo entre as comparações citadas. Gostei muito das analogias. Em

outro momento, passeando as mãos e os olhos curiosos nas prateleiras de livros proibidos e intocáveis pelo fanatismo do meu cunhado, avistei num canto, meio escondido, certo livro que logo me chamou a atenção pelo título: "Amor é prosa, sexo é poesia, crônicas efetivas" de Arnaldo Jabor. Minha reação imediata foi pegar o livro escondido, porque sabia que meu cunhado não me emprestaria. Quando comecei a ler, percebi que o mesmo foi fonte de inspiração da música que havia despertado algo em mim. O tema me remeteu a várias passagens de minha vida e fiquei fazendo comparações tentando descobrir o que realmente nos traz felicidade. Penso que nossas escolhas têm sempre metade de oportunidade de dar certo e se isso não acontece é porque essas escolhas eram compostas de partículas de momentos que acabaram e logo foram substituídas por outras.

Nesse momento de reflexão, voltei tanto no tempo que fui parar na minha infância, na época das descobertas. Creio que sexo é aquele assunto que todo menino e menina querem saber quando entram na puberdade. Mas o que fazer para saber sobre o tema "pecado"? Sei que fui um pouco precoce nesse aspecto de querer saber sobre sexualidade. Já aos sete anos, queria entender como meu pai e minha mãe me fizeram. Ficava investigando aqueles gemidos abafados vindos do outro quarto na madrugada. Sentia-me uma coruja. Como não tinha espaço para perguntar para minha mãe, acabava recorrendo à minha avó – coitada! – que se saia da situação enganando-me, lógico. Contava-me aquelas histórias de cegonhas que eu achava lindas, mas que não me convenciam. Incansavelmente voltava a fazer milhões de perguntas e ela respondia com milhões de histórias inventadas e estapafúrdias. Deixei isso um pouco de lado quando me apaixonei aos nove anos e fiquei interessada em beijos. O objeto da paixão, ou melhor, os objetos eram dois meninos, um moreno e outro loiro, para contrastar. Um na escola e outro perto de minha casa. Depois de ensaiar beijos no espelho comigo mesma, fui experimentar o primeiro beijo no garoto da escola. Ele era menos bonito que o outro, e eu queria o beijo melhorado e ensaiado com o bonitão. Eu me sentia flutuando em nuvens de algodão. Fazia poesias bobas em coleções de papeis de carta decorados, com corações partidos e flechados por todos os lados. Mandava para os meninos e ficava de longe observando a reação de cada um deles. Eu amava fazer isso! Esses beijos foram os melhores de minha vida porque eram inocentes e puros, não tinha aquela troca de língua e saliva (o primeiro desses chega a ser desagradável).

Quando entrei no ginásio, com onze anos, tive um encontro desagradável com uma ladra de sonhos, bem mais velha e frustrada, que estava já na oitava série. Convidava-nos para conversas sobre sexo e aquela minha inquietação de saber das coisas através de minha mãe, foi ser saciada por uma menina sem escrúpulos que não era mais virgem e que já havia feito até abortos. Foi um choque!

O tempo foi passando e as histórias de amor da infância e adolescência ficaram só na lembrança. De repente a gente percebe que entra numa espécie de caça pela "cara metade". Primeiro encontro, um dia inteiro para se arrumar: cabelo, unhas, a escolha da roupa ideal, consulta a amiga mais experiente. Roupas folgadas, ele pode me achar velha; roupas apertadas...vulgaridade. O que será que ele vai pensar de mim? Chega o horário esperado, o homem desejado, a boca sedenta por um beijo. Suspiros fundos e apertados, olhos brilhantes e reluzentes. Aparece aquele rubor na face, escondendo uma falsa timidez. E o sucesso vai depender muito mais da mulher do que do homem, porque como somos mais amorosas e estamos sempre à procura do amor, qualquer deslize do homem é fatal. Qualquer coisa pode

transformá-lo, em poucos segundos, em príncipe ou sapo. Depois tudo se adapta e fica mais fácil. Difícil mesmo é descobrir quando o homem fala com o coração ou com a testosterona. Sempre tem aquele artista que finge um amor que não sente para conquistar o que quer, mas o universo das mulheres é tão carente que elas até preferem ouvir uma linda mentira à solidão com mil verdades. Existem homens de todo jeito. Pense naquele cara que perturba os sentidos, aquela química perfeita que nem a física consegue explicar, que já olha como se estivesse despindo a mulher. Esse é o tal que aparece com chaves e um cadeado enorme pendurado no coração, com um convite à loucura e um chamado à amargura. Quando se pensa em procurar a chave para abrir o coração dele, já se foi sem deixar explicação. Você fica vagueando sozinha até se perguntando o que fez de errado. Nada foi feito de errado, os homens é que são complicados. O amor está ligado a sofrimento e a mulher sofre muito mais porque ama demais.

Por isso eu concordo com Arnaldo Jabor quando diz: "O amor exige coragem e o homem é covarde". O homem, quando conquista, acha que não tem mais com que se preocupar e, "aí a fila anda"! Todos estão em busca de prazer e felicidade, mas têm medo. Medo de sofrer, medo de errar, medo de se decepcionar, medo de ferir a ordem de tabus criados por uma sociedade que nem sempre valoriza a mulher e de religiões alienadoras. Eu só não entendo a ideia de que, fazer as ocultas pode, porque todo mundo faz tudo escondidinho e mantém as aparências para não ser condenado. Até hoje não entendo o porquê de se manter o celibato, se Deus criou o homem e a mulher para se completarem. E por trás das cortinas, criancinhas herdarão o reino dos céus! Eu hein! Podem me chamar do que quiserem, mas o que quero mesmo é ser feliz. Quero beijar excessivamente, até porque os músculos da face agradecem; quero cantar, dançar, falar em línguas dos poetas, e quero amar muito também. Se tiver que casar várias vezes para encontrar o que quero, o farei. Ainda não posso dizer se achei meu amor de verdade, só o tempo dirá, porque amor de verdade é aquele que dura a vida inteira. Talvez possa escrever sobre isso um dia, mais no fim de minha vida. Neste momento posso dizer que amo alguém interessante e sou amada por ele ainda mais, mesmo que seja um tipo patológico de amor-paixão que, segundo os filósofos é "o amor carnal". Sentimento que já atravessou certas barreiras do acaso. É melhor eu aproveitar antes que vire tragédia grega.

Fabiane Caldas.
(1º lugar concurso de crônicas da AVELA)
CALDAS, Fabiane de J. Descobertas. **Jornal VALENÇA AGORA.** Valença, 21/01 a 27/01/2010.

O próximo encontro foi a primeira tentativa de produção da crônica. Quando os alunos viram o título da proposta, hesitaram um pouco, pois não se sentiam capazes de produzir uma crônica. Falei para ficarem à vontade, pois era o primeiro experimento de referência dos conhecimentos sobre a estrutura do gênero discursivo crônica que eles já tinham consolidados, e que a identidade deles seria mantida em sigilo, então poderiam ficar despreocupados. Aceitaram fazer a produção, mas alguns pediram para tratar de outras temáticas, pois não queriam falar sobre as trabalhadas, mas de outras próximas à proposta, então permiti, pois o maior interesse não era na temática e sim nas habilidades de escrita.

Essa produção tratou da intenção de resolução dos problemas mais frequentes nas produções dos alunos e na adequação das necessidades para estabelecer padrões na sequência didática. Nesse sentido, foi adaptada a sequência didática para começar do complexo (produção de um texto, a partir de uma situação possível do cotidiano do aluno), ir em direção ao simples (decomposição de características do gênero, dos aspectos textuais e linguísticos para que sejam estudados separadamente), para voltar ao complexo (produção final). Os alunos foram convidados a olhar o mundo de outra forma, à procura dos assuntos prosaicos que poderiam constituir uma crônica e da melhor forma de produzir o gênero. Eles poderiam ter como textos norteadores as crônicas apresentadas: *Amor é prosa, sexo é poesia*, *Sobre o amor* e *Descobertas*. Então, entreguei uma folha para produção e ajudei a buscar temas do cotidiano deles. Orientei que eles poderiam apresentar problemas do cotidiano, crítica ou soluções para determinadas mazelas sociais, poderiam fazer um desabafo, ironizar, fazer humor, dentre outros, porém deveriam apresentar um assunto de interesse do público leitor. Essa aula teve duração de duas horas aulas e os alunos concluíram a atividade diagnóstica.

3.2.2 Análise da produção inicial

Para análise das crônicas, formamos quatro grupos e cada grupo foi representado por um texto. O Grupo A foi formado pelos textos que mais se aproximaram do gênero crônica, proposta temática e das habilidades de escrita; o Grupo B composto pelos que menos se aproximaram da proposta; o Grupo C dos textos que se distanciaram da proposta e têm carência de elementos de textualidade; e o Grupo D dos textos que pertencem a outro gênero discursivo.

Os parâmetros de análise a seguir foram extraídos de Antunes (2010), assim, nos guiamos pelo diagnóstico e pelos efeitos de sentido que os textos nos causaram, ou pelas carências textuais que apresentaram. Antunes (2010, p. 65) nos diz que “a compreensão global do texto deve ser o ponto de partida e ponto de chegada de qualquer análise” e ela ainda acrescenta que analisar um texto é [...] “procurar descobrir, entre outros pontos, seu esquema de composição; sua orientação temática; seu propósito comunicativo; é procurar identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas” (p.49). Nesse sentido, analisamos a coerência da progressão temática, o propósito comunicativo, os esquemas de composição do gênero, a relevância informativa, as referências, a intertextualidade e a coesão.

O intuito aqui não foi fazer revisão ortográfica ou buscar erros de concordância ou colocação pronominal, mas valorizar o que o aluno já consolidou, além da sua criatividade, aspectos sociocognitivos, construção de sentido para avançar em habilidades de leitura e escrita.

Portanto, pretendemos nos concentrar nos objetivos a serem alcançados, mais no conteúdo do que na forma, mais nos acertos do que nos erros.

Quadro 2 – Análise Global dos Textos do Grupo A

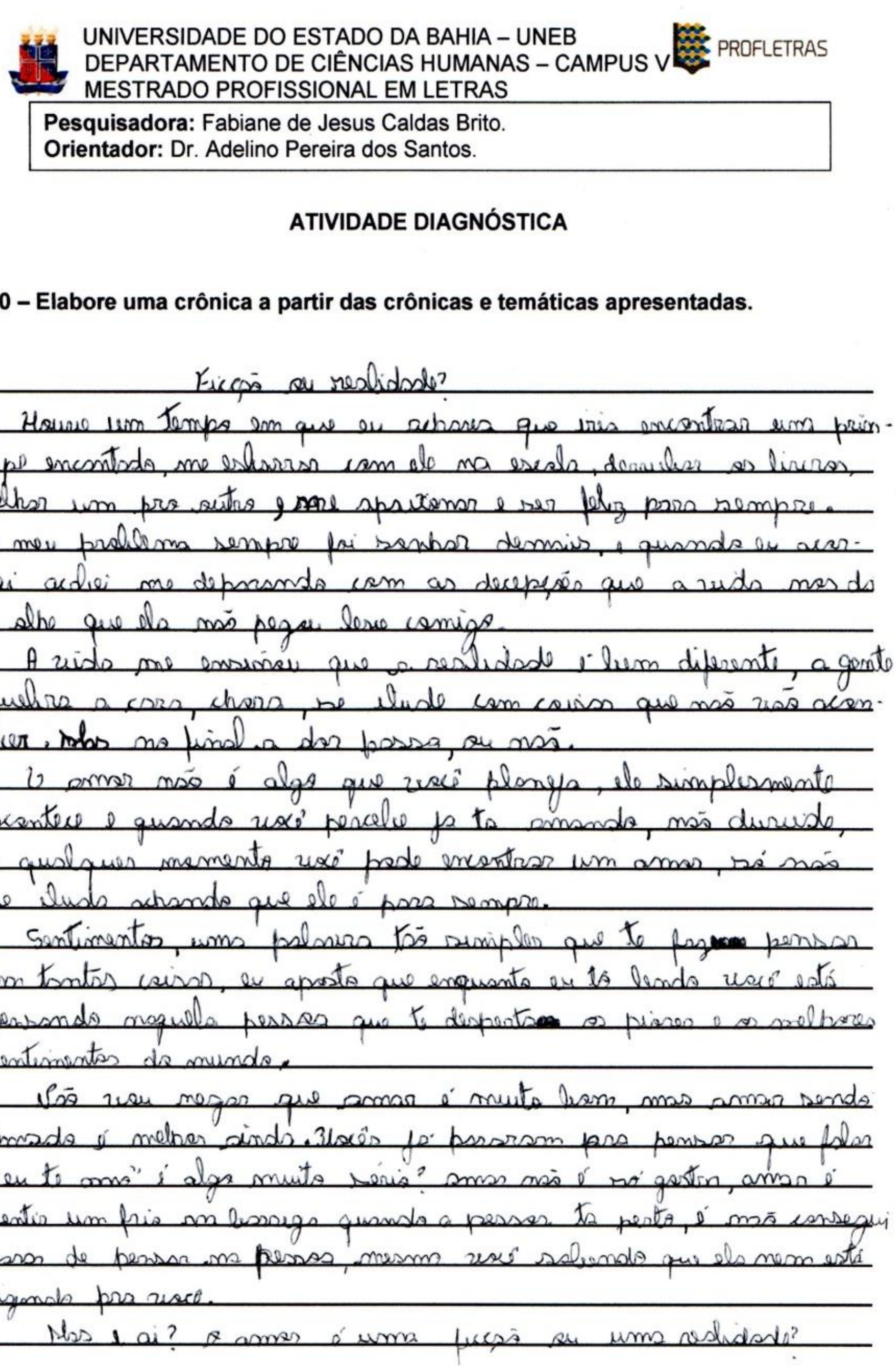
ALUNOS	ANÁLISE GLOBAL
E12	Texto coerente com a proposta temática, apresenta características do gênero solicitado e referência entre o mundo real e o mundo simbólico. Faz parte do campo discursivo literário e mantém relações intertextuais com as crônicas trabalhadas no diagnóstico.
E18	Texto coerente com a proposta temática, apresenta característica reflexiva da crônica poética, faz parte do campo discursivo literário. Unidade temática em torno de decepções amorosas.
E19	Texto coerente com a proposta temática, apresenta característica de relato cotidiano e banal da crônica. Unidade temática em torno de um relacionamento passageiro.
E20	Texto coerente com a proposta temática, apresenta característica de relato cotidiano e banal da crônica. Unidade temática em torno de sentimentos amorosos.
E21	Texto coerente com a proposta temática, apresenta característica de relato cotidiano e banal da crônica. Unidade temática em torno de frustrações amorosas.
E24	Texto coerente com a proposta temática, apresenta característica de relato cotidiano e banal da crônica e linguagem coloquial. Unidade temática em torno de frustrações amorosas.
E27	Texto coerente com a proposta temática, apresenta característica de relato cotidiano e banal da crônica. Unidade temática em torno do amor.

Fonte: Dados da pesquisa diagnóstica, própria da autora (2018).

A partir do quadro apresentado, é possível observar que os alunos do Grupo A conseguiram produzir textos com características da crônica como: relato cotidiano e banal, linguagem coloquial e dominaram alguns aspectos textuais importantes como coerência, unidade temática, referência temática e relações cognitivas com as vivências sociais.

O texto escolhido para análise minuciosa foi o texto da aluna E12 por manter maior aproximação e características do gênero solicitado. A análise seguinte visa o tratamento do texto quanto sua forma de composição e funcionalidade. Para tanto, alguns parâmetros foram intencionalmente delimitados para cumprir o papel de análise do texto literário e jornalístico a que compete o gênero discursivo crônica. De acordo com os fundamentos de Antunes (2010), é possível dissecar o texto a partir do seu esquema de composição, sua orientação temática, seu propósito comunicativo, os efeitos de sentido, as relações com outros textos e a referenciação.

Figura 5 - Crônica: Colégio Hildécio Antônio Meireles



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PROFLETRAS

Pesquisadora: Fabiane de Jesus Caldas Brito.
Orientador: Dr. Adelino Pereira dos Santos.

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

1.0 – Elabore uma crônica a partir das crônicas e temáticas apresentadas.

Ficção ou realidade?

Havia um tempo em que eu achava que iria encontrar um príncipe encantado, me esbarrar com ele na escola, derrubar os livros, olhar um pro outro e se apaixonar e ser feliz para sempre. O meu problema sempre foi sonhar demais, e quando eu acordei achei me deparando com as decepções que a vida nos dá e olhe que ela não pegou leve comigo.

A vida me ensinou que a realidade é bem diferente, a gente quebra a cara, chora, se ilude com coisas que não irão acontecer, no final a dor passa, ou não.

O amor não é algo que você planeja, ele simplesmente acontece e quando você percebe já tá amando, não duvide, a qualquer momento você pode encontrar um amor, só não se iluda achando que ele é para sempre.

Sentimentos, uma palavra tão simples que te faz pensar em tantas coisas, eu aposto que enquanto eu tô lendo você está pensando naquela pessoa que te desperta os piores e os melhores sentimentos do mundo.

Não vou negar que amar é muito bom, mas amar sendo amado é melhor ainda. Vocês já pararam pra pensar que falar "eu te amo" é algo muito sério? amar não é só gostar, amar é sentir um frio na barriga quando a pessoa tá perto, é não conseguir parar de pensar na pessoa, mesmo você sabendo que ela nem está ligando pra você.

Mas e aí? O amor é uma ficção ou uma realidade?

Fonte: Produção do aluno.

O título interrogativo da crônica, *Ficção ou realidade?*, da aluna E12, trata de um questionamento inicial da autora, entre o amor idealizado e o amor real ou carnal. Nesse sentido, a unidade temática se desenvolve em torno das decepções que o amor lhe causou e de que forma foi obrigada a abandonar os sonhos encantados por uma realidade que, apesar de cruel, depois do amadurecimento, ficou mais confortável aceitar para lidar com os sentimentos.

O texto tem como definição referencial um traço psicológico-afetivo dos contos de fadas, o tempo em que ela sonhava com o príncipe encantado, que iria esbarrar com ele na escola, apaixonarem-se e serem felizes para sempre, porém, no parágrafo seguinte, ela descontrói a referência pela decepção do amor real. Sobre esse recurso textual, Antunes (2017) considera que: "[...] a expressão linguística usada para designar esse referente adquire certa importância e fica na memória discursiva dos interlocutores [...]" (ANTUNES, 2017, p. 98). Ela utilizou esse recurso e ativou a memória afetiva dos interlocutores através do imaginário dos contos de fadas e da ideia do príncipe encantado. Esse é um tipo referencial indefinido, mas capaz de suscitar no leitor a hipótese do tema sobre o qual o texto vai tratar.

Quanto ao propósito comunicativo, o texto pertence ao domínio literário por apresentar traços do encantamento, do amor, dos sentimentos, da dor e das relações características dos textos literários. O texto traz uma reflexão sobre o amor ficcional e amor real e as relações de continuidade de um amor mais crítico, mais maduro e capaz de não provocar maiores decepções. Esse propósito faz parte da atividade da linguagem por relatar um fato, descrever um sentimento e persuadir com as reflexões sobre a dualidade do amor. A literariedade de um texto decorre dos sentidos que o leitor dá a ele e, segundo Terra (2014, p. 25), "[...] a arte deve provocar a catarse, ou seja, a liberação do emocional, a purificação". Então, a definição de literatura fica a cargo da forma como lemos o texto.

Quanto aos esquemas de composição da crônica, o texto se aproxima das características composicionais no que se refere à confissão pessoal, descrições impostas pelo coração, uso coloquial da linguagem, relato de fatos cotidianos e pessoais. O que mais chamou atenção foi como a aluna sensibiliza o leitor a partir das percepções de mundo dela, das alegrias e decepções em nome do amor. Como lembra Santos (2007, p. 19): "São pequenas obras-primas de emoção baseadas no espanto e alegrias, decepções e surpresas do cotidiano". A crônica é, assim, capaz de desvendar os sentimentos mais íntimos em textos e transpor as barreiras da razão em emoção.

A relevância informativa fica por conta dos conflitos de uma adolescente, sofredora e decepcionada com o amor criado por sua imaginação e alimentado pelos contos de fadas. Por outro lado, ela tenta encarar o amor real imposto pela sociedade atual, para não sofrer outras decepções, mas sem deixar de sentir o frio na barriga, mesmo sabendo que seus sentimentos independem dos sentimentos do outro. Ela conclui o texto com outra pergunta: "Mas e aí? O amor é uma ficção ou uma realidade?" Com essa pergunta, a autora se dirige ao público leitor com o propósito de questionar-lhes os sentimentos em relação ao amor. Segundo Antunes (2010, p. 74), "o texto é muito mais relevante quando foge da obviedade e quanto mais previsível, menos informativo". A autora da crônica não apresentou uma solução simples para

o problema, pois com a pergunta final ela deixa transparecer que apesar de aceitar a forma de amar para não se decepcionar, por outro lado, ela questiona o leitor ou a si mesma se essa forma de agir seria a correta.

O texto se relaciona com as crônicas trabalhadas no diagnóstico, principalmente com trechos das vivências da autora da crônica *Descobertas*. Essa incorporação foi feita dos diálogos entre a crônica da professora e a crônica da aluna. Sabe-se que todo texto está ligado a outro texto por relações intertextuais e a autora utilizou coerentemente esse recurso por recorrer à progressão temática das crônicas trabalhadas no diagnóstico.

Dessa forma, através da análise desse grupo, fica evidente que o gênero discursivo crônica, mesmo sem ser trabalhado minuciosamente, desperta nos alunos uma relação sociocognitiva capaz de influenciá-los a produzir, por ser um instrumento que expressa sentimentos, faz uma reflexão sobre determinada temática, utiliza linguagem coloquial próxima do dia a dia, pode tratar de assuntos prosaicos do cotidiano deles, fazer humor, ironia, dialogar com outros textos, outros pensamentos, anedotas, ditos populares, dentre outros.

Os textos desse grupo abordaram o tema proposto, a linguagem utilizada foi próxima ao gênero, a concordância entre os termos está adequada, a pontuação está aceitável e a acentuação e grafia estão corretas. Então, esse grupo composto por sete alunos apresenta habilidades de leitura e escrita satisfatórias para o nono ano e para avançar ao nível mais profundo de compreensão e produção dos efeitos de humor e ironia da crônica literária. Destaca-se também a facilidade em adequar os recursos de referência, utilizando os pronomes, substantivos e locuções substantivas. Conforme as habilidades propostas pela BNCC (BRASIL, 2017), uma boa escrita dos alunos do nono ano seria: "Utilizar, ou produzir textos, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais e acentuação" (BRASIL, 2017, p. 185). Assim, utilizamos esses recursos para que os alunos alcançassem os objetivos da proposta, bem como avançassem para uma escrita satisfatória ao gênero em estudo.

Quadro 3 - Análise Global dos textos do Grupo B

ALUNOS	ANÁLISE GLOBAL
E3	Texto não condiz com a proposta temática, apresenta poucas caraterísticas do gênero solicitado como relato cotidiano. Unidade temática em torno do preconceito entre colegas. O texto apresenta problemas de coesão, períodos longos com ausência de pontuação adequada.

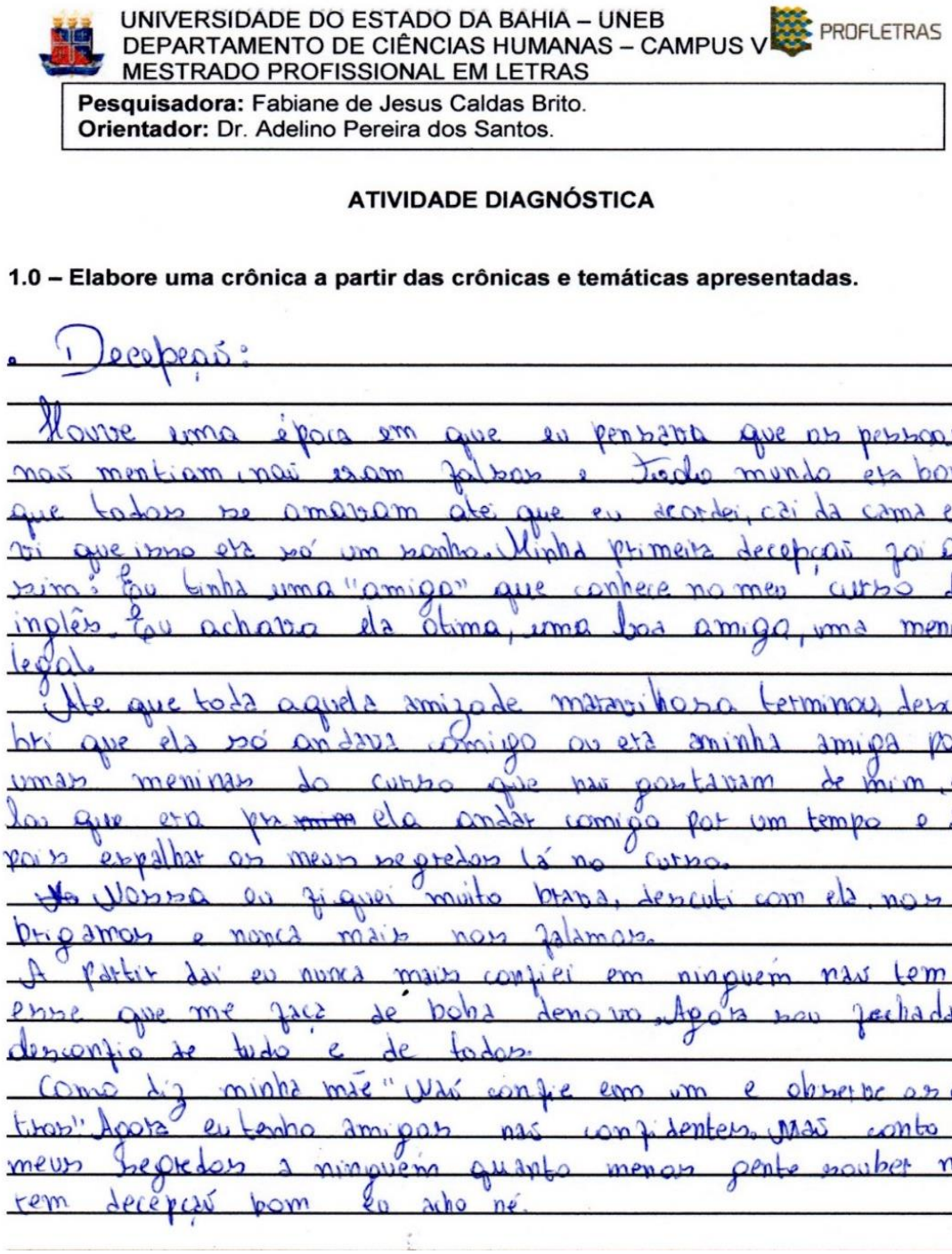
E4	Texto coerente com a proposta temática, apresenta característica de relato reflexivo e banal da crônica. Unidade temática em torno do amor. O texto apresenta falta de coesão, parágrafos longos com ausência de pontuação adequada e problemas de ortografia.
E7	Texto coerente com a proposta temática, apresenta característica de relato reflexivo e banal da crônica. Unidade temática em torno do primeiro relacionamento. Texto muito curto e com problemas de coesão, pontuação e ortografia.
E8	Texto coerente com a proposta temática, apresenta característica de relato cotidiano e banal da crônica. Unidade temática em torno de decepções amorosas. Texto curto e com problemas de coesão, parágrafos longos com pontuação inadequada e ortografia.
E15	Texto não condiz com a proposta temática, apresenta característica de relato reflexivo, cotidiano da crônica. Unidade temática em torno de falsidade. Texto com problemas de coesão, parágrafos longos e sem pontuação.
E16	Texto não condiz com a proposta temática, apresenta característica de relato reflexivo, cotidiano e banal da crônica e linguagem coloquial. Unidade temática em torno de decepções na amizade. Apresenta problemas de ortografia.
E23	Texto não condiz com a proposta temática, apresenta característica de relato cotidiano e banal da crônica. Unidade temática em torno de abandono dos amigos. Texto com problemas de coesão, parágrafos longos e de ortografia.
E25	Texto coerente com a proposta temática, apresenta característica de relato cotidiano e banal da crônica. Unidade temática em torno do primeiro relacionamento amoroso. Texto com problemas de coesão parágrafos longos e de ortografia.

Fonte: Dados da pesquisa diagnóstica, própria da autora (2018).

A partir do quadro apresentado, podemos observar que quatro dos oito alunos do Grupo B se distanciaram da proposta temática e escreveram sobre inquietações cotidianas diversas. Redigiram na primeira pessoa, utilizaram linguagem coloquial que são traços da crônica, mas precisam desenvolver habilidades de produção literária. Apesar de algumas produções estarem com as ideias desarticuladas, os alunos demonstraram criatividade e um olhar observador e crítico para as coisas cotidianas. Isso é um traço relevante para as futuras produções. Os textos apresentaram problemas de coesão, períodos longos, pontuação inadequada ou ausência de pontuação e problemas de ortografia, mas durante o processo esses aspectos podem melhorar.

O texto escolhido para análise minuciosa foi o texto da aluna E16 que, apesar de manter menor relação com o gênero solicitado em relação à produção da aluna do grupo I, preserva algumas características relevantes para análise. Ela, assim como a metade dos alunos da turma, fugiu da temática inicial, mas conseguiu se aproximar de algumas características do gênero crônica.

Figura 6 - Crônica: Colégio Hildécio Antônio Meireles



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

Pesquisadora: Fabiane de Jesus Caldas Brito.
Orientador: Dr. Adelino Pereira dos Santos.

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

1.0 – Elabore uma crônica a partir das crônicas e temáticas apresentadas.

1 Decepção:

Houve uma época em que eu pensava que as pessoas não mentiam, não eram falsas e Todo mundo era bom, que todos se amavam até que eu acordei, caí da cama e vi que isso era só um sonho. Minha primeira decepção foi assim: Eu tinha uma "amiga" que conheci no meu curso de inglês. Eu achava ela ótima, uma boa amiga, uma menina legal.

Até que toda aquela amizade maravilhosa terminou, descobri que ela só andava comigo ou era minha amiga porque umas meninas do curso que não gostavam de mim, pediu que era pra ela andar comigo por um tempo e depois espalhar os meus segredos lá no curso.

Nossa eu fiquei muito brava, discuti com ela, nos brigamos e nunca mais nos falamos.

A partir daí eu nunca mais confiei em ninguém não tem esse que me faça de bobo denovo. Agora sou fechada, desconfio de tudo e de todos.

Como diz minha mãe "Não confie em um e observe os outros". Agora eu tenho amigos não confidentes. Mas conto os meus segredos a ninguém quanto menos gente souber não tem decepção bom eu acho né.

Fonte: Produção do aluno.

A crônica com o título *Decepção,* da estudante E16, desenvolve-se em torno da unidade temática do sofrimento da autora por conta de sua primeira decepção com uma "amiga" que revelou seus segredos, o que lhe causou muita revolta.

O texto tem como definição referencial um traço psicológico-afetivo em que a autora vivia num mundo encantado com pessoas boas, que se amavam, até que isso foi destruído por

uma decepção com a amiga que espalhou seus segredos. Esse traço referencial remonta à ideia dos contos de fadas e a oposição entre o encantado e o mal destruidor. Outro traço referencial faz alusão aos textos bíblicos em que, ou as pessoas não mentiam e se amavam e deveriam viver felizes para sempre, ou eram malignas e viviam a destruir a virtude com sentimentos ruins.

Quanto ao propósito comunicativo, o texto pertence ao domínio literário por apresentar traços fortes de sentimentos, desilusões, dor, além das relações elaboradas entre contos e ditos populares. Dessa forma, o texto toca o leitor pelo inesperado jogo de emoção, decepção e razão. É possível, em outras releituras, inferir outros sentidos ao texto em análise e isso vai depender de outros leitores e contextos. Assim como afirma Terra (2014), "Como todo texto, a obra literária pressupõe a interação entre um produtor e um leitor ou ouvinte que constrói o sentido do texto e atribui a ele um valor" (TERRA, 2014, p. 30); portanto, parte de uma análise pessoal e outras leituras, outras variáveis.

Os esquemas de composição do texto são construídos a partir da proximidade com as características composicionais da crônica no que se refere à confissão pessoal, uso coloquial da linguagem, relato de fatos cotidianos e pessoais. É importante destacar que a produção da aluna carece de algumas adaptações e lapidações, mas já traz traços da linguagem da crônica. Para Santos (2007), "[...] a crônica está no detalhe, no mínimo, no escondido, naquilo que aos olhos comuns pode não significar nada, mas puxa uma palavra daqui, "uma reminiscência clássica" dali, e coloca-se de pé uma obra [...]" (SANTOS 2007, p. 17). É assim que se constrói a crônica em sala de aula ao ponto transformá-la em uma obra delicada, mas de observação inteiramente pessoal.

A relevância informativa fica por conta dos dilemas sociais em que a adolescente se coloca e acaba sofrendo e se decepcionando com a colega ao ponto de brigar e nunca mais querer sua companhia ou confiar em outra amizade. Ela finaliza o texto com um dito popular que faz parte da memória coletiva social e que aprendeu com sua mãe: "Não confie em um e observe os outros". Assim ela expressa sua desconfiança na convivência com o outro e fecha o texto expressando que se ninguém souber dos seus segredos não terá mais decepções: "Eu acho né?". Isso deixa o leitor pensativo quanto às incertezas da autora em relação a resolver o problema, guardando o segredo só para si, como se essa ação a protegesse de qualquer outra decepção. Porém, por outro lado, a fala de sua mãe por alusões intertextuais, reforça a desconfiança por amizades e apoia suas certezas. Sendo assim, um discurso proferido por sua mãe, contando com sua experiência, a adolescente não precisa de outro encaminhamento, pois este já basta para manter distância das amizades e não arriscar ouvir: Bem que te avisei!

Os textos do grupo III, composto por oito alunos, apresentam menos proximidade com o gênero em estudo, além de problemas de coesão e ortografia. Esses problemas durante o percurso de aplicação foram minimizados, após adequação na reescrita. Então, os textos foram corrigidos e reescritos, atentando para os aspectos de pontuação, acentuação, enriquecimento de vocabulário, palavras sinônimas, referenciação, etc.

Quadro 4 - Análise global dos textos do Grupo C

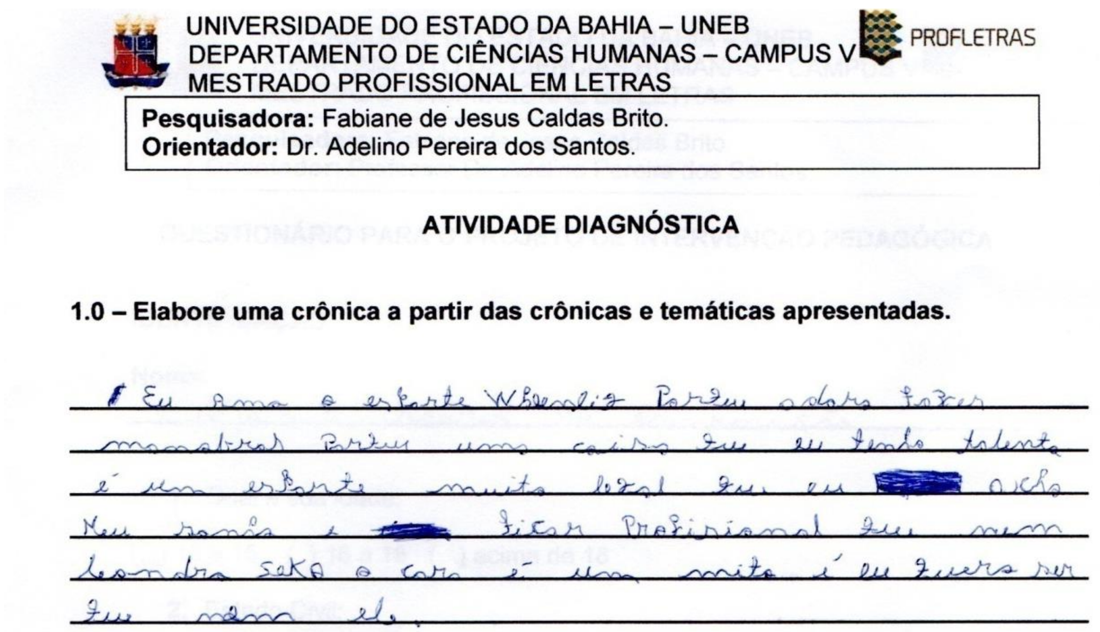
ALUNOS	ANÁLISE GLOBAL
E1	Texto não condiz com a proposta temática, não apresenta caraterísticas do gênero solicitado. Unidade temática em torno de práticas esportivas. O texto apresenta problemas de coesão, períodos desconexos e pontuação prejudicada.
E2	Texto não condiz com a proposta temática, apresenta bem distante característica de relato reflexivo da crônica. Unidade temática em torno da amizade. O texto apresenta falta de coesão, apenas um parágrafo com excesso de pontuação, períodos curtos e prejudicados e problemas de ortografia.
E6	Texto não condiz com a proposta temática. Unidade temática em torno da limitação da religião. O texto apresenta falta de coesão, apenas um parágrafo com excesso de pontuação e períodos curtos e prejudicados.
E9	Texto não condiz com a proposta temática, apresenta característica de relato cotidiano e banal da crônica. Unidade temática em torno de uma árvore. Texto com problemas de coesão, coerência e ortografia. Parágrafos longos, pontuação inadequada, grafia de palavras erradas e mudança de sentido.
E10	Texto não condiz com a proposta temática, apresenta característica de relato reflexivo, cotidiano e banal da crônica. Unidade temática em torno de mudança de escola. Texto com problemas de coesão, coerência e ortografia, parágrafos longos e sem pontuação adequada, mudança de sentido e de progressão temática, erros ortográficos.
E11	Texto não condiz com a proposta temática, apresenta característica de relato reflexivo, cotidiano e banal da crônica. Unidade temática em torno de várias temáticas como: esporte, problemas familiares e paixão. Apresenta problemas de coesão, coerência e ortografia. Pontuação, sentido e erros ortográficos.
E13	Texto não condiz com a proposta temática, apresenta característica de relato pessoal e banal da crônica. Unidade temática em torno do gosto pela música. Texto com problemas de coesão, coerência e ortografia: parágrafos longos, falta de pontuação adequada e de ortografia.
E14	Texto não condiz com a proposta temática, não tem característica de crônica e apresenta característica de resumo. Unidade temática em torno de futebol. Texto com problemas de coesão, coerência e ortografia: parágrafos sem pontuação, palavras com erros ortográficos e sentido fragmentado.

E17	Texto não condiz com a proposta temática, apresenta característica de relato pessoal e banal da crônica. Unidade temática em torno de esporte. Texto com problemas de coesão e ortografia, parágrafo curto, sem pontuação, palavras com erros ortográficos.
E22	Texto não condiz com a proposta temática, apresenta característica de relato pessoal e banal da crônica. Unidade temática em torno do medo. Texto com falta de coesão e problemas ortográficos.

Fonte: Dados da pesquisa diagnóstica, própria da autora (2018).

A partir da análise do quadro do Grupo C, podemos observar que os dez alunos se distanciaram da temática proposta e das características da crônica. Escreveram sobre assuntos diversos do cotidiano e até vários assuntos no mesmo texto. Esse grupo foi composto, em sua maioria, por meninos que se identificam com assuntos sobre esporte e problemas familiares. Esses assuntos podem gerar crônicas maravilhosas, mas eles ainda precisam de mais informações sobre o gênero, um estudo eficaz para que consigam desenvolver habilidades de leitura e escrita propícias à produção de crônicas, dentre outras produções, pois eles apresentaram muitos problemas de coerência, coesão e ortografia. O texto escolhido para análise minuciosa foi o texto do aluno E17 por representar os mesmos problemas comuns a todos os outros textos.

Figura 7 - Crônica: Colégio Hildécio Antônio Meireles


UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

Pesquisadora: Fabiane de Jesus Caldas Brito.
Orientador: Dr. Adelino Pereira dos Santos.

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

1.0 – Elabore uma crônica a partir das crônicas e temáticas apresentadas.

Eu amo o esporte Wheeling Porque adoro fazer manobras Porque uma coisa que eu tenho talento é um esporte muito legal que eu acho meu sonho é ficar Profissional que nem Leandro Seko o cara é um mito é eu quero ser que nem ele.

Fonte: Produção do aluno.

O texto do aluno E17 não tem título e se desenrola a partir da unidade temática sobre o seu amor pelo esporte como recorte principal do seu propósito em ser um esportista. É um texto curto, mas que, além do amor pelo esporte, ele revela o desejo de ser um profissional como o

Leandro Sekko (esportista de *Wheeling*[2]). Essa relação com o seu ídolo é uma relação referencial, pois é a referência que ele tem do melhor esportista da categoria com o qual ele sonha se igualar.

Quanto aos esquemas de composição da crônica, o texto se aproxima das características composicionais no que se referem à confissão e descrições pessoais, uso coloquial da linguagem, relato de fatos cotidianos e pessoais. O estudante expressa muito sentimento com o esporte e o sonho de ser o melhor, ou igual ao melhor. O sentido do texto foi mantido, mas o aluno foi traído pela inapropriação de elementos de textualidade e coesão.

A relevância informativa fica por conta do amor de um adolescente pelo esporte *Wheeling* e por seu ídolo. Ele afirma ter talento para as manobras e concluiu o texto afirmando que quer ser um profissional dessa área e virar um mito assim como seu ídolo. Esse esporte é pouco conhecido, porém o estudante pecou em não utilizar bem esse recurso e reduziu o texto em um simples desejo de ser um profissional da área. Poderia explorar melhor sua relação com o esporte, de onde surgiu, onde pratica as manobras visto que mora numa ilha, etc. Deveria instigar o leitor a conhecer o esporte através dos seus olhos.

É um texto curto, de um parágrafo, sem coesão, pois o autor não se preocupa com a pontuação, as orações subordinadas estão prejudicadas pelo uso inapropriado de outros termos e repetição dos termos "porque" e "que". Aparece no texto o uso de nomes comuns em maiúscula e nomes próprios em minúsculas, revelando o desleixo do aluno com a produção. Isso caracteriza que o aluno está carente do trabalho eficaz com elementos de textualidade para melhorar sua forma de escrever. Ele sabe o que quer dizer, mas não apresentou elementos coesivos e linguísticos para que desenvolva a escrita.

Os alunos do grupo 'C' se distanciaram da proposta temática e apresentaram problemas graves para uma turma de nono ano, como coerência, coesão e ortografia, mas observamos que eles têm boas ideias e precisam desenvolver as habilidades de leitura e escrita necessárias para a produção. Quantos às temáticas, já produzi duas crônicas que abarcam os assuntos propostos pelos alunos com as quais acredito que eles vão se identificar; além disso, outras atividades de leitura, escrita, interpretação, ortografia, pontuação, paragrafação foram trabalhadas para melhorar as produções dos alunos.

[2] De acordo com relato do aluno, é um esporte radical praticado com bicicleta, cuja manobras exigem força e equilíbrio dos esportistas.

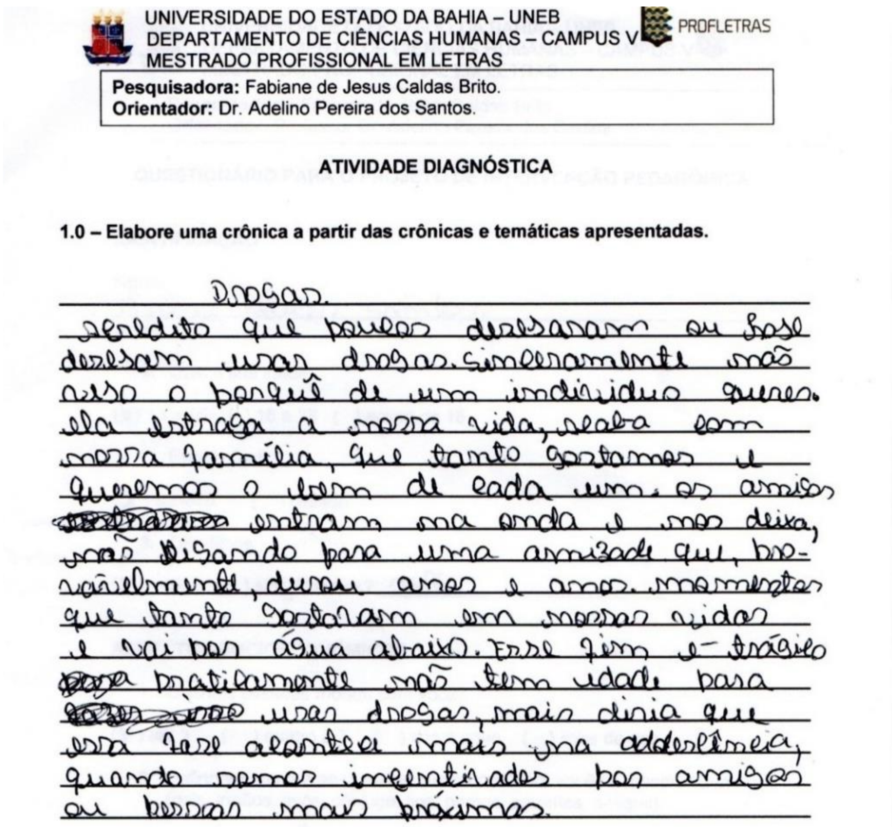
Quadro 5 - Análise Global dos textos do Grupo D

ALUNOS	ANÁLISE GLOBAL
E5	Texto não condiz com a proposta temática, não apresenta caraterísticas do gênero solicitado. Unidade temática em torno de pessoas alfabetizadas. O texto apresenta características de artigo de opinião.
E26	Texto não condiz com a proposta temática, não apresenta caraterísticas do gênero solicitado. Unidade temática em torno de drogas. O texto apresenta características do gênero argumentativo.

Fonte: Dados da pesquisa diagnóstica, própria da autora (2018).

Esse quadro apresenta duas produções que se distanciaram da proposta e pertencem a outro gênero: o argumentativo. As alunas tratam de assuntos que permeiam a vivência social delas, mas fizeram uma mistura que descaracterizou o gênero. O texto escolhido para análise minuciosa foi o texto da aluna E5, por apresentar maiores argumentos e se aproximar do gênero argumentativo.

Figura 8 - Crônica: Colégio Hildécio Antônio Meireles


UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

Pesquisadora: Fabiane de Jesus Caldas Brito.
Orientador: Dr. Adelino Pereira dos Santos.

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

1.0 – Elabore uma crônica a partir das crônicas e temáticas apresentadas.

Drogas.

Acredito que poucos desejaram ou fose dezesam usar drogas. Sinceramente não acho o porquê de um individuo querer. Ela estraga a nossa vida, acaba com nossa familia, que tanto gostamos e queremos o bem de cada um. Os amigos entram na onda e nos deixa, não visando para uma amizade que, provavelmente, duraria anos e anos. Momentos que tanto sonharam em nossas vidas e vai por água abaixo. Esse fim é trágico praticamente não tem idade para usar drogas, mais diria que essa fase acontece mais na adolescência, quando somos incentivados por amigos ou pessoas mais próximas.

Fonte: Produção do aluno.

O texto da aluna E26, com o título *Drogas*, desenrola-se a partir da unidade temática em que a estudante faz apelo para que as pessoas não usem drogas para não destruírem suas vidas

e a vida dos familiares. Ela faz uso da primeira pessoa e se coloca como parte integrante desse contexto e tenta persuadir o leitor a compreender de que forma os jovens são incentivados a usarem drogas.

Quanto ao esquema de composição da crônica, o texto não apresenta características do gênero e, apesar da autora escrever na primeira pessoa, que configura um dos traços da crônica, ela utiliza esse recurso para enfatizar que todos os jovens são incentivados a usar drogas pelos amigos, mas que isso pode destruir a vida dos jovens. É um argumento para que as pessoas não usem drogas.

A relevância informativa fica por conta do anseio de uma adolescente em cativar a atenção do leitor para os problemas sociais, como as drogas que estão por toda parte e não escolhem idade ou classe social. Ela tenta convencer o leitor, argumentando, que as drogas acabam com a vida, com o convívio social, com a família e com as amizades. Ela finaliza advertindo que os adolescentes são incentivados por amigos ou pessoas próximas e anteriormente ela diz: “Os amigos entram na onda e nos deixam”. Pelo índice de drogas e morte de muitos jovens na localidade (Gamboa), o texto transparece a luta dessa adolescente por não se deixar influenciar pelas drogas e a provável perda de alguém próximo que deixou esse sentimento de impotência. Então, escreve como uma forma de chamar atenção para os problemas sociais que não consegue resolver. O texto apresenta problemas de coesão textual que se configuram principalmente na falta de pontuação adequada.

3.2.3 Habilidades consolidadas no diagnóstico e a serem construídas

A partir da análise da produção textual, pudemos diagnosticar que o Grupo A escreveu textos que apresentaram características do gênero crônica como um relato reflexivo e banal, além de conseguir manter coerência com a unidade temática e dialogar com as crônicas já trabalhadas. Já no Grupo B, dos 8 alunos, 4 conseguiram manter coerência com a unidade temática, os outros textos relataram temas do cotidiano sobre preconceito, falsidade, decepções, abandono dos amigos e também demonstraram algum grau de intertextualidade, referência temática e relato reflexivo; mas, por outro lado, os textos apresentaram problemas com a coesão, parágrafos com falta de pontuação e erros ortográficos.

O Grupo C, formado por dez alunos, na sua maioria meninos, apresentaram temáticas como esporte, futebol, paixão, dentre outros temas como: medo, amizade, problemas familiares, mudança de escola, religião. Todos se afastaram da proposta temática apresentada. Isso explica o anseio dos estudantes em apresentarem seus relatos, suas angústias e dificuldades. A fim de

garantir esse desejo e/ou necessidade pessoal, elaborei uma crônica específica para trabalhar essas temáticas e atingir as habilidades essenciais de produção do gênero. Os textos do grupo C apresentaram ausência de elementos de textualidade comprometendo a coesão da escrita. Por outro lado, o Grupo D, composto por duas alunas, se aproximou do estilo argumentativo, mas apresentou os mesmos problemas de coesão que o grupo anterior.

É possível perceber, pela análise global, que 20 alunos conseguiram manter a característica do relato banal e reflexivo da crônica e essa habilidade aproximou os textos dos alunos da composição do gênero; e três alunos conseguiram fazer referência temática, mesmo sem ter sido trabalhada como habilidade; porém, ainda precisam evoluir no que tange a outras características composicionais como: apresentar elementos de humor e ironia, intertextualidade e referência temática, bem como tender para a crônica literária ou jornalística.

Mais de 12 alunos conseguiram manter a unidade temática de acordo com o que foi trabalhado, demonstraram uma compreensão acerca do jogo discursivo entre autor-texto-leitor e relacionaram com as situações de convenções do dia a dia, fazendo, inclusive, relações intertextuais. Porém, os outros 15 se afastaram do núcleo temático e não conseguiram manter a coerência da unidade temática.

O propósito comunicativo e a relevância informativa de todos os textos precisam ser melhorados à medida em que forem desenvolvendo a habilidade de inferir os valores sociais, culturais e humanos a partir da autoria textual deles e do conhecimento de mundo narrados pelas crônicas apresentadas na proposta de intervenção.

Assim, conforme explicitamos anteriormente e percebendo que os alunos ainda não consolidaram as habilidades para produção do gênero discursivo crônica, mantemos o foco de desenvolver as seguintes habilidades: Identificar as características do gênero discursivo crônica e as relações entre autor-texto-leitor, bem como forma de composição, estilo, circulação e suporte; compreender o jogo discursivo das crônicas jornalísticas e literárias e utilizar as informações para ampliá-las, interpretá-las, extrapolá-las, produzi-las; identificar os efeitos linguísticos de ironia, humor, intertextualidade e referenciação temática e aplicar nas produções; apreciar os valores sociais, culturais e humanos, considerando a autoria e o contexto social. Assim, os alunos tiveram a oportunidade de consolidar as habilidades de leitura e desenvolver, na prática, as habilidades de escrita aplicáveis às produções do gênero discursivo crônica.

4 CRÔNICAS: PARA ALÉM DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Lusófona, americana, miscigenada, baiana
Um estado mutatório da matéria
Muda facilmente sua forma
Água
Fluida, líquida, deslocada
Dependente de condições ambientais
Umas vezes cheia, outras rasa
Maré
Itinerante, sob tensão: correnteza
Desagua no porto da Ilha
A[mar] porta de entrada e saída
Mestre das águas

Fabiane Caldas (2020, inédita).

Há em mim um eu fixo e outro deslocado, inconsistente, fragmentado que, assim como a água, muda facilmente em outros contextos ou em interação com o outro. Esse meu eu não quer se findar, quer ser traduzida, decifrada, definida e acabada a partir de um olhar, ou sob análise de um único ser que inconscientemente poderia me reduzir a água salgada, pois também posso ser água doce. Gostaria de ser multiplicada em narrativas discursivas e, quando multiplicada, repensada, transformada sem ser corrigida, ajustada, igualada a um padrão que o outro, mesmo sendo diferente, poderia me tornar igual. Esse meu eu não quer ser um livro fechado, mas estar para o outro em constante diálogo, pois segundo o fundamento bakhtiniano é o outro que me vê como não sou capaz de ver a mim mesma. Na teoria de Bauman (2005), seria facilmente classificada em um contexto de "identidade líquida" numa "modernidade líquida" ou na teoria de Hall (2006) numa "crise de identidade", por deslocar, mudar e não ter padrões estáveis no mundo social atual.

Sou "mestre das águas" e estou no vai e vem das marés, às vezes refém de um barco sob tensão de manifestações climáticas ou apreciando a dança dos golfinhos e, quando ali, estudo, ouço histórias ou música, me concentro no plano de aula, leio, troco experiências com outros professores. Às vezes jogo dominó ou escrevo, ou simplesmente cochilo, permitindo que minha imaginação me transporte para outras estâncias. Como citei na epígrafe, "A[mar] porta de entrada e saída", pois chegamos e saímos transportados pelo mar, e além do plano de aula, dos planejamentos, dos livros e todo material didático que transportamos, levamos conosco nossa identidade líquida, constituída por muitos enunciados sociais. O ser professor que se desloca e faz parte da cultura das águas, pertence, por um tempo, ao mesmo deslocamento e comunidade

dos alunos e é o mesmo que retorna para seus pertences e desempenha outros papéis em outros contextos como esposa, filha, mãe, amiga, dentre outros, pois "O sujeito assume identidades em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente" (HALL, 2006, p. 13). Nós somos metamorfoses contextuais, deslocadas e em formação. Segundo Ghiraldelo in: Eckert-Hoff e Coracini (2010), os professores de línguas quando falam de si constroem um "outro ficcional para se dizer inteiro", tentando fixar uma identidade de professor sem falhas. A autora ainda utiliza o pensamento de Foucault (2004, p. 232) da "escrita de si" para explicar que a técnica de si, "pode mostrar as maneiras de o enunciador desenhar para si próprio identidades, que são construídas pelo e para o outro". A partir dessa reflexão, podemos compreender que assim como nós, nossos alunos, ao escreverem crônicas, por elas apresentarem um caráter expressivo de relatar diálogos cotidianos e confissões pessoais de si, também estão construindo, ao mesmo tempo, identidades fixas, reais, ficcionais, fragmentadas, construídas para o outro.

Há em nós um desafio em compreender e respeitar as múltiplas identidades e vozes dos nossos alunos que, assim como nós, estão imersos em conflitos de identidade, cultura e pertencimento, pois são todos diferentes que compõem uma cultura em constante mutação e, muitas vezes, eles não se sentem pertencentes a lugar nenhum. Não podemos esquecer que a natureza adolescente é criadora, transgressora e subversiva, e diariamente eles são transportados para outras culturas através dos filmes, séries, livros, internet, e não seria de estranhar se eles mudassem facilmente de cultura na primeira oportunidade. Eles têm dificuldades em lidar com as diferenças e com o formato de igualdade que o contexto tradicional escolar impõe, pois "educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limita a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto" (SILVA, 2011, p. 101). Assim, o "A[mar]" reflete a virtude da docência, pois é preciso amar para respeitar, não acentuar ainda mais esses conflitos, mensurar a mesma dose de ensino para todos – dar mais a quem precisa de mais sem querer reproduzir idênticos – e traduzir essa multiplicidade cultural em crônicas.

É preciso carregar ecos de outros significados e destinar nossos melhores esforços em manter os enunciados dos estudantes em movimento constante, pois "Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva" (BAKHTIN, 2011, p.297). Uma identidade envolvida em diferentes significados sociais, do turismo, da pesca, na cultura popular, no estigma de viver num "entre-lugar" – uma ilha entre um polo turístico, Morro de São Paulo, e outro polo comercial, Valença, –, pois estar no meio parece estar no "entre-caminho" e sofrer as

influências de todos e não ter identidade. Por esses deslocamentos sociais, sentimos a necessidade de explicitar o local de fala dessas vozes, pois "Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais" (WOODWARD IN: SILVA, 2011, p. 31). Nosso papel aqui é estampar em crônicas toda essa multiplicidade cultural e refletir não apenas os elementos de análises textuais, mas essa língua em movimento constante que será fonte de inspiração para nossas produções.

A análise que propomos neste estudo carrega o nosso olhar, o nosso ponto de vista, intrincados a teorias que possam nos ajudar a descrever as construções textuais e contextuais, mas, por outro lado, nos encontramos aflitos de pensar que como é uma análise unívoca, pode não traduzir a fundo as vozes exiladas do outro que quer explodir em palavras os seus conflitos, repressões, confrontos e multiplicidade cultural, subentendidos nas entrelinhas do texto. "O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente" (SILVA, 2011, p. 97). E ainda acrescento que o outro é sincretismo religioso, o outro está em transformação diária com o transbordo turístico, com a chegada e saída de pessoas que deixam um pouco de si e levam um pouco dos que ali ficaram. É nessa perspectiva que analisando os textos dos nossos alunos não gostaríamos de reduzi-los a nossa incapacidade de traduzi-los, mas de incentivar a multiplicidade de outros textos, outros significados, torná-los aptos a atuarem no meio social em função de necessidades, em prol de si e da coletividade, a partir da forma de se comunicar com o mundo, pois "A multiplicidade estimula a diferença que se recusa a se fundir com o idêntico" (SILVA, 2011, p. 101). Nesse sentido, não desejamos castrar, nem reproduzir o formato igual de sempre, mas inovar e proporcionar perspectivas de produções textuais futuras, que vão além desta sequência didática.

Ao longo deste trabalho, falamos sobre diálogos socioculturais e não nos fizemos entender como os alunos representariam essas vozes sociais e culturais nas crônicas. Os diálogos culturais que tratamos aqui são os diálogos construídos com o outro em seu contexto de uso, a língua em movimento, mas além da língua tem todo o entorno de herança cultural deixado pelos primeiros povos e esquecidos pelos governantes, que traduz a forma de viver dos pais e avós dos nossos alunos. No entanto, a prática educativa não pode estar alheia às demandas sociais, pois "No trabalho docente, sendo manifestação da prática educativa, estão presentes interesse de toda ordem – sociais, políticos, econômicos, culturais – que precisam ser compreendidos pelos professores" (LIBÂNEO, 2017, p. 18). A nossa intenção precípua é trazer uma escrita que expresse as relações sociais, modos de pensar e viver da organização atual deles dentro da comunidade. Além de aprenderem na escola sobre a natureza da cultura híbrida

nacional, a qual eles fazem parte, fruto da mistura da cultura indígena, europeia e africana – valor imutável que não podem negar –, eles também sofrem influência da cultura popular, da cultura digital, da cultura praieira, da cultura marítima, da cultura turística, da cultura do aqui e agora e amanhã nunca mais, que são traços da dinâmica social em movimento, em transformação. Essa mistura, atrelada a outros contextos, de drogas, de pais separados, de exploração sexual, dentre outros, provoca neles uma crise de identidade e busca por mudança, que, de certo, são vozes de resistência nas produções. De acordo com Woodward in: Silva (2011);

> Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por "cultura" (WOODWARD IN: SILVA, 2011, p. 42)

Assim, o fato de haver um fundamento cultural nativo impulsiona o sentido do mundo social dos alunos, que, para este estudo, não pensamos em limitar as produções à cultura de tradição, a uma cultura estanque no passado, mas numa continuidade que permite engajar nossos alunos na cultura de mudança, tanto social quanto de modelo educacional, na forma de ensinar a produzir textos e traduzir o cotidiano das pessoas do local. Isso é fazer história, é transformar causa social em arte e que, mesmo sendo arte performática, recria o passado para transformar o presente. Não temos a intenção de utilizar o passado para explicar essa cultura insurgente deles, pois "Todo contexto ou campo cultural tem seus controles e suas expectativas, bem como seu "imaginário"; isto é, suas promessas de prazer e realização" (WOODWARD IN: SILVA, 2011, p. 33). Pensamos que muitos alunos nem se identificam com essa ideia de pertença e pode utilizar a tradição muito mais como ato simbólico que sociológico, então deixamos o imaginário fluir e, nas crônicas, analisamos o lugar de fala ao qual eles pertencem. Nesse sentido, Bhabha (2013) esclarece:

> Quando a visibilidade histórica já se apagou, quando o presente do indicativo do testemunho perde o poder de capturar, aí os deslocamentos da memória e as indireções da arte nos oferecem a imagem de nossa sobrevivência psíquica. Viver no mundo estranho, encontrar suas ambiguidades encenadas na casa da ficção, ou encontrar sua separação e divisão representadas na obra de arte, é também afirmar um profundo desejo de solidariedade social [...] (BHABHA, 2013, p.42).

As crônicas produzidas por nossos alunos são obras de arte por ter valor utilitário, informar alguma novidade ao leitor, liberar a emoção e ser reconhecida. Essa capacidade de registrar a imagem social do presente para posteridade, como registro simbólico da forma de viver, pensar e se comunicar das pessoas a partir dos olhares, diálogos e crônicas dos adolescentes, é um evento social de bastante representação para comunidade.

A proposta temática da sexta edição das *Olimpíadas de Língua Portuguesa* foi a mesma das edições anteriores: *O lugar onde vivo*. A partir dos relatos no diagnóstico, analisamos que o lugar de fala e de vivência desses alunos são lugares particulares de cada um dentro de um contexto maior, que é uma ilha. Então, é possível pensar nos lugares imaginados, ficcionais, reais e virtuais que podem representar esses lugares, pois muitos deles observam o mundo do seu quarto, vivendo o mundo dos jogos eletrônicos, das redes sociais, das séries televisivas, dos livros de suspense, terror e aventura – os preferidos deles – alheios aos acontecimentos sociais da comunidade. Outros vivem trabalhando para ajudar a família; outros em praias e festas; outros protegidos em redomas de vidro pela família, dentre outros contextos. São contextos particulares dentro da cultura local que transformam a forma de ver o mundo e exprimem identidades únicas. São vozes enunciativas de interesse para as nossas produções finais.

Figura 9 - Publicidade Nacional das *Olimpíadas de Língua Portuguesa.*

Figura 10 - Publicidade Nacional das Olimpíadas de Língua Portuguesa

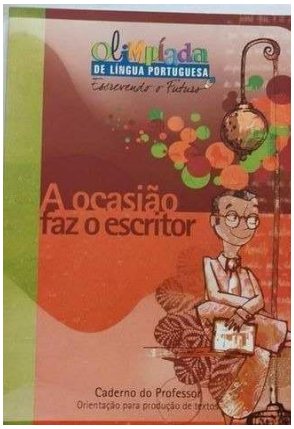
Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br

A predileção das produções para o concurso das *Olimpíadas de Língua Portuguesa*, imagens 4 e 5, são as crônicas literárias e a capacidade de transformar até tragédia em coisas belas. Neste estudo, nos interessamos pelas crônicas literárias e também pelas crônicas jornalísticas e, sobretudo, como observado nas produções diagnósticas, pela capacidade dos alunos utilizarem a crítica, a ironia, o humor sarcástico para tratar da verdade, mazelas e indiferença. Esse potencial crítico foi incentivado, e não tolhido, para encaixarem em produções que muito provavelmente não teriam prestígio para a banca de análise na esfera municipal. Então, como nosso propósito é deixar as

identidades livres para fluírem e terem um lugar, uma voz, ser escrita de si mesmo para o outro, sem barreiras, sem preconceito, não entendemos essas produções como um modelo para desenvolver as habilidades de escrita que possam torná-los proficientes na escrita de outros textos e contextos.

A nossa metodologia e técnica de ensino foi pensada justamente para ultrapassar os muros da escola e se efetivar nos múltiplos contextos em que esses alunos estão inseridos, a nível de conhecimento, posição sociocultural, habilidade e atitude. Por outro lado, cada método carrega sua ideologia imbicada a uma teoria. E a nossa teoria, conteúdos, crônicas autorais e forma de pesar a produção não se afinam totalmente com a proposta das *Olimpíadas;* mas, como a escola fez as inscrições e os alunos responsáveis pela produção seriam os alunos do 8º e 9º, sob minha responsabilidade, então fizemos algumas adaptações no projeto.

Figura 11 - Capa do livro das Olimpíadas de Língua Portuguesa.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Inicialmente propus aos alunos outras possibilidades para dar conta dessa duplicidade; então partimos da temática das *Olimpíadas* para primeira produção *O lugar onde vivo*. Já nos "Jogos da Primavera" da escola, que aconteceriam em setembro, eles teriam a oportunidade de produzirem crônicas sobre jogos e vivenciarem a produção de crônica jornalística. Em outra produção, que poderia ser a reescrita das primeiras ou outro tema livre, para o *Show Literário* – evento literário da escola que aconteceu em novembro, eles teriam, novamente, a liberdade nas produções. Dessa forma, o ponto de partida foi engajar os alunos nas influências da cultura local macro, com pesquisa, entrevistas e uma produção no módulo I – para dar tempo participar do concurso e não alterar as atividades previstas na proposta inicial. Os alunos ficaram satisfeitos, mas se interessaram mais pelos dois últimos eventos, porque produziram crônicas com as temáticas com as quais eles tinham mais propriedade.

Figura 12 - Conversa de grupo de whatsApp.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Nesse sentido, antecipei algumas atividades ajustadas à proposta das *Olímpiadas de Língua Portuguesa*, em virtude de conseguir cumprir com a programação, conteúdos e

habilidades da sequência didática programada para este estudo. Com relação à leitura das crônicas, consegui com os colegas, de outras escolas, três coleções dos cadernos de crônicas – figura 6 – e entreguei um exemplar para cada aluno ler antes da aplicação do projeto. Essa estratégia permitiu que os alunos tivessem acesso a vários suportes de publicações das crônicas e o livro de crônicas possibilitou uma simbologia ainda maior, pois, segundo Sá (2005, p. 86), "[...] quando a crônica passa do jornal para o livro, amplia-se a magicidade do texto, permitindo ao leitor dialogar com o cronista de forma bem mais intensa, ambos agora são cúmplices no solitário ato de reinventar o mundo pelas vias da literatura". Os alunos levaram os exemplares para casa para experimentarem essa magicidade e se apropriarem das crônicas publicadas em um livro físico, além de despertar o sentimento de "poder" possuir e ler um livro de crônicas em seu contexto, fora do espaço escolar.

Conforme se observa na figura 7, foi possível disponibilizar, além do caderno de crônicas dos autores consagrados, o caderno de crônicas dos finalistas de 2016, para os alunos vislumbrarem a possibilidade de também fazer parte dessa comunidade de escritores. Como o caderno dos finalistas demandava muitas crônicas, utilizei o recurso digital do grupo de *whatsapp* para encaminhar o documento digitado em formato de PDF, para uma convergência das práticas discursivas digital conectada a *Web*. Isso significa dizer que esse foi um recurso utilizado para diálogos discursivos com os alunos, pois a cultura digital faz parte do cotidiano deles. Utilizei para postar material em PDF, encaminhar crônicas para orientação e reescrita. Esse recurso é amplamente utilizado como ferramenta de ensino e garante um espaço coletivo e individual de comunicação e rápida enunciação, para garantir um melhor desempenho das atividades propostas em vários suportes e acessos.

Como a proposta temática foi *O lugar onde vivo*, eles saíram com a missão de observar os fatos cotidianos da localidade, conversar com as pessoas sobre a dinâmica social da Gamboa e catalogar ditos populares. Os ditos populares serviram de recurso intertextual nas produções, como exemplo da língua em uso, dos locais de diálogos que identificam a forma de se comunicarem e de viver das pessoas dali. Acresce-se que nos envolvemos em pesquisas e entrevistas para buscar dados da cultura histórica local na tentativa de explicar a forma de viver das pessoas mais antigas, compreender as histórias fragmentadas que os meninos ouvem dos avós, pais e pessoas antigas e utilizam como símbolo de tradição. Essas atividades foram documentadas no diário de leitura, explicitadas em sala de aula, no módulo I da sequência didática, e serviram de base para compreensão da cultura de tradição da Gamboa.

Nesse meio tempo, acompanhei uma entrevista com uma moradora nascida na Gamboa, há 78 anos, que descreveu a formação cultural e mudanças que observou ao longo dos seus

anos, mantendo a cultura popular viva. Ela fazia parte de grupos de manifestação cultural, principalmente da tradição do Bumba-Meu-Boi. Carinhosamente recordou de como os chamava, pois existiam dois bois, o mais antigo de Tanauê e Cuteu, o mais novo, que já não é tão novo assim. Outras manifestações foram bastante cultuadas, segundo a entrevistada, como a Chegança, o Dondorô, a Zambiapunga, Ternos de Reis, as Lendas, etc. Ainda retratou que antigamente havia abundância de peixes e trabalho para as mulheres na fazenda de piaçava, mas que a sociedade e a cultura mudaram após o declínio da pesca e das fazendas de piaçava. Retratou as consequências das construções desordenadas e degradação de fontes naturais como lagoas e fontes de água potável, bem como a contaminação da água e solo por rejeitos de construção, lixo, falta de saneamento, queimadas e material tóxico utilizado nas plantações e transportados para a água pela chuva. Santos (2013), durante entrevista com outros integrantes da comunidade, relata "Sentimos também nos depoimentos que com o passar dos anos, a produção da atividade pesqueira, concomitante com as crenças nas festas religiosas, diminuíram paulatinamente a cada ano" (p.64). Isso direciona a percepção de que essas mudanças não são recentes. A autora ainda acrescenta, "A introdução de métodos predatórios e caros de pescaria levaram o humilde pescador a adaptar-se a tais mudanças ou, simplesmente, abandonarem seus ofícios, forçando-os a inserirem-se em ramos obscuros" (p.64). Esse relato já direciona a compreensão na mudança cultural e forma de viver das pessoas do local, pois esse ramo obscuro alerta não somente para a pesca predatória, mas também para outras atividades ilícitas.

Jamais esqueceremos aquele olhar saudosista, preso no passado, enquanto expressava um suspiro de como era bom viver na Gamboa, ao contrário de hoje, observando as condições lamentáveis dos jovens entregues às drogas ilícitas, à violência e ao desinteresse pelos estudos ou em preservar a cultura local. Era possível perceber, na fala saudosa da nossa entrevistada, a resistência em considerar o deslocamento das culturas, transferência de sentido e nomear as diferenças. Assim, como descrito por Santos (2013, p. 65), muitos cidadãos lutaram e resistiram "[...] contra as mudanças impostas a eles na tentativa de preservarem sua religiosidade, suas crenças, enfim, sua cultura, mas não tiveram êxito e chegaram ao conformismo e tiveram que se adaptar às circunstâncias atuais". Enquanto ouvíamos aquele paradoxo, suas doces palavras e cantigas, nos transportavam para as festas da época e depois éramos trazidos para observar aquele apelo para que os jovens não deixem a cultura morrer. Por fim, responsabilizou os governantes atuais por permitirem a decadência da cultura local e a separação das famílias que não se unem mais para propósitos comuns.

De certo, foi um relato oral importante para acrescentar aos nossos estudos dados da tradição gamboense[3] e da cultura local que, ao longo dos anos, foi se transformando e dando espaço a novos costumes, formas de sobrevivência e constituição da identidade atual dos estudantes. A sequência a seguir apresenta o percurso metodológico, objetivos de ensino e estratégias que perpassem o pensamento crítico, construtivo e consciente da escrita em forma de crônicas, que está para a comunidade como uma continuidade, um elo entre passado e presente que se fundiram nos discursos dos alunos como forma de viver e ver o mundo engajados socialmente, culturalmente, estrategicamente, através de uma escrita proficiente.

4.1 MÓDULO I – DESENVOLVENDO HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA DO GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA

A metodologia que se inicia a partir deste módulo apresenta uma sequência de ações sistematizadas, com o objetivo de estimular o processo de ensino em função da aprendizagem de leitura e escrita de crônicas em sala de aula. Esse processo foi definido a partir das problemáticas diagnosticadas no contexto social, escolar e pessoal, por instrumentos de pesquisa, observação, questionários e produção inicial. Os métodos e conteúdos trabalhados foram pensados através de práticas decorrentes de concepção social, atividade prática humana no mundo, processo de conhecimento e compreensão da prática educativa social.

Dessa forma, para alcançarmos os objetivos, definimos habilidades específicas que, de acordo ao pensamento de Libâneo (2017, p. 143), "[...] são processos intelectuais necessárias para a atividade mental no processo de assimilação do conhecimento". Para que nossos alunos assimilem o conhecimento e possam aprender a produzir textos, delimitamos habilidades para serem evoluídas ao logo do processo, inter-relacionadas aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), pois entendemos o outro como um todo capaz de construir, modificar e intervir nas práticas da vida social de diferentes formas, até firmar os caminhos para resolver os problemas, participar no desenvolvimento da ciência e tecnologia, além das necessidades básicas humanas. Essa operacionalização em sala de aula está em consonância com o entendimento dos idealizadores deste modelo de sequência didática Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 96), quando afirmam que devemos "[...] criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados [...]", pois

[3] De quem nasce na Gamboa – povoado do arquipélago de Tinharé – município de Cairu.

é a partir dessa variação de atividades com gênero que os alunos desenvolveram as habilidades de escrita, em situações de comunicação diversa.

Neste módulo, desenvolvemos as habilidades de identificar as características do gênero discursivo crônica e as relações entre autor-texto-leitor, bem como a forma de composição, estilo, circulação, contexto e suporte das crônicas e apreciar os valores sociais, culturais e humanos, considerando a autoria e o contexto social "[...] na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar de interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos" (KOCH, 2015, p. 18). Não é à toa, portanto, que os textos e a diversidade de atividades contextuais trabalhados a seguir apresentam uma interação real com os alunos na construção de sentido em suas produções.

4.1.1 A crônica na aula de Língua Portuguesa

5 horas/aulas

Objetivo: Apresentar as características composicionais do gênero discursivo crônica, bem como os recursos textuais de humor e ironia.

Material de apoio: Crônicas impressas, caderno, caneta, lápis, hidrocor, piloto, cartolina colorida e projetor multimídia. Foi ainda utilizado um mural, onde, para construído com chapa de madeirite compensado, tecido, bastão e pistola de cola quente e letras emborrachadas.

Quadro 6 - Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC (BRASIL, 2017)

Conteúdos Conceituais	Conteúdos Procedimentais	Conteúdos Atitudinais	Habilidades BNCC
Conceito, características e construção da crônica com foco no texto e no autor.	Ler e compreender a forma composicional e escrita do gênero discursivo crônica e as relações entre autor-texto-leitor.	Ser autônomo na leitura e compreensão das crônicas, bem como cooperar para que os métodos aplicados sejam aprendidos por todos.	EF69LP47

Intertextualidade	Inferir significados das remissões de outros textos presentes nos textos em análise e produzir textos com esse recurso.	Ser crítico frente aos diálogos intertextuais, respeitando a fonte e o contexto.	EF89LP32 EF69LP43
Ironia	Compreender os recursos de ironia e testar o recurso de ironia nas crônicas literárias.	Respeitar o outro quanto aos efeitos maléficos da ironia.	EF89LP37

Fonte: Dados de pesquisa, própria da autora.

Assim, temos aqui o marco inicial de retorno das nossas atividades que foram iniciadas no diagnóstico e, enquanto os alunos faziam a pesquisa local e liam os cadernos de crônicas das *Olimpíadas de Língua Portuguesa*, em casa, retomei do momento do diagnóstico e, assim, iniciei uma análise das produções dos alunos dessa fase, com o auxílio do projetor multimídia. Então, apresentei as tabelas de análises dos grupos e as análises das primeiras produções. Ao passo que as análises iam se desdobrando, os alunos responsáveis pelos textos ficavam emocionados.

Lembro-me da expressão de uma aluna surpresa com a análise que fiz do seu texto e até exclamou que teria mais cuidado com sua escrita, pois seu texto poderia revelar facilmente seus sentimentos a partir de uma boa leitura e análise. Outros alunos ficaram tristes por não terem conseguindo atingir a composição do gênero ou não terem se esforçado para eliminar os problemas relacionados à coesão textual. Deixei que eles se expressassem e refletissem sobre a primeira produção e as próximas e, ainda, alertei que eles poderiam chegar a lugares inimagináveis com a escrita, a partir das habilidades desenvolvidas neste projeto.

Na sequência, apresentei as habilidades que pretendia desenvolver, e eles, a princípio, entreolhavam-se desacreditados, até considerando impossível produzir o gênero e atender as demandas de conteúdos e habilidades. Dessa vez, tranquilizei-os afirmando que eles nem iriam perceber que estariam imbuídos dessas atividades, pois iríamos viver de verdade a produção escrita.

Prosseguimos conversando até que coloquei a música *Bachianas Brasileiras* de Heitor Villa-Lobos, em som ambiente, e pedi que eles fechassem os olhos e fixassem uma imagem, uma sensação, um sentimento e os alunos reagiram dizendo que a música despertava tristeza, melancolia, tédio, dentre outros sentimentos dessa natureza. Então, abri uma caixa com recortes

de cartolinas coloridas, hidrocor e piloto e pedi que eles escolhessem uma cor e escrevessem uma palavra que expressasse os sentimentos deles em relação à escrita ou um sentimento que motivasse a escrita. Cada um escreveu uma palavra e explicou um pouco o seu sentimento. Os sentimentos retratavam cenas do seu cotidiano, de amores perdidos ou idealizados, sonhos despedaçados ou virtualizados que causavam medo, ódio, paixão, decepção, tristeza, alegria, ansiedade, vazio, amor, ilusão, dentre outros que não sabiam explicar porque sentiam e daquela forma. Expliquei que esses sentimentos não eram problemas para escrever, ao contrário, nos davam munição e criatividade. Até contei relatos de alguns poetas brasileiros que viviam o ócio, o desprezo, a humilhação, a dor, o abandono, amores não correspondidos e paixões proibidas como fonte de inspiração para escrever. Acredito que uma parte disso vem da minha imaginação criadora, pois minhas melhores criações poéticas saíram juntas com uma dor, um sofrimento que parecia destruir-me por inteira.

Deixamos os recortes um pouco de lado e partimos para a releitura das crônicas trabalhadas no diagnóstico *Amor é prosa, sexo é poesia*, *Sobre o amor* e *Descobertas*, porém, antes animamos o ambiente com a música *Amor e sexo* de Rita Lee. Foi preciso ler novamente, retomar o diagnóstico para prosseguir e, de acordo com Sá (2005, p. 79), "A partir da segunda leitura, a carga emotiva da crônica já nos atinge com maior profundidade. Aguçando a malícia, começamos a perceber de que forma se escreve a história de um indivíduo [...]" e certamente foi uma abordagem apropriada, pois os alunos acionaram outros sentidos que não conseguiram na primeira abordagem. Então, fizemos uma breve análise da música e a ouvimos novamente a pedido dos alunos. Entreguei as cópias das crônicas e uma atividade de análise comparativa. Como eles já conheciam as crônicas, a leitura fluiu normalmente, de forma dinâmica entre eles. Pedi que respondessem individualmente para discutirmos e eles respondiam e conversavam sobre o assunto uns com os outros, principalmente, nas questões pessoais sobre namoro e se os pais conversavam sobre esse assunto com eles. Ouvia as discussões entre eles e não intervia, só sorria de uma forma que eles me perguntavam o que eu queria dizer, mas ainda não era o momento de tecer comentários sobre esse assunto com eles. Então, elegemos uma crônica para colocar no mural junto com as palavras temáticas que eles escreveram, e a eleita foi *Descobertas.*

A escolha da minha crônica como modelo para compor o mural confirma as minhas suspeitas iniciais em relação à influência das produções do professor sobre os alunos, e suscita, como denomina Koch (2015, p. 21), o "projeto de dizer" como elemento fundador na participação ativa do interpretador, no ato de entender e construir sentido nas relações contextuais e como a autora denomina ao acrescentar que "Produtor e interpretador do texto

são, portanto "estrategistas", na medida em que, ao jogarem o "jogo da linguagem", mobilizam uma série de estratégias – de ordem sociocognitiva, interacional e textual – com vistas à produção de sentido" (p.21). É por essa razão que desenvolver a produção de sentido e produção textual tendo a autoria textual como elemento enunciativo é criar um "jogo de linguagem" que "[...] vem da produção para leitura e desta retorna à produção" (GERALDI, 2013, p. 188), assim como foi desenvolvido aqui o nosso circuito de produção.

Figura 13 - Mural produzido pela professora para aplicação do projeto

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Como se pode notar na figura acima, a crônica *Descobertas* seguiu exposta no mural da sala e, na medida em que íamos trabalhando com outras crônicas, trocávamos por uma mais recente. Depois foram substituídas pelas crônicas autorais dos alunos. Dessa forma, não só os alunos da turma tiveram acesso aos textos, mas os alunos de outros turnos que frequentam a mesma sala, professores e funcionários.

Foi interessante notar que durante as discussões sobre as análises textuais e respostas escritas nas atividades discursivas, os alunos estavam preocupados em escrever bem e bonito (caligrafia arrumada e legível), pois se tratava de um instrumento de análise e, posteriormente, de exposição. Eles não queriam errar e nem fazer feio, motivos pelos quais decidiram escrever a lápis. Considerei essa atitude interessante como método para reescrita, pela preocupação de fazer um rascunho a lápis para depois escrever melhor. Vale a pena salientar que esse processo é importante, pois demonstra que os alunos compreenderam e se comprometeram com o método, pois "[...] se escreve para um interlocutor e que a compreensão do que foi dito demanda

que não faltem informações, que a letra esteja legível, que não haja problemas de formatação da escrita que comprometam a construção da interlocução" (VAL, 2008, p. 73). Então, incentivei a prática de reescrita das atividades como uma condição reflexiva de construir um plano textual para as produções das crônicas, apesar desse método demandar mais tempo no processo de passar tudo de caneta e entregar as atividades para análise, pois as questões eram extensas e demandavam tempo.

Deve-se ressaltar que durante todo o processo de leitura, releitura e análise, os alunos participaram das discussões e faziam perguntas diversas e a análise fluiu muito bem, até porque o tema era de interesse deles, ou melhor, fazia parte dos conflitos atuais dos adolescentes. Como descreve Cosson (2018, p. 73), essa forma de leitura *contexto-leitor* cria paralelos entre o texto e quem lê busca pontos de intersecção com a sua história de vida, com as informações da obra e sua vivência, e isso faz com que o leitor se identifique de tal forma a tomar para si como um testemunho indireto. Nessa linha, os alunos também perceberam as características composicionais do gênero discursivo e entenderam que a produção nasce de fatos corriqueiros do cotidiano e que eles precisam observar mais os acontecimentos ao seu redor ou olhar para dentro de si. Como a crônica é temporal, e eles moram numa ilha que em pouco tempo tudo se sabe e os acontecimentos precisam ser relatados no momento certo para manter a relevância informativa, pedi que eles escrevessem qualquer fato que considerassem dar uma boa crônica para melhorarmos em sala de aula.

Eles também foram levados a observar a linguagem simples e coloquial das pessoas e transportaram para o papel a riqueza da forma de dizer local, para criar um elo comunicativo importante e se fazer entender pelos leitores. Outro fator importante foi adequar a utilização da ironia e do humor, pois eles utilizam esses recursos para escrever apenas para um grupo limitado de participantes da narrativa e outros leitores não compreenderiam o que eles queriam dizer. Deixei a crítica aberta em relação aos aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos, contanto que não utilizassem linguagem de calão ou nomes de pessoas, para não prejudicar as inter-relações entre elementos da mesma comunidade.

Esse processo ajudou os alunos a compreenderem as principais características e processos de construção do gênero crônica, bem como os fatos cotidianos que o constituem. Os alunos pesquisaram a biografia dos autores das crônicas estudadas, leram crônicas de outros autores em outros suportes, a exemplo de livros, jornais, revistas e internet, observando quem produziu, para quem e com que finalidade. Os alunos também foram estimulados a fazerem curadoria das temáticas em outras fontes. Nesse contexto, os alunos foram avaliados quanto à participação em todo processo.

4.1.2 “O lugar onde vivo”

10 horas/aulas

Objetivo: Escrever crônicas para as *Olimpíadas de Língua Portuguesa.*

Material de apoio: Livros de crônicas das Olimpíadas, roupas e acessórios para performance em apresentações, celular para gravar entrevistas, filmar, fotografar.

Quadro 7 - Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC (BRASIL, 2017)

Conteúdos Conceituais	Conteúdos Procedimentais	Conteúdos Atitudinais	Habilidades BNCC
Processo de construção das vozes sociais e culturais da crônica autor-texto-leitor.	Ler e Compreender a forma composicional de escrita do gênero crônica, realizar pesquisa de campo, fazer escuta na comunidade, gravar entrevista oral sobre a tradição cultural local.	Preservar valores humanos, sociais e culturais da comunidade onde vive.	EF69LP44
Intertextualidade	Utilizar ditos populares coletados na comunidade como recurso intertextual de identificação local nas produções escritas.	Respeitar as crenças e sentimentos expostos na forma de dizer dos falantes da comunidade diante das variações linguísticas encontradas.	EF89LP32 EF69LP43

Fonte: Dados de pesquisa, própria da autora

Neste tópico retomei a pesquisa local, cobrei os relatos escritos da pesquisa de campo em escuta da comunidade e os ditos populares[4] coletados. Os alunos apresentaram em sala de aula e foi um momento descontraído e carregado de sentido, pois eles explicavam o significado das expressões na comunidade. Alguns eram bastante conhecidos como “Filho de peixe, peixinho é”, “tal pai, tal filho”, “Deus ajuda quem cedo madruga”, “A pressa é inimiga da perfeição” “tudo que se faz de forma apressada, tende a sair mal feito”, porém os alunos foram incentivados a apresentar nas crônicas expressões ainda mais particulares para ser referência

[4] Ditos populares, segundo os nossos antepassados, são expressões de conhecimento popular que se baseiam no senso comum e são passadas de geração para geração, e expressam conhecimentos que reflete a identidade cultural local dos falantes.

cultural. Depois das apresentações, iniciamos as discussões sobre as crônicas dos Cadernos de Crônicas que eles levaram para casa. A primeira crônica lida foi *A última crônica* de Fernando Sabino. A unidade temática dessa crônica gira em torno da busca do autor por inspiração para escrever uma crônica, algo pitoresco ou ordinário do cotidiano das pessoas, até que se depara num botequim com uma família que estava comemorando o aniversário da filha da forma mais simples e sublime possível, com um pedaço de bolo e uma garrafa de Coca-cola.

Os alunos foram levados a refletirem sobre o sentido da crônica e como o autor vai construindo-a a partir de um fato cotidiano banal com poucos personagens, espaço reduzido, fatos corriqueiros que eles poderiam presenciar em qualquer lugar. Foi interessante a metalinguagem de utilizar a crônica para falar da composição da crônica. Pedi que os alunos fizessem análise da crônica e me deparei com várias críticas em relação aos termos utilizados pelo autor para se referir à menina/aniversariante, de "negrinha" e aos pais de "casal de pretos" e no mesmo trecho a ênfase a uma garrafa de Coca-cola. Eles consideraram o termo pejorativo e racista e logo fizeram associação entre a menina e a garrafa de Coca-cola (negrinha/preto).

A partir dessa analogia que eles fizeram e persistência em considerar o autor racista, percebi o quanto isso os incomodava. Durante as discussões, notei que as pessoas utilizam a cor da pele para diferenciá-los e, de acordo ao pensamento de Carvalho Filho e Nascimento (2018, p. 242), "O que realmente define que uma pessoa seja "escura" e outra "clara" não é algo natural, algo contido apenas no corpo, mas uma convicção cultural e social baseada em estereótipos e noções de interiorização de uns grupos humanos em relação ao outro".

Partindo desse princípio, falamos sobre a questão de identidade e sobre a diferença entre raça, cor, etnia e como as pessoas culturalmente utilizavam os estereótipos para manipular as classes populares. Foi um diálogo rápido, mas necessário e daí consideramos o tempo em que a crônica foi publicada, pois provavelmente nos dias atuais, com as legislações existentes e as discussões étnico-raciais tão em evidência, muito provavelmente o autor não se expressaria dessa forma, no entanto, a escrita literária permite enfatizar alguns termos e não deve ter sido a intenção do autor manifestar-se de maneira racista.

Outros alunos fizeram observações sobre o culto em torno de um pedaço de bolo para não deixar passar em branco o aniversário e a felicidade da filha. Essa atitude contagia os alunos e traz a lembrança de outras histórias que eles consideraram relevantes, como o amor, carinho, respeito, dentre outros valores que unem a família. Pedi que os alunos anotassem essas sensações no diário de leitura; e nesse sentido, Cosson (2018, p. 122) orienta que "[...] o diário de leitura é um registro das impressões do leitor durante a leitura [...]" do livro, do texto, das dificuldades de compreensão de determinadas palavras, bem como "[...] evocação de alguma

vivência, relação com outros textos lidos, apreciação de recursos textuais, avaliação da ação das personagens, identificação de referências históricas [...]", dentre muitas outras possibilidades que os alunos considerarem pertinentes para aproximá-lo do texto, pois é um recurso necessário para que os alunos sintam-se seguros quanto aos elementos que compõem uma crônica.

A última crônica

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu quereria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês.

> O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.
>
> São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiando, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.
>
> Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.
>
> Fonte: (SCHLATTER; LAGINESTRA; PEREIRA, 2019, p. 32)

No encontro seguinte, eles elegeram as crônicas que mais gostaram do Caderno de crônicas das *Olimpíadas de Língua Portuguesa* e fizemos as leituras em sala de aula. Antes da leitura, conversamos um pouco sobre Machado de Assis, descrevi quem foi o autor e sua importância para a literatura brasileira, informando que ele ocupa a cadeira de número 01 da Academia Brasileira de Letras.

Comentei sobre algumas obras de Machado de Assis, bem como a sua forma peculiar de escrever, deixando aparente o psicológico do narrador ao tratar de temas que, na época, eram socialmente censurados, em virtude de descrever mazelas sociais raramente estampadas na literatura, como psicologicamente é ser um "defunto autor" ou compreender as vivências de um burro como se fosse o próprio, na crônica *Um caso de Burro.* Nesta crônica, a unidade temática traz a peleja de um burro idoso na ânsia da morte em praça pública e como as pessoas assistem à essa morte como meros espectadores do fim da vida. A crônica toca o leitor pela composição,

pois o autor narra a trajetória de vida até a morte como se fosse o burro e em dado momento o psicológico de um se funde com o outro, tornando-se um só.

Os alunos ficaram consternados de pensar que os animais também têm sentimentos e são bem tratados no auge da vida e descartados quando não servem mais para trabalhar ou animar o seu dono. Eles fizeram vários relatos sobre fatos em que presenciaram o homem judiando de animal e que eles, assim como Machado, viam no olho do animal o sofrimento e pedido de socorro. Entenderam a fragilidade da vida, pois, assim como agem com os animais, muitas vezes, as pessoas são meras espectadoras do sofrimento do outro.

Os alunos comentaram, inclusive, sobre a forma desumana como, atualmente, as pessoas se comportam, fotografando ou filmando as vítimas de acidentes sem se importarem com a vida ou sentimento do outro. Manifestaram a necessidade de ser solidário e empático, ao invés de apenas registrar aquele momento trágico e, muitas vezes, fatal. Assim, eles compreenderam outro fato cotidiano que, a outros olhos, seria irrelevante e poderia passar despercebido se não fosse o olhar sensível do autor. Os alunos foram incentivados a escreverem as sensações em forma de relato no diário de leitura, abordando outros fatos cotidianos.

Um caso de burro

Machado de Assis

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que é que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos.

Meia dúzia de curiosos tinham parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para esperta-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez - ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra

valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

"Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburi ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade."

"Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direito não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regímen, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordia o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburi ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei."

"A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburi e o namorado à casa da namorada - ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia no bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim ..."

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contente da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam, não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.*

Fonte: (SCHLATTER; LAGINESTRA; PEREIRA, 2019, p. 68).

Os alunos escolheram outra crônica com a temática do amor, *O amor acaba*, de Paulo Mendes Campos. Nessa crônica, o autor discorre sobre a fragilidade do amor e as múltiplas formas e lugares em que o amor pode acabar, dos mais comuns às esquinas de Paris, Londres, Nova Iorque, basta o coração se "dilatar e quebrar". Então, lemos a crônica e, como de costume, o amor é um tema que desperta atenção e gera discursões calorosas, pois os alunos estão na fase de "experimentar" esse sentimento, parecem sempre estar em busca de um manual de instruções sobre o amor ou um antídoto para neutralizar os efeitos dele ou, de outra maneira, para curar a dor de uma perda. É a arte literária da descoberta de si através do outro no texto. Essa é a grandeza humanística da cultura literária, que coloca os corpos no jogo discursivo para se complementarem. Os alunos foram levados a anotar todas as sensações e percepções para serem utilizadas como recursos nas produções.

O amor acaba

Paulo mendes Campos

O amor acaba. Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra um automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinzas o escarlate das unhas; na acidez da aurora tropical, depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio; e acaba o amor no desenlace das mãos no cinema, como tentáculos saciados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de solidão; como se as mãos soubessem antes que o amor tinha acabado; na insônia dos braços luminosos do relógio; e acaba o amor nas sorveterias diante do colorido iceberg, entre frisos de alumínio e espelhos monótonos; e no olhar do cavaleiro errante que passou pela pensão; às vezes acaba o amor nos braços torturados de Jesus, filho crucificado de todas as mulheres; mecanicamente, no elevador, como se lhe faltasse energia; no andar diferente da irmã dentro de casa o amor pode acabar; na epifania da pretensão ridícula dos bigodes; nas ligas, nas cintas, nos brincos e nas silabadas femininas; quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia, onde o amor pode ser outra coisa, o amor pode acabar; na compulsão da simplicidade simplesmente; no sábado, depois de três goles mornos de gim à beira da piscina; no filho tantas vezes semeado, às vezes vingado por alguns dias, mas que não floresceu, abrindo parágrafos de ódio inexplicável entre o pólen e o gineceu de duas flores; em apartamentos refrigerados, atapetados, aturdidos de delicadezas, onde há mais encanto que desejo; e o amor acaba na poeira que vertem os crepúsculos, caindo imperceptível no beijo de ir e vir; em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero; nos roteiros do tédio para o tédio, na barca, no trem, no ônibus, ida e volta de nada para nada; em cavernas de sala e quarto conjugados o amor se eriça e acaba; no inferno o amor não começa; na usura o amor se dissolve; em Brasília o amor pode virar pó; no Rio, frivolidade; em Belo Horizonte, remorso; em São Paulo, dinheiro; uma carta que chegou depois, o amor acaba; uma carta que chegou antes, e o amor acaba; na descontrolada fantasia da libido; às vezes acaba na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes; e muitas vezes acaba em ouro e diamante, dispersado entre astros; e acaba nas encruzilhadas de Paris, Londres, Nova Iorque; no coração que se dilata e quebra, e o médico

sentencia imprestável para o amor; e acaba no longo périplo, tocando em todos os portos, até se desfazer em mares gelados; e acaba depois que se viu a bruma que veste o mundo; na janela que se abre, na janela que se fecha; às vezes não acaba e é simplesmente esquecido como um espelho de bolsa, que continua reverberando sem razão até que alguém, humilde, o carregue consigo; às vezes o amor acaba como se fora melhor nunca ter existido; mas pode acabar com doçura e esperança; uma palavra, muda ou articulada, e acaba o amor; na verdade; o álcool; de manhã, de tarde, de noite; na floração excessiva da primavera; no abuso do verão; na dissonância do outono; no conforto do inverno; em todos os lugares o amor acaba; a qualquer hora o amor acaba; por qualquer motivo o amor acaba; para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba.

Fonte: (SCHLATTER; LAGINESTRA; PEREIRA, 2019, p. 60).

Como os alunos ficaram curiosos para conhecerem as manifestações culturais relatadas nas entrevistas dos moradores, pedi que eles pesquisassem mais um pouco e apresentassem essas manifestações em sala de aula. Então fiz o sorteio e cada grupo ficou com uma manifestação cultural para apresentar os aspectos culturais e simbólicos. Após duas semanas de pesquisas, leituras e ensaios, os alunos estavam preparados para narrar essas histórias em sala de aula. Ensaiaram músicas, danças, cantigas e contaram as histórias que ouviram sobre as manifestações culturais locais. Essas manifestações fazem parte do imaginário da comunidade, sendo um elo entre o passado e o presente.

Nessa atividade, os alunos conheceram um pouco da cultura popular e do imaginário local que fazem parte do arcabouço histórico do lugar onde eles vivem. “Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição” (BHABHA 2013, p. 17). É bem verdade que os alunos não conseguiram encenar as manifestações com todos os ritos de tradição, mas levaram para sala de aula uma ideia de como era a cultura do passado, para recriar um dialógo entre o afastamento temporal e diferença em relação às identidades modernas.

Na figura 14, página seguinte, os alunos estão encenando as cantigas de roda e a dança do Bumba-Meu-Boi. A partir da pesquisa local os alunos descobriram a história dos dois Bois da Gamboa, que alegravam as festas nas ilhas de Morro de São Paulo, Gamboa, Garapuá e Galeão e tentaram levar para a escola, mas não foi permitido. Os moradores apresentavam a história da força e soberania do boi em relação à fragilidade do homem, dentro de um enredo de comédia, drama e tragédia. Segundo relato dos componentes do grupo, a manifestação perdeu força porque muitos componentes do grupo foram envelhecendo, morrendo e levando essa tradição com eles.

Na figura 15, as meninas estão encenando o Dondorô. Uma manifestação católica em homenagem a São Gonçalinho, padroeiro das gentes da Beira-Mar. O ponto alto dessa manifestação é a dança dos mancos. Os participantes entoam a cantiga ao som do timbal – um tambor de origem africana – e cantavam assim: “São Dondorô Gonçalinho e a folha voou, São Gonçalinho...e a canoa virou...” (SANTOS, 2013, p. 51) com sinos nas mãos e saltitando São Gonçalinho Dondorô. Uma solicitação para pedir sorte para os que sairiam para o mar. Essas cantigas eram realizadas na porta da igreja como forma de ritual e passagem do ramo de flores ou enquanto os que pagavam promessas jogavam doces da capela.

Na figura 16, eles apresentaram a Chegança ou Marujada, manifestação cultuada também na região, que conta as façanhas marítimas dos portugueses e dos mouros. Os homens se vestiam de marujos e, com instrumentos musicais, apresentavam as lutas, vitórias e naufrágios que ocorriam no mar. Um morador afirmou, em relato oral para Santos (2013, p. 50), que “[...] essa tradição é passada de pai para filho e que sua apresentação dura cerca de duas horas, não obedecendo mais o ritual das festas populares”, ou seja, eles ainda fazem a apresentação, mas com outras regras e elementos que fogem à tradição da manifestação.

Na figura 17, um dos alunos fez as máscaras que representam a Zambiapunga, manifestação folclórica que faz parte do Patrimônio Imaterial do Baixo Sul da Bahia e traz

Figura 14 - Foto de apresentação em sala.

Figura 15 - Foto de apresentação em sala.

Figura 16 - Foto de apresentação em sala.

Figura 17 - Fotos das máscaras Zambiapunga.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

Imagens autorizadas pelos responsáveis dos alunos.

a herança dos negros trazidos de Congo e Angola, escravizados nos serviços agrícolas aqui no Brasil. Os alunos encontraram relatos que há muitos anos essa manifestação era cultuada pelos povos antigos da Gamboa, mas atualmente só há apresentações da manifestação por um grupo de Nilo Peçanha – BA.

Durante as apresentações, os alunos manifestaram o desejo de realizar um estudo mais detalhado para se apropriarem da tradição, passarem para outras gerações e não deixarem a cultura local morrer. Outras manifestações como Ternos de Reis e Os Caretas fazem parte dessa cultura imaterial que, assim como todas, vivem à margem da cultura popular local, esquecida, pelo fato das autoridades não se empenharem em manter viva. Como este estudo não abarca essa proposta, ficamos de realizá-la em outro momento. Durante este estudo, os alunos descobriram nas histórias das manifestações culturais o enredo dos primeiros povos que habitaram a ilha e influências europeias, africanas e indígenas na região. No final dessa etapa, eles apresentaram os ditos populares coletados, bem como o relato escrito de tudo que ouviram, vivenciaram e apresentaram. Então, partimos para a primeira produção.

Depois orientei a preparação para a primeira produção de crônicas para atender às *Olimpíadas de Língua Portuguesa*. Assim, antecipadamente pedi que os alunos fizessem em casa um relato escrito e reflexivo no diário de leitura, com foco no tema *O lugar onde vivo*, com os dados da pesquisa local, os ditos populares e percepção dos conteúdos trabalhados. Na sala de aula, cinco alunos fizeram a leitura e depois partimos para produção. Os alunos produziram textos com temáticas diversas, a partir do seu olhar pessoal para as questões sociais do lugar onde vivem. Fizemos as leituras coletivamente em sala de aula e as adequações para digitação. Os alunos passaram as produções para o diário de leitura (reescrita) e depois digitaram e enviaram pelo *whatsapp* para orientação e reescrita.

4.1.3 O gênero crônica em debate

5 horas/aula

Objetivo: Discutir temáticas conflituosas do cotidiano do aluno com a comunidade.
Material de apoio: Crônicas impressas, papel, caneta, tinta guache, papel metro, pincel, cola, fita adesiva, imagens, bolas vermelhas em forma de coração, preservativos, toalha de mesa, café, biscoitos, água.

Quadro 8 - Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC (BRASIL, 2017)

Conteúdos Conceituais	Conteúdos Procedimentais	Conteúdos Atitudinais	Habilidades BNCC
Crônicas literárias.	Construir um painel de sentimentos, organizar a mesa-redonda e convidar integrantes da comunidade para dialogar sobre as temáticas, pesquisar sobre os temas, discutir os conflitos de amor e sexo na mesa-redonda.	Respeitar a experiência dos pais em relação ao tema namoro na adolescência. Ponderar sobre os motivos que levam os pais a não tratarem desses assuntos com eles. Ser consciente de que praticar sexo sem planejamento pode provocar uma gravidez indesejada na adolescência. Preocupar-se com outras consequências do sexo sem planejamento, como adquirir doenças sexualmente transmissíveis.	EF69LP13 EF69LP14 EF69LP15 EF69LP44 EF69LP47 EF89LP12 EF89LP33

Fonte: Dados de pesquisa, própria da autora (2019)

A adolescência é um processo de mudanças e conflitos. Nessa fase, os adolescentes vivem em desordens com as mudanças físicas e emocionais, com consequência nas suas escolhas, no que valorizam e na tomada de decisão. De acordo com Feijó (2007, p. 16), eles passam a viver relacionamentos com outros jovens por terem conflitos semelhantes, alheios ao controle psicológico dos pais. Nesse sentido, há uma busca da identidade pessoal e da realização de desejos, pois "O adolescente vive a descoberta da sexualidade, isso excita e fascina ambos os sexos, de forma diferenciada [...]" (FEIJÓ, 2007, p. 22). Essas questões fazem parte do cotidiano dos alunos e os conflitos desembocam no contexto escolar e sempre são abordados em sala de aula em questionamento aos professores. Porém, no sentido mais amplo, a sexualidade está ligada à promoção da saúde, então é dever da escola e da família promover ações de orientação, tanto sexual quanto emocional, para que os jovens desenvolvam a responsabilidade pessoal dos cuidados com o seu corpo.

A BNCC (BRASIL, 2017) assegura essa abordagem na disciplina de Ciências, nos anos finais, com ênfase em reprodução, sexualidade e condições de saúde. Nesse sentido, é importante que os alunos estejam preparados para "interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança de seu próprio corpo" (BRASIL, 2017, p. 325). Apesar dessa orientação estar para ser abordada na disciplina de Ciências, nada impede que professores de outras áreas adaptem a temática para um trabalho interdisciplinar, com a finalidade de ajudar os adolescentes a assumirem "o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva" (BRASIL, 2017, p. 325). A escola tem esse papel de educar para a vida, de mostrar aos alunos a responsabilidade do Estado e das políticas públicas na promoção da saúde da família e da comunidade.

Uma aluna de 17 anos relatou que foi buscar preservativo no Posto de Saúde local, para apresentar na aula (mesa-redonda), e a enfermeira informou que só com a presença dos pais e que a abordagem deveria ser educativa no sentido de esclarecer sobre doenças, proteção, a fim de desenvolver condições propícias à saúde. A aluna disse que só foi buscar porque era para aula, pois se fosse para proteção pessoal, não teria coragem, porque os pais seriam informados e que isso explicaria o motivo pelo qual muitas adolescentes entre 13 e 15 anos estão grávidas e com dificuldade de se manterem frequente na escola.

É possível encontrar no Documento Curricular Referencial da Bahia (BAHIA, 2019) orientações para auxiliar os alunos quanto à "autoproteção e proteção dos pares contra Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e/ou gravidez não planejada" (p. 74). O documento ainda faz referência aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) para explicar que a temática da sexualidade vem sendo tratada como tema transversal há 26 anos e ainda é um tabu entre a comunidade escolar e social. A intervenção para tratar essa temática, neste estudo, surgiu a partir das discussões no diagnóstico com o tema *Amor e sexo* e da necessidade de adaptar os conteúdos atitudinais, orientando os conflitos típicos da idade em manutenção dos valores, atitudes e normas para viver bem em sociedade. O enfoque aqui foi de cunho coletivo, informativo, orientação para os impactos sociológicos, psicológicos e fisiológicos da sexualidade e, por ter formação na área de saúde, orientei as pesquisas apresentadas e as falas, mas deixei o protagonismo das apresentações a cargo dos alunos.

No que diz respeito às orientações previstas na BNCC (BRASIL, 2017, p. 143), os alunos precisam engajar-se em soluções "[...] relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social". E nesse sentido, debater com os

colegas e professores, buscando "[...] em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma" e, ainda "Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos". Assim, de modo geral, as questões polêmicas de interesse dos alunos, precisam ser debatidas em sala de aula e estão amplamente embasadas nos documentos de referência oficial.

As discussões calorosas sobre amor e sexualidade das crônicas renderam bastante assunto na mesa-redonda, apesar de não atender à proposta inicial que defendia um debate entre alunos e pais, outros professores, pessoas da comunidade, representantes da área de saúde, psicólogos, psicopedagogos etc. A intenção era expor os resultados dos questionamentos feitos no início dos estudos, para que eles fossem inquiridos pelos adolescentes, que estão constantemente em busca de respostas para problemas do cotidiano e, muitas vezes, são informados por experiências de terceiros ou em *sites* da internet. Porém, os alunos preferiram convidar para as discussões outras amigas do Ensino Médio, com mais experiências para tratar do assunto. De início, até imaginei que eles não tiveram tempo para fazer o convite ou as pessoas não desejariam participar. Mas, durante as resoluções de atividades, algumas perguntas relacionadas a conversas com os pais sobre sexualidade, os alunos relataram que não havia diálogo com os pais nesse sentido, então entendi que eles ficaram apavorados em convidar seus genitores ou outros adultos para essa discussão na escola, certamente por medo de expor inquietações. Apuramos abaixo algumas falas relatadas na questão cinco do Apêndice A:

> **E2 –** Sim, porque hoje em dia os pais têm vergonha de conversar com os filhos ou até os próprios filhos;
> **E4 –** Muitos pais não conseguem falar desse assunto com os filhos. Os pais deveriam conversar com seus filhos;
> **E6 –** Acho porque da cultura familiar. Os pais terem uma relação mais aberta com os filhos;
> **E8** – Acho que na idade certa os pais deveriam esclarecer sobre isso, pois é uma coisa normal;
> **E11** – Eu acho que o filho que tem vergonha de falar a sua situação, pais e filhos deveriam não ter constrangimento e ter mais diálogo;
> **E12** – Sim, muito comum! Eu aprendi mais sobre sexo com amigas de classe. Nunca conversei sobre isso com minha mãe, o que eu acho bem errado;
> **E16** – Mas acho comum. Se os pais quebrassem esse medo de conversar sobre isso com os filhos;
> **E19** – Não considero comum que os pais conversem mais com seus filhos e que não proibissem, só aconselhassem;
> **E20** – Na idade certa os pais deveriam falar sobre o assunto;
> **E29** – Eu perguntaria para uma pessoa de confiança;
> **E30** – Eu acho comum, mas não é normal. Eu acho que os pais devem ter uma boa comunicação com os filhos para que assim haja confiança;

Nessa perspectiva, em consonância com o pensamento de Feijó (2007, p. 59), “A falta de diálogo deixa os jovens desprovidos de informação sobre a sexualidade, o que pode resultar em prática sexual pouco refletida”. Além disso, quando os pais e a escola se omitem a tratar sobre o assunto como algo normal, fruto do desenvolvimento biológico em que eles não conseguem controlar e não sabem como lidar, eles têm a sensação que ninguém se importa com a causa deles, tampouco com as decisões. E, como se pôde notar, as falas dos alunos configuram exatamente essa lacuna que não está sendo preenchida pela família. Com isso, não nos furtamos ao papel de dialogar sobre a temática mais perturbadora dos adolescentes no contexto de produção textual, com o intuito de minimizar consequências irreversíveis, como, por exemplo, uma gravidez indesejada ou uma doença sexualmente transmissível.

Nessa senda, os alunos se empolgaram com a possibilidade de dialogar sobre essa temática com maior liberdade, então pintaram um painel, arrumaram a sala com bolas vermelhas em forma de coração, levaram ao pé da letra a mesa-redonda e conseguiram uma mesa a caráter, coberta com um pano de mesa, café, biscoitos, enfim, uma recepção digna do tema, como pode ser observada nas imagens ao lado.

Acompanharam as três alunas do ensino médio para mesa e apresentaram as meninas que estavam à vontade em tratar do assunto com eles. Fiquei surpresa com a participação das

Figura 18 - Foto apresentação mesa-redonda

Figura 19 - Foto apresentação mesa-redonda

Figura 20 - Foto apresentação mesa-redonda

Figura 21 - Foto apresentação mesa-redonda

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Imagens autorizadas pelos responsáveis dos alunos.

meninas, pois geralmente, na Gamboa, as meninas, mesmo experientes, não tratam abertamente desses assuntos em sala de aula, contudo, como os alunos não queriam a companhia dos pais, assim como descrito nas falas anteriormente, por não terem diálogos sobre o assunto com eles, acabaram recorrendo a outras amigas.

Para fazer abertura da mesa-redonda, entreguei uma cópia aos participantes das crônicas *Ter ou não ter namorado*, de Fernando Sabino e *Fizeram a gente acreditar que amor...* de Martha Medeiros e fiz a leitura com acompanhamento de todos. Na sequência, utilizei o título para perguntar para as convidadas *Ter ou não ter namorado?* e elas responderam sorrindo que sim e, logo em seguida, acrescentaram "mas com responsabilidade". Essas palavras já me tranquilizavam, visto que ansiava por diálogos mais maduros.

Depois perguntei se os diálogos presentes nas crônicas de Martha Medeiros estavam de acordo ao pensamento delas sobre a forma que a sociedade idealiza o amor e elas responderam que sim, acrescentando outras idealizações de acordo com a cultura local. Então, passei a palavra para os moderadores das equipes que discutiram sobre *Sexo na adolescência*, *Gravidez na adolescência*, *Métodos contraceptivos*, *Doenças sexualmente transmissíveis*. Uma das alunas levou uma banana da terra para simular a utilização da camisinha, mas como não tinha habilidade passou a palavra para mim e para as componentes da mesa. Após apresentação e simulação, abrimos o debate para perguntas e todos tiraram suas dúvidas com as convidadas. No final do debate, compreenderam a necessidade do diálogo com a família, pois eles ainda não estão preparados para assumirem quaisquer eventualidades decorrentes da falta de informação e da prática sexual sem planejamento.

A crônica *Ter ou não ter namorado*, de Fernando Sabino, traz uma reflexão em torno da responsabilidade do namoro de verdade e dos encargos que essa responsabilidade pode acarretar aos adolescentes, além do valor de ter prazeres com fatos corriqueiros do cotidiano da relação com a pessoa amada, desde o andar de mãos dadas, ir ao cinema, ouvir música juntos etc. Essas ações citadas por Sabino foram importantes para eles entenderem que namorar não é fazer sexo, mas a proibição do namoro faz com que eles namorem escondidos e pratiquem sexo sem responsabilidade e não sintam o prazer de namorar e fazer coisas legais com a pessoa amada, possibilidades que ultrapassam o ato sexual e que verdadeiramente têm o potencial de unir os casais.

O autor incentiva esse tipo de namoro e finda com o termo "Enlou-cresça", pois namorar é enlouquecer, mas crescer ao mesmo tempo. Esse discurso da crônica se afinou com a minha fala em relação ao tipo de "namoro" que eles estão se permitindo, de acordo a cultura familiar, ou restritiva demais, e os adolescentes estão buscando informações às escondidas, cedendo aos

desejos e descobertas, e as meninas acabam engravidando, ou tendo outras frustrações, de não se compreenderem a partir das mudanças do seu corpo, ou sendo demasiadamente permissivas, o que também traz consequências desastrosas. De uma forma ou de outra, é preciso gerenciar essas perturbações psicológicas e emocionais de ordem sexual, pois afetam todo o processo de reconhecimento e equilíbrio. Com essa compreensão, é possível ajudá-los a conviver com as diferenças, a viver com dignidade, preservando a si e ao outro.

As falas das convidadas foram bastante contundentes no sentido de ter preparo emocional antes de um relacionamento. Uma delas frisou "Você não viveu a sua vida inteira sem precisar do afeto de outra pessoa, por que decidirá morrer se a relação com ela não der certo?" Outra acrescentou: "Antes de pensar em amar alguém, vocês precisam se amar primeiro". Isso foi importante, porque muitos alunos ficam depressivos quando os relacionamentos acabam e, às vezes, é com outro colega de turma, isso acaba afetando a todos os colegas da sala. Fechamos a mesa-redonda e os alunos levaram as atividades escritas para analisarem as duas crônicas em casa.

TER OU NÃO TER NAMORADO

Fernando Sabino

Quem não tem namorado é alguém que tirou férias remuneradas de si mesmo. Namorado é a mais difícil das conquistas. Difícil porque namoro de verdade é muito raro. Necessita de adivinhação, de pele, de saliva, lágrima, nuvem, quindim, brisa ou filosofia.

Paquera, gabiru, flerte, caso, transa, envolvimento, até paixão é fácil. Mas, namorado, mesmo, é muito difícil. Namorado não precisa ser o mais bonito, mas aquele a quem se quer proteger e quando se chega ao lado dele a gente treme, sua frio e quase desmaia pedindo proteção. A proteção dele não precisa ser parruda, decidida ou bandoleira: basta um olhar de compreensão ou mesmo de aflição. Quem não tem namorado, não é que não tem um amor: é quem não sabe o gosto de namorar. Se você tem pretendentes, dois paqueras, um envolvimento e dois amantes, mesmo assim pode não ter um namorado.

Não tem namorado quem não sabe o gosto da chuva, cinema, sessão das duas, medo do pai, sanduíche de padaria ou drible no trabalho. Não tem namorado quem transa sem carinho, quem se acaricia sem vontade de virar sorvete ou lagartixa e quem ama sem alegria. Não tem namorado quem faz pacto de amor apenas com a infelicidade. Namorar é fazer pactos com a felicidade ainda que rápida, escondida, fugida ou impossível de durar.

Não tem namorado quem não sabe o valor de mãos dadas, de carinho escondido na hora em que passa o filme, de flor catada no muro e entregue de repente, de poesia de Fernando Pessoa, Vinícius de Moraes ou Chico Buarque lida bem devagar, de gargalhada quando fala junto ou descobre a meia rasgada; de ânsia enorme de viajar junto para a Escócia ou mesmo de metrô, bonde, nuvem, cavalo alado, tapete mágico ou foguete interplanetário.

Não tem namorado quem não gosta de dormir agarrado, fazer cesta abraçado, fazer compra junto. Não tem namorado quem não gosta de falar do próprio amor, nem de ficar horas e horas olhando o mistério do outro dentro dos olhos dele, abobalhados de alegria pela lucidez

do amor. Não tem namorado quem não redescobre a criança própria e a do amado e sai com ela para parques, fliperamas, beira d'agua, show do Milton Nascimento, bosques enluarados, ruas de sonhos e musical da Metro.

Não tem namorado quem não tem música secreta com ele, quem não dedica livros, quem não recorta artigos, quem não chateia com o fato de o seu bem ser paquerado. Não tem namorado quem ama sem gostar; quem gosta sem curtir; quem curte sem aprofundar. Não tem namorado quem nunca sentiu o gosto de ser lembrado de repente no fim de semana, na madrugada ou meio-dia de sol em plena praia cheia de rivais. Não tem namorado quem ama sem se dedicar; quem namora sem brincar; quem vive cheio de obrigações; quem faz sexo sem esperar o outro ir junto com ele. Não tem namorado quem confunde solidão com ficar sozinho e em paz. Não tem namorado quem não fala sozinho, não ri de si mesmo, e quem tem medo de ser afetivo. Se você não tem namorado porque não descobriu que o amor é alegre e você vive pesando duzentos quilos de grilos e de medo, ponha a saia mais leve, aquela de chita, e passeie de mãos dadas com o ar. Enfeite-se com margaridas e ternuras, e escove a alma com leves fricções de esperança. De alma escovada, e coração estouvado, saia do quintal de si mesmo e descubra o próprio jardim. Acorde com gosto de caqui e sorria lírios para quem passe debaixo da janela.

Ponha intenções de quermesse em seus olhos e beba licor de contos de fada. Ande como se o chão estivesse repleto de sons de flauta e do céu descesse uma névoa de borboletas, cada qual trazendo uma pérola falante a dizer frases sutis e palavras de galanteira. Se você não tem namorado é porque ainda não enlouqueceu aquele pouquinho necessário a fazer a vida parar e de repente parecer que faz sentido.

Enlou-cresça.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

A crônica *Fizeram a gente acreditar que amor...*, de Martha Medeiros, trata da forma idealizada do amor, que faz com que as pessoas acreditem em determinados conceitos difusos no imaginário social, capazes de orientarem a nossa crença que o amor de verdade é racionado e só acontece uma vez na vida, que existe uma cara metade perdida em algum lugar, que o relacionamento ideal é aquele que o outro pensa igual a você e gosta de fazer as mesmas coisas. A autora adverte que essas são fórmulas que costumam dar errado e frustram as pessoas. Os alunos conseguiram compreender o ponto de vista da autora, mas alguns afirmaram que ainda preferem idealizar o amor, mesmo com a consequente possibilidade de frustração. Esse sentimento é bastante esperado, pois algumas alunas são criadas a partir da crença do casamento ideal, com a pessoa certa para perpetuar a tradição dos pais ou ser modelo da cultura local.

Fizeram a gente acreditar que amor...

Martha Medeiros

> Fizeram a gente acreditar que amor mesmo, amor pra valer, só acontece uma vez, geralmente antes dos 30 anos. Não contaram pra nós que amor não é racionado nem chega com hora marcada.
>
> Fizeram a gente acreditar que cada um de nós é a metade de uma laranja, e que a vida só ganha sentido quando encontramos a outra metade. Não contaram que já nascemos inteiros, que ninguém em nossa vida merece carregar nas costas a responsabilidade de completar o que nos falta: a gente cresce através da gente mesmo. Se estivermos em boa companhia, é só mais rápido.
>
> Fizeram a gente acreditar numa fórmula chamada "dois em um", duas pessoas pensando igual, agindo igual, que isso era que funcionava. Não nos contaram que isso tem nome: anulação. Que só sendo indivíduos com personalidade própria é que poderemos ter uma relação saudável.
>
> Fizeram a gente acreditar que casamento é obrigatório e que desejos fora de hora devem ser reprimidos. Fizeram a gente acreditar que os bonitos e magros são mais amados, que os que transam pouco são caretas, que os que transam muito não são confiáveis, e que sempre haverá um chinelo velho para um pé torto. Ninguém nos disse que chinelos velhos também têm seu valor, já que não nos machucam, e que existe mais cabeças tortas do que pés.
>
> Fizeram a gente acreditar que só há uma fórmula de ser feliz, a mesma para todos, e os que escapam dela estão condenados à marginalidade. Não nos contaram que estas fórmulas dão errado, frustram as pessoas, são alienantes, e que poderíamos tentar outras alternativas menos convencionais.
>
> www.pensador.com/frase/NDQyOTcw/acesso: 23.01.2019.

Na aula seguinte, discutimos sobre as questões das crônicas *Ter ou não ter namorado* e *Fizeram a gente acreditar que amor é*. Fiquei pensativa com alguns posicionamentos em relação aos pais e à cultura do casamento, do proibido, do pecado e de pensar a partir de determinados padrões sociais, mas satisfeita com a resposta da questão cinco, do Apêndice B, sobre assumir atitudes responsáveis, pois eles entenderam as consequência da falta de responsabilidade e planejamento e decidiram ter atitudes mais ponderadas com relação ao corpo nas relações amorosas.

Após entendimento das atividades, os alunos anotaram as palavras que consideraram incomuns no diário de leitura, para pesquisarem os significados e ampliarem o vocabulário linguístico. Pedi também que eles pesquisassem os autores das crônicas estudadas e criassem um perfil biográfico de cada um deles.

4.1.4 Textualidade e sentido: uma análise das produções dos alunos

As crônicas que compõem o *corpus* a seguir foram produzidas em sala de aula durante a aplicação das atividades do módulo I para atender às exigências do concurso das *Olimpíadas de Língua Portuguesa.* Ressaltamos, todavia, que não se trata de uma produção acabada ou

modelo final que represente a proposta deste estudo, pois ainda não foram desenvolvidas todas as habilidades necessárias para produção final, assim analisamos com os parâmetros textuais a partir da proposta de Antunes (2010), mas não classificamos por nota ou grupos. É uma análise das produções finais que foram escolhidas pelos professores de Língua Portuguesa da unidade escolar, para junto com as produções das outras turmas do 8º ano, representar a escola na fase municipal. É importante salientar que nem todos os alunos escreveram crônicas, muitos escreveram relatos das atividades, dessa forma, apenas os alunos que já conseguiram escrever crônicas, foram orientados a reescrever os textos para adequação final.

Crônica 1

Olhares cotidianos e um pôr do sol inigualável

Anahi[5]

Hoje o dia amanheceu tão diferente. Os pássaros cantarolando o mais alto que podiam e o pôr do sol estava parecendo uma obra de arte. As pessoas caminhando pela praia, falando sobre as coisas da vida, pensando no futuro e como esse dia estava sendo tão maravilhoso. Um dia desses nesse lugar, - Ah! Esse lugar! Aqui a fofoca voa mais rápido do que os pássaros no céu. Esse lugar onde ter um cabelo bem hidratado é sinônimo de paciência. Onde até os coelhos procriam menos que as pessoas.

A Gamboa é realmente um lugar fantástico, um lugar onde você pode encontrar toda a paz que deseja – se você for um turista. Às vezes quem mora aqui pode perder completamente a paciência. Como diz a minha vó: "Você pode ficar com os fios de cabelo completamente brancos".

Morar na Gamboa é algo totalmente diferente de tudo que eu já vivi antes. Eu nunca havia morado em cidades pequenas, muito menos em "ilhas" e ter essa experiência foi/está sendo algo muito diferente e bom para mim. É muito diferente porque não é uma cidade, que todo dia você vê caras novas. É um lugar onde você sabe que quando colocar os pés para fora de casa irá sair andando pelo mesmo caminho, ver as mesmas pessoas e falar as mesmas coisas:

- Oi dona Maria, boa tarde. Tudo bem com a senhora?

- Oi seu Pedro, eu estou bem sim. E o senhor? Acordou melhor das dores?

Morar na Gamboa é isso, é saber exatamente como será a sua rotina. Exceto quando alguém morre, aí sim tudo muda, parece que o clima fica mais tenso, tudo muda de forma. Pelo menos por um dia você não escuta os arrochas repetidos do vizinho, nem vê a dona Maria falando com o seu Pedro sobre a Cláudia, que engordou mais depois que casou com o João. Pelo menos por um dia você vê que exista um luto.

Morar na Gamboa é poder dizer que tem o melhor quintal do mundo, sair de casa e ir em direção ao mar somente para observar as maravilhas de Deus e refletir sobre todas as coisas que você fez no dia. Morar na Gamboa é você ter a consciência de que para alguém não gostar de você não precisa de motivos, às vezes a Vitória só falou para Joanna que você passou por ela e não deu boa tarde. Porém nem tudo são flores, é difícil acordar 6:00h da manhã e ver os

[5] Pseudônimo indígena escolhido pela autora; significa "aquela que tem a voz doce".

homens com o chapéu tão enterrado no rosto que malmente podemos ver os olhos, segurando aquelas gaiolas enormes nas mãos – um disfarce perfeito para outras ações ilícitas e a gente só observa –, mas isso pode ser bem complicado para as senhoras como a dona Maria, que tem problema no coração.

Por outro lado, ainda existe muita coisa boa. Como eu disse no começo da crônica, as coisas que nós vemos na Gamboa podem ser mágicas como o pôr do sol, essa vista, essa praia... não tem como não amar esse lugar.

Fonte: Produção do aluno (2019)

O pensar sobre *O lugar onde vivo* trouxe muitas indagações e a forma de pensar a cultura local foi despertada tanto entre os alunos quanto na comunidade escolar com as apresentações e, na sociedade, durante as pesquisas de campo e entrevistas. A crônica *Olhares cotidianos e um pôr do sol inigualável*, da estudante E-12, traz o olhar crítico da adolescente para a problemática social da comunidade, contrapondo as belezas naturais do local, em que ela trata de forma descontraída e irônica, numa linguagem típica da natureza adolescente. A aluna agora se identifica com o pseudônimo de Anahi, nome indígena que significa "aquela que tem a voz doce", nome escolhido após os estudos culturais e descoberta da formação do povo gamboense e dos índios que ali viveram.

A unidade temática se desenrola em torno do olhar da adolescente para o cotidiano e a forma de viver das pessoas. Ao mesmo tempo em que considera boa a novidade de morar nesse lugar, pondera a rotina de encontrar as mesmas pessoas, fazer o mesmo percurso e ser obrigada, de certa forma, a fazer saudações às mesmas pessoas diariamente, sob pena de sofrer algum juízo de valor, ser alvo de fofocas e intrigas, algo constrangedor.

Para fazer essas comparações, a estudante tem como referente o tempo que morou em outra cidade, onde tudo era novidade para ela, pois conhecia pessoas diferentes todos os dias dentre outras possibilidades, provavelmente. Apesar desse referente trazer uma memória afetiva em comparação com seu atual lar, o sentimento de ter o mar no quintal de casa afasta o possível descontentamento com a forma de viver das pessoas.

O propósito comunicativo pertence ao domínio literário, pelas metáforas, exaltação da natureza, função emotiva e ironia. Ela descreve os seus sentimentos em relação ao local onde vive; faz comparações metafóricas do pôr do sol com uma obra de arte; utiliza hipérbole para exaltar a ideia de que na cultura local as pessoas não têm muitos atrativos a não ser falar da vida do outro, "fofoca voa mais rápido do que os pássaros no céu", e ainda recorre ao recurso da ironia para dizer que na Gamboa você só tem paz se for um turista "A Gamboa é realmente um lugar fantástico, um lugar onde você pode encontrar toda a paz que deseja – se você for um turista" ou para determinar que "até os coelhos procriam menos que as pessoas". Além da

cultura da fofoca, fica bastante evidente a cultura de massa, observada na influência das músicas de arrocha que, segundo a autora, são sempre repetidas. A forma como a comunidade lida com os mortos também é abordado, pois quando alguém morre "[...] tudo muda, parece que o clima fica mais tenso, tudo muda de forma" e a comunidade se reúne em torno desse culto.

Em relação à composição da crônica, o texto se aproxima das características composicionais pelo relato reflexivo em relação à temática, descrições de fatos cotidianos e confissão pessoal, uso coloquial da linguagem, ironia e intertextualidade. Segundo Bakhtin (2011, p. 367), "A ironia existe em toda parte – da ironia mínima, imperceptível, à ruidosa, limítrofe com o riso". Os alunos constantemente utilizam ironia nos diálogos orais para expressarem, o contrário do que estão pensando. Quando a autora revela que os "[...] homens com o chapéu tão enterrado no rosto que malmente podemos ver os olhos, segurando aquelas gaiolas enormes nas mãos – um disfarce perfeito para outras ações ilícitas e a gente só observa", ela se utiliza do recurso da ironia para expor essa crítica social velada, o que também pode ser observado neste excerto quando escreve que "[...] isso pode ser bem complicado para as senhoras como a dona Maria, que tem problema no coração", porque dona Maria se refere a todas as mães que têm um filho envolvido com drogas e que, a qualquer momento, pode receber uma notícia trágica de morte ou prisão – triste consequência dos altos índices de violência na Ilha. Dessa forma, a ironia aqui funciona como um fenômeno de comunicação, uma estratégia enunciativa para despertar a consciência do leitor para fatos cotidianos que passam despercebidos e que eles precisam usar uma linguagem literária para trazer a crítica para o centro da relevância informativa.

A relevância informativa fica por conta da revelação do que significa encontrar homens "com o chapéu tão enterrado no rosto que malmente podemos ver os olhos, segurando aquelas gaiolas enormes nas mãos – um disfarce perfeito para outras ações ilícitas e a gente só observa", pois esse disfarce é para passar drogas em pleno amanhecer do dia aos olhos dos adolescentes e de toda a comunidade. Nesse trecho, a coerência ficou prejudicada para outros leitores que não fazem parte desse contexto, não compreenderiam, pois as pistas que a autora dá não permite a compreensão sem outros dados.

O texto mantém diálogo com a pesquisa local da autora e ela traz uma fala intertextual de relato da avó, para complementar o seu diálogo em relação a perder a paciência se for esquentar com as relações, pois você só terá paz se for um turista, ou do contrário "Você pode ficar com os fios de cabelo completamente brancos". É uma fala comum quando se quer referenciar algo tão perturbador a ponto de deixar os cabelos brancos.

É um texto aceitável do ponto de vista da coerência, pois "Os sentidos não vêm prontos, pré-formulados por quem fala/escreve, mas são construídos também pelo ouvinte /leitor a partir de suas experiências socioculturais" (BUIN-BARBOSA, 2012, p. 21) e, durante o processo de reescrita e interação com a autora, fomos construindo a coerência textual. A coesão foi ajustada a partir da reescrita em sala de aula e digitação pela aluna. Pelo panorama da situacionalidade, a crônica está adaptada a aspectos sociais da cultura local e faz parte do contexto de interação dos envolvidos.

Crônica 2

Gamboa do Morro: Olhares cotidianos de uma adolescente

Malaika[6]

Hoje acordei e parei no tempo deixando de lado meu suspiro de sempre – minhas séries de suspense e terror. Não é comum uma adolescente aqui na Gamboa ter muitos atrativos, mas decidi parar minhas atividades habituais para passar os olhos atentos e pude ver que nada está como antes.

Hoje eu tenho quinze anos e acumulou muita coisa com o tempo aqui na Gamboa – ilha de Cairu. Foi abrindo muitas igrejas, lanchonetes, mercados, lojas, padarias, mercearias, *lan house*, mas por outro lado, se perdeu muita coisa, sobretudo as brincadeiras no final de tarde. Há dez anos, de tardezinha, era comum estar na rua com as meninas, brincando de esconde-esconde; dono da rua; pega-pega; pique-alto; panelinha no quintal. Hoje eu saio na rua no final da tarde e as crianças estão quase sempre em casa. Eu ia para a praia sozinha com as minhas amigas, porque nossos pais não tinham medo de que acontecesse algo ruim. Hoje as crianças não podem, pois tem muitos turistas, pessoas de fora na praia, e eles têm medo de que algo de ruim aconteça.

A praia não mudou muito, mas o pouco que mudou fez total diferença. Foi construído um deck, pousadas, *hostels*, barracas e restaurantes. Assim, quando eu ia para a praia eu só me importava em entrar no mar e só sair no final da tarde. Eu ia para a linda praia das barracas e no poço só vai quem sabe nadar. A praia da argila, conhecida por ter areia (argila) medicinal. Ainda frequento essas praias, mas atualmente observo as pessoas tirando foto, tomando sol, jogando futevôlei, futmesa, ou apenas passeando.

À noite não tinha muito o que fazer, então eu e as meninas fazíamos o nosso cineminha na casa de alguma de nós, mas agora tem a praça, a pastelaria do Almir, o crepe da Mara, a sorveteria do Nilton, o açaí e o cachorro-quente, o carrinho do Nando. Às vezes saímos despreocupadas para andar de bicicleta, patins, patinete, skate, namorar, passear, conversar, esse é o lugar onde vivo.

Fonte: Produção do aluno (2019)

A crônica de título *Gamboa do Morro: Olhares cotidianos de uma adolescente* é da estudante E-16, agora identificada com o pseudônimo de Malaika, nome africano que significa

[6] Pseudônimo africano escolhido pela autora; significa "anjo".

"anjo". Após as pesquisas e estudos da cultura local, os alunos se apropriaram de nomes indígenas e africanos, como recursos para ter um nome mais significativo, uma identidade cultural e a aluna se reconhece pertencente à cultura afro-brasileira. A crônica traz uma narrativa descritiva da forma de viver na Gamboa, com as coisas típicas encontradas em uma ilha que limita os adolescentes a conhecerem elementos de outras culturas.

A unidade temática gira em torno do olhar perspicaz da adolescente para o cotidiano e a forma de viver dela e das pessoas se adaptando às mudanças e costumes, por conta do turismo e da violência. A autora descreve que "Há dez anos, de tardezinha, era comum estar na rua com as meninas, brincando de esconde-esconde; dono da rua; pega-pega; pique-alto; panelinha no quintal", mas hoje, nesse horário, não se encontra mais nenhuma criança na rua. Essas coisas ajudaram a modificar os hábitos da autora que hoje se diverte com as séries de suspense e terror.

A autora traz como referente as memórias do passado para fazer as comparações de como era a Gamboa há 10 anos e como a Gamboa é hoje, após a ampliação de igrejas, lanchonetes, mercados, lojas, padarias, mercearias, *lan house* etc. Segundo Koch (2015, p. 95), "referência diz respeito sobretudo às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve". Portanto, essas memórias são únicas e fazem parte do sentido que a autora quer promover como parte da sua construção discursiva e forma de ver o mundo, ou seja, o referente não explica ou descreve um lugar, mas o discurso utilizando um local como referente.

O propósito comunicativo pertence ao domínio literário, pelo estilo próprio do gênero crônica e, apesar do discurso parecer próximo de uma carta pessoal, a autora utiliza suas memórias subjetivas e linguagem emotiva como "suspiro", "passar os olhos atentos" para trazer a memória das brincadeiras de antigamente que faziam parte da cultura e hoje foram substituídas por brincadeiras virtuais. A autora deixa subentendido sua predileção por séries de suspense e terror e o gosto por um cineminha em casa com as amigas, traço que vou observar em outras produções, pois esta foi adaptada para o concurso. Assim, ela conversa com o leitor, orientando-o para conhecer o local que ela vive e que um dia já foi melhor, pois atualmente os jovens não têm a mesma liberdade que antes para fazer coisas de criança e adolescentes, como brincar sem se preocupar com o horário.

Em relação à composição da crônica, o texto se aproxima das características composicionais pelo relato reflexivo em relação à temática, descrições de fatos cotidianos e confissão pessoal, porém a autora falha em utilizar outros recursos para tornar o seu texto mais caracterizado com o gênero solicitado.

A relevância informativa para o leitor que não conhece o local pode ser observada no relato do poço que existe na praia e, segundo os moradores, é um poço muito fundo que suga

pessoas e coisas. Local onde já ocorreram afogamentos, “no poço só vai quem sabe nadar”, porque quem não sabe, nem chega perto para não desaparecer, como geralmente acontece com os sombreiros das barracas de praia. Outra relevância é a praia da argila, (figura 02), conhecida por ter argila medicinal, e acaba por ser o cartão postal da ilha e local de visitação. Nesse sentido, a crônica transmite informações relevantes e até faz publicidade para quem não conhece, querer conhecer.

O texto mantém diálogo com a pesquisa e entrevista local, realizado pela autora, mas ela optou por não utilizar os ditos populares coletados na comunidade e nem utilizou outros diálogos intertextuais. Creio que isso prejudicou um pouco o texto, pois ela poderia utilizar outros referentes intertextuais para enriquecer a fala e não ficar presa apenas na narrativa descritiva e informativa.

É um texto aceitável do ponto de vista da coesão e da coerência, pois apresenta uma estrutura organizada e de fácil compreensão. Entretanto, para os critérios literários, o texto poderia explorar mais recursos textuais de caráter literário, visto que iniciou com uma carga emotiva e saudosista e concluiu com um desfecho descritivo e realista.

Crônica 3

Os fantasmas da Fonte Grande

Aisha[7]

O celular despertou às cinco da manhã de sábado e eu levantei meio a contragosto da cama. Fui para cozinha fazer o café – como de costume – e saí com a caneca de café na mão e sentei em uma das cadeiras de minha varanda. Enquanto degustava o café, pensava na pergunta que me fizeram no dia anterior: “O que a Gamboa tem além das praias?" Se eu respondi a pergunta? Respondi. Mas se nem eu estava convencida com minha resposta, a pessoa estaria? Suspirei e olhei atentamente para a paisagem à minha frente, algumas casas, coqueiros, e enfim a praia. – E pensar que um dia essas casas não estavam aqui, muito menos a minha –. Apenas as praias, bastante árvores, talvez uma ou duas casas muito distantes umas das outras, e ali onde está o mercado, uma lagoa. Meu pai me contou várias histórias sobre Gamboa, e como ela era antigamente. As casas eram de taipa, uma ou duas pessoas tinham televisão em casa. Ele também disse que a água do mar batia cá em cima, quase no Toque – um bairro da Gamboa – e que quando era criança ele e seus amigos saltavam do pico e caíam no mar. Ainda relatou sobre as festas típicas e manifestações culturais como “Chegança”, “Bumba-meu-boi”, “Ternos de Reis”, “Dondorô” e “Zambiapunga”, dentre outras. Essas manifestações estão bastante escassas atualmente, mas gostamos de ouvir as histórias. Tomei mais um gole de meu café e voltei meu olhar novamente para praia.

[7] Pseudônimo árabe escolhido pela autora que significa “A que está viva”.

- Gamboa é mais que só praia. Falei comigo mesma, em voz alta num tom de reflexão e constatação.

No dia seguinte estava com minha família indo de carro para casa do meu tio, no Zimbo – periferia de Morro de São Paulo que pertence ao arquipélago de Tinharé – Cairu – Ba – e assim que passamos pela Fonte Grande, – fonte entre a estrada de encontro entre Zimbo e Gamboa – mais ou menos a um metro de distância da fonte, o carro "morreu" – pelo menos é assim que dizemos quando um carro para de funcionar do nada –. Então, saímos do automóvel e enquanto esperava o meu tio consertar o carro, sentei-me num tronco. Focava meus olhos na fonte cercada por paredes e pensava na história que meu pai me contou:

- Na época eu trabalhava no Zimbo e um dia, eu estava vindo para casa depois do trabalho e passei pela Fonte Grande no caminho. Estava cansado e com calor, então parei para descansar um pouquinho. Eu entrei na fonte e tomei um banho, acho que fiquei lá uns cinco minutos e depois saí, vesti minha camisa e quando ia pegar minha mochila, ouvi um barulho da água e de risadas, como se tivesse gente tomando banho naquele momento também. Senti uma mistura de medo e curiosidade, mas mesmo assim fui olhar, já que já que quando saí da água, não havia ninguém. Olhei por cima do muro e não tinha ninguém e o barulho também tinha parado. Pensei ter sido coisa da minha cabeça, mas aí, o barulho voltou.

- E aí? O que o senhor fez? Perguntei curiosa.

- Aí, pernas para quem te tem! Demos risadas.

- Dei uma carreira que só fui parar em casa.

À noite em casa voltei a pensar no assunto e a me questionar se tudo aquilo era realmente verdade. Todas aquelas histórias que ouvi sobre os fantasmas da Fonte Grande ou das outras entidades que já deram as caras por aqui. Lembrei que minha tia me contou outras história parecidas com essa do meu pai. Então os fantasmas são mesmo reais? Essas pessoas realmente viram eles? Como diria minha avó "Quem nunca viu quer ver". Não importa, pois finalmente começo a entender a razão da inquietação de um pensador quando dizia: "Há mais coisas ente o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia" – essa é a chave. A nossa ilha não pode ser explicada e sim apreciada com olhos de quem percebe além das aparências turísticas, das belas praias e banho medicinal de argila. Aqui também é um lugar de histórias e carências, de cantos e encantos, de contos e crenças e para quem vem de fora apenas um porto de passagem, mas para quem é nativo, às vezes na rede só vem saudade, mas em cada canto um ponto de encontro, onde nossa história pode ser contada, nos levar ao passado das nossas origens mais remotas e manter viva a nossa cultura valiosa.

Fonte: Produção do aluno (2019).

A crônica *Os fantasmas da fonte grande* retrata as memórias da autora de um tempo que não volta mais, de uma Gamboa antiga e outra atual, reflexo de uma cultura de mudança. Das múltiplas vozes que compõem a crônica da autora, a que mais chamou a atenção foi a do seu pai, pelas histórias antigas que representam as reminiscências do povo da Gamboa. A partir disso, ela vai tecendo sua narrativa. Ao mesmo tempo em que relata traços de tradição e manifestações, oscila para narrativa da sua experiência com as lendas contadas por seu pai. Ela se identifica como Aisha, um pseudônimo árabe que representa a autora E – 28 e significa "A que está viva". Foi utilizado para expressar o seu sentimento com a escrita, pois, segundo relato

da autora, ela passou muito tempo sem querer escrever e agora escrevendo é como se estivesse morta e voltasse à vida.

A unidade temática gira em torno de uma lenda sobre o fantasma da Fonte Grande e de como as pessoas são influenciadas por essas histórias. Dessa forma, para tratar do relato oral, ela fez um passeio pelo local onde vive e ensaiou as belezas naturais, as manifestações locais, até contar as histórias de terror da Fonte Grande e seu experimento de medo no cenário da possível aparição. Para ressaltar essas especificidades da Ilha, a autora utilizou como referente as histórias que ouvira da sua tia, confirmando as do seu pai sobre a existência de fantasmas. A autora defende essas histórias e afirma que "A nossa ilha não pode ser explicada e sim apreciada com olhos de quem percebe além das aparências turísticas, das belas praias e banho medicinal de argila", ou seja, entender que, apesar dela não poder confirmar a veracidade acerca do fantasma narrado nas histórias, assegura que tem muito mais coisas inexplicáveis do que ela poderia relatar. Mais ao final, deixa a confirmação de que essas histórias mantêm a cultura local viva "em cada canto um ponto de encontro, onde nossa história pode ser contada, nos levar ao passado das nossas origens mais remotas e manter viva a nossa cultura valiosa". De acordo com o pensamento da autora, a cultura pode ser mantida viva pela preservação da cultura imaterial expressa-nos relatos orais das pessoas da comunidade.

O propósito comunicativo pertence ao domínio literário, pela utilização de linguagem emotiva, exaltação da natureza, ditos populares, lendas, saudosismo e, no final, um jogo de palavras que dá uma sonoridade poética. A autora utiliza esses recursos literários para realçar o seu sentimento em relação ao desenvolvimento da ilha e mudança de uma cultura de tradição, para uma cultura de apagamento e, na crônica, para uma cultura imaginada, que ainda pertence à cultura de integrantes da comunidade.

Embora todos os textos produzidos pelos alunos abordem o mesmo tema, essa crônica foi a que mais se aproximou da composição literária para o concurso das *Olímpiadas de Língua Portuguesa* e foi a finalista. O texto apresentou características composicionais do gênero crônica relacionadas ao relato reflexivo e confissão pessoal como "Gamboa é mais que só praia. Falei comigo mesma, em voz alta num tom de reflexão e constatação", ainda, "E pensar que um dia essas casas não estavam aqui, muito menos a minha" ou "Essas manifestações estão bastante escassas atualmente, mas gostamos de ouvir as histórias", também, "À noite em casa voltei a pensar no assunto e a me questionar se tudo aquilo era realmente verdade"; descrições de fatos cotidianos, pois a crônica nasceu de fatos cotidianos que a autora passou a observar, pesquisar e lembrar, e a ideia central de um fato que ocorreu numa viagem e enquanto o carro

que transportava a família parou de funcionar, bem no local das lendas de fantasmas, e o medo fez a autora recordar das lendas que seu pai lhe contava.

A relevância informativa refere-se às lendas da Fonte Grande, pois muitos não conheciam essas histórias que a autora retoma do imaginário popular e no texto denomina de fantasmas. Já ouvi outras lendas da Fonte Grande, de uma mulher que aparece, seduz os homens e desaparece com ele. Esse relato se assemelha à lenda de Iara que faz parte de uma narrativa popular indígena e do imaginário cultural brasileiro. O fato é que as pessoas acreditam tanto nessas histórias que não passam à noite pela fonte grande com medo dos "fantasmas", "sereia", "Iara", enfim, como a autora ressalta, a Gamboa não é só praia e os turistas nem desconfiam que essas lendas permeiam o imaginário popular do povo que ali habita.

Ainda é possível perceber diálogos entre a crônica e a pesquisa local realizada pela autora e intertextualidade explícita na referência de sua avó com o dito popular "Quem nunca viu, quer ver"; e no excerto de Willian Shakespeare "Há mais coisas ente o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia". A aluna posteriormente afirma "– essa é a chave", por não haver necessidade de questionar, ou tentar explicar o inexplicável, pois basta apenas sentir que a Gamboa "[...] é um lugar de histórias e carências, de cantos e encantos, de contos e crenças e para quem vem de fora apenas um porto de passagem, mas para quem é nativo, às vezes, na rede só vem saudade", saudade de um tempo que não volta mais, "[...] mas em cada canto um ponto de encontro, onde nossa história pode ser contada, nos levar ao passado das nossas origens mais remotas e manter viva a nossa cultura valiosa".

Quanto à coesão e a coerência, é um texto aceitável, pois as ideias estão bem articuladas. Durante o processo de reescrita, a autora foi substituindo palavras e fazendo conexão entre uma oração e outra, formando um todo coeso e capaz de promover sentido entre a autora e os leitores.

4.1.5 Dados comparativos contextuais

Diante de todo processo de leitura e escrita do módulo I, os alunos puderam vivenciar o gênero discursivo crônica em múltiplas atividades e possibilidades discursivas, tanto nas leituras textuais, de si e do outro, quanto nas atividades reais que envolveram pesquisas de campo, apresentações orais dramatizadas ou em formato de mesa-redonda, debates, discussões, análises e produção. Nesse sentido, o ato de criação artística dos alunos se fundiu com práticas reais de aprendizado, ao passo que, enquanto estudavam, produziam significados, transformavam-se, transformavam o outro em uma tríade enunciativa entre o objeto (a crônica), o falante (os autores) e o outro (ouvintes e participantes). Quando me refiro a "falante" como

autores, estou tratando dos discursos dos autores das crônicas em consonância aos da professora-autora, que se completam com os discursos dos alunos-autores em movimento dialógico com os outros ouvintes que também interagem como participantes, em função do mesmo objeto. Para melhor esclarecer essa cadeia enunciativa, Bakhtin (2016) afirma:

> Só o enunciado tem relação *imediata* com a realidade e com a pessoa viva falante (o sujeito). Na língua existem apenas as possibilidades potenciais (esquemas) dessas relações (formas pronominais, temporais, modais, recursos lexicais, etc.). Contudo, o enunciado não é determinado por sua relação apenas com o objeto e com o sujeito-autor falante (e por sua relação com a linguagem enquanto sistema de possibilidades potenciais, enquanto dado), mas – e isso é o que mais importa para nós – de forma imediata com outros enunciados no âmbito de um dado campo da comunicação. Fora dessa relação ele não existe *em termos reais* (apenas com texto). Só o enunciado pode ser verdadeiro (ou não verdadeiro), correto (ou falso), belo, justo, etc (BKHTIN, 2016, p. 98-99).

De acordo com o autor, é interessante notar que, na prática, o objeto potencial (a crônica) manteve diálogos com os alunos-falantes-autores e estes diálogos reais com outros falantes num elo de comunicação imensurável. A base principal desse trabalho orbita em torno de manter essa comunicação circulante entre autor-texto-leitor-contexto e, por essa razão, colocamos como objetivo, nesse módulo, desenvolver habilidades para identificar as características do gênero discursivo crônica e as relações entre autor-texto-leitor, bem como forma de composição, estilo, circulação, contexto e suporte das crônicas e apreciar os valores sociais, culturais e humanos, considerando a autoria e o contexto social.

Como pode ser notado durante o percurso de leitura, análises, apresentações e produção, os alunos se envolveram em todas as atividades e, incansavelmente, nas leituras de diversas crônicas, em variados suportes como livros, texto impresso, no celular enviado em formato PDF por grupo de *whatsapp*, em *sites* e blogs. As crônicas foram analisadas, discutidas, comparadas, questionadas e serviram como texto fonte para outras pesquisas na *internet*, de campo e modelo para as produções. Dessa forma, é impossível mensurar todas as habilidades que os alunos desenvolveram, pois nosso instrumento palpável são as análises textuais das produções, das quais apresentei os dados correspondentes.

Em relação aos conteúdos conceituais, os alunos experimentaram novos conceitos que se relacionaram com conhecimentos prévios, ajustados a possibilidades reais de compreensão dos conceitos, interpretação e desenvolvimento de ideias. Uma das características dessa forma de aprendizagem, segundo Zabala (2014, p. 43), é "[...] que a aprendizagem quase nunca pode ser considerada acabada, já que sempre existe a possibilidade de ampliar e aprofundar seu conhecimento, de fazer mais significativa". É por essa razão que nos próximos módulos

aprofundamos os mesmos conteúdos, para que os alunos consigam compreender e reproduzir cada vez melhor.

De acordo com as análises das produções dos alunos, foi possível perceber que dos 25 alunos em estudo, 15 conseguiram compreender a referência intertextual corretamente nas questões de análise entre a música *Amor e sexo*, a crônica *Descobertas* e a crônica *Amor é prosa, sexo é poesia*. Nas questões relacionadas aos efeitos de sentido de ironia, apenas 9 alunos conseguiram identificar o recurso na crônica *Descobertas*, no momento em que a autora escreve "E por trás das cortinas, criancinhas herdarão o reino dos céus!", fazendo uma crítica aos abusos de crianças pelos líderes religiosos. Dos 25 alunos, apenas 1 não conseguiu se enquadrar na compreensão dos dois conteúdos e entender os efeitos de sentido relacionados a intertextualidade e ironia. Considero que, para um primeiro estudo, o percentual de compreensão foi bastante aceitável, passivo de melhores ponderações no próximo módulo. Quanto às alternativas relacionadas às características composicionais do gênero, durante o processo de análise, os alunos demonstraram compreensão, que observamos com melhor fundamento nas produções.

Em referência aos conteúdos procedimentais, os alunos foram levados a desenvolver as habilidades para além das leituras e análises de crônicas, ou seja, produziram material para mesa-redonda e para encenação das manifestações culturais, além das crônicas. Esses conteúdos, "[...] apesar de terem como denominador comum o fato de serem ações ou conjunto de ações, são suficientemente diferentes para que a aprendizagem de cada um deles tenha características bem específicas" (ZABALA, 2014, p. 44) e podem ser definidos pelos verbos de ação como ler, interpretar, inferir, traduzir, desenhar (eles desenharam um cartaz para mesa redonda), picotar, cortar, exercitar, refletir, aplicar, escrever etc. A ideia é que os alunos apliquem os conteúdos nas crônicas e em outras produções em contextos variados.

Quanto às produções, os alunos passaram pelo processo de leitura, pesquisa, entrevista, coleta de ditos populares, primeira escrita, leitura em sala de aula, segunda escrita no diário de leitura, terceira escrita digitada e orientada pelo recurso do *whatsapp*, seleção, exposição no mural em sala de aula. Neste módulo, ainda não fiz comparação das produções com as crônicas do diagnóstico, pois as produções estavam relacionadas às *Olimpíadas de Língua Portuguesa* e não diretamente aos objetivos da proposta inicial. Isso porque idealizamos uma produção final com a temática livre para que os alunos tivessem mais propriedade de escrita e produção de sentido na expectativa dos possíveis leitores. Porém, foi possível observar, pelas produções analisadas, que os alunos conseguiram escrever crônicas coerentes com a proposta temática,

utilizaram os recursos intertextuais e de ironia e adequaram conforme os parâmetros de coesão e referenciação apropriados ao estilo.

Figura 22 - Foto dos Diários de leitura dos alunos

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Sobre os conteúdos atitudinais, Zabala (2014, p. 46) defende que "engloba uma série de conteúdos que, por sua vez, podemos agrupar em valores, atitudes e norma". Assim, os alunos foram levados a desenvolverem compreensão e autonomia na leitura, a criticidade dos temas estudados e a respeitar a fonte intertextual, o outro quanto aos efeitos maléficos da ironia, as crenças e forma de dizer, a experiência dos pais, os seus sentimentos e preferências, assim como do outro, e, ainda, a preservar os valores humanos, sociais e culturais da comunidade onde vivem e ser consciente quanto à pratica sexual sem planejamento.

As habilidades da BNCC (BRASIL, 2017) para este módulo, expostas no quadro de conteúdos, ajudaram a compor o núcleo apresentado de habilidades relacionadas com leitura, efeitos de sentido da intertextualidade e ironia, bem como inferência da presença de valores sociais, culturais e humanos "[...] em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção" (p. 155), bem apropriada ao contexto de estudo desse módulo.

Relativamente, todos os alunos participaram das atividades e desenvolveram as habilidades necessárias para serem melhoradas no próximo módulo e, nesse sentido, foram

avaliados quanto à participação em todo o processo de leitura, discussão, questionamento, pesquisa, entrevista, confecção de material, acessórios e roupas para performance, apresentação, escrita, reescrita e digitação.

4.2 MÓDULO II – ASPECTOS LINGUÍSTICOS E ESTRUTURAIS DO GÊNERO CRÔNICA

Este módulo tem por objetivo um estudo dos elementos linguístico-discursivos presentes nas crônicas, tanto nos campos jornalísticos, quanto nos literários. Nesse ponto, os alunos foram capazes de aprimorar a reflexão e discussão dos conteúdos trabalhados no módulo anterior, além de ampliar seu repertório discursivo sobre o gênero em estudo com a finalidade de produzi-lo. Dessa forma, na tentativa de esgotar o gênero crônica quanto ao estilo e forma, foi planejado o desenvolvimento das habilidades de compreender o jogo discursivo das crônicas jornalísticas e literárias e utilizar as informações para ampliá-las, interpretá-las, extrapolá-las e produzi-las. Quanto aos conteúdos já trabalhados, buscou-se intensificar as habilidades de identificar os efeitos linguísticos de ironia, humor, intertextualidade e referenciação aplicáveis à produção.

Assim sendo, os conteúdos foram divididos em duas etapas: uma compreende as atividades de análise de crônicas literárias e jornalísticas; enquanto a outra trata da vivência na prática real discursiva, durante a participação em jogos escolares e produção durante os jogos. Em virtude disso a produção do aluno é compreendida numa concepção sociointeracional de linguagem que, de acordo ao pensamento de Koch (2015, p. 21), é um "lugar de inter-ação entre sujeitos sociais, isto é, de sujeitos ativos, empenhados em uma atividade sociocomunicativa". Nessa linha, além dos conhecimentos prévios, acrescidos de estudo e análise, os alunos foram levados à interlocução real e à produção no momento em que os fatos ocorreram, para manter uma característica da crônica jornalística que é ser temporal.

4.2.1 A crônica como gênero discursivo

5 horas/aula

Objetivo: Reconhecer elementos linguístico-discursivos da crônica.

Material de apoio: Crônicas impressas, caderno, caneta, lápis.

Quadro 9 - Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC (BRASIL, 2017)

Conteúdos Conceituais	Conteúdos Procedimentais	Conteúdos Atitudinais	Habilidades BNCC
Crônicas literária	Analisar crônicas literárias. Aplicar os recursos literários em produções de crônicas.	Ponderar sobre assuntos cotidianos e aspectos humanos (social, político, psicológico e/ou filosófico) em manutenção dos valores humanos, culturais e sociais.	EF69LP47
Humor	Inferir os efeitos de sentido através do humor nas crônicas. Produzir efeito de humor nas crônicas.	Ter responsabilidade para não se utilizar do humor como fonte de provocação ou *bullying*.	EF69LP53
Ironia	Compreender os efeitos de sentido da ironia e aplicar nas produções.	Respeitar o outro quanto aos efeitos maléficos da ironia.	EF69LP54
Discurso direto e indireto	Compreender a construção do discurso direto e indireto nas crônicas. Produzir textos optando por um recurso ou outro.	Ser solidários nos discursos pessoais, respeitando o momento de fala do outro.	EF08LP14
Tipos de narradores	Identificar os tipos de narradores nas crônicas. Escrever crônicas na primeira ou terceira pessoa, articulando os diálogos ou não entre personagens.	Desenvolver valores humanos e sociais a partir da prática de produção textual.	EF69LP50

Fonte: Dados de pesquisa, própria da autora (2019)

Neste estudo, busquei apresentar outro estilo de crônica literária com diálogos, pois os alunos entendiam que só nos contos poderia haver diálogos entre as personagens. A minha crônica *Beijo roubado*, assim como a crônica *A escrita é outra*, de Fernando Sabino, apresentam diálogos entre as personagens e um discurso intertextual. Inicialmente fizemos a leitura da

crônica *A escrita é outra*. Nessa fase, sempre havia discussão entre os alunos que queriam ler, pois quando dividia um parágrafo para cada, eles não se contentavam, porque queriam ler o texto todo. Antes da leitura, pelo título, as meninas já queriam ler *Beijo roubado*, por acreditarem que a crônica tratava de assuntos ligados a namoro, amor e sexo, assim como nas crônicas do módulo anterior, porém a perspectiva dessa crônica era outra.

A escrita é outra trata de um diálogo entre o escritor Fernando Sabino durante entrevista a uma estagiária de um jornal do Rio que era estudante de Letras. A entrevista gira em torno de uma edição que saiu no jornal sobre um possível marquês e, a partir dessa publicação, foi construído o conflito da crônica. A confusão foi gerada pela troca do Z pelo S no nome de Gabriel Garcia Márquez, no que deu a entender que o jornal tratava de um marquês, e a estagiária queria maiores informações. O diálogo inicia nesse conflito, até que Fernando Sabino compreende a falta de habilidade da moça para entrevista, bem como a limitação de conhecimento jornalístico e literário, e conduz o diálogo para outra direção, até culminar em um beijo.

Logo de início, os alunos estavam criticando a moça, pela falta de preparação e conhecimento para fazer a entrevista. Contudo, depois entenderam a malícia do escritor em direcionar a conversa para outro âmbito, aproveitando-se da inaptidão da estagiária para entrevista, ao que iniciaram uma enxurrada de juízo de valor sobre o escritor. Os alunos criticaram a forma abusiva com que o autor tratou a moça e como se aproveitou da ocasião para subestimar as habilidades acadêmicas da estagiária, em decorrência de sua aparência física "Sua pele era da cor de sorvete de chocolate, daquele mais claro, mas não tão fria, muito antes pelo contrário, viva e cálida como a de um fruto – cor de jambo [...]". Depois de observar sua forma física, ele sugere que ela não teria futuro nessa área, mas poderia ter se entrevistasse "o Sargentelli e suas lindas mulatas do Oba-Oba".

Quando os alunos descobriram que Sargentelli foi um sambista, proprietário de uma casa noturna de show no Rio, que revelou lindas mulatas, fizeram outras críticas relacionadas à postura do escritor em indicar esse futuro para Lindalva, baseando-se apenas em sua forma física. No final, o escritor dá um beijo na moça e deixa entender que ela olhou para ele de forma faceira, como se desse espaço para outras coisas além da despedida. Daí os alunos se dividiram em opiniões, pois os meninos começaram a dizer que as meninas são assim, ensaiam que querem um beijo e depois fingem não querer nada, e as meninas retaliaram os meninos, dizendo que um sorriso não dá espaço para pensar em outras coisas. Ainda acrescentaram que, às vezes, elas estão rindo deles e não para eles. Enfim, um encontro de ideias machistas e feministas.

Texto 1

A ESCRITA É OUTRA

Fernando Sabino

Leio no jornal uma entrevista com o autor de Cem Anos de Solidão. Só que seu nome é Gabriel Garcia Márquez e não Marques, como saiu publicado.

Não que eu seja lá muito cioso dessas coisas, pelo contrário: meus lapsos ortográficos costumam ser bem mais graves que uma simples troca do z pelo s. Fixei na memória a grafia certa do nome do escritor, não só por ter sido com Rubem Braga o seu primeiro editor no Brasil, mas principalmente por causa daquela sensacional entrevista sobre ele, que dei na época a uma estagiária de um jornal do Rio.

– Me mandaram fazer com você uma entrevista sobre o marquês – e ela foi ligando logo o gravador.

– Que marquês? – estranhei.

– Esse que vocês editaram.

– Não editamos nenhum marquês, que eu saiba.

– O autor desse best-seller de vocês, Cem Anos de Perdão.

– De solidão.

– Ou isso: de solidão. Ele não é marquês?

– Não. Ele não é marquês. O nome dele é Gabriel Garcia MÁRQUEZ. Com z no fim. Se duvidar, é capaz de ter até acento no a.

– Então é isso. Foi confusão minha

– e ela não se deu por achado, muito menos por perdida, sempre empunhando um gravador junto ao meu nariz.

– Por que é que o livro dele está fazendo tanto sucesso?

– Porque é um livro muito bom.

– Foi por isso que vocês publicaram? Respirei fundo:

– Por isso o quê, minha filha? Por ser muito bom? Ela me olhou como se estivesse entrevistando uma toupeira:

– O que eu estou querendo saber é por que vocês publicaram o livro dele.

– Porque nos foi recomendado como sendo um livro muito bom. – Recomendado por quem?

– Pelo Neruda.

– Quem?

– Pablo Neruda. Quando ele esteve no Rio pela última vez, falou com o Rubem que se tratava do romance mais importante em língua espanhola desde Dom Quixote.

– Quem é esse?

– Esse quem? O Rubem?

– Não: o outro.

– Dom Quixote?

– Não: esse cara que você falou antes. O que recomendou o livro. Resolvi deixar cair:

– Você vai me desculpar, minha filha, mas não dá. A entrevista fica para outra vez, quem sabe. É muita honra para um pobre marquês, mas infelizmente… Ou Márquez, se você não se incomoda. No mais, muito obrigado.

– Eu é que agradeço!

Ela desligou o gravador, com ar satisfeito, despediu-se e foi embora. Tudo depende do nosso ponto de vista em relação ao assunto.

O meu era de frente, em relação a esta outra: uma estudante de seus dezoito anos (vestibular do curso de Letras) que vinha a ser um verdadeiro esplendor.

Esplendor de nossa raça, bem entendido: direi em resumo que tinha competência para passar no vestibular do que quisesse, no que dependesse de apresentação física. Sua pele era da cor de sorvete de chocolate, daquele mais claro, mas não tão fria, muito antes pelo contrário, viva e cálida como a de um fruto – cor de jambo, como se dizia antigamente, só que já não me lembro bem da cor do jambo, faz tempo que não vejo um. O rosto era brejeiro, como também se dizia antigamente. E o corpo perfeito como… como…

– Como?

– Eu perguntei o que faz um redator. Sentada à minha frente, ela deixara o eterno gravador ligado sobre a mesinha entre nós e esperava pela minha resposta, pernas cruzadas, joelhos à mostra. Descruzei as minhas:

– Não entendi bem a pergunta. Antes de mais nada, como é mesmo o seu nome?

– Lindalva – respondeu, com voz de criança.

– O que foi mesmo que você me perguntou, Lindalva?

– Eu perguntei o que faz um redator.

– Um redator? Um redator redige, não é isso mesmo? Mas por que você está me perguntando isso? Ela desatou as pernas:

– Você não é um redator? Cruzei as minhas:

– Bem, de certa maneira… no jornal não sou propriamente um redator, mas um cronista. Ou um colunista, se você prefere. Também redijo, não há dúvida, mas o que eu sou na realidade é um escritor.

– E o que faz um escritor? – ela perguntou então, inalterável. Meu Deus, ia começar de novo.

– Um escritor escreve – respondi, com um suspiro resignado.

– Não é isso que eu quero saber – reagiu ela, fazendo beicinho.

– Então perguntou o que você quer saber, Lindalva.

– Quero saber o que eu perguntei: o que faz um escritor:

– Um escritor é um sujeito que só sabe perguntar e não responder a perguntas. Ainda mais perguntas como essa. De repente entendi:

– Ah, você está querendo saber não a função que exerce um escritor, mas as qualidades intrínsecas que fazem de uma pessoa um escritor, não é isso mesmo.

– Isso mesmo: o que é que faz um escritor?

– As qualidades intrínsecas – arrematei.

– Qualidades o quê?

– Intrínsecas.

– Ah, sei… Ela mostrou os dentes, abrindo os lábios num sorriso. Pensou um pouco, e não lhe ocorrendo mais nada a perguntar, desligou o gravador, dando a entrevista por encerrada. Chegou a minha vez de perguntar: – Que faz uma pessoa como você, Lindalva?

– Como eu, como? – Como eu como? Cruzei as pernas, sem que ela descruzasse as suas:

– Estou querendo dizer é que acho surpreendente uma moça como você perdendo tempo em me entrevistar. Acompanhei-a até a porta:

– Por que não entrevista o Sargentelli, e suas lindas mulatas do Oba-Oba? Você tem futuro.

– Ele também é escritor? Disse-lhe que não: a escrita dele era outra.

– Gosto muito dos seus escritos – concedeu ela, com um trejeito.

– E eu dos seus.

– Dos meus escritos?

– Dos seus encantos

– emendei.
– Então tá – e ela estendeu o rosto me oferecendo a face, muito faceira, para um beijo de despedida

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Na sequência, partimos para leitura da crônica *Beijo Roubado*, de minha autoria. Os alunos ficavam eufóricos para ler minha crônica, por considerarem que poderiam me perguntar qualquer coisa sobre o assunto. A minha condição é diferente da de Fernando Sabino, pois ele não poderia se defender das críticas dos alunos e eu poderia, mas, optava por não fazer, pois defendo a ideia de que uma obra literária precisa despertar múltiplas interpretações, dispensando, pois, uma revelação interpretativa única por parte do autor, a fim de evitar uma limitação ou reducionismo interpretativo. Tanto que, na leitura da crônica *Descobertas*, os alunos ficavam expressando juízo de valor da personagem, chamando-a de "descarada", "safada", "precoce", "danadinha" e eu só ria, mas quando descobriram de quem se tratava, a feição logo mudou e chegaram a me pedir desculpas. Depois descobri que a maioria deles também experimentou o beijo bem precocemente e os que não beijaram, não foi por falta de vontade, mas de oportunidade. Então, voltando à leitura da crônica, em *Beijo roubado*, fui redimida, pois o vilão foi o senhor que me roubou um beijo na sala de RX.

Essa crônica foi criada após o meu reencontro com o senhor que tentou roubar-me um beijo na sala de RX. A postura do paciente, agora cliente que, no hospital, uma hora era idoso, outra malicioso, ao ponto de querer roubar minha juventude através de um beijo, e em outro momento voltou a ser coitadinho e roubar o meu lugar na fila de um caixa, era um paradoxo. Os alunos criticaram a postura do senhor e de como, assim como ele, as pessoas se aproveitam do direito de idoso para ir além dos seus direitos de prioridade, pois além de prioridade, querem exclusividade. Muitos alunos não sabiam que, além de professora, também trabalhava no hospital como técnica em Radiologia, então, faziam muitas perguntas sobre a minha atuação no hospital e se presenciava pessoas mortas, ou acidentadas, ou vítimas de arma de fogo, ou arma branca, e se não tinha medo, nojo, desespero. Enfim, minha outra profissão rendeu muita conversa.

Texto 2

BEIJO ROUBADO

Fabiane Caldas

Hoje parecia um dia como outro qualquer. Acordei cedo e como de costume antes do banho procurei por minha mãe na cozinha. Na verdade nunca digo nada para ela, apenas me agrado de vê-la perambulando na cozinha adiantando o café da manhã – isso me dá uma sensação de um dia bom, ou melhor, bem iniciado – a melhor forma de começar o dia é ser acordada por minha mãe com o som do baticum na cozinha, sentir o cheiro do café.

Apresso-me para o banho, hoje é dia de plantão no hospital. No mesmo instante que percorro meu corpo ensaboando-o e sem sequer pensar nas curvas, meus pensamentos vagueiam a organizar uma agenda de plantão que nem sei o que me espera. E como não sei o que me espera, penso em esperar da melhor forma possível. Adianto os passos para minha produção matinal digna do ambiente: jaleco branco – elementos de poder –, e como não posso me apresentar de forma extravagante, escolho acessórios singelos a ocasião, sem esquecer dos meus tons de maquiagem *nude* – como nós, mulheres chamamos agora o tom cor da pele – e meu sempre presente batom cor de rosa. Esse sim vai garantir o meu sorriso contagiante e largo aos meus pacientes. Acredito que muitos dos que vão ao hospital estão doentes da alma, então atendo sorrindo para ver se consigo aquebrantar a patologia da alma, alcançar o coração e depois ajudar a diagnosticar a patologia, se houver.

Entre minha casa e o hospital observo tudo nas ruas e as peculiaridades da correria de cada um rumo as suas atividades diárias. O canto doce dos pássaros, o latido dos cachorros, o cheiro de pão da padaria, pessoas com semblante da noite. São segundos de interação que me fazem sentir uma pessoa pertencente a esse local.

Depois de muitos cumprimentos e sorrisos aos colegas lá estou eu de volta a organizar minha sala escura e gélida de RX a pensar que o único detalhe para quebrar o gelo do ambiente é o meu sorriso largo cor de rosa.

Era um dia calmo, até que se instaurou uma confusão na recepção. Um paciente que acabara de se registrar reclamava de sua prioridade por ter mais de 60 anos de idade, e um plano público de saúde. Aliás, muito mais que 60 anos, pois na ficha de atendimento constavam 76 anos. Esse paciente foi conduzido a minha sala e, apesar de idoso, tinha um semblante sarcástico de um jovem namorador. Enquanto fazia a entrevista de costume e entre um olhar para ficha e outro para o senhor, em milésimos de segundos, ele tentou me roubar um beijo na boca que graças ao meu reflexo rápido só pegou de raspão. Perguntei o que ele estava tentando fazer e na maior simplicidade de tratar do caso como algo comum, disse-me que estava roubando um pouco da minha juventude. Perguntei-lhe se ainda gostaria de realizar o exame ou se poderia dispensá-lo. Não sei se pela minha atitude que a ele pareceu inusitada, ou por outra razão, houve uma transformação em sua forma de proceder. Passou de ousado a humilde. Pediu-me, como um cordeirinho, que tivesse paciência – coisa que eu já estava tendo bastante –, que cuidasse bem daquele pobre velho. Tudo isso dito com um ar bem submisso. Que paradoxo este homem – pensei. E propus-me a fazer o que a minha profissão pedia naquele momento. Prestei o atendimento do qual ele necessitava. Ele reclamava de fortes dores na coluna lombar e dorsal e quando se despedia agradeceu o atendimento com um beijo meloso na minha mão.

Isso me fez pensar um pouco mais sobre a lei que protege e dá prioridade aos idosos a partir dos 60 anos e como esse senhor que reclamava dos seus direitos quase me pegou desprevenida na sala de RX. No hospital às vezes as prioridades dependem de outros fatores e

de outras circunstâncias, pois como estamos lidando com vidas humanas, o grau de urgência pode mudar o foco para se salvar uma vida.

Dias se passaram e nem lembrava mais do fato. Outro dia normal, saí do hospital além do horário habitual de almoço e entre a fome que cortava meu estômago e a possibilidade de pagar juros numa conta, resolvi enfrentar logo a fila do caixa. Meia hora de fila numa farmácia na rua principal de comércio de nossa cidade, – Valença, BA –, a que todos chamamos de Calçadão, que só tem um caixa, e no mesmo momento que coloquei minha mãozinha com o boleto e o dinheiro, por cima da minha mão num mesmo buraquinho onde quase só cabe uma mão, outra bastante enrugada foi colocada sobre a minha, fazendo-se ouvir no mesmo instante uma voz:

– Tenho prioridade.

Meu estomago deu um rebuliço e minha adrenalina subiu na mesma hora. Deixando aparte meu lado meigo e feminino, decidida já a responder a altura, pois naquele momento aquela "declaração de direitos", justa em quaisquer circunstâncias, mais me pareceu um insulto. Pensei rápido: vou dizer que ele pode ter prioridade, mas não tem educação. E quando olhei nos olhos daquele senhor – que só naquele momento descobri que eram azuis –, minha voz quase não saiu. Era ele! O mesmo senhor que tentara roubar-me um beijo na sala de RX umas semanas antes.

E meu discurso mudou na mesma hora. Voltei a ser meiga, mas dissimulada, e perguntei:

– O senhor se lembra de mim?

Ele me olhou meio assustado e bastante desconfiado e balançou a cabeça bem lenta como um sinal de meio não. Ah! Essa era minha hora mágica de dizer algo que ficou inquietado em mim depois daquele episódio.

Daí falei em um tom bem baixo como de quem cochicha ao pé do ouvido para os outros da fila não ouvirem:

– Sou aquela moça de jaleco branco e batom rosa que o senhor tentou beijar na sala de RX, na semana passada.

No mesmo instante vi que o seu semblante mudou e ele ficou envergonhado. Enquanto a moça no caixa esperava o desfecho, perguntei:

– O senhor tem certeza que necessita nesse momento da prioridade de idoso?

Ele apenas se recolheu e me deixou fazer meu pagamento e saí dali não mais com dor de estômago, mas em cólicas de tanto rir daquele velhinho metido a esperto disfarçado de jovem galanteador.

Fabiane Caldas (inédita).
Valença, 03 de setembro de 2015.

Após a leitura das crônicas, os alunos responderam a atividade e, na aula seguinte, fizemos as correções. Os alunos compreenderam que a linguagem da crônica é coloquial e que o tema nasce de fatos cotidianos. Sobre tipologia textual fizeram comparação com o conto e definiram que a tipologia predominante era narrativa/descritiva, o narrador/personagem,

discurso na primeira pessoa, direto ou indireto, ou os dois. Quanto ao domínio discursivo, definiram como artístico/literário.

A relevância informativa de um texto depende do grau de conhecimento do leitor, então os alunos elegeram qual a maior novidade das crônicas a partir de informações que eles desconheciam. Segundo Antunes (2017, p. 108), "O normal, o corriqueiro é que, falando ou escrevendo, vamos acrescentando algo de 'novidade', no conteúdo ou na forma de como dizemos". Assim, na crônica *A escrita é outra*, eles queriam entender o fato do autor cruzar e descruzar as pernas várias vezes na frente da moça. Então, desvendaram que essa ação funciona como um ato-reflexo desencadeada pelo neurônio-espelho, ou seja, essa repetição faria com que a moça, por repetição, também cruzasse e descruzasse as pernas várias vezes na sua frente e, assim, ele vislumbraria outros cenários. Os alunos elegeram esse fato como uma relevância informativa, pois desconheciam essa informação.

Já na crônica *Beijo roubado*, elegeram como relevância informativa o fato de desconhecerem o grau de urgência de atendimento na unidade hospitalar, pois na escolha entre um idoso, uma criança, uma vítima de arma de fogo ou arma branca, um politraumatizado e outro dispneico, a prioridade é da criança, caso a criança não tenha nenhum agravante, primeiro o dispneico, pois representa perigo de morte mais rápido que as vítimas de arma de fogo, branca ou politraumatizado. Nessa ordem, o senhor que reclamava sua prioridade de idoso, seria o último a receber atendimento diante do protocolo ou classificação de risco.

Na análise, perguntei sobre os assuntos sérios por trás das crônicas e os alunos identificaram que as duas crônicas tratavam de abuso sexual e abuso de prioridade. Eles repudiaram tais abusos e afirmaram que se estivessem no meu lugar teriam partido para agressão. Essa forma de resolver as coisas no impulso faz parte da imaturidade adolescente, então conversamos um pouco sobre isso. Fomentei uma discussão sobre os comportamentos descritos nas crônicas, levando-os a refletir sobre as circunstâncias que envolviam os cenários. Em *Beijo roubado*, por exemplo, em que a autora estava sozinha no local de trabalho, em uma sala, os comportamentos irrefletidos, como uma possível agressão, poderiam levar a uma conjuntura de difícil comprovação, afinal, quem iria acreditar que um senhor de mais de 70 anos iria tentar beijar uma mulher muito mais jovem em uma sala de RX? Os alunos compreenderam que, às vezes, precisamos administrar determinadas situações para não sofrermos prejuízos, por consequência de ações impensadas.

Quanto aos recursos da ironia, os alunos conseguiram identificar que na crônica "A escrita é outra", a partir do momento que o escritor compreende que a entrevistadora não era dotada de informações sobre a entrevista, ou sobre ele, começa a dissimular e a tratar a moça

com ironia em vários trechos. O excerto que os alunos mais escolheram foi o que ele a orienta a entrevistar o Sargentelli, afirmando que lá ela teria futuro. “Por que não entrevista o Sargentelli, e suas lindas mulatas do Oba-Oba? Você tem futuro”. Na crônica *Beijo roubado*, a ironia começa a se formar no momento em que a autora entende que o senhor não se lembrava que ela era a mesma moça que ele tentara roubar um beijo na sala de RX e ela passa a dissimular para intimidá-lo “– O senhor tem certeza que necessita nesse momento da prioridade de idoso?” já aguardando que a resposta dele seria um não.

O humor surge justamente da ironia do riso, pois, apesar de perversa, primeiro libera o riso para depois permitir a crítica. De acordo pensamento de Bakhtin (2011), essa forma irônica de escrever é um discurso duplamente enunciado, pois expõe um assunto sério, por meio do riso a outra consciência questionadora e impulsiona a elevar a superação da situação, ao passo que “O riso não coíbe o homem, liberta-o” (BAKHTIN, 2011, p. 370). Essa forma de escrever é apropriada ao gênero literário, pois a crítica sai velada, sem expressão de raiva ou rancor sobre o assunto sério, por trás da aparente conversa despropositada da crônica. Os autores sentem-se livres, tanto para escrever sobre temas que repudiam, quanto para se libertar da dor de ter sentido na pele determinadas situações.

Os alunos fizeram relações estruturais entre as crônicas, pois as duas apresentam discurso direto e intertextuais e, apesar de tratarem de relevâncias informativas distintas, as duas apresentaram a questão do abuso sexual através do beijo roubado, a erotização de beijar uma mulher mais jovem e do beijo consentido com outras intenções, através da erotização da jovem mulata de 18 anos.

4.2.2 Crônica: do jornalístico ao literário

10 horas/aulas

Objetivo: Analisar crônicas esportivas publicadas em jornais, revistas e *site* da *internet*.

Produzir crônicas jornalísticas durantes os “Jogos da Primavera”.

Material de apoio: crônicas impressas, jornais impressos, celulares, computadores, lápis, caneta, caderno.

Quadro 10 - Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC (BRASIL, 2017)

Conteúdos Conceituais	Conteúdos Procedimentais	Conteúdos Atitudinais	Habilidades BNCC
Crônicas jornalísticas e literárias.	Distinguir crônicas jornalísticas de crônicas literárias. Conhecer as características composicionais das crônicas esportivas; Produzir crônicas jornalísticas.	Ser livre para escolher o seu estilo de escrita.	EF89LP01
Relevância informativa	Manejar a novidade para apresentar ao leitor como uma informação relevante. Fazer curadoria das informações das crônicas jornalísticas;	Ser fiel às informações prestadas em seu texto em manutenção da convivência social.	EF09LP02 EF09LP09
Humor	Inferir os efeitos de sentido através do humor nas crônicas. Produzir efeito de humor nas produções.	Ter responsabilidade para não se utilizar do humor como fonte de provocação ou *bullying*.	EF69LP53
Suporte	Ler crônicas em suportes variados.	Ter liberdade para ler os textos e apresentar textos nos mais variados suportes.	EF69LP07

Fonte: Dados de pesquisa, própria da autora

Durante a análise das crônicas produzidas no diagnóstico, observei que muitos alunos fugiram da temática principal em estudo, para se aventurar numa produção de crônica esportiva. Foi por essa razão que decidi escrever uma crônica sobre a minha experiência com o futebol. Foi por essa razão que a crônica *É paixão...*, entrou para este estudo, narrando uma experiência desastrosa, quase cômica, com o Futebol, mas que rendeu uma produção literária humorística. Por outro lado, não poderia deixar de contemplar o estilo jornalístico, então preparei uma sequência de atividades que possibilitasse aos alunos lerem crônicas tanto jornalísticas quanto

literárias que tratassem de futebol, em vários suportes e, ainda, vivenciassem, na prática, a escrita de crônica esportiva se colocando como repórter do evento *Jogos da Primavera*, da escola.

Para iniciar o estudo, apresentei a crônica *Há umas décadas o futebol-arte foi sendo posto num ostracismo soturno*, de Marcio Tavares D'Amaral, do jornal *O globo*. Durante a leitura da crônica, os alunos sentiram muita dificuldade com o vocabulário, então pedi que, com ajuda do *Dicio* (dicionário online de Português), que eles tinham no celular, pesquisassem o significado das palavras desconhecidas. Assim, durante a leitura, quando alguém informava que não conhecia uma palavra, parávamos para pesquisar e fizemos uma segunda leitura para que todos compreendessem o sentido do texto.

A crônica esportiva está ligada a um evento geralmente de futebol, em que o redator escreve durante os jogos e, assim que o jogo termina, a crônica é publicada. Ao olhar em retrospectiva para a fundamentação teórica, percebe-se que a crônica foi classificada como perene e temporal, ligada ao momento dos acontecimentos, e essa é uma característica bastante evidente da crônica jornalística. Nesse sentido, a função do redator é publicar o texto o quanto antes para não perder o leitor fiel, sedento por informação rápida e crítica sobre o seu time de futebol. Se acaso o redator perder a notícia, provavelmente o leitor buscará outras fontes e quando essa crônica for publicada posteriormente, ninguém terá interesse de ler, porque as informações, apesar de serem apresentadas por outros ângulos, já esfriou e a ansiedade do leitor já foi saciada por outros veículos de informação.

A crônica em análise faz uma crítica ao Campeonato Carioca de Futebol de 2017 e, na visão do autor, os jogos modernos têm se tornado jogos táticos e de força, apenas com o objetivo de fazer o gol, classificar e premiar. Para o autor, essa forma de jogar exclui a arte, a alegria, a vivacidade dos craques de outrora, pois a ordem técnica é jogar como máquinas. Os alunos que gostam de futebol se identificaram com o texto e com a relevância informativa da crônica jornalística, porém algumas meninas que declararam não entender muito de táticas de futebol, não apreciaram de início o jogo discursivo da crônica.

Texto 1

Há umas quatro décadas o futebol-arte foi sendo posto num ostracismo soturno

Por: Marcio Tavares D'Amaral

Agora, falando sério: o jogo entre os da Verdade e os da não-verdade teve proporções épicas. Não tanto pela partida em si, mas pelo que estava em causa. Há umas quatro décadas o futebol-arte foi sendo posto num ostracismo soturno, e novas táticas de eficácia e força foram se tornando naturais. Os tempos mudaram: calçada da fama para os velhos craques, e bola pra frente. — Não que alguém tenha nada contra a eficácia. Mas ela não dança, não finta, não tabela. Não inventa, não arrebata. Vence. — Não que alguém tenha alguma coisa contra vencer.

O problema é que a progressiva descida dos Verdadeiros para a última divisão tirou os fundamentos do esporte. Boa defesa, distribuição sábia e ataque astucioso já não são indispensáveis. Desde que no final saia o gol. Ou o empate, frio e feio. Coisa triste. O amor às quatro linhas, amor real, foi se arrastando para o museu. As jogadas individuais, a beleza da representação do espaço do campo numa mente ágil e leve — fora. A verdade do jogo passou a ser a vitória. Valendo gol de barriga e de mão. Desde que o juiz não veja. E a pancadaria come entre as torcidas de um olho só, incapazes de verem o jogo. Demonizando o adversário. — Não que alguém tenha nada contra torcer.

Cartão vermelho para o jogo da Verdade. E aí é que está o problema. Um esporte inventado num passado que atravessou tempos longuíssimos, ficou bonito, encantou multidões, arrebatou — de repente posto na última divisão. O mando de campo agora sempre nas mãos da Não-verdade. Nesse exclusivismo há poder, mas não há beleza, há resultados, mas não graça. É essa unidimensionalidade que assusta. Não é mais esporte, é pura técnica. Muita preparação física, pouca humanidade. Por isso a seleção da verdade veio para o sacrifício. Para mostrar um jogo leve e encantador. Ir, contra os melhores prognósticos, para um corajoso enfrentamento.

A rivalidade, a contradição, as fricções guerreiras são boa coisa. Deviam ser. Mas os novos jogadores, treinados na academia da Vitória, veem com desgosto o jogo dos antigos, que frequentavam a academia do Risco. Agora é preciso controlar de antemão as variáveis, ter o jogo na cabeça antes de pô-lo no gramado (sintético). Acabou, dizem os novos campeões, o confronto de estilos. Não há mais estilo. Isso era coisa de estetas. Os tecnólogos da bola não abrigam mais essas levezas duvidosas. Não deve haver dúvida. É ganhar. Essa coisa de "essência do esporte" já deu.

Por isso é que Morte do Sujeito faz sucesso: porque não duvida, não pondera, não crê nem descrê. Vai lá e faz. Desprezo de Deus só reconhece as quatro linhas. Acrescentar uma dimensão fora delas, inspiração, alma do jogo, é uma tolice que compromete a eficácia. Fim dos Fundamentos joga como se não valessem mais regras, pactos entre os times, convenções de sentido. Junto com Desconstrução, arrasa tudo que séculos de experiência com a bola inventaram. Espírito de Sistema é como se dissesse: esqueçam essa lenda de que o jogo representa a vida. Fixem-se nas coordenadas e suas interações. Joguem como máquinas jogariam. Campeão do Perspectivismo e Relativismo Feroz vêm da mesma escola, a do "depende, vale o que parece, daqui foi gol'" Não se ligam muito na realidade. Cientista Formalista só vê esquemas. Não tem amor à massa suja, brilhante e confusa da vida. Pós-fatos e Fatos Alternativos também vêm do mesmo time de base. Não admitem discussões inúteis sobre se houve falta, se a bola passou da linha, se o impedimento era flagrante. Isso são fatos. Ou eram. Fatos já eram.

Por isso precisamos dos da Verdade. Porque, sem eles, não há mais jogo. As vitórias são antecipadas. Mas os da Verdade foram caindo, perdendo prestígio, perdendo a graça. Muitos acreditam que acabaram. Só que não. Foram ao campo provar que o jogo precisa de dois. E foi o que se viu. Depois de um primeiro tempo em que foram desprezados — e ganharam —, houve um de equilíbrio. Deu empate por dois motivos: havia, afinal, dois times; e demonstrou-se que, sem essas diferenças, mesmo abissais, o jogo perderia a graça. Ambas as equipes jogaram para ganhar, de verdade. E foi o que se viu: um empate de goleada. 4 x 4! Placar tão inesperado que os da Verdade saltaram a terceira divisão e vieram para a Segundona. Estão subindo. Não têm mais medo. Mas aprenderam uma coisa: os adversários jogam bola. Sem eles o jogo também não acontece. A situação não é um deus-nos-acuda nem um negror de fim de mundo. Tem conversa. O que é preciso é reaprender a jogar. E respeitar o adversário. Não há inimigos. No campo, entre as quatro linhas, é possível suspender o ódio. E ir na bola. Decidir na bola pode ser uma boa maneira de reencontrar o caminho da verdade. Ou não. A conferir. O campeonato só começou.

https://oglobo.globo.com/cultura/cronica-esportiva-21044363#ixzz5TX393nK9. Acesso em 10.10.2018.

Após discussões e observações, partimos para leitura da crônica *Na hora do gol*, de Guilherme Pansonato, redator da Virtual Mackenzie. Nessa crônica, o autor relata, com muita emoção, a época em que frequentava os estádios com seu pai no Pacaembu e da vibração da torcida na hora do gol. Ao tempo que narra o jogo, o autor lembra do seu falecido pai e vive a saudade do seu tempo de infância na companhia de pai e filho, assistindo ao jogo. Apesar de ser uma crônica pulicada por um jornalista, os alunos classificaram a crônica como literária pela carga emotiva e por fazer o leitor sentir a mesma emoção que ele na arquibancada, assistindo aos jogos e sentindo falta de alguém muito querido.

Texto 2

Na hora do gol

Por Guilherme Pansonato

Sempre guardarei na memória aquele fatídico 3 a 2 do Santos em cima do Corinthians, no Morumbi, no final de 2002, que garantiu o título brasileiro ao time santista.

–É pênalti pai, pênalti no Robinho – eu gritava e pulava ao lado do meu pai, que parecia nervoso e apreensivo. Robinho na bola. Correu. Bateu. Gol. Na hora do gol não há perna que não pule, não há boca que não grite, não há braço que não se erga, não há quem não se emocione. Na hora do gol, o pai ergue o filho, o filho abraça o pai, o pacote de pipoca voa, é gol. A torcida explodiu aos berros, a alegria contagiou.

Os braços do meu pai me ergueram para os céus, e ele mostrou a todos, naquele momento, os maiores orgulhos de sua vida.

O tempo foi passando, eu fui crescendo e os compromissos de trabalho do meu pai foram tomando conta da agenda. Eu fui “deixado de lado” por um bem maior, pelo dinheiro que garantiria o meu futuro. Ir ao estádio nos finais de semana ficou completamente esquecido. Minha relação com ele nunca mais foi a mesma. Sempre senti que o nosso maior momento de conexão e carinho se dava ali, no estádio, na hora do gol.

Em minha última visita ao estádio do Pacaembu, nesta quarta, vi pai e filho sentados esperando ansiosamente pelo começo partida. Lembrei do meu falecido pai. Durante os primeiros 45 minutos, confesso que o que mais me chamou atenção foram as reações de alegria dos dois torcedores quando o time ia para o ataque, e o medo de quando o time adversário retrucava. No intervalo, não aguentei de curiosidade e fui conhecer os meus admirados do primeiro tempo. Seu José, pequeno comerciante da cidade, levava pela primeira vez seu filho, Otávio, ao histórico Pacaembu, para ver o seu time de coração, o Santos, disputar uma partida.

Após a breve conversa, resolvi ver o segundo tempo ao lado deles. Seria uma grande emoção conseguir reviver essa lembrança da minha infância, vendo pai e filho se abraçando e comemorando o gol, como eu já fiz com meu pai algumas vezes anos atrás. O grande problema é que o gol não chegava. Era bola na trave em um chute de longe, era defesa do goleiro na batida da falta, era zagueiro que tirava em cima da linha. A bola não queria entrar.

O jogo terminou 0 a 0. Santos fora da competição. Torcida adversária comemorando. Me despedi deles logo em seguida e segui para a saída do estádio observando pai e filho saindo tristes e magoados com o resultado do jogo. Na volta para casa, dentro do carro, eu também poderia estar triste por não ter rememorado minha infância, por não ter me visto com o meu pai naquele momento. Mas não, eu estava pensativo.

Será que aqueles dois torcedores algum dia voltariam ao estádio juntos? Será que aquele menino terá uma lembrança de seu pai, como eu tenho do meu? Sei de uma coisa para hoje e sempre: na hora do gol, eu lembro do meu pai.

http://redacao.mackenzie.br/12379-2/.Acesso em: 10/10/2018

Seguimos com a leitura. Nossa próxima experiência foi com a crônica *Futebol de rua* de Luiz Fernando Verissimo. Durante esse estudo, os alunos se divertiram com essa crônica, pois a linguagem foi bem apropriada para o estilo de futebol que eles mais conhecem e jogam na Gamboa. O jogo de rua que eles conhecem como “pelada” ou “baba” e que pode ser jogado em qualquer lugar, com qualquer elemento e quantidade de jogadores. Eles jogam na praia, no campinho, na rua, na quadra da escola. Enfim, nesses moldes de jogo, eles são bem entendidos. A construção da crônica é bastante interessante porque, quando o autor vai falar das regras de todos os elementos do futebol, percebemos que as regras são criadas no momento do jogo, a partir do que eles têm para jogar e, de certo, não deixam de jogar por pouca coisa. A partir desse texto, planejei uma atividade para reconstrução da crônica, mas adaptando para regras de Futebol Oficial. Se o autor descobrir essa façanha, é bem capaz de pensar que destruí sua obra

literária, mas o intuito era fazer com que os alunos compreendessem um pouco das regras do jogo antes dos *Jogos da Primavera* da escola.

Texto 3

Futebol de rua

Por Luis Fernando Verissimo

Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. Mas existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. Se você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. Futebol de rua é tão humilde que chama pelada de senhora. Não sei se alguém, algum dia, por farra ou nostalgia, botou num papel as regras do futebol de rua. Elas seriam mais ou menos assim:

DA BOLA – A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa. No caso de se usar uma pedra, lata ou outro objeto contundente, recomenda-se jogar de sapatos. De preferência os novos, do colégio. Quem jogar descalço deve cuidar para chutar sempre com aquela unha do dedão que estava precisando ser aparada mesmo. Também é permitido o uso de frutas ou legumes em vez da bola, recomendando-se nestes casos a laranja, a maça, o chuchu e a pêra. Desaconselha-se o uso de tomates, melancias e, claro, ovos. O abacaxi pode ser utilizado, mas aí ninguém quer ficar no golo.

DAS GOLEIRAS – As goleiras podem ser feitas com, literalmente, o que estiver à mão. Tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas, os livros da escola, a merendeira do seu irmão menor, e até o seu irmão menor, apesar dos seus protestos. Quando o jogo é importante, recomenda-se o uso de latas de lixo. Cheias, para aguentarem o impacto. A distância regulamentar entre uma goleira e outra dependerá de discussão prévia entre os jogadores. Às vezes esta discussão demora tanto que quando a distância fica acertada está na hora de ir jantar. Lata de lixo virada é meio golo.

DO CAMPO – O campo pode ser só até o fio da calçada, calçada e rua, calçada, rua e a calçada do outro lado e – nos clássicos – o quarteirão inteiro. O mais comum é jogar-se só no meio da rua.

DA DURAÇÃO DO JOGO – Até a mãe chamar ou escurecer, o que vier primeiro. Nos jogos noturnos, até alguém da vizinhança ameaçar chamar a polícia.

DA FORMAÇÃO DOS TIMES – O número de jogadores em cada equipe varia, de um a 70 para cada lado. Algumas convenções devem ser respeitadas. Ruim vai para o golo. Perneta joga na ponta, a esquerda ou a direita dependendo da perna que faltar. De óculos é meia-armador, para evitar os choques. Gordo é beque.

DO JUIZ – Não tem juiz.

DAS INTERRUPÇÕES – No futebol de rua, a partida só pode ser paralisada numa destas eventualidades:

a) Se a bola for para baixo de um carro estacionado e ninguém conseguir tirá-la. Mande o seu irmão menor.

b) Se a bola entrar por uma janela. Neste caso os jogadores devem esperar não mais de 10 minutos pela devolução voluntária da bola. Se isto não ocorrer, os jogadores devem designar

voluntários para bater na porta da casa ou apartamento e solicitar a devolução, primeiro com bons modos e depois com ameaças de depredação. Se o apartamento ou casa for de militar reformado com cachorro, deve-se providenciar outra bola. Se a janela atravessada pela bola estiver com o vidro fechado na ocasião, os dois times devem reunir-se rapidamente para deliberar o que fazer. A alguns quarteirões de distância.

c) Quando passarem pela calçada:

1) Pessoas idosas ou com defeitos físicos.

2) Senhoras grávidas ou com crianças de colo.

3) Aquele mulherão do 701 que nunca usa sutiã.

Se o jogo estiver empate em 20 a 20 e quase no fim, esta regra pode ser ignorada e se alguém estiver no caminho do time atacante, azar. Ninguém mandou invadir o campo.

d) Quando passarem veículos pesados pela rua. De ônibus para cima. Bicicletas e Volkswagen, por exemplo, podem ser chutados junto com a bola e se entrar é golo.

DAS SUBSTITUIÇÕES – Só são permitidas substituições:

a) No caso de um jogador ser carregado para casa pela orelha para fazer a lição.

b) Em caso de atropelamento.

DO INTERVALO PARA DESCANSO – Você deve estar brincando.

DA TÁTICA – Joga-se o futebol de rua mais ou menos como o Futebol de Verdade (que é como, na rua, com reverência, chamam a pelada), mas com algumas importantes variações. O goleiro só é intocável dentro da sua casa, para onde fugiu gritando por socorro. É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi. Se a bola dobrar a esquina é córner.

DAS PENALIDADES – A única falta prevista nas regras do futebol de rua é atirar um adversário dentro do bueiro. É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto.

DA JUSTIÇA ESPORTIVA – Os casos de litígio serão resolvidos no tapa.

Na sequência, a crônica *É paixão...*, de minha autoria. Os títulos nunca são ao acaso: *Descobertas, Beijo roubado*, *É paixão...*, pois fazem parte da tática de encantar os adolescentes logo pelo título, porque são assuntos que eles sempre buscam para entender os conflitos próprios da idade, porém eles nem esperavam que a minha crônica iria tratar de outras experiências que estavam próximas do coração, mas bem longe de enlaces amorosos entre um homem e uma mulher.

Durante a leitura, os alunos se revezavam para dar conta do "textão" – como eles dizem –, porém, paravam o tempo todo para gargalhar das minhas andanças enquanto jogadora e apreciadora de futebol. Foi um momento marcante e acredito que foi a aula de leitura mais descontraída. Os meninos riam e criticavam minha falta de destreza, foram à internet pesquisar o que era um *Kichute*, dentre outras palavras científicas; as meninas diziam que sofri *Bullying* quando era chamada de Maria João, na escola, e se reconheceram em mim no sentido de serem metamorfoses para disfarçar outra identidade criada em contextos diferentes – os adolescentes têm esse poder de se metamorfosear e ter várias identidades – típico dos conflitos desse período da vida.

Texto 4

É paixão...

Fabiane Caldas

É Brasil...goooooooool, assim eclodia a voz triunfante daquele locutor – aqui entre nós, nada simpático – Galvão Bueno, promovendo um pico e depois um enfraquecimento do ritmo das minhas batidas cardíacas. Sim, aquelas que são acompanhadas de perto quando as pessoas estão hospitalizadas e com o coração fraquinho. São como relevos, montanhas, abismos, serras e ficamos tentando decifrar aquele enigma, até que ela só diz alguma coisa quando passa a ser apenas uma linha infinita e sem vida e o tum-tum abre espaço para o som do choro, lágrimas e dor. Os médicos chamam de sístole e diástole e eu de amigas da vida e da morte. Durante os jogos da copa do mundo, essas amigas do coração devem ter saído da sincronia e entrado em colapso por milésimos de segundos, porque surgia uma arritmia transitória – aquilo que minha avó chamava de palpitação. E antes de levantar e sair gritando é gol do Brasil, entre explosão de hormônios do nervoso e do prazer – como diriam os especialistas: adrenalina e endorfinas – , os canarinhos se abraçavam no campo ao som dos gritos da torcida. Da mesma forma acontecia do lado direito da tela, abracei a primeira pessoa que apareceu à minha frente: sacudidas, caídas, levantadas e até palavrão, com a licença do domínio da emoção que toma conta do gosto doce do tetra campeão.

Foi o primeiro jogo que a minha idade me permitiu participar. Assistia os replays de jogos com o rei Pelé e o Garrincha, nomes inesquecíveis da cultura esportiva, mas quando pensava em futebol, só lembrava-me daquela duplinha perfeita da copa de 1994, Bebeto e Romário. Nunca entendi muito das regras de campo, então acompanhava atentamente a narração e agitação do jogo para vibrar com o gol. Tenho uma colega que fala de jogo como se "fosse homem", atualmente é um tanto machista falar dessa forma, pois os estádios estão coloridos da graça feminina, sem falar do futebol feminino que ganhou seu espaço. Mas, enfim, essa colega entende muito das táticas de futebol e eu só entendo de animação, emoção e paixão.

Quando ainda frequentava o fundamental I, gostava de jogar "pelada" com os meninos na escola – Opa! Deixe-me explicar a ambiguidade: baba, como dizemos aqui na Bahia, popularmente conhecido como jogo de rua, ou simplesmente pelada. Aquele jogo que parece não ter regras, o jogo do tudo pode, que todo mundo é juiz, mas quem determina mesmo as regras é o dono da bola, aquele que acaba o jogo quando seu time está perdendo ou quando a mãe chama para tomar banho e ele tem que levar o principal elemento do jogo para casa. Comumente jogávamos baba descalços, mas uma menina jogando sozinha com os meninos já parece entrar no jogo em desvantagem.

Naquela época ninguém tinha chuteira, no máximo um *All Star* ou um *kichute* para ir à escola. Então quem iria arriscar ficar sem o calçado que os pais compravam para durar o ano inteiro? A regra era simples, jogar baba com eles, e terminar o ano com os mesmos em estado deplorável. É inacreditável, mas alguém criou um *Kichute* verde, o mais inacreditável ainda foi alguém comprar um calçado que por sua natureza já era feio, que dirá verde, mas surreal mesmo foi esse ser doar para minha mãe e, ainda esse calçado parar nos meus pés como o mais durável, o da moda, ou melhor, o inimigo da moda.

Como não poderia contrariar minha mãe, pois naquele momento não poderia me dar outro calçado, pensei em uma finalidade prática para destruir o coitado. Então, transformei meu *Kichute* em chuteira e entrei no jogo "armada até os dentes", – os dentes eram o calçado – pois era incontrolável o meu riso diante dos algozes do baba que empurravam, derrubavam, e faziam valer de tudo para tomar a bola dos meus pés. Acompanhada do "inimigo da moda" cometi algumas faltas, que graças a Deus no baba não é tão grave assim, a não ser que você consiga fraturar as "canelas" do seu adversário de tanta canelada ou a do dono da bola. E daí? Nem

ligava! O importante era dominar a bola e, como diria Nelson Rodrigues, essa forma de jogar era de uma complexidade tão incrível que beirava o sobrenatural.

Aquelas coisas que fazia eram realmente sobrenaturais, mas valia a diversão intensa por causa dessas transgressões e isso nem me assombrava à noite, pois havia um propósito maior do que ganhar o jogo, ou machucar alguém, o de destruir aquele elemento de gozação que estava nos meus pés. Com o tempo, ganhei o nome de Maria João do *Kichute* verde, não só por isso, mas porque não gostava de pentear o cabelo e minha mãe o cortou bem curto e, para piorar a situação, quando não jogava bola, brincava de pega-pega e bafo (disputa de jogadores para virar com a batida e vento das mãos figurinhas que sobravam da coleção de revistas de super-heróis) com os meninos na escola – passava até cuspe nas mãos para ganhar dos meninos. Aff! Isso me fez receber o respeito deles, o ódio das meninas e, de sobra, a fama de fazedora de hematomas nas pernas alheias – Uma menina realmente terrível! O meu objetivo só foi alcançado no ano posterior, pois não poderia entrar de sapato de cor no ginásio. Aliás, a diretora Edna (lembra professora Edna?) do Complexo Gentil Paraíso Martins em Valença, não deixava entrar nem com uma "xuxa" no cabelo que não fosse preta ou azul – parecia até colégio militar.

No ginásio me desapeguei da bola pela brincadeira de elástico, e finalmente troquei o meu *Kichute* verde pela troca de papéis de cartas. – Ufa! Mas, por outro lado, para ser sincera, já tinha até me apegado ao dito cujo. Porém, naquela altura, queria mesmo era parar de ser alvo das brincadeiras, das piadas e dos apelidos, como o nome de Maria João. Então num esforço excessivo, me metamorfoseei na garota mais feminina da escola, nos moldes atuais devo ter sido a mais papagaiada. Passava horas colocando água sanitária na calça e passando a escova para rasgar, levava acessórios coloridos e batom vermelho escondido na bolsa para usar na escola. Cruzava o portão da escola bem sonsa, despercebida pela inspeção, e depois usava dentro da escola, mas nem sonhava em transitar na frente da direção para não sofrer o risco de ser capturada. Isso funcionou até a diretora colocar os olhos em mim, mais enfeitada que o Boi na festa folclórica. Ela me colocou para fora da escola e deu ordens para o porteiro não me deixar entrar naquele estado, mas a vice-diretora Lucinha, sempre me colocava para dentro, porque sabia que minha mãe não poderia me dar outra calça e dizia ela que a diretora não entendia a juventude. Meu tio até que me deu uma calça nova, mas era fora de moda, sem nenhum atrativo e fiz a mesma coisa, pois o importante era manter o título que estava conquistando com as meninas – e funcionou. Isso custou um pouco da minha identidade, mas vamos amadurecendo e nos moldando de acordo aos desejos da sociedade, ou nos rebelamos e sofremos as consequências.

Esse distanciamento do futebol só me deixava vibrar pelos jogadores famosos ou em jogos de copa do mundo. Quando alguém me perguntava para qual time torcia, dizia que era para o que estava ganhando. Realmente tinha um sentimento de pesar por aqueles que perdiam e a equipe vencedora sempre se prepara mais e merece a vitória pela boa qualificação, ou não, às vezes vai na sorte, na desestabilidade de um gol contra. Isso, até que um dia, me deparei com um namorado fanático pelo Vitória, e me declarei vitória, depois outro pelo Bahia e virei Bahia, depois pelo Corinthians e assim sucessivamente. Não consegui manter a mesma perspicácia do escritor Elieser Cesar que confessou em um conto que mais parece crônica que não é vira -folha e é capaz de trocar de mulher, de religião, mas não troca de time. Meu time era a base do amor, do agrado, da partilha de emoções. Este até teve coragem de expulsar do seu taxi o jogador Italiano, Paolo Rossi, responsável por eliminar o Brasil do fatídico jogo da copa de 1982. "- Fora! Fora de campo! Quer dizer, do meu carro. Está expulso! Fora!", deu cartão vermelho para o jogador no meio da rua e foi embora. Se tivesse visto daria até uma gargalhada, pois acho incrível esse potencial de amar o time ganhando ou perdendo acima de tudo e todos. Esse sentimento de vingança deve ter sido bem prazeroso para um torcedor fanático por futebol.

Certa vez fui para o BaVi em Salvador e durante o primeiro tempo gravei a trave que o Bahia estava fazendo gol. Enquanto isso, tomei conta de observar todas as manifestações dentro

do estádio: as músicas da torcida organizadora, os caras pintadas, a ostensividade com a outra equipe, os vendedores ambulantes...quando a narração entoava o gol e via a bola na rede marcada levantava para vibrar. No segundo tempo, continuei com a mesma prática até que a bola entrou no gol e fui a única da torcida a levantar. Quando me dei conta do meu embaraço e a torcida me fuzilando num olhar, comecei a esbravejar em xingamentos: - que merda é gol do Vitória! Depois sentei e fui interrogada sobre minha postura e tive que confessar que não estava prestando atenção ao jogo e não lembrei que no segundo tempo o time fazia gol do lado oposto.

Essa não foi a única vez que passei vexame no estádio. Em outro jogo entre Brasil e África do Sul, acabei de pousar em São Paulo e ganhei o ingresso para esse jogo no Morumbi. Muito entusiasmada nem almocei, peguei um lanche e rumo à arquibancada. Avistei meu time de verde e amarelo e fiquei na torcida. Quando o primeiro gol foi anunciado, só eu de um lado e poucos outros do outro lado levantaram. Uma voz soou baixinho: - O que você está fazendo? E graças as minhas habilidades femininas e conexão rápida dos neurônios, percebi algo errado e rapidamente em frações de segundos abriu a lembrança de uma reportagem em que Neymar estaria jogando de chuteira cor de rosa. Meus olhos atravessaram o quatro por quatro de campo e flagrou Neymar de chuteiras rosa e uniforme azul e branco. Naquele momento não havia disfarce para defender meus canarinhos, o símbolo da bandeira nacional despregada no campo, pois pertencia aos africanos e estava prestes a ser eliminada da torcida. Levei o caso na graça como sempre e me desapeguei de time, até que atualmente meu marido quase perdeu um dedo pendurado pela aliança no gancho que prede a rede jogando com o filho na AABB. Daí, falei para ele parar de tentar suicídio jogando sem afinidade, até porque ele se declara "perna de pau", e ele me perguntou qual era o meu time e como pensei que ele não tinha nenhum, porque nunca o vi falando com amor sobre futebol, falei: - Bahia! E ele, como assim se eu sou Vitória? Ahhhhhhh! Não vou mais mudar de time e ponto final.

Fabiane Caldas.
(Crônica inédita)
Valença, 19 de janeiro de 2019

Após a leitura das crônicas e discussão, abri para análise textual. Durante esse processo, analisamos os recursos textuais que os autores utilizaram, a relevância informativa, a construção do humor e o jogo discursivo que aproxima autor e leitor, na medida em que esses se veem como torcedores, jogadores, repórteres, dentre outros que compõem o mesmo universo de emoção discursiva.

A partir da compreensão dos alunos sobre os textos, eles identificaram apenas a primeira crônica como jornalística, pelo grau de informatividade e crítica. É importante salientar que a leitura crítica dos textos jornalísticos se transforma em notícia, justamente por conta da capacidade do jornalista em seguir os critérios de "*importância, atualidade e ineditismo da informação*" (DIAS IN: ELIAS, 2018, p.2018). Dessa forma, a informação necessita ser precisa, atual e importante – a última gota d'água para o leitor que está no deserto. O autor da crônica *Há umas décadas o futebol-arte foi sendo posto num ostracismo soturno* não idealizou nada diferente disso, passou a informação e mais, fez a crítica e saiu na defesa de um time específico.

As outras crônicas, os alunos classificaram como literárias, pela essência da emoção, humor, metáforas, ambiguidades etc. Dos 25 alunos, 15 alunas elegeram a crônica *É paixão...* como modelo mais próximo ao seu estilo idealizado de escrita e os meninos se identificaram mais com a crônica *Futebol de rua*. Atribuí ao fato da crônica jornalística estar numa linguagem mais rebuscada ou "séria" – como eles chamam. Então, preparei outras leituras, em outros suportes, para sondar o motivo exato da predileção.

Quanto às comparações intertextuais, os alunos ressaltaram o tratamento do jogo discursivo entre o termo "pelada" para se referir ao jogo de rua, utilizado pelos autores das crônicas *Futebol de rua* e *É paixão...* e da forma como todos os autores sentem saudade da maneira de jogar de antigamente. Existe "um diálogo universal, tácito, praticamente inevitável, que permanece, mesmo quando os conceitos afins parecem ser outros" (ANTUNES, 2017, p.118). Essa essência intertextual dos diálogos entre as crônicas permaneceu a mesma na memória dos alunos, mesmo os conceitos afins sendo utilizados para outras finalidades.

Ao descreverem os perfis dos autores pelos textos, destacaram que supostamente o autor da crônica 1 seria um jornalista ou cronista esportivo; o 2 um cronista literário; o 3 um cronista literário e o 4 uma professora produtora de crônicas literárias humorísticas. Considerei muito interessante essa abordagem e, de certa forma, eles acertaram. Entretanto, tiveram que fazer uma pesquisa para confirmar. Assim, descobriram que o autor da primeira crônica, Marcio Tavares D'Amaral, é professor, filósofo, advogado, mestre em comunicação e doutor em Letras; O autor da segunda crônica, Guilherme Pansonato, é jornalista; Luiz Fernando Verissimo é escritor, futebolista, humorista, tradutor, roteirista de televisão, autor de teatro e romancista. Quanto a minha descrição, vou preferir ficar com a que eles me deram.

Referente ao suporte em que as crônicas jornalísticas são publicadas, eles teriam que ler crônicas em outros suportes físicos e na *internet* para reconhecer e identificar diversos outros suportes. A maioria respondeu que as crônicas jornalísticas são publicadas nas redes sociais, blogs, revistas, jornais, livros didáticos, dentre outros, mas não tiveram acesso a todos os suportes físicos, pois só leram crônicas cujo suportes eram livro que disponibilizei no primeiro módulo e no livro didático. Nesse sentido, reforcei a pergunta sobre o suporte em que eles gostariam de publicar as crônicas deles e responderam que na internet e em um livro impresso.

Na última questão da análise textual, solicitei que os alunos utilizassem a crônica *Futebol de rua* para transformar em uma crônica de *Futebol Oficial*, colocando suas emoções e time de preferência, porém os alunos pesquisaram as regras na *internet* e adaptaram ao texto, conforme pode ser observado nos três modelos abaixo. Não fiz reescrita desses textos, porque, como já explicitado, foram textos produzidos para a compreensão das regras de futebol oficial

e preparação para análise crítica durante os *Jogos da Primavera*. Dessa forma, os textos apresentados a seguir são modelos adaptados da crônica, mas não são crônicas autorais, por isso, não farei comparação com as outras produções.

Texto 1

O charme do futebol

Aluna: Anahi

O futebol de rua e o futebol de campo, podem até quase carregar o mesmo nome, mas se formos prestar atenção nas regras, percebemos que só o primeiro nome tem igualdade.

Assistir um jogo de futebol é maravilhoso, né? Aquela emoção, aquele frio na barriga...Eu só me perco um pouco na hora das regras. Ô coisinha complicada.

"Cada partida tem 90 minutos e é dividida em dois tempos de 45 minutos cada". Para que só 90 minutos de jogo? Eu quero mais emoção, eu quero 3 horas de jogo.

"O jogo é supervisionado por um arbitro". Não sei porque, eles só fazem a gente passar raiva.

"É proibida o uso das mãos para o manejo da bola". – Eu não vou nem comentar sobre isso!

"Para evitar que os jogadores do time adversário fiquem apenas área penal do lado adversário, foi criada a regra do impedimento" Pelo que eu percebo, essa regra só foi criada para ver o brasileiro sofrer. Eu nunca vi um jogo para ter tanto gol desmarcado por causa de impedimento quanto o jogo do Brasil. Primeiramente na Copa América, quando marcava um gol eu nem comemorava, com medo de ter sido impedido.

"O vencedor da partida é aquele que consegue fazer o maior número de gols". Eu termino essa crônica dizendo que somente o Brasil deveria ganhar, fazendo gols ou não!

Fonte: Produção do aluno, 2019.

A aluna de pseudônimo Anahi apresentou uma versão da crônica *Futebol de rua* adaptada para as regras de futebol oficial, colocando entre aspas os significados de cada elemento que compõe os jogos oficiais, pesquisados na *internet.* Depois suas percepções e desejos em relação às regras. Considerei essa tática interessante, porque a aluna compreendeu como fazer referência intertextual aos discursos alheios no seu texto, porém a mistura das regras somada à forma como ela se expressou contra as regras, não favoreceu para a harmonia do texto, fugindo, assim, da apresentação inicial, pois o título era *O charme do futebol* e a progressão temática ficou muito confusa, comprometendo a coerência textual. Se alguém ler esse texto fora do contexto da atividade, provavelmente não compreenderá seu sentido, principalmente a frase final que diz "o Brasil deveria ganhar, fazendo gols ou não!", pois seria

muito utópico pensar dessa forma sem considerar outros contextos oficiais de competição, e considerando o sentimento ufanista da autora.

Texto 2

Futebol Oficial

Aluna Shena[8]

Futebol oficial é jogado por jogadores profissionais, eles ganham dinheiro ao jogar num estádio de gramado. Um futebol oficial é quando se é apreciado por olhos ansiosos por um gol do seu time. As coisas ficam mais apreensivas ficar com a responsabilidade de ganhar o jogo. Pressão do juiz, de treinador, dos torcedores, dos colegas, da família, até do bebezinho que assiste ao jogo pela televisão. As regras do futebol oficial:

DA BOLA – a bola deve ser esférica, recoberta de couro ou outro material aprovado, que não represente perigo à integridade dos atletas. Sua circunferência máxima será de 69,5 cm e mínima de 68,5 cm; o peso deve estar entre 420 a 445 g no início da partida, e depois de cheia ela deve ter a pressão de 0,8 bar. Sem autorização do árbitro, não pode ser trocada no transcorrer do jogo.

DAS GOLEIRAS – São separadas entre si, interiormente, por 7,32m, unidos em cima por um travessão colocado a 2,44 m do solo. A largura ou diâmetro das traves não pode exceder 12 cm, e do lado de fora do campo podem ser guarnecidas por redes.

DO CAMPO – O campo deve ser retangular, com um máximo de 120 m e um mínimo de 90 m de comprimento, por uma largura máxima de 90 m e mínima de 45 m. Deve ser marcado com linhas visíveis de no máx. 12 cm de largura.

DA DURAÇÃO DO JOGO - As partidas terão dois tempos iguais de 45 minutos, exceto, acordo em contrário, e o árbitro poderá acrescentar o tempo que tenha sido perdido em consequência de acidente ou outro motivo. A duração de cada período será prolongada para a execução de um pênalti, e o descanso no intervalo – a menos que assim o autorize o árbitro – não poderá exceder 15 minutos.

DA FORMAÇÃO DO TIME – O jogo será disputado por dois times, cada um deles formado por no máximo 11 jogadores, um dos quais atuará como goleiro. Permite-se até cinco substituições por equipe, em partidas amistosas e duas mais goleiro nas oficiais.

DO JUIZ – será designado juiz para dirigir cada partida, com as seguintes atribuições: cuidar da aplicação das regras e rever todos os casos duvidosos, com decisões inapeláveis, mas evitando punições que beneficiem o infrator; anotar as ocorrências, cumprindo funções de cronometrista; interromper o jogo quando houver motivo válido; cuidar da disciplina dos atletas em campo; impedir a entrada de quaisquer elementos estranhos; expulsar definitivamente, sem advertência prévia, todo jogador culpado de falta violenta; decidir se a bola corresponde às exigências da regra II.

ARBITROS ASSISTENTES – São dois juízes de linha, com a missão de indicar quando a bola estiver fora de jogo e a que equipe caberá o arremesso lateral, o tiro de meta e o escanteio – sempre sujeitos à decisões do árbitro. Em casos de intervenção indevida ou conduta incorreta, serão substituídos.

[8] Pseudônimo escolhido pela autora em homenagem a personagem fictícia da série Xena: A princesa Guerreira.

IMPEDIMENTO – Todo jogador é considerado impedido se estiver mais perto da linha de fundo adversária do que a bola.
FALTAS E INCORREÇÕES – Um jogador que cometa intencionalmente uma faz nove faltas seguintes será púnico com tiro livre direto.
O PÊNALTI – será cobrado de seu ponto pré-assinalado, com todos os jogadores – à exceção do que vai batê-lo – colocados fora da grande área e no mínimo a 9,5 m da bola.
O GOL – Ressalvadas as exceções previstas nas regras, se considerará gol quando a bola ultrapassar Totalmente a linha de fundo, entre as traves e por baixo do travessão, sem que tenha sido lançada, levada ou golpeada com a mão ou o braço de um jogador da equipe atacante – exceto o goleiro, quando dentro de sua própria área de pênalti.

Fonte: Produção do aluno, 2019.

No texto 2, a autora Shena se empenhou bastante em descrever os ícones do futebol oficial, mas exagerou na transcrição de informações oriundas da pesquisa na *internet.* No primeiro parágrafo, ela até tentou escrever com as palavras dela, mas depois se rendeu fielmente à pesquisa. Para o propósito que defini, considerei um excelente texto de pesquisa, pois ela teve o cuidado de colocar no mesmo formato da crônica *Futebol de rua* e com todos os elementos.

Texto 3

Futebol Oficial

Aluno: Valentim

O futebol oficial é uma modalidade muito comum nos eventos de âmbito internacional, Tais como os jogos olímpicos e os jogos Panamericanos. Há muitos torneios de futebol pelo mundo e é disputado por duas equipes, cada um com 11 jogadores. O objeto usado é uma bola e o objetivo principal é a marcação de pontos (gol), que consiste em fazer a bola atravessar a trave adversária, encontrada na extremidade do campo.

O campo de futebol: Arco penal – Determina a distância a que os jogadores não envolvidos em penalidades devem permanecer durante a cobrança de falta.
Área de meta – Determina os limites da cobrança de tiros-de-meta e de tiros-livres indiretos.
Área penal – Determina o espaço em que é permitido ao goleiro usar as mãos para devolver a bola.

Linha lateral – Delimita o espaço do campo. Caso a bola ultrapasse essa linha, deve ser marcada a falta e deve haver a cobrança de lateral.

Linha de meta – Quando ultrapassada sem passar pelo gol é marcada a falta e é cobrado o tiro de meta.

Círculo central – Determina o espaço do toque inicial da bola.

Ponto central – É uma marca, no meio do campo onde a bola dará o primeiro toque.

Linha de meio-campo – Divide o campo ao meio, delimitando as áreas de cada equipe.

Tiro penal – Determina a distância para a cobrança de pênaltis.

Cada partida tem 90 m e é dividida em dois tempos de 45 m cada. O jogo é inspecionado por um árbitro. É proibido o uso das mãos para o manejo da bola. Podem serem usados os pés, as pernas, o tronco e a cabeça. Foi criada a regra impedimento para evitar que o time adversário fiquem só na área penal. O vencedor da partida é aquele que conseguir fazer o maior número de gols.

Fonte: Produção do aluno, 2019.

Já o texto do aluno de pseudônimo Valentim apresentou os elementos de forma sintética e coesa, porém também fruto de pesquisa da *Internet*. De acordo com a análise das produções dos alunos, 70% fizeram da mesma forma. Alguns descreveram mais, outros menos, mas fruto de pesquisa da internet. 20% deixaram em branco e 10% não compreenderam o propósito do texto e reescreveram a crônica *Futebol de rua* como um resumo, mas durante as leituras em sala de aula, os outros 30% adequaram a pesquisa antes dos jogos.

Após esse estudo, apresentei a crônica esportiva e os vários suportes em que ela pode se apresentar, para que os alunos tivessem acesso à forma física, antes dos *Jogos da Primavera*. Levei jornais atuais do mês de setembro para que eles pudessem encontrar as crônicas esportivas e lessem em sala de aula antes dos jogos. Segundo Marcuschi (2008, p. 179), o jornal diário ou semanal é um suporte de vários gêneros e estes se apresentam com características típicas do suporte. Dessa forma, as crônicas jornalísticas carregam a ideologia do suporte a que elas pertencem, ou seja, vai ser comum a defesa ou crítica tendenciosa para algum time de preferência, ou partido político e, nesse sentido, as crônicas não são simplesmente informativas com cara de notícia, pois têm outra face escondida nas entrelinhas.

Ainda nessa perspectiva, Dias in: Elias (2018, p. 206) adverte que a mídia "[...] relata fatos que são construções discursivas, elaboradas para produzir efeito de sentido de objetividade e factualidade, ao mesmo tempo em que visa ao envolvimento pessoal". Ou seja, nem sempre o que está escrito é a verdade, mas pode ser um instrumento de manipulação emocional. Por esse motivo, os alunos precisam estar preparados com a malícia de fazer curadoria e a informação em mais de um suporte, para chegar às suas próprias conclusões acerca das informações contidas no texto jornalístico.

Para dar conta dessa proposta, dividi a turma em 5 grupos e distribui um jornal completo para cada grupo. Eram jornais de grande circulação como *A tarde* e *Correio da Bahia*, além do jornal local de grande prestígio na cidade de Valença e região, *Valença Agora*. As edições trabalhadas estão expostas nas imagens de 23-25 apresentadas ao lado.

Os alunos (meninos) direcionaram logo a leitura para as crônicas esportivas – interesse comum. E foi interessante vê-los lendo os textos sobre futebol, buscando informações recentes, sedentos pela crítica. Apreciei as discussões nesse grupo sobre futebol, preferência por times, escolha de jogadores pela destreza com a bola e de outras classificações, como perna de pau.

Os grupos das meninas iniciaram dispersos, lendo de tudo, buscando informações sobre moda, resumo de novelas, astrologia, palavras cruzadas, enfim, estavam consumindo todos os textos que interessavam a elas no jornal. Deixei um pouco para que eles conhecessem realmente os textos que compõem o jornal. Depois direcionei para a busca pelas crônicas.

Alguns alunos se atrapalharam com o texto informativo, mas depois localizamos uma crônica esportiva no jornal *A tarde*, de Rafael Tiago Nunes, com o título *Desequilibra!*, para falar dos jogos do "Brasileirão" e do confronto entre Bahia e Corinthians. Os alunos leram em voz alta e todos apreciaram a leitura e a relevância informativa da crônica esportiva com os outros colegas.

No jornal *Correio*, o redator Gabriel Rodrigues trouxe o mesmo tema com o título "Tabu para ser quebrado", porém, pelo estilo ou formato do jornal, o texto está fragmentado entre relato de entrevista, juízo de valor e informações sobre os jogos. Então, os alunos

Figura 23 - Imagem ilustrativa da capa do jornal impresso "Valença Agora".

JORNAL VALENÇA
AGORA
www.valencaagora.com
Secretaria do Meio Ambiente de Valença discute coleta seletiva e Eco Usina em Audiência Pública
Laboratório Vivo: Projeto visa tornar município-arquipélago de Cairu exemplo de sustentabilidade para o mundo
EDITORIAL
Aprendendo a sentar na mesma mesa

Fonte: Jornal Valença Agora (2019).

Figura 24 - Imagem ilustrativa da capa do jornal impresso "A tarde".

A TARDE
www.atarde.com.br
EMPRESARIADO
MP da Liberdade Econômica é sancionada com 4 vetos
FISCO José Barroso Tostes chega em meio à polêmica sobre recriação de tributo similar à CPMF
Receita Federal tem novo chefe com perfil técnico
Ele assumirá cargo após nomeação por decreto
Sexta de fogo

Fonte: Jornal A tarde (2019).

Figura 25 - Imagem ilustrativa da capa do jornal impresso "Correio".

Esporte
ESQUADRÃO TEM CONFRONTO DIRETO DIANTE DO CORINTHIANS E TENTA ENTRAR NO G6 DA SÉRIE A
CORINTHIANS X BAHIA | HOJE, ÀS 19H, NO ITAQUERÃO

Fonte: Jornal Correio (2019).

elegeram como melhor estilo de crônica esportiva, o texto apresentado no jornal *A tarde*.

A edição do jornal *Valença agora*, que disponibilizei, não havia publicação de nenhuma crônica, pois as crônicas são publicadas uma vez por mês e geralmente são crônicas literárias dos escritores Araken Vaz Galvão e Moacir Saraiva, mas continha textos informativos sobre a ilha que eles vivem, consideraram, pois, pertinente terem acesso às informações do *Projeto Laboratório Vivo* – capa do jornal, figura 23 – para tornar o arquipélago modelo de práticas sustentáveis.

De acordo ao pensamento de Bortone e Martins (2008, p. 120-121), o professor que trabalha com jornal físico em sala de aula possibilita o desenvolvimento da visão crítica do aluno, a partir de um instrumento que ensina a leitura e a escrita reflexiva, apoiadas em informações históricas, contextuais e culturais que podem ampliar o seu repertório linguístico e visão de mundo.

Não por acaso, os alunos tiveram acesso a uma reportagem sobre a História e Cultura de Cairu, dentro de um projeto entre a escola Navarro de Brito e a as Secretarias de Educação e Cultura.

Figura 26 - Imagem ilustrativa de reportagem sobre Cairu.

História e Cultura de Cairu ganham culminância na Escol
Navarro de Brito

O eixo temático "história e cultura local" da Escola Municipal Dr. Luiz Navarro de Brito, localizada em Cairu (Sede), ganhou uma grande culminância no último dia 29, no auditório da Câmara de Vereadores, em uma atividade conjunta das Secretarias da Educação e da Cultura. Durante o encontro, foram realizadas pela secretaria da Cultura as oficinas de Cultura e Educação Patrimonial. O evento também comemorou o mês dos pais, com homenagens e almoço especial. A ação foi uma atividade complementar do

Culminância do projeto envolveu uma atividade conjunta das Secretarias da Educação e da Cultura

JEPP - Programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos, iniciativa da Prefeitura de Cairu com o Sebrae.

OFICINA

A oficina de Cultura abordou a história e atividades da centenária Filarmônica Centro Popular Cairuense, divulgando inscrições que estarão abertas a partir do dia 16 de setembro, na secretaria da Cultua, para os interessados em participar da formação musical da filarmônica. Na sequência, foram apresentadas as ações da Fanfarra Municipal de Cairu (Famuca), que iniciará no em breve os ensaios da Famuca Mirim.

Já a oficina de Educação Patrimonial trabalhou, através de dinâmicas, o conceito de Cultura, tratando das questões identitárias, situando o universo onde o indivíduo está inserido e mostrando a força da tradição dos Congos, da Chegança e dos Caretas. Os estudantes puderam tirar dúvida sobre a riqueza cultur cairuense, as definiçõe de patrimônio material, material e tomarem co nhecimento dos avanço acerca da salvaguarda do grupos culturais, registra dos pelo Instituto do Pa trimônio Artístico e Cu tural da Bahia (IPAC) co mo Patrimônio Cultural material do Estado, são o casos dos Caretas de Ca ru (Zambiapunga) e d Chegança, seguindo o Congos o mesmo caminh num processo em busc deste reconhecimento of cial, enquanto patrimôni imaterial do Estado.

Além do corpo d professores, funcionár os, estudantes e pais do alunos, estiveram presen tes pela Escola Navarro d Brito o diretor Selmo Lim e a coordenadora Pedagó gica Maria Helena Martins Representaram a secreta ria da Cultura de Cairu n encontro a superinten dente Michele Dahlmann e os assessores técnico Daniel dos Anjos, Zé Ro berto, Gutemberg Silva Helenita Moreira.

Superintendente Michele Dahlmann representou a secretaria de Cultura

Fonte: Jornal Valença Agora (2019).

Os alunos consideraram interessante, porque tratava da mesma temática que trabalhamos no módulo I, em pesquisas e entrevistas na Gamboa, que rendeu uma produção local. O projeto deles focou nas manifestações que têm maior visibilidade como os "Congos", que está em processo de reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do

Estado, além de A Chegança e os Caretas de Cairu (Zambiapunga), que já foram reconhecidos. No jornal *A tarde*, eles também encontraram uma reportagem sobre seis espaços de Morro de São Paulo que seriam tombados pelo IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Assim, os jornais se complementavam em informações que os alunos consideraram interessantes. Eles também consideraram a hipótese de as escolas e as ilhas se conectarem nesse sentido cultural e gostariam de ser representados no jornal, pois julgaram a pesquisa deles de maior relevância. Tranquilizei-os, afirmando que eles seriam representados na minha dissertação, apreciados e lidos por leitores incalculáveis. Ficaram, então, satisfeitos.

Os alunos foram incentivados a pesquisar na internet, jornais *on line* para conhecer outras crônicas esportivas e escritores diversos de crônicas: *O povo on line – Jornal do leitor*, *O globo Cultura*, *O Diário*, *A Tarde* dentre outros. Assim, eles tiveram a experiência de ler as crônicas em diferentes suportes e estilo. Como já estávamos na semana dos *Jogos da Primavera*, partimos para produção das crônicas durante os jogos.

Os *Jogos da Primavera* estavam organizados para acontecerem entre os dias 19 e 20 (quinta e sexta) e 23 (segunda), mas, como muitos alunos de outras escolas se inscreveram para participar, a direção da escola considerou melhor a possibilidade de encerar no dia 21 (sábado). Dessa forma, os alunos tiveram três dias seguidos de evento para escrever suas crônicas. A

Figura 27 - Cartaz dos "Jogos da Primavera".

Figura 28 - Foto com os alunos na quadra Mestre Miliquita.

Figura 29 - Foto na quadra Mestre Miliquita.

Figura 30 - Foto na quadra Mestre Miliquita

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

orientação foi contextualizar as crônicas em tempo real, elaborar as críticas em torno de tudo que fugisse do padrão das regras dos jogos, conforme havíamos estudado na transição da crônica *Futebol de Rua* para *Futebol oficial*, além das orientações em relação ao cuidado com a ironia e com o outro.

Muitos alunos iriam integrar os times como jogadores e os que não iriam participar efetivamente jogando, teriam que torcer e escrever. Os que estavam jogando, depois que saíssem da quadra, também teriam a missão de escrever suas experiências enquanto jogador. Alguns seguiram a orientação tão à risca a ponto de a folha de rascunho ficar toda manchada de suor. Eles esclareceram que preferiam escrever assim, a ter que escrever depois e esquecer os lances e perder o calor da emoção. As ligações situacionais (situacionalidade) aqui são bastante relevantes, pois estão relacionados aos fatores que tornam o texto funcional, pois "[...] é uma forma particular de o texto se adequar tanto ao seu contexto como a seus usuários" (MARCUSCHI, 2008, p. 129). E o texto ganhou forma dentro desse contexto em situação real de produção.

4.2.3 Textualidade e sentido: análise das produções dos alunos

Na sequência, seguem as análises das crônicas que foram produzidas durante os *Jogos da Primavera*. O padrão de análise segue os parâmetros de análise global descritos por Antunes (2010) e a escolha das crônicas surgiu a partir do resultado da análise das crônicas dos alunos, pois considerei todas as produções que os alunos escreveram como crônicas. Tomei como base os textos produzidos no diagnóstico, para apresentar a evolução das produções após aplicação do método. Então, escolhi 3 crônicas que representaram três grupos. A crônica representante do Grupo A é a que contém mais elementos textuais para estudo, coerência e coesão. A crônica que representa o Grupo B, com menos elementos textuais, coesão e coerência. E a que representa o Grupo C, com um pouco menos de elementos textuais para análise. Outra característica da escolha foi a observação sobre a evolução de alguns alunos que, no início, demonstraram resistência, considerando-se sem habilidade para escrita. A aluna Anahi continuou como representante do Grupo A, mas observei que os alunos que eram do Grupo B, praticamente passaram para o Grupo A. A aluna Yara, que era do Grupo C, passou a representar o Grupo B, composto pelos alunos que conseguiram evoluir dos Grupos C e D. Já a aluna Tainá, que era do Grupo D, por escrever um texto no diagnóstico que fugia totalmente do gênero crônica, passou a representar o grupo C. Este grupo ficou constituído pelos alunos que

escreveram, mas ainda estão reescrevendo, como uma possibilidade de melhorar o texto para apresentar no próximo módulo.

Crônica 1 – representante do Grupo A

O grande dia

Aluna: E12 Anahi

E chegou o grande dia, o dia em que eu levantei da cama sabendo que iria passar raiva até não poder mais. O dia que eu sabia que iria ver rostos novos e escutar novas vozes - eu amo essa sensação.

Acordei cedo, comecei a me arrumar, e quando acabei, sai de casa me despedindo da minha avó com um sorriso de orelha a orelha, mas antes de ir para a quadra passei na casa das minhas amigas, claro, queria chegar lá no estilo.

Pronto, meu bonde estava formado e a expectativa para aquele jogo estava lá no alto. Chegamos na frente da escola. – Uau! O futevôlei é realmente algo lindo de se ver. Algo mágico, não tão puro, porém encantador.

Os jogos começaram fora da quadra - como meu amigo disse na crônica dele "foram muitas vitórias e derrotas, mas é assim mesmo, nada na vida são só flores". E quando acabaram as partidas do futevôlei, foi para dentro da quadra, todas nós fomos.

Quando entramos na quadra estava rolando o jogo das meninas do sub 14, desde ali a emoção começou, desde aquele jogo os meus nervos já estavam à flor da pele. As meninas estavam jogando e a arquibancada gritando, era maravilhoso escutar o: lê, lê, lêo, lê, lêo, lê, lêo, lê, lêo, GAMBOAAA.

Com muitas faltas, cartões, escanteios, rabos de olho e muita emoção o jogo acaba de 3x1 para as meninas da Gamboa – claro!

Mas o dia não acabou por aí, muitas coisas ainda rolaram. Entre essas coisas, o jogo das meninas do sub 17. Esse jogo é o clássico, o jogo que me faz ficar com a garganta doendo toda vez que eu assisto.

O jogo começa com muitos olhares, muito deboche, muita falta e principalmente cartões. Mas vocês pensam que isso foi só no jogo? Vocês estão enganados! Aquela arquibancada estava pegando fogo - literalmente, muito fogo. Foi uma mistura de fofoca, ciúmes - ai ai, bebê, vocês que se cuidem, porque Charizard não é mole.

Depois de um dos acontecimentos, acontece o primeiro gol, infelizmente não tivemos o segundo gol, mas as aventuras daquele dia valeram por tudo.

E termino essa crônica dizendo: “FUTEBOL NA GLOBO, AQUI É EMOÇÃO...”

Meninas, não tenham ciúmes do que não é de vocês, é feio...!

Fonte: Produção do aluno

A crônica representante do Grupo A, *O grande dia*, refere-se ao dia esperado por todos os alunos para acompanhar os *Jogos da Primavera*. A unidade temática de todas as crônicas deste módulo gira em torno dos jogos que aconteceram na escola no período de 19-23 de

setembro de 2019. A perspectiva era pelo registro de crônicas jornalísticas, porém, durante a análise, não encontrei uma crônica que representasse o gênero, pois as crônicas estão carregadas de emoção, euforia, uso coloquial da língua, figuras de linguagem, crítica, humor, palavras ofensivas e, como elas dizem, "muito deboche".

A aluna de codinome Anahi transferiu toda sua emoção em relação aos jogos para a crônica que denominou *O grande dia*. Ela descreveu suas intenções em relação aos jogos e aos jogadores, ou melhor, suas segundas intenções e, até o final da crônica, ela continuou descrevendo os jogos e suas percepções sobre tudo que circunda esse momento. Como descrito nas crônicas do módulo I, na Gamboa não tem muitos atrativos, principalmente para os jovens que lá residem e já estão cansados de ver o mar. Portanto, vou me conformar com essa justificativa, para compreender a escrita dos alunos durante esse evento.

Classifiquei a crônica da aluna como pertencente ao domínio literário, pelo jogo discursivo e utilização de linguagem emotiva, irônica e rica em figuras de linguagem. A aluna utilizou hipérbole, para exagerar algumas expressões como "sorriso de orelha a orelha", intensificando o quanto estava exageradamente feliz com o evento, "meus nervos já estavam à flor da pele", para classificar o quanto estava ansiosa. Ela também utiliza figuras de linguagem para comparar "O futevôlei é realmente algo lindo de se ver. Algo mágico, não tão puro, porém encantador", porém é uma descrição ambígua, pois futevôlei está no lugar de jogador. Na verdade, ela está se referindo aos jogadores do futevôlei como lindos, mágicos e encantadores, transformando esse termo em uma metonímia.

A autora também utiliza metáforas no sentido figurado, "meu bonde", referindo-se ao grupo de garotas que anda com ela, e "rabo de olho" para demonstrar a forma enviesada de olhar feio, intimidando a equipe adversária. Ela ainda utiliza outras metáforas para dizer que a "arquibancada estava pegando fogo - literalmente, muito fogo", esse fogo citado por ela não foi usado no sentido literal, mas no sentido conotativo de dizer o quanto elas estavam agitadas, participando de fofocas, provocações e agitação por causa dos meninos. Charizard foi um pseudônimo que elas criaram para se referir a uma colega que estava demonstrando mais interesse nos meninos, então o termo "mole" substitui "fácil" "facilitar", ou seja, na expressão "- ai ai, bebê, vocês que se cuidem, porque Charizard não é mole". Ela utilizou a metáfora para dizer que a colega não era fácil, ou seja, era persistente nos seus objetivos de conquista. Esse trecho também soa de forma irônica, porque a autora estava mandando esse recado para os meninos e a expressão "mole", "fácil" estava ao contrário do que elas queriam dizer, pois, nos moldes do contexto, a colega estava facilitando a troca de afeto com os meninos. Outro recadinho irônico que a autora envia para as meninas é "não tenham ciúmes do que não é de

vocês, é feio...!", referindo-se aos meninos que todas estavam apreciando como um "patrimônio público".

O propósito comunicativo atende às características composicionais da crônica no que refere ao relato reflexivo do cotidiano, poucos personagens, reflexões, confissão pessoal, uso coloquial da linguagem, ironia, humor e intertextualidade.

A relevância informativa, vou deixar por conta da minha surpresa em relação à novidade do grau de rivalidade entre elas e as meninas de outras localidades: o atrevimento em relação aos jogadores, num jogo de conquista e insulto entre as meninas.

O texto mantém diálogo intertextual com um trecho da crônica do colega, lida em sala de aula, "foram muitas vitórias e derrotas, mas é assim mesmo, nada na vida são só flores", inclusive, essa expressão "nada na vida são só flores" já é intertextual a ditos populares que designam as dificuldades na vida, e flores também é uma metáfora que relaciona o sentido de dizer que nada na vida tem perfume, ou maciez, ou cor, ou delicadeza. Outro diálogo intertextual é a utilização de um clichê do narrador esportivo, Galvão Bueno "FUTEBOL NA GLOBO, AQUI É EMOÇÃO" como referência ao que ela queria dizer "Jogos na Gamboa, aqui é emoção". Mantem diálogos intertextuais também com as crônicas estudadas durante a análise.

A crônica atende aos parâmetros de coerência e, apesar de conter alguns problemas de pontuação, isso não prejudicou o entendimento do sentido global do texto. É importante ressaltar que, dentro do contexto de produção e circulação, a crônica tem uma coerência mais apurada. Talvez essa seja a minha vantagem em relação a outros leitores, pois alguns trechos podem não fazer sentido para os que não participaram da construção dentro do contexto.

Crônica 2 – Grupo B

Gamboa: Jogos da Primavera

Aluna E6: Yara[9]

Todos agitados para o início dos jogos. Os organizadores dão início a abertura e logo em seguida vem o grupo de dança e finalizando a abertura um pequeno grupo de música. E o jogo dos pequenos começa. O jogo já começa com muita emoção, todos gritando pra fazer gol, e quando finalmente o real Gamboa ia conseguir fazer gol, a bola vai para fora.

E finalmente foi gol e todos gritavam como loucos – eu nem sei o nome do time adversário, mas estou torcendo para quem está ganhando. Sempre assim, quer dizer, nem sempre, não entendo muita coisa de futebol mesmo. E o jogo acaba 4×2.

[9] Pseudônimo indígena escolhido pela autora; significa "senhora das águas".

Durante o intervalo do jogo acontece mais uma apresentação, dessa vez, uma apresentação de ballet. As meninas pequeninas estavam lindas e deram um belíssimo show. Na volta do intervalo começa o jogo de baleado, na arquibancada todos muito animados, dançando ao som do que estava tocando. Bem no final o jogo ficou tenso, LN e AL do time da Gamboa estavam de marcação com uma menina do time adversário, até que AL baleia a menina e finalmente ganhamos.

Eu já estava praticamente sem voz de tanto gritar quando o jogo de futsal feminino começou, até gente sangrando saiu da quadra e nada de gol. Já pela noite teve basquete e vôlei, cheguei atrasada então não sei quem ganhou o jogo de basquete.

O jogo de vôlei já começa bem para o time rosa abrindo 4 pontos na frete do seu adversário, e, como os times não tinham nomes vou classificar como time rosa e time verde. Depois do vôlei começou o jogo de futsal, eu não estava entendendo nada porque saí da quadra por alguns minutos, e assim como o vôlei classifiquei como time rosa e time amarelo.

No dia seguinte pela manhã teve mais jogos dentro da quadra, estava tendo futsal e fora dela estava tendo futevôlei e vamos confessar que tinha uns bebês lindo por lá. Pela tarde não foi diferente, deram um show eu não prestei muita atenção porque os "bebês" estavam tirando um pouco da minha atenção – só minhas amigas entendem esse trecho.

O futsal das meninas foi muito emocionante Valença X Gamboa e as meninas da Gamboa ganharam o jogo mas aconteceram algumas confusões que deixou o jogo mais emocionante e quase acontecia uma briga, mas foi impedida pelo juiz. Apesar de todas as desavenças e confusões a Gamboa se consagrou campeã.

Fonte: Produção do aluno

A aluna Yara apresentou sua crônica narrando e descrevendo tudo que conseguiu observar e compreender dos jogos. A crônica *Gamboa: Jogos da Primavera* revela as sensações e emoção da autora que participou do evento intensamente, torcendo, gritando, cantando. No final, a autora deixou escapar a confissão de que até as brigas entre os times das meninas que estavam jogando foi emocionante.

No início da narrativa, acreditava que a autora tenderia para crônica jornalística, mas depois que confessou que não entendia nada das regras de futebol e deixou ser guiada pela emoção, classifiquei como crônica literária. Diferente da autora do grupo A, Yara não utilizou muitas figuras de linguagem, mas seu texto apresentou sonoridade e sentimento, sendo possível perceber os afetos e desafetos que agradam e desagradam o seu coração. A única metáfora que ela utilizou foi “bebês” para se referir aos meninos, que elas classificam “com cara de ajo”, que estavam jogando na quadra. Esses garotos eram de outras localidades, então roubavam a cena e os olhares das meninas.

Quanto ao propósito comunicativo, o texto atendeu às características composicionais da crônica no que tange ao relato reflexivo do cotidiano, confissão pessoal, uso coloquial da linguagem, metáfora, humor. Todavia a autora poderia utilizar melhor os recursos literários, e acredito que ela queria escrever um texto jornalístico e dispersou o discurso seduzida pela

possibilidade de satirizar as adversárias. Porém de acordo ao pensamento de Terra (2014, p. 145), "A matéria-prima da crônica é, pois, o cotidiano; mas o modo como o cronista apresenta o cotidiano, as considerações que ele faz sobre os fatos narrados a distinguem de outros textos jornalísticos". Dessa forma, a autora desviou a apresentação de fatos cotidianos meramente informativo e entrou no jogo discursivo literário.

A autora manteve diálogos intertextuais com as crônicas do diagnóstico, sobretudo com a crônica *É paixão...*, no trecho em que confesso não ter domínio sobre as regras de futebol.

A crônica atendeu aos parâmetros de coerência. A presença de alguns problemas de pontuação e articulação das orações não prejudicaram o entendimento do sentido global do texto. Acredito que pela clareza das ideias, qualquer leitor consegue compreender a intensão da autora.

Crônica 3 – Grupo C

O jogo tão esperado

Aluna E5 - Tainá

Enfim tinha chegado o dia dos "Jogos da Primavera" do modelo Gamboa. E quem acorda às 06:40h da manhã? Pois é! Euzinha! Acordei às 06:40h da manhã, pois minha prima foi me acordar para ir pro jogo. Então fiz as coisas, tomei banho, e falei para ela que no primeiro dia os jogos começariam às 13:00h da tarde, e ela na teimosia dizendo que iria começar de manhã. Então me arrumei e fui, quando cheguei na quadra quem estava lá? Ninguém, absolutamente ninguém. Fiquei feliz por não ter ninguém porque pelo menos ninguém viu esse mico kkkkk.

Daí voltamos pra casa, almoçamos e esperamos dar 13:00h e começamos a nos arrumar de novo. Fomos para a quadra, dessa vez ela estava cheia de pessoas, de vibrações, nervosos, e muita alegria. Fomos para a última arquibancada e chegando lá, encontrei minhas colegas e sentei ao lado delas. O jogo dos meninos iria começar, e o goleiro de um time era namorado de minha colega, que estava do meu lado, o jogo começou e ela nervosa, pois o namorado já tinha tomado um gol, e ela gritou para ele: "finge que tá me agarrando que você consegue pegar a bola", e eu e as meninas se acabando de dar risada da cara dela.

O jogo acabou e o placar foi 1×1. E enfim tinha chegado minha hora de jogar baleado, e assim começa o baleado da Gamboa × Zimbo. Eu estava bem na fileira do fundo e cheia de ódio, pois as meninas não queriam passar a bola. Então resolvi deixar as meninas do Zimbo me balear para finalmente eu conseguir pegar na bola, assim fui para o lado oposto da quadra, e começamos a balear o time adversário, só que o ranço da gente da Gamboa era com a menina de camisa 11 do Zimbo, que parecia uma lagartixa dançando kkkkkk. Eu e LN cheias de ódio dela, ficamos tentando balear ela, só que LN foi baleada, mas o jogo continuou, a quadra vibrando, várias pessoas gritando seu nome – é a melhor força – e outras gritando tira o deboche Tainá. E eu ria muito!

Então baleamos todas as meninas do Zimbo e como já estava cansada, resolvi ficar um pouquinho e depois fui para casa. Antes de ir tinha falado vou para casa descansar para amanhã vê os bebês de Valença. Vou vir arrumada!

Finalmente o segundo dia, e eu estava toda arrumada, quando cheguei IB e HL já tinham me perguntado por que eu estava tão arrumada, então falei que era para quando o povo de Valença chegar, falar pelo menos uma se salva kkkkkk. As pessoas de Valença chegaram, lembra lá em cima que falei que iria vir arrumada para ver os bebês? Então, eles eram bebês mesmo, só que bebês monstros kkkkkk. Então fui assistir o futevôlei e quando cheguei lá, estava maravilhoso, o futevôlei tinha um brilho que era impossível identificar, só as fortes entenderiam o brilho da Calvin Klein kkkkkk. Sai do futebol e entrei para quadra e estava jogando o sub 17 dos meninos, e estava meio por fora de tudo, então não sabia bem o placar, mas cheguei bem feliz gritando meu primo que estava jogando.

O time de meu primo perdeu, mas eu não me importei muito, pois ele tinha jogado muito. Quando acabou o jogo dos meninos, iria começar o jogo das meninas que todos nós estávamos esperando. O jogo começou e as meninas do futebol da Gamboa estavam ganhando, e as meninas de Valença já estava com ódio pois estavam perdendo. Quando a bola foi para o escanteio as meninas de Valença que iria bater, e quando ela chega no escanteio PL grita “Saí daí peito de ... cuidado para não chutar o peito pensando que é a bola”. A menina de Valença passou um rabo de olho já cheia de ódio e o jogo continua, logo após a jogadora LZ tinha sofrido uma falta e quem bateu foi a jogadora KL camisa 10 do futebol da Gamboa. Ela faz o gol e a quadra vibra, pula, xinga, todos com nervoso e alegria ao mesmo tempo, mas nesse jogo não podia faltar o deboche de KL. A menina debochou o jogo todo, e só entrou para bater e não queria apanhar, então o jogo acabou e as keninas do futebol da Gamboa venceram. Mas quem disse que acabou por aqui? Rs. À noite ainda tinha mais! Fui pra casa tomei banho, esperei dar 19:00h para ir, e quando cheguei já estava rolando o vôlei. Eu não entendi muito o jogo, só sei que as meninas do time rosa ganharam. Acabou o vôlei, e começou o jogo masculino da EJA, um time verde e o outro time rosa, bem eu também não entendi nada desse jogo, mas fingi que estava entendendo tudo. O jogo saiu empatado e acabou os jogos de primavera, e eu fui pra casa me perguntando como eu iria fazer uma crônica se eu não tinha entendido nada.

Fonte: Produção do aluno

A aluna Tainá apresentou muita resistência em escrever durante quase toda a aplicação do projeto, mas quando chegou no dia dessa produção contextualizada, ela se rendeu à escrita e escreveu um “textão”. Leu em sala de aula, digitou e enviou para análise. Ela retratou em sua crônica todo sentimento de preparação, torcida e participante como atleta dos jogos. A narrativa dela estava carregada de humor, ironia e muitos *kkkk*, como se, ao passo em que escrevia, relembrava suas emoções, divertia-se com isso e transferia os risos para o texto. Tive que excluir alguns excessos, colocar as iniciais dos nomes das meninas, porque ela não queria se adaptar a essa convenção do texto. Ela utilizou uma palavra ofensiva para se referir a uma garota da equipe adversária. Tive que subtrair, por essa razão, perdeu ponto no texto. Outros termos menos ofensivos deixei passar por conta da satisfação de vê-la se libertar das amarras que não permitiam sua escrita.

A crônica foi classificada pertencente ao domínio literário, por conta da carga emotiva, utilização de figuras de linguagem, ironia, humor e intertextualidade. A autora utiliza algumas metáforas para se referir a outros como “parecia uma lagartixa dançando”, o termo “lagartixa” foi utilizado no sentido de que a menina era branca, loira e magra e, quando estava dançando, elas associavam simbolicamente a uma lagartixa. Ela fez outras referências utilizando “ver os bebês”. Bebês aí eram os meninos de fora da ilha que iriam jogar e “bebês monstros”, porque ela estava aguardando os meninos bonitos com “cara de anjo”. Na visão dela, o padrão dos meninos que chegaram quebrou com esse estereótipo e ela classificou como “monstros”. Outra metáfora foi a expressão “rabo de olho”, pois o olho não tem rabo, mas é uma forma usual de descrever quando alguém olha torto, enviesado. A autora da primeira crônica também utilizou e Tainá aproveitou o termo para justificar a forma que a menina olhou para ela e que a deixou cheia de ódio.

A aluna ainda utilizou outras figuras de linguagem. No trecho “o futevôlei tinha um brilho que era impossível identificar, só as fortes entenderiam o brilho da Calvin Klein kkkkkk. Ela utilizou metonímia na troca de “futevôlei” pelos “jogadores”, pois eram os jogadores que tinham um brilho inexplicável para ela. Outra metonímia foi a troca da marca da cueca dos meninos “Calvin Klein” pelo nome cueca e subtrair a ideia de que elas estavam interessadas em ver as cuecas dos jogadores. Outro termo foi “a quadra vibra”, pois o termo quadra está substituindo pessoas, afinal quadra não vibra, quem vibra são as pessoas, os torcedores que estão na arquibancada. Ela também utiliza o recurso de ironia como no trecho “IB e HL já tinham me perguntado por que eu estava tão arrumada, então falei que era para quando o povo de Valença chegar, falar pelo menos uma se salva kkkkkk”. Com a expressão “uma se salva”, a autora estava utilizando da ironia para dizer que só ela estava arrumada e bonita para receber as pessoas de fora. É um recurso de ironia que leva ao riso, para depois compreendermos o sentido da expressão que a autora utilizou.

O propósito comunicativo atende às características composicionais da crônica no que refere ao relato reflexivo do cotidiano, poucos personagens, reflexões, confissão pessoal, uso coloquial da linguagem, ironia, humor e intertextualidade. Conforme ressalta Terra (2014, p. 145), “Ironia, humor, poesia estão presentes em crônicas que, recolhidas posteriormente em livros, continuam sendo lidas, muito tempo depois dos fatos que as geraram”. Dessa forma, a crônica da autora adequa-se ao estilo esperado.

Assim como nas crônicas anteriores, a relevância informativa foi definida pela minha surpresa em relação à novidade do grau de rivalidade entre as meninas da Gamboa e as de outra localidade, além do desespero em conhecer rapazes de outra localidade.

O texto mantém diálogo intertextual explícito da fala de uma colega “finge que tá me agarrando que você consegue pegar a bola”, diálogo intertextual com a crônica 1, da colega Anahi e com as crônicas trabalhadas em sala de aula durante a análise.

A crônica, mesmo passando pelo processo de reescrita, ainda apresentou problemas de coesão (articulação entre as orações e pontuação), mas atendeu aos parâmetros de coerência por deixar claro a intencionalidade do texto.

4.2.4 Dados comparativos contextuais

As crônicas deste Módulo II são frutos do trabalho de leitura, análise de crônicas e produção contextual durante os *Jogos da Primavera*. Para Koch (2015), os contextos são utilizados para monitorar os eventos comunicativos e representam “as intenções, propósitos, objetivos, perspectivas, expectativas, opiniões e outas crenças dos interlocutores sobre a interação em curso ou sobre o texto que está sendo lido ou escrito” (p.57). Os alunos produziram as crônicas durante os jogos e foram influenciados pelo lugar, tempo, circunstância, condições de produção, dentre vários outros fatores de interação responsáveis pela adequação do gênero, levando em conta as situações sociointeracionais.

Após o evento, eles leram as produções em sala de aula, fizeram as adaptações necessárias, digitaram e encaminharam para análise. As crônicas que apresentavam carência de elementos textuais, orientei a possibilidade de acrescentar, caso fosse do interesse do aluno. Já as crônicas que estavam com problemas estruturais e de pontuação, sugeri adequação para melhorar e encaminhar novamente. Contudo, vale lembrar que o estudo que mais nos interessa está relacionado à coerência e enunciação, pois ortografia e pontuação podem ser adaptáveis, mas se os alunos não conseguirem escrever textos coerentes e que sejam classificados como crônicas, significa que nosso objetivo não foi alcançado. A esse respeito Cavalcante (2018, p. 30) reflete: “O texto não pode ser concebido somente do ponto de vista do sistema linguístico, ou seja, privilegiando aspectos sintáticos e semânticos, em detrimento dos aspectos pragmáticos, das mais diversas situações de uso”. E de acordo a esse pensamento, os aspectos sintáticos sofreram uma relevância ínfima em relação aos outros aspectos citados.

Durante esse processo, foi possível observar que as crônicas dos alunos tiveram uma evolução significativa em relação à produção inicial e a produção do módulo I. Os alunos se envolveram com a proposta, participaram ativamente de todas as atividades, sabiam o objetivo da produção e empenharam-se para alcançar. As autoras, em alguns momentos, pareciam estar em um campo minado de guerra, pelo grau de competição e rivalidade entre as equipes de

competição. Pelo jogo enunciativo, as autoras utilizaram-se do recurso do humor e da ironia, para fazer zombaria e sarcasmo com as adversárias. Para essa prática, Dias in Elias (2018, p. 209) considera como uma "hiperbolização do negativo", ou seja, é parodiar e rir excessivamente de alguém. Em relação a esse aspecto, orientei, mas relevei porque, como expliquei anteriormente, estão situados geograficamente no "entre-lugar" e pelos discursos não queriam ser esmagados por outros, jogando na arena deles, principalmente por alunos do Zimbo-Morro de São Paulo e Valença. Nesse sentido, ser os melhores e finalistas nos jogos significava muito para eles.

A crônica passou a ser mais que uma produção, foi um elemento de diálogo, confissão, razão, emoção. A produção poderia ser lida por várias pessoas e, nas entrelinhas, o jogo não havia acabado, pois eles continuavam mandando recados para seus interlocutores. A essa característica da produção, Bakhtin (2016, p. 47) defende que existe uma "relação valorativa entre o falante com o objeto do seu discurso". Dessa forma, os alunos definiram qual valor e estilo dariam ao seu texto, conferindo-lhe valor emocionalmente expressivo ao enunciado em questão. Para eles, seria a última jogada, poder escrever relatando os acontecimentos em tempo real, com a identidade deles e processos comunicativos livres, individuais e pessoais.

Em relação aos conteúdos conceituais, os alunos compreenderam a diferença entre as crônicas jornalísticas e literárias, os discursos diretos e indiretos e a utilização da primeira pessoa, o narrador personagem, ironia e humor. Em relação a relevância informativa, os alunos demonstraram entendimento durante a leitura, porém, na prática, não se atentaram para desenvolver essa novidade no texto.

Os conteúdos procedimentais foram bastante explorados em leituras, análises, jogos e produções. Os alunos demonstraram bastante destreza nas habilidades de participarem dos jogos e nas produções textuais. Certamente, foi uma experiência marcante e significativa para eles e para mim, pois, de certo, farei outras produções contextualizadas, pois as produções dos alunos estavam carregas de sentido, figuras de linguagem e foi uma forma intrigante de exercitar a ironia e humor no texto.

Os conteúdos atitudinais estavam relacionados a não utilizar a ironia e o humor para causar efeitos maléficos no outro, bem como provocação ou *bullying*. Mesmo sem perceberem, eles praticaram justamente o contrário do que foi previsto, pois insultaram, debocharam, apelidaram, foram irônicos e, de certa forma, oprimiram os adversários e visitantes. Como não participei pessoalmente de todos os jogos, só percebi essa postura nas produções. Então, conversamos sobre esses efeitos no outro, decorrentes do comportamento que eles consideraram como "diversão". Enfim, acredito que compreenderam os problemas que

permeiam essas atitudes. Em relação a serem livres para escolherem o seu estilo de escrita, os alunos se sentiram justamente assim: senhores de suas ações. No quesito sobre fidelidade às informações, eles foram fiéis ao ponto de fazer confissões até do que tiveram vontade de fazer e o tempo não permitiu.

Conforme se evidencia, a aluna E12 – Anahi –, durante o percurso de aplicação da proposta, seguiu liderando o Grupo A. O texto que a autora apresentou na primeira escrita já havia sido classificado como crônica literária, porém é possível observar que a aluna progrediu, escrevendo crônicas com mais elementos de composição do gênero e subsídios do texto literário. A crônica do segundo módulo apresentou mais figuras de linguagem, ironia, humor e intertextualidade, garantindo a intencionalidade da autora em relação ao leitor. Segue abaixo um recorte da análise global do diagnóstico e a descrição global da crônica da autora.

E12	**Texto coerente com a proposta temática, apresenta características do gênero solicitado e referência entre o mundo real e o mundo simbólico. Faz parte do campo discursivo literário e mantém relações intertextuais com as crônicas trabalhadas no diagnóstico.**

Esses aspectos indicam que a autora já apresentava habilidades para escrever crônicas e, segundo relato da mesma, ela escrevia por escrever, não tinha noção de gênero discursivo, nem dos conteúdos que foram trabalhados. A partir disso, passou a melhorar o seu estilo de escrita. Durante esse processo, a aluna se identificou tanto com o gênero, que seguiu escrevendo vários textos, ou melhor, várias crônicas, independentemente deste estudo, para confessar os seus conflitos pessoais e visão de mundo.

Já a produção da aluna E6-Yara, neste módulo, superou totalmente a escrita do diagnóstico, pois a autora se identificou com a escrita de crônicas e passou a escrever e reescreve até ouvir que o texto dela era uma crônica. Percebi o quanto foi gratificante para ela escrever um gênero, pois queria escrever, mas não sabia o percurso, as características composicionais do gênero e nem compreendia o potencial que poderia desenvolver escrevendo.

No recorte é possível avaliar a evolução da aluna e, apesar da crônica dela no Módulo II não apresentar muitos elementos literários, a escrita estava arrumada, coesa, coerente e dentro da proposta temática, demonstrando avanços significativos em relação ao diagnóstico como descrito abaixo.

E6	**Texto não condiz com a proposta temática. Unidade temática em torno da limitação da religião. O texto apresenta falta de coesão, apenas um parágrafo com excesso de pontuação e períodos curtos e prejudicados.**

Como visto no recorte acima, segundo o diagnóstico, o texto da aluna não condizia com a temática proposta. A temática que ela tentou desenvolver sobre "limitação da religião" apresentava fragmentos de ideias com várias rasuras sem condição de classificação de gênero. No início das aulas, ela conversou comigo em particular, sobre estar sofrendo preconceitos por conta da sua inclinação religiosa. A autora tem uma predileção por religião de matriz africana e gostaria de dar prosseguimento aos ensinamentos de sua avó, mas as pessoas não compreendiam e julgavam-na com aptidão para coisas do mal. Nesse sentido, primeiro a tranquilizei, explicando que a escola era laica e não discriminávamos qualquer tipo de religião. Busquei, ainda, trabalhar essa temática em sala, até que ela se sentiu representada e deixou de lado essa apreensão que prejudicava a sua libertação para escrita.

Outro caso relevante, foi da aluna E5-Tainá. Essa aluna apresentava muita resistência para a escrita e para as aulas com textos, ou seja, ela não queria nem ler e nem escrever. Inclusive, ela expressou diversas vezes que preferia aula de gramática, que era só copiar e responder a ter que ler uma "Bíblia e apertar a mente para responder" – era assim que ela chamava as atividades com as crônicas, pois, as atividades de análise eram compostas por duas ou três crônicas e ela, no início, reclamava muito, mas depois queria ser a primeira a ler e a se aventurar na escrita.

Quando ela apresentou em sala de aula sua produção durante os jogos, me perguntou se era uma crônica. Respondi que sim. Ela gritou muito na sala e saiu mostrando o texto para todo mundo. Depois de escrever, a resistência foi para reescrever o texto e dosar as palavras. Ela ficava dizendo para não mexer na crônica dela. Então, solicitei que ela colocasse iniciais ou pseudônimos para identificar as colegas, diminuísse os (kkkkkk), pois poderia dizer de outra forma e trocasse as palavras que caracterizavam outras pessoas de forma pejorativa. No final, o texto ainda apresentava alguns excessos, porém seguimos com a possibilidade de melhorar no próximo módulo.

E5	**Texto não condiz com a proposta temática, não apresenta caraterísticas do gênero solicitado. Unidade temática em torno de pessoas alfabetizadas. O texto apresenta características de artigo de opinião.**

Com os aspectos relacionados acima, é possível perceber a análise da produção inicial da aluna e o quanto ela evoluiu na escrita e no gênero. A primeira escrita, era uma escrita híbrida, metade carta e outra opinião. A aluna misturou as vozes no texto e como tinha mais opinião que relato, caracterizei mais próxima do artigo de opinião.

Assim, acredito que tanto pelas produções que representam os grupos, bem como pelos relatos, é possível perceber que os alunos se comprometeram de fato com a proposta, estavam aprendendo a escrever crônicas e desenvolvendo as habilidades previstas no início do módulo, de compreender o jogo discursivo das crônicas jornalísticas e literárias e utilizar as informações para ampliá-las, interpretá-las, extrapolá-las e produzi-las. Essas habilidades de produção textual estão de acordo as previstas pela BNCC (BRASIL, 2017, p.141) e ainda foram consideradas "[...] adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação [...]". Em relação ao suporte, os alunos tiveram acesso à leitura das crônicas em variados suportes como livros, material impresso, jornais, internet etc. e utilizaram estratégias de planejamento com a minha participação e a dos colegas para reescrever, ajustar, aprimorar e editar.

Não tivemos muito sucesso na produção de crônicas jornalísticas, dessa forma, no módulo seguinte será intensificada as atividades com as crônicas literárias, pois foi o estilo que os alunos se renderam a escrever. Contudo, apresentei uma outra oportunidade de escolher reescrever o texto no estilo jornalístico ou literário. Nesse sentido, no próximo módulo, analisamos outras crônicas literárias e jornalísticas, com outros recursos para aprimorar a escrita e reescrita das crônicas.

Para tanto, todos os alunos participaram das atividades e desenvolveram as habilidades necessárias para serem lapidadas no próximo módulo. Assim, avaliei a participação em todo o processo de leitura e participação nos jogos, além das leituras, discussões, análise das atividades, pesquisa, escrita, reescrita e apresentação das crônicas, tanto oral quanto escrita.

4.3 MÓDULO III – A CRÔNICA EM PRODUÇÃO

Para este módulo foram intensificadas as habilidades trabalhadas nos módulos anteriores, bem como verificado o desenvolvimento das competências escritoras. Nessa fase, deixei os alunos livres para escolherem o seu estilo e os recursos textuais que considerassem pertinentes para montar sua crônica. Assim, eles poderiam optar entre apresentar uma crônica nova ou trabalhar na reescrita das crônicas até então produzidas. Como este módulo é o de reescrita, intensifiquei o olhar para as competências consolidadas de escrita. Nesse sentido,

Coelho e Palomanes (2016, p.13-15) orientam a observar algumas competências como: C*ompetências para autoria* textual como autor da enunciação, assumindo o lugar de fala de quem escreve para o outro; *Competência para interação* entre autor e leitor, partindo do princípio da intencionalidade de escrever, tendo em vista os seus leitores, o ponto de interação entre autor-texto-leitor; *Competência para escrita*, levando em conta que escrever é uma atividade textual e contextual de relevância comunicativa social; *Competência para funcionalidade comunicativa* ou funcional de propósitos comunicativos, definidos como narrar, descrever, informar etc; *Competência para adequação contextual*, inserida em práticas sociais que determinam se os alunos são capazes de produzir textos em diferentes contextos que lhe forem apresentados.

4.3.1 Crônica: competência autoral

15 horas/aulas

Objetivo: Aprofundar os conhecimentos de recursos textuais nas crônicas literárias.
Material de apoio: Crônicas impressas, caderno, diário de leitura, lápis, celular.

Quadro 11 - Demonstrativo de conteúdos e habilidades previstos na BNCC (BRASIL, 2017).

Conteúdos Conceituais	Conteúdos Procedimentais	Conteúdos Atitudinais	Habilidades BNCC
Crônicas	Analisar crônicas; Produzir crônicas;	Ter perseverança em ler e produzir crônicas, assumindo a competência leitora e escritora.	(EF69LP53) (EF89LP33) (EF89LP35)
Humor	Inferir efeitos de sentido através do humor nas crônicas. Produzir efeito de humor na escrita de crônicas.	Ser camarada e não utilizar o humor para humilhar ou denegrir a imagem do outro.	EF69LP53
Referenciação	Perceber mecanismos de progressão temática. Utilizar retomadas anafóricas nas produções. Utilizar referenciação nas produções textuais.	Ter a responsabilidade de tornar o seu texto claro e objetivo, coeso e coerente.	(EF89LP29)

Intertextualidade	Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade. Utilizar intertextualidade nas produções.	Ser produtores de textos proficientes, utilizando diálogos intertextuais para enriquecer o texto.	(EF69LP43) (EF89LP32)

Fonte: Dados de pesquisa, própria da autora

Neste módulo, fizemos a leitura de mais três crônicas literárias: *Como Aprendi a Cozinhar* de Araken Vaz Galvão; *Despedida* de Rubem Braga; e *Saudosas Lembranças* de Fabiane Caldas. A crônica *Saudosas lembranças* foi criada para atender às necessidades temáticas expostas no diagnóstico, pois alguns alunos demonstraram sentimentos aflorados e inquietantes, motivados por perdas ou carências, decorrentes de término de relação amorosa, morte de familiar, dificuldades para estabelecer vínculos de amizade, dentre outros. Então, busquei traduzir vários sentimentos e condensar em uma única crônica para auxiliar no desenvolvimento da memória (física, emocional, psíquica, linguística) em função das produções.

Para este estudo, elaborei, com o apoio do colégio, um percurso contextual para fomentar os alunos a perceberem o mundo a partir de outros contextos. O percurso contextual foi uma visita ao Centro Cultural de Valença, para um bate-papo sobre produção literária e arte, ao IF Baiano e ao Cinema Vitória. A viagem para Valença foi a motivação que faltava para que os alunos se sentissem ainda mais motivados em participar do projeto e, consequentemente, da leitura, análise e produções. Todos os dias eles perguntavam se estava tudo certo. Que roupa eles poderiam vestir. O que poderiam fazer. Se o filme poderia ser de livre escolha deles. O que eles iriam comer. Quais artistas eles iriam ver. Enfim, uma agitação na escola por conta dessa atividade extraclasse.

Na perspectiva de desenvolver melhor a escrita, iniciamos o estudo com a crônica *Como aprendi a cozinhar* de Araken Vaz Galvão. Antes da leitura, descrevi o autor para os alunos – e fiz muito bem, porque é meu amigo pessoal – compreenderem as questões psicológicas e afetivas envolvidas no contexto de produção da crônica. A crônica é uma narrativa da época em que o autor foi exilado e não poderia se comunicar de outra forma que não fosse por cartas, as quais poderiam, ainda, ser interceptadas para limitar quaisquer informações das condições da prisão. Dessa forma, o único recurso do escritor era enviar cartas a sua mãe, pedindo receitas

de comida e, assim, matava a saudade tanto de sua mãe, como das comidas caseiras que, naquele momento, estava privado de saborear. Os alunos refletiram um pouco sobre saudade e a importância de dar valor às pessoas enquanto estão disponíveis, pois, em qualquer momento, podem ser privados da companhia, do carinho, do amor, do afago ou até de saborear o amor em forma de comida, "pois não existe nada melhor que comida de mãe".

Texto 1

Como Aprendi a Cozinhar[10]

Para minha mãe, *in memoriam*

Criado dentro de rígidas normas da cultura sertaneja de outrora, nunca fui dado a grandes demonstrações de afetividade, aprendi, desde cedo, que homem não chora e nem anda por aí exibindo seus sentimentos por quaisquer motivos. Sei que dentro dos padrões de hoje sou considerado conservador – se não o for chamado de retrógrado – entretanto isso não me causa espécie, prefiro ser visto como tal, a ter que compactuar com uma época em que os valores são desprezados, sem que novos valores sejam adotados.

Por isso, com essa ressalva sobre meu caráter "jurássico" – como está na moda dizer – vou falar, neste mês da mulher, de uma que teve papel fundamental na minha formação, inclusive em minha forma de agir e pensar: minha mãe.

Ela, como muitas mulheres sertanejas, era, mais bem, parecida com a terra: um tanto seca, um tanto rude, significando que não era também muito dada a demonstrar afetividade. Se carinho ou afago fez a alguns dos seus sete filhos, foi quando eles eram recém-nascidos, porque não consigo me lembrar de ter recebido um beijo, ou um singelo carinho físico seu. Sua ternura – hoje descubro – era externada na forma de serviços domésticos. Preparava almoços fartos e supimpas, se recusava a sentar-se à mesa, e ficava da porta da cozinha, levemente encostada no portal, olhando-nos a comer e a fazer algazarra. Nem quando meu pai era vivo, ela se dignou a acompanhar-nos à mesa, por mais pressão que ele fizesse. Mas isso, sua incapacidade de demonstrar sentimentos, nunca me incomodou e só comecei a indagar-me sobre isso quando, adulto, já vivia bastante distanciado do resto da minha família, por obra e graça dos atropelos que a ditadura militar praticou contra o Brasil e as famílias brasileiras.

E foram justamente as mazelas da ditadura o que me aproximou fisicamente de minha mãe. Explico melhor. Foram a solidão e a saudade, ocasionadas pela ditadura o que nos aproximou. Fiquei exilado por longos anos em Montevidéu, Uruguai. A saudade e a solidão proporcionadas pelo exílio são uma das experiências humanas mais dolorosas que se pode sofrer. Entretanto, esta não é a oportunidade para falar disso, ainda que a minha mãe, à distância, muito contribuiu para minorá-las. Ignorando que afetividade pode ser externada de muitas formas, ao sentir-me só, e incapaz de confessar o quanto sentia sua falta, escrevia-lhe pedindo receitas de comidas brasileiras, enganando-me que a saudade vinha das vísceras (e do paladar) quando verdadeiramente me vinha de uma só víscera: o coração.

Naquele tempo o serviço telefônico não era tão popular, além de caro – e os exilados, na maioria dos casos, não nadavam em dinheiro – era difícil e censurado. Por isso eu lhe escrevia cartas (que também podiam ser censuradas) perguntando, por exemplo, como se fazia

[10] Publicado na Revista da Família Cristã, n° 833, maio de 2005, p. 74/75.

> um arroz, uma carne assada, um mungunzá – devo esclarecer que, naquela época, não sabia fritar nem um ovo – a carta demorava quase um mês, em sua viagem de ida e volta. Ao recebê-la, tinha ainda que praticar, várias vezes, com a receita até conseguir o sabor que me lembrasse o seu olhar, enigmático e silencioso, vindo da porta da cozinha. Assim, por meio de cartas trocadas por mais de dez anos, aprendi a cozinhar. E hoje me orgulho de ser um razoável cozinheiro. Entretanto o aprendizado maior vindo nas cartas trocadas com minha mãe, só alcancei a entender bem mais tarde, depois de sua morte, porque, por muitos anos enganei-me que sentia saudade da comida brasileira, mas o que sentia mesmo era saudade do seu olhar protetor, onde devia estar oculto mil beijos, mil carinhos não materializados. Pelo menos não tornados reais de forma física, mas consubstanciados na forma mais sublime em que se pode demonstrar amor: em um olhar.
>
> Por isso é que, hoje, posso não só afirmar que tenho dificuldade de externar sentimentos, mas – e isso é bem pior! – que tinha também dificuldade de receber ternura. Aquela ternura etérea que nos pode chegar através de um simples gesto. Que nos pode chegar por meio da lembrança de um simples, pretérito e longínquo olhar...
>
> Ao constatar essa tardia verdade, estava lendo o livro do escritor moçambicano Mia Couto, "O último vôo dos flamingos", e chegara a uma parte em que ele – grosso modo – diz "que o melhor lugar para se chorar é a varanda", porque "À frente está o mundo e seus infinitos; atrás está a casa, o primeiro abrigo." Apesar das aspas, a citação não é textual, é que ao ler essa parte do livro, lembrei-me de minha mãe, de seus mudos olhares da porta da cozinha. Era um domingo chuvoso, minha mulher estava justamente na cozinha preparando-nos um bacalhau. Reinava um silêncio de exílio, feitos de solidão e saudade. Então não tive outra opção que contrariar minha arcaica formação sertaneja e correr para a varanda da nossa casa e fazer o que tinha que ser feito.
>
> GALVÃO (2014, p. 269).

Na sequência, lemos *Despedida*, de Rubem Braga. No início dessa leitura já não se ouvia nenhum som na sala, a não ser a voz do leitor, porque todos acompanhavam atentamente com um ar de consternação, tristeza, saudade. A mistura de sentimentos dos alunos parecia fervilhar como se quisesse explodir de alguma forma. *Despedida*, de Rubem Braga, trata da tristeza da separação, do adeus, da saudade, da necessidade de explicação ou a incerteza da separação. Alguns alunos se arriscaram a comentar o assunto, enquanto outros olhavam para uma colega que estava de cabeça baixa. Essa aluna foi abandonada pela mãe ainda criança e perdeu o pai para o mundo das drogas. No diagnóstico, ela escreveu sobre drogas e foi um dos motivos que me impulsionou a tratar o assunto na próxima crônica. Durante a produção desse Módulo, ela se libertou, confessando, na crônica, todo o seu sentimento. Li a produção da aluna e deveria retornar com algo além de correções, algo que a deixasse melhor e, naquele momento, percebi que não tinha palavras para preencher aquele coração vazio. É aquele momento em que você quer fugir da luta, mas o papel docente não permite.

Texto 2

Despedida

Rubem Braga

E no meio dessa confusão alguém partiu sem se despedir; foi triste. Se houvesse uma despedida talvez fosse mais triste, talvez tenha sido melhor assim, uma separação como às vezes acontece em um baile de carnaval — uma pessoa se perde da outra, procura-a por um instante e depois adere a qualquer cordão. É melhor para os amantes pensar que a última vez que se encontraram se amaram muito — depois apenas aconteceu que não se encontraram mais. Eles não se despediram, a vida é que os despediu, cada um para seu lado — sem glória nem humilhação.

Creio que será permitido guardar uma leve tristeza, e também uma lembrança boa; que não será proibido confessar que às vezes se tem saudades; nem será odioso dizer que a separação ao mesmo tempo nos traz um inexplicável sentimento de alívio, e de sossego; e um indefinível remorso; e um recôndito despeito.

E que houve momentos perfeitos que passaram, mas não se perderam, porque ficaram em nossa vida; que a lembrança deles nos faz sentir maior a nossa solidão; mas que essa solidão ficou menos infeliz: que importa que uma estrela já esteja morta se ela ainda brilha no fundo de nossa noite e de nosso confuso sonho?

Talvez não mereçamos imaginar que haverá outros verões; se eles vierem, nós os receberemos obedientes como as cigarras e as paineiras — com flores e cantos. O inverno — te lembras — nos maltratou; não havia flores, não havia mar, e fomos sacudidos de um lado para outro como dois bonecos na mão de um titeriteiro inábil.

Ah, talvez valesse a pena dizer que houve um telefonema que não pôde haver; entretanto, é possível que não adiantasse nada. Para que explicações? Esqueçamos as pequenas coisas mortificantes; o silêncio torna tudo menos penoso; lembremos apenas as coisas douradas e digamos apenas a pequena palavra: adeus.

A pequena palavra que se alonga como um canto de cigarra perdido numa tarde de domingo.

Rubem Braga, A Traição das Elegantes, Editora Sabiá, Rio de Janeiro, 1967.

A crônica *Saudosas Lembranças,* de minha autoria, rememora passagens da minha vida, umas que merecem o sentimento de saudade, outras nem tanto. Nessa crônica, faço uma construção intertextual com várias músicas que falam sobre saudade, algumas bem antigas e dos quais os alunos nunca ouviram falar e outras bem atuais do contexto deles. Enquanto líamos, ouvíamos as músicas, eu cantava e eles criticavam a minha voz. Foi o suficiente para descontrair um pouco antes do desfecho da crônica.

A crônica estabelece um ponto de encontro de várias histórias relacionadas às questões de identidade e drogas, morte dos meus avós e culmina com a morte do meu irmão. Ao final da leitura, muitos estavam chorando e eu segurando o choro por alguns minutos, até que recordei o objetivo de expor essas histórias para os alunos e passamos a ser uma unidade de sentimentos.

Os alunos perceberam que coisas ruins acontecem com todo mundo e passamos a viver de saudade e a vida continua. Foi o texto da aluna que descrevi anteriormente que me motivou a escrever sobre drogas e perda de uma pessoa querida para esse mundo. Nem imaginava que se tratava do seu pai, mas agora ela entende que também se trata do meu irmão. Quando Araken Vaz Galvão leu essa crônica, pediu-me para fazer outro desfecho, pois era um tema pessoal e que nunca tive coragem de confessar nem para ele, como iria confessar dessa forma para os alunos. Mas esse é o poder da crônica – um confessionário. Não poderia deixar de tratar desse assunto que inquieta os alunos, simplesmente porque doeria em mim também. Como observado em outras produções, as drogas permeiam o espaço deles e muitos já perderam amigos e familiares para esse mundo, então é preciso pensar, discutir e reelaborar as possibilidades de uma vida melhor.

Texto 3

Saudosas lembranças

Fabiane Caldas

Houve uma época que toda semana estava cruzando os mares em busca de conhecimento e um lugar ao sol. Lembro com muita saudade das minhas andanças pelo mundo da linguagem com minha amiga argentina, Liliana. Éramos mestrandas de uma disciplina na UFBA em Salvador e pesquisávamos sobre literatura popular. Foi assim que abrimos os olhos para as reminiscências e tomei contato com a palavra Arguidá (por meio do grupo folclórico que representa parte da identidade cultural do povo de Valença e região). Apesar de não concluir os estudos nessa universidade, o Arguidá nunca saiu de mim e vivo paralelamente buscando ressaltar seus belos cantos de trabalho que fazem parte da nossa cultura. Os temas por lá sempre giravam em torno do resgate de uma identidade que representasse a cultura nacional e assim, ficávamos feito loucas buscando algo que referendasse essa identidade – até parece que a cultura estava perdida no mundo, pagando para ser resgatada – só daí já se vê que o estudo começava de forma equivocada. Nossa orientadora até tentou disfarçar o termo, mas era lugar comum, porque todo mundo utilizava o termo "resgate". Foi um tempo de desafios, de conhecer outras pessoas e construir conhecimento, mas durou o tempo necessário. O melhor disso eram os causos de viagens e toda semana uma coisa nova.

Certo dia, retornando no balanço do Ferry Boat – aproveitávamos a travessia para ler o material teórico da disciplina – com minha amiga argentina, que já mora há mais de 30 anos no Brasil, e o material de estudo a punho: *Identidade* de Zygmunt Bauman e *A identidade cultural na pós-modernidade* de Stuart Hall. Fiz uma pergunta que a deixou inquieta. – Você nasceu na argentina, mas mora a maior parte da sua vida no Brasil, seus filhos e marido são brasileiros, então qual a sua verdadeira identidade? Para mim parecia uma pergunta simples, mas a resposta não foi tão simples assim. Ela não conseguia responder, porque o Brasil já estava mais nela do que ela no Brasil. Nesse momento ela falou o quanto sentia falta da sua juventude na argentina e daí descobri que não existe a palavra saudade em espanhol. Foi minha vez de ficar pensativa e inquieta – não poder expressar a saudade que se sente, como é isso? Seríamos nós brasileiros agraciados ou confinados a expressar sentimento de perda com essa palavra?

Por outro lado, fiquei pensando na monotonia da vida sem as músicas que expressam saudade, ou cair num paralelismo sentimental de ouvir essas músicas – ou não se sentir capaz de lembrar de alguém só de ouvir uma música ou uma poesia que expresse saudade? É bem isso! Sou capaz de reviver a dor de uma paixão, sem nem ter me apaixonado, só de ouvir uma música apaixonada – Ah! Suspiro e transpiro, quero nem saber – mas vamos confessar que saudade é uma dessas palavras carregada de sentimento. Já pensou não existir a música de Dorival Caymmi e ele não poder relatar o sentimento de pertencimento de sua Itapoã? "Saudade de Itapoã me deixa/ Eu nunca tive saudade igual/ Me traga boas notícias daquela terra toda manhã". De Renato Russo: "Cada saudade tem um porquê ou um por quem" – e como tem! Cristiano Araújo: "O que temos para hoje é saudade, mas qual de nós vai procurar" – depende do tamanho do amor ou da razão, da alegria de ficar junto ou da certeza da separação, da distância que separa os corpos ou a frieza que separa os corações ou até medo da aproximação, às vezes é só orgulho mesmo, mas como alerta o tal dito popular: "Dois bicudos não se beijam" fica um de lá e outro de cá e a saudade no meio machucando o peito. Assim como expressa Valentim: "Quando a saudade apertar o fundo do peito/ Lembra que todo mundo sente, saudade de alguém/ E que quando a distância existe, a lembrança é o que mantém/ Vivendo junto da gente, quem a gente quer também". Essa machucou, né? Assim dá para sentir saudade até de quem ainda está para nascer, mas queremos bem a tanta gente que fica difícil não sentir um aperto no coração. Lembrei-me dos amigos que conquistei e dos que me conquistaram, alguns perdi pelos caminhos da vida – eram apenas impostores – outros estão distantes pela imposição da correria do dia a dia. Tenho uma amiga-irmã que me diz sempre que me ama e a distância jamais vai nos separar e nossos corpos já entendem isso, mas se uma precisar da outra, levanta-se uma onça.

No final do ano recebi uma cartinha de um dos meus melhores alunos: F. A. Nela ele expressava tanto sentimento, em uma mistura de despedida e gratidão, de uma amizade que não poderia terminar com a passagem do ensino fundamental para o médio e findou suas palavras escrevendo: "Passa-se o tempo e só lembranças nos restam, e uma longínqua saudade que nos inspira em nossa nova jornada" – estarei sempre com você e sei que ainda te chamarei de Dr. F. A. Ah! Agora entendi o sentido real da palavra "longínqua" que você sempre utiliza nos textos. Semana passada um velho amigo me confessou que seus 80 e poucos anos não teriam valido muito a pena se não tivesse me conhecido – fiquei me sentindo a última bolacha do pacote. Essas lembranças que devemos eternizar!

Alguns ex-amigos nos trazem decepções, mas mesmo assim somos tão tolerantes que conseguimos ter saudade até daqueles tempos que hoje intitulamos de época da falsidade. Assim é a vida, mas não devemos gastar energia além do necessário com essas coisas, pois com o tempo atingimos o nível da quase perfeição de perdoar e seguir em frente. Voltemos para nossas músicas que é melhor, Onze: 20: "Saudade é chuva que não passa / Saudade é a ausência mais presente em mim / Quando você não está aqui", – é muito amor brasilsilsilsil. Adriana Calcanhoto: Saudade/ Diga a esse moço por favor / Como foi sincero o meu amor" – olha a saudade ganhando asas ou uma personificação – e Bruno e Marrone completam: "Saudade palavra triste / Quando se perde um grande amor / Na estrada longa da vida eu vou chorando a minha dor / Igual uma borboleta / Vagando triste por sobre a flor / Seu nome sempre em meus lábios irei chamando por onde for". Êita! Marilia Mendonça: "Falando em saudade/ De novo eu acordei pensando em você/ O que falta em você sou eu/ Seu sorriso precisa do meu/ Sei que está morrendo de saudade/ Vem buscar logo a sua metade". – Êêêêê sofrência! O coração apertou agora, são muitas lembranças surgindo e como dizia Patativa do Assaré: "Saudade dentro do peito/ É qual fogo de monturo / Por fora tudo perfeito / Por dentro fazendo furo". Impossível não sentir saudade, pois sempre teremos pelo que ou por quem sentir. Passaria uma vida cantando músicas e recitando poemas sobre... Mas voltarei para o mesmo banzo que minha

amiga sentiu, enquanto me recupero das rebeliões de sentimentos que essas lembranças me trouxeram.

Retomando a questão de identidade, já perdi e encontrei a minha várias vezes – umas que fizeram parte da minha adolescência, período mais comum de se perder e foram tantas metamorfoses que é melhor esquecer – mas nada parecido com o relato que segue, vai ser difícil de acreditar, mas mesmo assim vou contar. Entre soluços e choro, ouvi a voz agonizante da minha mãe inquerindo meu tio: – Porque meu pai me registrou como menino, será que minha mãe não falou para ele, será que ele estava bêbado? – A essa altura, quem vai saber? Minha mãe nasceu nos Buris, um povoado próximo de Teolândia, no dia 16 de agosto de 1952, e como era dia de São Roque, e naquela época as pessoas consultavam uma bula para colocar o nome nos filhos, só existiam duas possibilidades de nomes para minha mãe: Raquel ou Roquelina. As pessoas também pronunciavam os nomes subtraindo algumas letras e quando leram para minha avó "Raqué", ela refugou e preferiu o outro nome. –Também não sabia ler, coitada! Mas coitada mesmo foi minha mãe com essa sina, a pobre nem sonhava o que estava por vir! A nossa cultura diz que o homem deve registrar o filho como compromisso de paternidade, pois mãe sabe que o filho saiu dela, mas o homem nem sempre tem certeza se o que saiu dele foi o que vingou – mas deixa esse assunto para lá, porque vai dar muito pano para manga. Então meu avô foi registrar minha mãe – e acredito eu –, que entendeu que o nome do "filho" era Roque Lima e assim o registrou – o coitado também não sabia ler – e minha mãe carregou o nome de Roque Lima até os 18 anos. Durante o período escolar ela nunca respondia a chamada da professora – não sei como não perdeu por falta. Quando minha mãe foi trabalhar numa casa de família em Salvador, escondeu sua certidão de nascimento. Seu patrão era militar e conseguiu a certidão quase à força e quando verificou o absurdo que havia acontecido, orientou-a a mudar de nome. Minha mãe voltou no cartório e falou que perdeu a certidão e precisava de outra, mas como ela falava Roquelina e graças ao mundo ainda não informatizado, o escrivão não encontrou e registou ela novamente – até hoje fico me perguntado por que minha mãe não falou outro nome depois de sofrer tanto trauma com esse, mas é assim mesmo, o nome que nossos pais escolhem tem sempre um sentindo que vai além das nossas forças. Ela só queria uma explicação, mas ninguém pode responder. É uma dor que vai carregar enquanto viver, mas falei para ela que se precisar de atestado é só mostrar a cicatriz de três cesarianas e as certidões de três filhos, porque até onde sei, eu não poderia nascer de nenhum Roque... – minha mãe vai querer morrer quando descobrir que escrevi sobre isso...Ah! ah! ah! Certa vez uma mulher falou que o santo de minha mãe era macho e por isso ela não iria se casar...aff! – Outra maluquice! Essa foi a única identidade que vi merecer resgate...He! he! he!

Mas falei que não iriam acreditar e o relato ainda não acabou, pois parece filme de terror. Uma dessas sem explicação que assombram as pessoas por aí a fora. Por algum tempo até tentei decifrar esse enigma, mas depois deixei para lá. Mas quando chega o dia que deveria ser de alegria e comemoração é uma tensão até que ele se finde a meia noite e todos podem adormecer em paz – isso se sua irmã não te ligar gritando e até você entender que ninguém morreu e era de felicidade, porque conseguiu comprar uma passagem de avião – Aff! Quase infartei e entrei num abismo sem conseguir sentir minhas pernas. Como disse, minha mãe nasceu no dia 16 de agosto, dia de São Roque, santo considerado pela comunidade católica como padroeiro dos inválidos e cirurgiões, além de ser o protetor contra a peste e demais epidemias... – assim me contou o Google. E foi assim que ela ganhou aquele nome – melhor nem relembrar. Enfim, coincidência ou não sei o quê – quem souber pode me escrever – meus avós, pais da minha mãe, faleceram no dia 16 de agosto – Pasmem! Minha mãe não tem motivos para se alegrar com essa data de nascimento, pois os pais dormiram na morte no dia do seu aniversário, além das incertezas que carrega das circunstancias do seu registro de nascimento. É uma mistura de melancolia, tristeza, mágoa, histórias mal explicadas e lembranças que acometem todos os familiares.

Muitos anos se passaram depois do último adeus aos meus avós e meu irmão perdeu sua identidade para o mundo das drogas – era a minha outra metade. Um belo dia de domingo, o final de tarde acinzentou-se. Recebemos uma ligação, e quando cheguei ao hospital, no dia 16 que só não era de agosto, mas de janeiro, jazia um corpo pálido sem vida, sem riso, sem esperança e muitas perguntas sem respostas e a lembrança de uma conversa em que ele me dizia: – Você que está sofrendo por mim, eu não estou sofrendo por nada. Uma vida efêmera e fugaz de 27 primaveras e as lembranças perenes da despedida constante. Sempre lembro de uma música do Adão Negro que ele cantava para mim: "Tão longe de você / Mas eu vou voltar, ó meu amor/ Não esqueça de mim / Eu quis ficar perto de você e não sair / Mas a vida quis assim / Não tarda o sol vai iluminar o nosso amor / E a saudade vai ter fim / Ó meu anjo bom quero você perto de mim". Mal consigo ouvir essa música sem que meus olhos virem espelhos d'água – quem sabe um dia, em algum lugar, nos encontraremos! Muitos perguntavam seu nome, outros o chamavam de amigo, mas tive que engolir o choro e voltar para minha mãe e dizer que o nome do meu irmão era saudade. E assim, lembro-me de um trecho da crônica "Como aprendi a cozinhar" que está no livro: *Crônicas das prisões e do exílio*, do meu amigo, o escritor Araken Vaz Galvão, citando um trecho de Mia Couto, externando saudade: "O melhor lugar para chorar é a varanda, porque à frente, está o mundo e seus infinitos; atrás está a casa, o primeiro abrigo". A saudade me exilou e quase me matou por seis meses, mas tive que enxugar as lágrimas e como bem disse esse meu velho amigo escritor: - Eu sei que você muitas vezes levantou de manhã e teve que inventar o mundo, enfrentá-lo e mesmo pesado e gigante, carregá-lo nas costas para poder conquistá-lo – Acertou na mosca!

Fabiane Caldas (crônica Inédita).
30 de janeiro de 2019

Após leitura e discussão, partimos para análise textual das crônicas. Na análise, os alunos definiram como único núcleo temático para todas as crônicas o termo saudade. As retomadas intertextuais entre as crônicas *Saudosas Lembranças* e *Como Aprendi a Cozinhar?* foram reconhecidas facilmente, porque utilizamos o recurso de intertextualidade explícita entre o escritor Galvão e Mia Couto, e entre mim e o escritor Galvão. Os alunos também destacaram que a crônica *Saudosas lembranças* ainda fez várias retomadas intertextuais explícitas com músicas, poesia e trecho de uma carta que recebi de um aluno. É interessante ressaltar que generalizo a compreensão dos alunos, porque todos participaram da análise escrita e oral, pois corrigimos coletivamente, então eles tiveram a oportunidade de reanalisar. Dessa forma, entendo que todos tiveram a mesma oportunidade de compreensão e as respostas das análises confirmam essa afirmação.

Com relação à relevância informativa, os alunos destacaram como relevante a novidade das mazelas da ditadura militar e as circunstâncias do exílio na crônica *Como Aprendi a Cozinhar*?; da crônica *Despedida*, os termos usados "titeriteiro inábil" que é um boneco que faz espetáculos manipulado por cordas nas mãos de um artista que maneja títeres em apresentação teatral. Na crônica, o titeriteiro ainda era inábil, simbolizando a falta da pessoa que se foi e

como o inverno pode maltratar as pessoas. E da crônica “Saudosas Lembranças”, de certo, a morte do meu irmão, pois ninguém sabia que perdi um irmão para o mundo das drogas.

Como estávamos tratando da reescrita do texto, os alunos foram incentivados a refletirem sobre a referenciação, pois nas produções anteriores solicitava que eles trocassem os termos por sinônimos, um nome por um pronome ou por outro substantivo equivalente. Trabalhamos também com uma tabela de conjunções para serem adaptadas às produções, interligando as orações, excluindo os excessos de pontuação, ou falta de pontuação para o texto ficar mais coeso e coerente. É válido mencionar que apliquei a proposta na turma em que era regente da disciplina de Língua Portuguesa, então ficou mais fácil dar aula de gramática separada da proposta e depois praticar nas produções.

Assim, pedi que os alunos identificassem as anáforas que utilizamos no texto e como eles poderiam se valer dessa prática em suas produções. Os alunos perceberam que, ao longo da minha crônica, no momento em que falava da minha mãe, utilizei vários termos para me referir a ela: Roquelina, mãe, ela, pobre, e eles tomaram como exemplo. Também falamos que no texto literário algumas repetições são estilísticas para chamar atenção de alguma palavra-chave.

Após análise, e antes da escrita final e reescrita, os alunos participaram de um passeio cultural em Valença. Como já explicitado, organizamos três locais de visita e o primeiro foi o IF Baiano, com a possibilidade de os alunos terem outras opções para cursar o Ensino Médio. Os alunos foram acompanhados por uma equipe do IF Baiano e conheceram todo o Instituto e vislumbraram a possibilidade de estudar na Instituição. De lá conhecemos a fazenda, a criação de suínos, as plantas medicinais e os jardins sensoriais. Retornamos para almoçar junto com outros estudantes. Os alunos tomaram banho, trocaram de roupa, mudaram de identidade, interagiram com outros alunos, professores, agentes e perceberam que existem muitas possibilidades esperando por eles fora da ilha.

Figura 31 - Foto dos alunos em visita ao IF baiano em Valença.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Exposição autorizada pelos responsáveis dos alunos.

Em seguida, os alunos foram encaminhados para o Centro de Cultura Olívia Barradas, em Valença. Lá teríamos um encontro com o escritor Araken Vaz Galvão, mas houve um imprevisto, então o escritor e poeta Otávio Mota recepcionou os alunos e os conduziu para apreciação de algumas obras de arte, falou sobre produção artística, e depois passou a palavra para o artista Gugui Martines, que explicou os fundamentos da criação artística, tanto na pintura como na utilização de objetos descartáveis do dia a dia que, a partir de um olhar artístico, podem virar obra de arte. Na exposição de obras de arte cotidiana, os alunos puderam compreender que qualquer objeto, a depender de como for apresentado, pode virar arte

Na sequência, os alunos foram convidados para um bate-papo com o escritor e dramaturgo Adriano Pereira, coordenador da *Ocupação Cultural*. Esse evento reúne vários artistas valencianos há 10 anos em Saraus Literários, Oficinas de Teatro, Dança e Música. Adriano falou um pouco sobre a Ocupação Cultural, presenteou os alunos com uma revista *Ocupação Cultural*, que abriga textos de vários escritores da região participantes do evento. Os alunos também foram convidados a participarem da *Ocupação Cultural* e muitos se identificaram com a escrita, pintura, artes visuais e músicas. Eles também ganharam um DVD da *Ocupação Cultural* e foram incentivados a acompanharem as publicações pelo blog: ocupacaocultural.blogspot.com. Eram muitas informações para um dia, mas ainda

Figura 32 - Capa da revista Ocupação Cultural.

Fonte: Revista de Ocupação Cultural (2019)

Figura 33 - Foto no salão do Centro Cultural.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 34 - Foto no salão do Centro Cultural.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagens autorizadas pelos responsáveis dos alunos.

não havia acabado. Os alunos saíram cheios de ideias e conhecimento sobre a cultura de Valença e isso agregou valor à cultura deles.

De lá seguimos para o "Cinema Vitória" e os alunos pediram muito para deixar a escolha do filme com eles, pois queriam se divertir. Então permiti, pois o filme não teria implicação direta nas suas produções, visto que o objetivo era permitir outros cenários, outra cultura, outra forma de perceber o mundo e repensar a escrita. Porém, com tantos filmes legais, eles escolheram um filme de terror *Cemitério Maldito* e quase não assisti com medo, criei coragem. Os alunos foram incentivados a produzir um relato da viagem, no diário de leitura, e a refletir sobre o que poderiam agregar, dessa vivência, às produções de crônicas. Pelos relatos de viagem, eles ampliaram a visão de mundo, de outras possibilidades e se divertiram muito no cinema. Só depois entendi que a escolha pelo filme de terror foi um pretexto para, na tensão, abraçar o colega do lado. De certo, a gente aprende mais do que ensina.

Figura 35 - Foto dos alunos na recepção do Cinema Vitória em Valença.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Imagens autorizadas pelos responsáveis dos alunos.

4.3.2 Reescrita da produção final

10 horas/aulas

Objetivo: Produzir crônicas

Material de apoio: Crônicas impressas, diário de leitura, caderno, caneta, lápis, papel vergê.

Nesta etapa, retomamos as características das crônicas, a partir da leitura de dois textos do gênero. Os alunos tiveram a oportunidade de apresentar uma crônica final jornalística, mais crítica e formal, adaptando às crônicas dos jogos a uma relevância informativa. Eles poderiam agregar informações de algum fato noticiado de seu interesse, ou narrativas da Copa América, jogos do seu time preferido, dos torneios dos Jogos Estudantis, ou dos torneios realizados na comunidade ou na escola. Era a oportunidade de descrever fatos interessantes que merecessem ser contados e agregados aos conteúdos trabalhados ou optar pelo estilo literário, agregando maior relevância, elementos literários e conteúdos trabalhados nas crônicas produzidas. Essa

forma de produzir textos, motivou-me a criar estratégias de produção e investir no conhecimento e nas táticas enunciativas. A este respeito Geraldi (2013, p. 183) ainda afirma que "O acesso ao mundo da escrita é também um acesso a estas estratégias que resultam de relações intelocutivas do passado, de seus objetivos (razões para dizer) e das imagens de interlocutores com que aqueles que escreveram e pretenderam um certo tipo de relação". Os alunos tiveram a oportunidade de escrever sobre práticas contextualizadas, afinadas com o estudo das crônicas.

Assim, iniciamos com a leitura da crônica *A Copa do Apito* de Nelson Rodrigues, o cronista mais famoso, referenciado entre os cronistas esportivo. Essa crônica foi publicada no jornal *O Globo* em 1966, narrando os jogos das quartas de final (da Copa do Mundo) e posteriormente foi publicada no livro "À sombra das Chuteiras Imortais" e na coluna "Meu personagem da semana". É um clássico do futebol e tomamos como exemplo para produção jornalística. Os alunos precisaram pesquisar alguns termos e consideraram a crônica repleta de informações relevantes para época, um relato fiel e crítico dos jogos, e para a posteridade um relato histórico de igual relevância.

Crônica 1

A copa do apito

Nelson Rodrigues

"Mas ele enxergou o óbvio ululante, ou seja: — o futebol vive de sombrias e facinorosas paixões. Durante os noventa minutos, são onze bárbaros contra onze bárbaros."

Amigos, eis uma verdade inapelável: — só os subdesenvolvidos ainda se ruborizam. Ao passo que o grande povo é, antes de tudo, um cínico. Para fundar um império, um país precisa de um impudor sem nenhuma folha de parreira. Vejam a presente Jules Rimet. Nas barbas indignadas do mundo, a Inglaterra se prepara para ganhar no apito o caneco de ouro.

Vocês pensam que há algum disfarce, ou escrúpulo, ou mistério? Absolutamente. Tudo se fez e se faz com uma premeditação deslavada e na cara das vítimas. A serviço da Inglaterra, a FIFA escalou oito juízes ingleses para os jogos do Brasil. A arbitragem foi manipulada para liquidar primeiro os bicampeões e, em seguida, os outros países sul-americanos. O jogo Inglaterra x Argentina[2] foi um roubo. Uruguai x Alemanha, outro escândalo.

E nem se pense que a Inglaterra baixou a vista, escarlate de vergonha. Nada disso. Por que rubor, se ela é um grande povo e se tem, ou teve, um grande império? Vejam o sincronismo da coisa: — um juiz alemão deu a vitória à Inglaterra contra a Argentina, um juiz inglês deu a vitória à Alemanha contra o Uruguai. No jogo Argentina x Alemanha, foi expulso um jogador argentino. Terminado o jogo, cinco jogadores sul-americanos tiveram que sair quase de maca.

Valeu tudo contra o Brasil e, sobretudo, contra Pelé. O crioulo foi caçado contra a Bulgária. Não pôde jogar contra a Hungria e só voltou contra Portugal. Nova caçada. Sofreu um tiro de meta no joelho. Verdadeira tentativa de homicídio. O juiz inglês nem piou. Silva levou um bico nas costelas. Jairzinho foi outra vítima e assim Paraná. O árbitro a tudo assistia com lívido descaro.

E nós? Que fizemos nós? Nada. No último jogo, o Brasil apanhou sem revidar. Amigos, eu sei que os nossos jogadores tiveram um preparo físico quase homicida. Antes da primeira botinada, já o craque brasileiro estava estourado. Sei também que o Brasil não teve, jamais, um time. A nossa equipe era o caos. Por outro lado, faltou-nos qualquer organização de jogo, qualquer projeto tático.

Além disso, porém, a seleção brasileira acusou um defeito indesculpável e suicida. Como se sabe, esta Copa é uma selva de pé na cara. E, no entanto, vejam vocês: — o brasileiro lá apareceu com um jogo leve, afetuoso, reverente, cerimonioso. E havia um abismo entre os dois comportamentos: nós, fazendo um futebol diáfano, incorpóreo, de sílfides; os europeus, como centauros truculentos, escouceando em todas as direções.

Ainda ontem, o sr. Barbosa Lima Sobrinho escrevia um lúcido artigo sobre a suavidade do nosso escrete. Note-se que se trata de um acadêmico, que deve ter compromissos com as boas maneiras, a polidez, o trato fino etc. etc. Mas ele enxergou o óbvio ululante, ou seja: — o futebol vive de sombrias e facinorosas paixões. Durante os noventa minutos, são onze bárbaros contra onze bárbaros.

Claro que as palavras do sr. Barbosa Lima Sobrinho são outras. Mas o sentido, se bem o entendi, é este. Portanto, não tem sentido que o Brasil vá jogar contra os bárbaros europeus com manto de arminho, sapatos de fivela ou peruca de marquês de Luís XV. Eis a verdade: — o que dá charme, apelo, dramatismo aos clássicos e às peladas é o foul. A poesia do futebol está no foul. E os jogos que fascinam o povo são os mais truculentos.

O Brasil naufragou num mar de contusões por isso mesmo: — porque sabia apanhar e não sabia reagir. O ilustre acadêmico está rigorosamente certo. Hoje, depois do pau que levamos, aprendemos que o craque brasileiro tem de ser reeducado. Digo "reeducado" no sentido de virilizar o seu jogo. Amigos, o Mário Pedrosa está fazendo um ensaio sobre o futebol. É um pensador político, um crítico de artes plásticas, homem de uma lucidez tremenda. Ora, o intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata. E o nosso Mário Pedrosa sabe disso e foi um dos sujeitos que sofreram na carne e na alma o fracasso da seleção. Pois espero que, no seu ensaio, inclua todo um capítulo assim titulado: — "Da necessidade de baixar o pau."

Dito isto, vamos escolher o meu personagem da semana. Podia ser o Paraná. Eu sei que, tecnicamente, ele deixa muito a desejar. Sei. Mas, contra os portugueses, Paraná deu um pau firme e épico. Mas eu prefiro Rildo. Que grande, solitária e inexpugnável figura. No meio do jogo, era tal o seu brio que dava a sensação, por vezes, de que ia comer e beber a bola. Foi um bárbaro jogando contra bárbaros. Amigos, o argentino que deu no juiz alemão lavou a alma de todo um povo. Pois o nosso Rildo, com suas rútilas botinadas, promoveu e reabilitou o homem brasileiro.

http://copa2014.gov.br/pt-br/noticia/cronicas-de-nelson-rodrigues-a-copa-do-apito. Acesso em 14.07.2019.

Para não perder de vista as características composicionais da crônica, antes da produção, analisamos a crônica *Crônica é alguma coisa que muito existe* de Wanderlino Arruda. Essa crônica faz uma menção às características composicionais da crônica jornalística e literária. É uma metalinguagem, ou seja, "[...] não é apenas um código, sempre se refere dialogicamente à linguagem que descreve e analisa" (BAKHTIN, 2011, p. 371). Essa é a posição do escritor e do observador, que permite a compreensão do todo pela parte. Depois os alunos responderam a uma atividade de planejamento da crônica.

Crônica 2

Crônica é alguma coisa que muito existe

Wanderlino Arruda

Antes de mais nada, é bom dizer que crônica é coisa de jornal e de internet. Sempre feita depressa, com hora marcada, muitas vezes com atraso. É construída de pequenos lances, registro mais circunstancial e não do definitivo. Assuntos efêmeros, soma de jornalismo e literatura, os temas, vez por outra, ganham concretude, universalidade, jeito especial na ultrapassagem de tempo e espaço. Crônica é comentário de assuntos que podem ser ou não ser do conhecimento do público, tipo assim – como dizem os jovens – de algum ângulo subjetivo de acontecências. Conteúdo de crônica é algo recriado pelo cronista, espécie de busca existente ou do imaginário muito próxima do conto. Crônica pode ser sempre narração de experiência ou de sonhos, visão de mundo e de vida, reportagem quase em nível poético. A crônica tem de ter aparência de simplicidade, mesmo que seja construída com recursos artísticos. Como um jornal ou um blog nasce, vive, envelhece e morre a cada dia, a crônica é destinada a leitores apressados, feita para ligeiro momento de leitura. Precisa de pelo menos um sentido de duração, ser mensagem para ficar na memória. Não pode, nem deve ser esquecida como folha impressa ou imagem virtual. Crônica não é notícia comum, codificada só para informação diária, tem que ter profundidade. É mais para o sentimento, palavras diretamente ligadas à emoção, fazendo do leitor um cúmplice ideológico da condição humana. É um reencontro com o ameno, uma intensidade de sinais de vida que, se não escritos, acabam deslizados para o esquecimento. Claro que é a pressa de viver do cronista a vontade de estar presente e de ser ao mesmo tempo em determinado lugar, que o faz testemunha, porta voz e intérprete de um quase real normalmente gratificante. A crônica é mais um espaço de dimensão interior repetida entre escritor e leitor, ternura resgatada das experiências de cada um. Cada palavra, cada frase, cada silêncio representarão significados mais do individual do que do coletivo, pois no fundo, a crônica é uma conversa entre duas pessoas, um conluio positivo do que do e amigo, quando um e outro veem mundo e vida da mesma forma que ambos gostariam de ver. O autor constrói o texto e lhe dá o colorido quase que pré-combinado com o seu parceiro leitor. Comparada com formas mais consistentes, a crônica é mais uma tenda, um pequeno abrigo espiritual, nunca uma casa de verdade. A crônica serve ao espírito como ato de reflexão compartilhada e mágica, algo assim de ligeiro conforto. Em verdade, a crônica, jamais apareceria em público. Um acontecimento não escrito é mera potencialidade dispersa, conteúdo não sentido, essência não encontrada. Viva – pois e assim – hoje e sempre – a crônica!

https://novaescola.org.br/conteudo/5886/cronicas-reflexoes-sobre-o-cotidiano. Acesso em: 14.07.2019.

Quando concluímos a leitura, iniciamos o planejamento das produções. Os alunos refletiram sobre as experiências com as crônicas anteriores, leram tudo que escreveram no diário de leitura e iniciaram a primeira versão em sala de aula da produção final.

Na aula seguinte, os alunos leram a primeira versão da escrita final, expressando todo sentimento e emoção para ocasião. Parecia uma despedida, um rito de passagem dos que não consideravam possível escrever, uma despedida do Ensino Fundamental para o Ensino Médio. Fizemos oralmente as adaptações necessárias, comentários e elogios, para que todos tivessem a oportunidade de vivenciar as produções dos colegas e construir sentido, ao passo que treinaram a consciência para uma produção cada vez mais eficaz.

Analisei as produções dos alunos. A maioria mudou de tema e escreveu crônicas literárias. Devolvi as produções, solicitando alguns acréscimos e a reescrita. Os alunos reescreveram as crônicas no diário de leitura e digitaram na plataforma *whatsapp* e encaminharam para análise novamente. Dessa feita, sugeri algumas alterações e assim que encaminharam, baixei para formatar e imprimir, para apresentação no *Show Literário*.

4.3.3 Análise das produções finais

Após adequação e reescrita em sala de aula, no diário de leitura e em digitação e orientação pelo *whatsapp,* segue-se a análise das produções finais. Antes da análise das crônicas, apresento o quadro de resumo da análise global de todas as crônicas por grupo, para uma compreensão mais detalhada e comparativa da evolução dos alunos em relação às temáticas e recursos textuais utilizados. Para tanto, segui os parâmetros de análise descrito por Antunes (2010), apoiada por pensadores que comungam das mesmas bases teóricas. De acordo com pensamento de Val e Rocha (2008), o desafio do professor enquanto "compreendente" é "[...] saber encontrar marcas diferenciadas, em uma situação intelocutiva única, pois diferentes são os sujeitos, diferentes são as experiências vividas e diferentes são as reações dos sujeitos em uma dada situação de interlocução" (p.65). É uma missão olhar cada aluno individualmente, pelo texto, vozes contextuais e conhecimentos adquiridos ao logo desta aplicação.

Quadro 12 - Análise Global dos textos do Grupo A

ALUNOS	ANÁLISE GLOBAL
E3 - Nia	Crônica literária **"Vila de pescador"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno das mudanças da Gamboa, intertextualidade explícita de pensador, relevância informativa sobre aspectos sociais e culturais da Gamboa.

E4 - Layla	Crônica literária **"Como o esporte entrou na minha vida"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno da superação da autora no esporte, intertextualidade explícita de pensador e relevância informativa sobre críticas e superação.
E6 - Yara	Crônica literária **"O fim de um início paradoxal"** apresenta coesão e coerência, proposta temática relacionada a desencontros amorosos, intertextualidade explícita de ditos populares e música, relevância informativa sobre respeito no relacionamento e persistência.
E8- Hadiya	Crônica literária **"Infância desfalcada"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno de problemas familiares, intertextualidade com música e relevância informativa sobre alcoolismo e abandono.
E12 -Anahi	Crônica literária **"Essa é a minha última carta de amor"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno de decepções amorosas, intertextualidade explícita com frases de efeito, trechos de livro e músicas, metáforas e relevância informativa sobre envolvimentos amorosos desastrosos.
E16- Malaika	Crônica literária **"As últimas prosas de um ano inesquecível"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno das descobertas da adolescente, intertextualidade com trechos de livros e filmes e relevância informativa sobre os riscos e descobertas de uma adolescente.
E18 - Janaína	Crônica literária **"Adolescência avassaladora"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno da ansiedade no período da adolescência, intertextualidade com música, relevância informativa sobre crises de ansiedade na adolescência.
E19 - Shena	Crônica literária **"A cadeira de balanço"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno da ansiedade, intertextualidade explícita com frases de efeito, relevância informativa sobre os transtornos oriundos da ansiedade.
E20 - Aziza	Crônica literária **"As grandes mudanças"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno das mudanças no corpo com a passagem da infância para adolescência, intertextualidade explícita de pensadores, músicas, crônicas e relevância informativa sobre o despreparo da adolescente para se ajustar as mudanças da adolescência.
E24 - Chaya	Crônica literária **"Meninas malvadas"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno da amizade, intertextualidade explícita com frases de efeito, trechos de música, metáforas, relevância informativa sobre preservação da amizade.
E21	Não se aplica (aluna transferida)
E22-Zoe Evel	Crônica literária **"Sentimentos confusos"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno do amor, intertextualidade explícita da fala de sua mãe, frases de pensador, relevância informativa sobre sentimentos confusos por sentir atração por um ex-ficante que tem outra namorada.
E27 -	Não se aplica (aluno transferido)
E28- Aisha	Crônica literária **"O eu depois de você"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno da busca por uma identidade, intertextualidade explicita de livro e frase de pensador, relevância informativa sobre os sentimentos de incapacidade da adolescente.
E31- T'Challa	Crônica literária **"O espinho de uma rosa"** apresenta coesão e coerência, proposta temática em torno de um amor não correspondido, intertextualidade explícita com frases de pensadores, falas da professora e trechos de música, metáforas, relevância informativa sobre o sofrimento do amor não correspondido.

Fonte: Dados da pesquisa, própria da autora (2019).

A partir do quadro apresentado é possível observar que dos 25 alunos em estudo, 13 conseguiram apresentar crônicas literárias autorais de qualidade, com relevância informativa, intertextualidade explícita e implícita, emoção, metáforas, diálogos consistentes e convincentes sobre o cotidiano. Dois alunos que representavam o Grupo A, no diagnóstico, foram transferidos e não foi possível aplicar a proposta. Na fase de reescrita todos os alunos do Grupo A apresentaram crônicas inéditas que mantinham diálogos entre as produções anteriores ou temáticas trabalhadas sobre a Gamboa, amor, namoro, conflitos da adolescência e esporte. São produções que estão publicadas no blog: https://literartevivenciasliterarias.blogspot.com e no livro de crônicas autorais dos estudantes.

Segue a análise da crônica da representante do Grupo A que tomei como parâmetro comparativo com a crônica produzida e analisada no diagnóstico.

Crônica 1 – grupo A

Texto 1

Essa é a minha última carta de amor

Anahi

Eu juro que tentei não falar de amor, mas fazer o que né? Eu não consigo. Como todo mundo sabe, eu sempre gostei muito de falar sobre tudo isso, falar sobre o amor sempre foi o meu melhor passatempo.

Desde que eu vim para Gamboa os meus sentimentos começaram a embaralhar dentro de mim. Comecei a gostar de pessoas que nem me fazer feliz, faziam – na verdade era só fogo no rabo mesmo. Até que eu achei ter encontrado o grande amor da minha vida. Eu amava puxar aquela trança dele e chamá-lo de "Rapunzel", era maravilhoso zoar ele só por diversão, e também pelo fato de ele ficar muito engraçado brigando comigo. Era um conto de fadas com muitos tapas e poucos beijos, porém, um conto de fadas. Mas sabe quando seu príncipe vira um sapo? Então, foi exatamente isso que aconteceu. Adivinhem só... o meu príncipe gostava de ir para Nárnia – sim, ele fumava/fuma na verdade – imaginem aí a minha cara quando eu descobri isso. Mas tudo bem, o tempo passou e eu aprendi a superar, com muitas idas e voltas, mas eu superei. Finalmente aprendi que é impossível ajudar alguém quando a pessoa não quer ser ajudada. Só lamento pelas minhas amigas que gastaram tanto as palavras tentando fazer eu parar de ligar pra ele – coitadas! No final, ele está na Argentina e continua indo para Nárnia, a maior diferença é que agora ele não é mais o meu príncipe – graças a Deus! No começo é difícil, mas ainda bem que "se teu ex não te quis tem quem queira".

Depois disso tudo a minha vida continuou indo, com algumas decepções amorosas, alguns até que deram certo, mas eu não sentia nada de especial, não sentia aquele frio na barriga, não me sentia preenchida, não conseguia imaginar o meu futuro com as pessoas que passavam pela

minha vida. Sabe quando você sabe que não ia dar certo? Então... Eu já sabia que não ia dar certo, e eu tinha razão. Um está solto por aí sem saber o que quer da vida, o outro está com uma das minhas melhores amigas – graças a Deus, quem sabe agora ele tomou um rumo na vida –, e o resto está por aí em Nárnia e antes que vocês pensem o contrário, eu não gosto só de zé droguinha não, só alguns. Já gostei de jogadores também, mas como diz o Exaltasamba "eu me apaixonei pela pessoa errada".

Resolve a minha vida e prometi para mim mesma que não iria gostar de mais ninguém por muito tempo, até que um certo dia eu me peguei morrendo de ciúmes só por ver o meu amigo conversando com a minha amiga. Eu não quis acreditar no que eu estava sentindo, não estava acreditando que eu poderia estar caindo de novo nas ciladas do meu coração, mesmo depois de dizer tanto para o meu cupido "tenho muito medo de me apaixonar, já sofri o bastante, você como antes vem sempre apronta sem medo de errar".

Eu juro que eu não queria gostar, não queria me entregar – na verdade até hoje eu não me entreguei totalmente – o medo de ser chutada é bem maior do que tudo. Só quem sempre esteve comigo sabe o tanto que eu sofri com o "Rapunzel". Já tentei dizer "melhor eu ir... Tudo bem, vai ser melhor só.". Só que "faltou coragem pra dizer que não". Essa vez é diferente, eu sinto algo diferente, sinto que pode dar certo mesmo que várias pessoas digam que não. Mas é como diz a Rita Lee "Deus me defenda da sua inveja. Deus me proteja da sua macumba. Deus me imunize do seu veneno."

Complicado, nunca achei que com 14 anos eu estaria escrevendo crônicas sobre o amor. Nem pensei que fosse amar tão cedo. Mas tudo bem. Deixa acontecer naturalmente, eu não quero mais me ver chorar.

E eu termino dizendo "essa é a minha última carta de amor" mas "eu falei isso da última vez."

Fonte: Produção do aluno

A crônica *Essa é a minha última carta de amor* se desenvolve a partir da unidade temática das decepções amorosas da autora. Anahi escreveu outra crônica com o título *Eles são só hipócritas*, pois não queria mais falar sobre o amor, mas não se conteve e escreveu essa crônica falando sobre amor e pediu para substituir a outra. Apesar de trazer outras experiências e demonstrar mais amadurecimento, a autora retorna a mesma temática apresentada na crônica inicial *Ficção ou realidade?* e justifica sua predileção pela temática.

A definição referencial da autora se repete, pois novamente ela retoma nas narrativas as idealizações, os contos de fadas, como nos trechos "Era um conto de fadas", e "Mas sabe quando seu príncipe vira um sapo?". No entanto, tais referências não são descritas de uma forma idealizada, mas com a desconstrução do mundo encantado, do príncipe perfeito. Volta, portanto, seu texto para um mundo real e crítico. Ela faz referência a Nárnia por diversas vezes, como definição dos amores que usavam drogas e viajavam para outros mundos, os quais ela não poderia atravessar "[...] o meu príncipe gostava de ir para Nárnia", mas "Finalmente aprendi que é impossível ajudar alguém quando a pessoa não quer ser ajudada", e desistiu de tentar ser feliz com ele, "[...] agora ele não é mais o meu príncipe – graças a Deus!". Por definição referencial Koch (2015, p. 94) entende como o resultado da intervenção textual concretizada

pelo uso de termos criados para representar "[...]uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos-do-discurso* e não como *objetos-do-mundo"*. Ou seja, os objetos referencias utilizados pela autora pertencem aos objetos do discurso para representar os objetos do mundo.

O propósito comunicativo pertence ao domínio literário pela linguagem emotiva de apresentar encantamentos, desencantamentos, amor, desamor e reflexões sobre as decepções no amor. A autora utilizou a metáfora "fogo no rabo" para expressar o quanto estava agitada e impaciente para querer ficar com alguém numa relação em que não era feliz. Ainda fez uso de uma metonímia "Zé Droguinha" para definir os meninos que usam drogas e "Rapunzel", para substituir pelo nome do menino que tinha cabelo comprido.

Quanto aos esquemas de composição da crônica, o texto se aproxima das características composicionais no que se refere à confissão pessoal, reflexões sobre o tema, uso coloquial da linguagem, relato de fatos cotidianos e pessoais. "A crônica é geralmente um texto pessoal, no qual o escritor faz suas observações, fala de suas lembranças, recria o mundo à sua moda, portanto, sem a preocupação de ser absolutamente fiel à realidade" (TERRA, 2014, p.145). A autora criou o seu estilo, com um modo pessoal de observar o mundo e descrever seus sentimentos. A narrativa leva à ficção dos contos de fadas e traz à realidade dos fatos como eles são a partir do olhar dela.

A relevância informativa fica por conta dos conflitos de uma adolescente em relação aos desfechos dos relacionamentos amorosos aos quais ela se permitiu. A novidade depende do tipo de interlocutor da crônica, pois para um leitor mais experiente, o relato de experiências da autora passa a ser banal, porque muitos já viveram. De outro prisma, para um leitor na mesma faixa etária, de 14 anos, que nunca nem beijou, a crônica passa a informar outras relevâncias, pois as experiências da autora podem deixar outros leitores sobressaltados, por imaginar tais possibilidades pessoais. O texto ainda pode levar jovens à reflexão sobre tais modelos prejudiciais aos relacionamentos.

A autora utiliza intertextualidade explícita de músicas "eu me apaixonei pela pessoa errada" do grupo Exaltasamba, e continua referendando "tenho muito medo de me apaixonar, já sofri o bastante, você como antes vem sempre apronta sem medo de errar", para ressaltar o quanto já se apaixonou e sofreu pela pessoa errada. No final da crônica a autora confessa que está sentido algo diferente e mesmo as pessoas não acreditando no desfecho feliz desse amor, ela manda um recado com o trecho da música de Rita Lee "Deus me defenda da sua inveja. Deus me proteja da sua macumba. Deus me imunize do seu veneno". E encerra com trecho da música de Lourena e Orgânico que é intertextual ao livro *A última carta de amor*, de Jojo

Moyes, e a crônica do diagnóstico da autora "Essa é a minha última carta de amor" mas "eu falei isso da última vez." Parece ironia, mas, nas férias, ela me mandou outra crônica com o desfecho desse novo amor que jurava ser “PARA SEMPRE”. O amor pode até não ser para sempre, mas a libertação para escrita de certo que sim, pois ela não para de escrever crônicas para confessar os seus conflitos.

No desenrolar do texto a autora utilizou referenciação para se referir de diferentes formas ao seu amado como: “o grande amor da minha vida”, “Rapunzel”, “ele”, “Príncipe”, “sapo”, “Zé Droguinha”. Para Cavalcante (2018, p. 98), “[...] referente é um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais”. Assim sendo, temos como referente “o grande amor da minha vida” e na sequência as expressões referenciais correspondentes.

Pela análise, é possível perceber que a crônica da autora, assim como as crônicas dos autores do Grupo A, se relacionou com as crônicas trabalhadas durante todo o percurso metodológico e mantiveram diálogos entre as crônicas. Dos conteúdos trabalhados, os autores utilizaram bem os recursos composicionais das crônicas, dentre eles, a intertextualidade e a relevância informativa que são características fundamentais para serem desenvolvidas em outros textos e contextos. No final do semestre, trabalhei artigo de opinião e os alunos consideraram essa base fundamental para escrever outro gênero, mudando apenas a pessoa do discurso e transformando as reflexões em crítica fundamentada.

Em vista disso, ficou comprovado que o gênero discursivo crônica é capaz de desenvolver as habilidades necessárias, apropriadas a influenciar os alunos tanto a escreverem textos literários quando a utilizarem os conteúdos para embasar a escrita de outros textos informativos e de opinião.

Na sequência, segue a tabela de análise global do Grupo B. Esse grupo foi composto pelos alunos que, durante o processo de reescrita, não adequaram, efetivamente, todos os elementos composicionais da crônica, nem obedeceram a todas as orientações sobre os requisitos textuais de coesão e coerência.

Quadro 13 - Análise Global dos textos do Grupo B

ALUNOS	ANÁLISE GLOBAL
E1 - Kaluanã	Crônica literária **“Duas paixões e um esportista”** apresenta coesão e coerência aceitáveis, unidade temática em torno da paixão pela capoeira e por uma garota, intertextualidade explícita de dizeres, relevância informativa sobre como ser melhor na capoeira e ganhar uma garota.

E5 - Tainá	Crônica literária **"Relato de um ano diferente"** apresenta coesão e coerência aceitáveis, unidade temática ao redor de relacionamentos, intertextualidade explícita de dizeres populares, relevância informativa sobre a falta de amor de amigos, de mãe e de namorado.
E7 -	Não se aplica (aluna transferida).
E9 - Valentim	Crônica literária **"Obstáculos da vida"** apresenta coesão e coerência aceitável, unidade temática em torno da visão de mundo do autor, intertextualidade explícita de pensador, relevância informativa sobre a falta de virtudes das pessoas.
E14- Raoni	Crônica literária **"Futebol arte"** apresenta coesão e coerência aceitáveis, unidade temática em torno do sonho de criança do autor em ser um jogador profissional, relevância informativa sobre as habilidades para se tornar um jogador profissional.
E23	Não se aplica (aluna transferida).
E25	Não se aplica (aluna conservada na série anterior).

Fonte: Dados da pesquisa, própria da autora (2019).

Como se pode notar, dos 25 alunos em estudo, todos escreveram crônicas literárias. Dos quatro alunos desse Grupo, apenas um retomou ao tema do módulo anterior sobre os jogos, mas em outra perspectiva pessoal. Não consegui aplicar a proposta para três alunos que compunham esse grupo, pois dois foram transferidos e uma ficou conservada no 8°ano. Os autores apresentaram relevâncias informativas importantes, mas não conseguiram desenvolvê-las bem no texto, não se utilizaram de outros recursos literários, mas utilizaram intertextualidade, exceto a crônica *Futebol arte*. Durante o processo de reescrita e adequação textual, os alunos desse Grupo seguiram mais independentes e, no final, não conseguiram integrar os conteúdos estudados. Alguns períodos também ficaram incoerentes, com narrativa rasa e pontuação por adequar. As crônicas foram publicadas no blog: https://literartevivenciasliterarias.blogspot.com e no livro, após revisão.

Segue a análise da crônica do representante do Grupo 'B' que foi escolhido por apresentar uma crônica poética e por conseguir evoluir muito na escrita em comparação com o texto produzido no diagnóstico.

Crônica 2 – Grupo B

Texto 2

Obstáculos da vida

Valentim

Eu nunca sei por onde começar, mas depois que começo é até difícil de parar. Desde pequeno sou caladão, gosto de ficar em silêncio e observar o mundo com outra visão, muitas

das vezes fico calado por motivos pessoais e outras só quero ficar em paz e longe das pessoas banais que só querem nos atrasar e deixar para trás. Pessoas assim são sem futuro que só quer prejudicar o próximo e se esconder no escuro e muitas vezes essa pessoa é a que te chama de irmão, bate nas suas costas e diz estar contigo independentemente da situação, mas não se deixe levar.

As coisas ruins vem de quem a gente menos espera. Eu aprendi que isso é normal da vida e sempre vai acontecer, são coisas assim que nos ajuda a amadurecer. Então muitas vezes os problemas são para nos fazer entender que na vida problemas sempre vamos ter e devemos procurar a solução, nunca abaixar a cabeça diante da situação. Muitos vão te criticar e outros até apoiar, mas muitas vezes por trás disso tudo, eles querem te ultrapassar.

As pessoas gostam de te ver bem, só não melhor do que elas e aí começa a inveja e a falsidade, mostra ser verdadeiro, mas por trás só tem maldade. Outros preferem julgar as pessoas sem ao menos conhecer, saber o que está acontecendo ou procurar entender, a pessoa pode estar em uma situação difícil e com isso é mais um passo em direção ao precipício. Então antes de falar qualquer coisa, pense bem e você estará ajudando a vida de alguém. Existe as pessoas orgulhosas, que ao invés de admitir e demonstrar, prefere mentir do que contar.

Aprendi que dessa vida a gente não leva nada, no caixão só vai uma muda de roupa e mais nada. Então pare de ser tão arrogante e aproveite cada instante. Ame o próximo não pelo aparência, mas sim por quem são, independente da cor, raça ou religião, respeite o próximo e ame de coração. A gente não é melhor que ninguém e por isso mantenho a humildade e levo comigo sempre a sinceridade de ser um amigo de verdade. Nunca desista do seu sonho porque você é capaz, faça sua trajetória em silêncio e veja a diferença de fazer as coisas com perseverança. Umas das coisas que eu não consigo entender, é a pessoa que fala ter sentimentos sem ao menos ter.

Gosto de pessoas que se arriscam e tentam algo de verdade, até porque se não tentar, nada vira realidade. Conheci uma menina e gostei de verdade, fazia de tudo por ela e isso não é nem a metade. Ela dizia sentir algo também, mas na verdade queria esquecer alguém e por final fiquei pra trás, não esqueço isso jamais. Não consigo ficar de mal com ela, porque a única coisa que eu quero é o bem dela. Menina doce e delicada, quero te ver sorrir e mais nada, independentemente da situação, você sempre estará no meu coração. É como já dizia Friedrich Nietzsche "O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte."

Fonte: Produção do aluno.

A crônica *Obstáculos da vida* entra para análise como representante do Grupo ‘B’ por favorecer uma linguagem poética. Apesar do autor tratar de temas como inveja, falsidade, maldade e orgulho, utiliza um jogo discursivo de palavras com sonoridade poética, capaz de se comunicar com seu interlocutor ao tempo em que oferta conselho com relação ao respeito ao próximo. A unidade temática se desenvolve justamente em torno da visão de mundo do autor para as questões da falta de virtudes das pessoas.

A crônica pertence ao propósito comunicativo literário pela linguagem poética, pelo jogo de palavras se assemelhando a um cordel em forma de prosa. O autor faz a rima de palavras com a mesma terminação do tipo: caladão, visão, irmão, situação, banais, trás, apoiar, ultrapassar, falsidade, maldade, conhecer, entender. Ele não utiliza metáforas, mas faz várias

reflexões que desnuda a sua forma de ser e de questionar a vida e o outro. No trecho “Umas das coisas que eu não consigo entender, é a pessoa que fala ter sentimentos sem ao menos ter”, é possível perceber que ele busca nos outros a característica que considera que tem.

Referente às características composicionais da crônica, o texto apresenta as características de relato reflexivo de temas do cotidiano, linguagem simples e coloquial, de caráter crítico. O autor critica a forma de ser das pessoas e os comportamentos reprovados por ele. Disso é possível extrair a relevância informativa, pois esses conflitos da não aceitação, os defeitos do outro, é uma característica que expressamos, mas não conseguimos ver reflexo disso em nós mesmos. É fato que existem pessoas invejosas, más, falsas e orgulhosas, e sempre vão existir, porém, da forma que o autor coloca “Eu aprendi que isso é normal da vida e sempre vai acontecer, são coisas assim que nos ajudam a amadurecer”, ele parece imutável na sua forma de ser. Ele não aceita conviver com essas maldades e não se permite ser atingido, o que transparece que o autor tem experiência de vida em relação à temática, fazendo-o seguir, observando mais e falando menos.

No final da crônica, o autor utiliza intertextualidade explícita com Friedrich Nietzsche "O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte." O autor demonstra ser emocionalmente forte, compreensivo, aconselhador e não deixar se abater por essas pessoas. E, como afirma Antunes (2017, p.121), “Há sempre um propósito embutido na operação de recorrer à palavra do outro. Esse propósito é que vai validar a estratégia da citação da palavra do outo [...]”. Nesse sentido, as afirmações do aluno-autor justificam suas experiências vividas, as quais o remetem a essas conclusões.

A primazia do nosso estudo é a produção de crônicas coerentes e os alunos tiveram a oportunidade de, na reescrita, adequar os textos aos padrões de coesão. Logo, cobrei uma estrutura organizada de forma a buscar a compreensão do leitor, não pela perfeição, mas pelo sentido global. A crônica analisada, após o processo de reescrita, está relativamente coesa e coerente, mas algumas construções de integrantes do grupo, que não participaram efetivamente, necessitariam de melhor adequação. Por esse motivo ou por apresentar menos elementos textuais que os integrantes do Grupo A, estão no Grupo B.

Os alunos que integram esse Grupo no diagnóstico pertenciam aos grupos C e D e, na análise global, passaram longe das características do gênero discursivo. Partindo desse entendimento, os alunos conseguiram desenvolver as habilidades necessárias para produzir o gênero e tiveram boa evolução quanto à escrita durante a aplicação do trabalho.

Quadro 14 - Análise Global dos textos do Grupo C

ALUNOS	ANÁLISE GLOBAL
E2 - Latacha	Crônica literária **"Um ano diferente"** unidade temática em torno de tragédias e saudade, apresenta coesão e coerência prejudicadas, intertextualidade explícita de dizeres e música, relevância informativa sobre as tragédias que ocorreram, mas que ela não desenvolveu.
E10 -	Não se aplica (aluno transferido)
E11 - Simba	Crônica literária **"Jogos Estudantis**" apresenta coesão e coerência prejudicadas, unidade temática em torno das experiências como competidor nos jogos.
E13 - Mofirilanpe	Crônica literária **"Inferno astral"** apresenta coesão e coerência prejudicadas, unidade temática em torno de experiências e decepções, intertextualidade explícita de pensador, relevância informativa sobre o inferno astral de um garoto tentando "virar homem".
E15 - Nala	Crônica literária **"Amar a si mesmo"** apresenta coesão e coerência prejudicadas, unidade temática em torno da solidão, intertextualidade explícita de música internacional e frases de pensador, relevância informativa sobre suicídio.
E17 - Kayin	Crônica literária **"Parecer não é ser"** apresenta coesão e coerência prejudicadas, unidade temática em torno de sentimento de ódio, relevância informativa sobre desencontros.
E22 - Anaya	Crônica literária **"Baleado feminino"** apresenta coesão e coerência prejudicadas, unidade temática em torno da competição dos Jogos da Primavera, relevância informativa sobre conflitos.
E – 26 Kalifa	Crônica literária **"Vida que segue"** apresenta coesão e coerência aceitável, unidade temática relacionadas a tragédias familiar, intertextualidade de música e relevância informativa sobre drogas e suicídio.
E29 - Plutão	Crônica literária **"A minha amizade"** apresenta coesão e coerência prejudicadas, unidade temática em torno da amizade, intertextualidade explícita de dizeres populares, relevância informativa sobre falsidade.

Fonte: Dados da pesquisa, própria da autora (2019).

É possível notar que dos 25 alunos em estudo, 8 escreveram crônicas literárias com muito menos recursos que os grupos anteriores. Esses alunos foram os que menos se envolveram no processo de reescrita. A que mais se envolveu no processo, mas com muita dificuldade, foi a aluna Kalifa e, por essa razão, tomei a crônica como modelo para análise. Dois alunos se mantiveram na temática dos jogos, mas não desenvolveram bem os conteúdos estudados e nem demonstraram interesse em melhorá-los. Os outros se arriscaram em outras temáticas do cotidiano, mas não deram conta de integrar bem os conteúdos. Nesse sentido, considero que esse grupo não desenvolveu as habilidades necessárias de escrita e reescrita do gênero discursivo crônica.

Segue a análise do texto representante do Grupo C. Esse grupo é constituído pelos alunos que apresentam menor grau de habilidades desenvolvidas, em relação aos anteriores.

Crônica 3 – Grupo C

Vida que segue

Kalifa

Quando tinha apenas dois anos, minha mãe estava passando por uns problemas – não sei quais. Na realidade qual é a família que não passou por problemas? Infelizmente ela não quis contar quais eram os problemas e preferiu agir da pior forma possível – pelo menos para mim. Certo dia no final da tarde ela me deixou com meu avô bêbado e falou que iria precisar sair, eu fiquei assustada mas mesmo assim esperei por ela e muitas noites se passaram e até hoje estou sentada na minha varanda esperando ela voltar.

Mesmo eu passando por isso tudo meu pai se envolveu com drogas, passando um tempo ele foi internado no centro de recuperação e ficou durante nove meses lá. Voltou para casa recuperado – era o que eu achava naquele momento –, mas como todos nós sabemos é difícil se recuperar de um vício tão grande e infelizmente ele voltou a fumar, e foi se afundando cada vez mais e depois de um tempo de madrugada exatamente as 01:30h da manhã do dia 18 de novembro, ele caiu em uma emboscada e tomou 2 tiros. Acordei com os choros inconsoláveis de uma amiga da minha vó, e estava todos em desespero. Perguntei o que tinha acontecido e todos me olharam com cara de desespero e não queriam me dizer, mas sabe aquela sensação? Uma sensação de que o mundo todo está caindo em suas costas, a sensação de quando você recebe a pior notícia da sua vida. Queria que fosse mentira, mas foi mais rápido do que a velocidade da luz e até hoje não consigo acreditar. De lá para cá minha vida mudou totalmente, como diz aquela música tem um "coração com buraquinhos".

Depois que meu pai morreu e sou uma menina totalmente diferente e não sou feliz como antes, nem tenho ânimo para sair. Fico trancada no quarto, na maioria das vezes não consigo nem dormir pensando nele. Passei um tempo me cortando e ninguém sabia o porquê, até cheguei a tentar me matar e assim como a maioria do povo, minha tia achava que era tudo modinha, mas ela nunca soube o que realmente acontecia por dentro de mim, mas tem passo dentro da agente que não consegue se preencher com qualquer coisa. Vida que segue!

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Vida que segue, da autora Kalifa, é uma crônica que emociona pela tristeza da aluna em relação às tragédias familiares. No diagnóstico, a aluna escreveu um texto sobre “drogas” e não consegui classificar como crônica ou artigo de opinião. As ideias da aluna estavam fragmentadas e agora é possível dar sentido aos sentimentos da autora.

A definição referencial de outrora está relacionada ao período da infância com lembranças vagas do dia em que sua mãe se foi sem olhar para trás. Ela não sabe o motivo pelo qual foi abandonada, tampouco aceita essa circunstância. Suas frustrações se completaram com a morte do seu pai, entregue ao mundo das drogas. As crônicas trabalhadas durante esse módulo

ajudaram a autora a desabafar e a se permitir seguir em frente. Durante todo ano letivo ela demonstrou muita tristeza, mas, no final, consegui extrair alguns sorrisos dela.

O propósito comunicativo pertence ao domínio literário, pela linguagem e reflexões sobre as tragédias que, contadas por ela, ficaram até suaves. A autora utilizou intertextualidade de uma música "Coração com buraquinhos", que também é uma metáfora e nos faz refletir como estaria esse coração triste e magoado cheio de buraquinhos.

Quanto aos esquemas de composição da crônica, o texto se aproxima das características composicionais no que se refere à confissão pessoal, reflexões sobre o tema, uso coloquial da linguagem, relato de fatos cotidianos e pessoais. Pela análise, é possível perceber que a crônica da autora, assim como as crônicas dos autores dos grupos anteriores, se relacionou com as trabalhadas durante todo o percurso metodológico e manteve diálogos intertextuais.

A relevância informativa fica por conta do tema sobre suicídio, pois a autora confessou que se cortava e já tentou suicídio diversas vezes. Essa prática é muito comum entre os alunos e reflete os conflitos familiares e pessoais, diante dos quais eles se sentem incapazes de resolver ou estabelecer novas perspectivas e desistem de viver.

4.3.4 – Dados comparativos textuais

> Os instrumentos da docência não têm existência objetiva, não estão sempre totalmente prontos para serem utilizados em quaisquer circunstâncias, visto que seu emprego acontece em contextos fluidos de interação nos quais nem tudo pode ser previsto e cada contexto particular exige formas particulares de transformar os objetos (GOMES-SANTOS E ALMEIDA IN: ELIAS 2018, p. 106).

Os instrumentos didáticos utilizados para realizar este trabalho foram planejados para orientar os alunos de forma eficiente a produzirem crônicas contextuais. Nesse sentido, estou levando em conta as imprevisibilidades e as formas particulares de escrita.

É possível observar, pela análise global e textual, que 100% dos alunos produziram crônicas em níveis diferentes e com características próprias. A partir do percentual de crônicas autorais produzidas pelos alunos, apresentadas neste módulo, 52% dos alunos, no Grupo A, desenvolveram as habilidades objetivadas para leitura, escrita e reescrita de crônicas. Constatei também que a aplicação da proposta, no que tange os conteúdos, foi profícua. Esse percentual representa os alunos que produziram crônicas atendendo às características composicionais do gênero e apresentaram relevância informativa coerente com a proposta temática. Eles

sustentaram a progressão temática até concluir o texto, com coesão adequada ao nível educacional deles, orientados na reescrita a adaptarem de acordo a norma.

É importante salientar que não são produções perfeitas, mas atendem às temáticas trabalhadas durante todo o processo, sob influências dos conteúdos e habilidades pretendidas. Observei que os alunos foram influenciados, pela crônica *Saudosas lembranças,* a trabalhar com intertextualidade explícita, citando músicas, poesias e trechos de livros, pois todos, desse grupo, fizeram citações correspondentes às trabalhadas.

Já o número de crônicas autorais do Grupo B representa um percentual de 16% das crônicas que apresentaram um grau menor de habilidades desenvolvidas, tendo em vista os conteúdos trabalhados e a eficiência na reescrita, para melhorar a articulação entre as orações e deixar o texto mais coeso e coerente. Porém, os alunos produziram crônicas relevantes, utilizaram intertextualidade também influenciados por músicas, ditos populares, frases de efeito, frases de pensadores, dentre outros.

O número de crônicas autorais do Grupo C representa 32% dos alunos com menor grau de habilidades desenvolvidas em relação ao grupo 'A' e 'B'. O parâmetro utilizado para mensurar as habilidades desenvolvidas foi o texto, entretanto, após analisar os contextos e os autores, percebi que foram alunos mais faltosos, alunos com menor concentração e maiores dificuldades, que retomam os anos anteriores e que também não se esforçaram para superar esses problemas. Portanto, são crônicas literárias, mas com prejuizo no desenvolvimento de conteúdos ou na eficiência de manter a progressão temática, prejudicando a coerência. Esses alunos, na ansiedade de confessar suas dores pessoais, tenderam a desenvolver vários núcleos temáticos e não conseguiam dar conta de desenvolver o pensamento. Eles não participaram, de maneira efetiva, do processo de reescrita. Alguns, inclusive, não disponibilizaram de outros recursos para orientação fora da sala de aula, não conseguindo, assim, deixar o texto coeso e coerente.

Todavia, consoante com esses relatos supracitados, todos os alunos participaram das atividades e produziram crônicas autorais, demonstrando o desenvolvimento das competências esperadas ao final das produções: para autoria textual, interação entre autor e leitor, escrita, funcionalidade comunicativa e adequação textual. Por fim, avaliei a participação durante todo o processo de leitura, análise, produção e reescrita de crônicas.

4.3.5 Culminância do projeto

O *Show literário* foi um projeto da escola, desenvolvido em praça pública, com objetivo de culminar as apresentações das obras literárias trabalhadas com os alunos durante o ano. Assim, simultaneamente, trabalhei o projeto com as crônicas intercaladas ao projeto *Leitores para Sempre*, acrescentando outras leituras com as obras *As lendas de Dandara*, de Jarid Arraes, e *Histórias Africanas*, de Ana Maria Machado. Inegavelmente, foi uma dupla influência literária para as produções.

Figura 36 - Cartaz do Show Literário.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Devido ao trabalho com *As lendas de Dandara*, os alunos apresentaram cordéis, contando a história de Dandara, uma figura lendária companheira de Zumbi dos Palmares, e realizaram uma apresentação teatral. Das leituras com as *Histórias africanas*, os alunos produziram revistas em quadrinhos, adaptando as histórias.

Figura 37 - Foto da exposição.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Nesse contexto, o que mais nos interessou foi a possibilidade de apresentar as crônicas autorais em praça pública. Foi daí que surgiu a ideia de colocar pseudônimos nas produções, pois os alunos queriam se resguardar da experiência de serem lidos por integrantes da família e questionados sobre as informações contidas nas crônicas – embora não seria o caso.

Figura 38 - Foto da exposição.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Pensamos também em apresentar as crônicas em formato de livro, mas deixamos essa possibilidade para outro momento, pois, como estavam apresentando em praça pública, queriam despertar a possibilidade de leitura a vários leitores ao mesmo tempo. Então, imprimi as crônicas em papel vegê – papel fosco que imprime certificado – e as pessoas liam e passavam para outra. Os alunos relataram como essa experiência foi incrível e que uma senhora visitante leu todas as crônicas e elogiou o trabalho deles.

Nas imagens 39 e 40, é possível observar a interação dos alunos na culminância do projeto. E assim encerramos o nosso estudo de leitura e produção de crônicas, em grande estilo e em praça pública até as 21h, com possibilidades reais de interlocução e múltiplos leitores, cumprindo o papel enunciativo defendido ao longo desse trabalho.

Em relação à forma de circulação e suporte, as crônicas foram publicadas em um livro de crônicas e está à disposição de todos na biblioteca do Colégio e no blog: https://literartevivenciasliterarias.blogspot.com. A esse respeito Geraldi (2013, p. 100) acrescenta que a partir da publicação o texto cumpre sua finalidade de ser lido pelo outro.

Os alunos escolheram como forma de circulação e publicação dois suportes: um físico e outro digital, blog e livro impresso de crônicas. Dessa forma, não podemos descartar as possibilidades de circulação e suporte em que o gênero crônica pode estar inserido, pois o mundo virtual integra a complexidade da existência humana e o homem exerce influência individual e muda suas relações com o saber, o aprender, o apreender, o memorizar, o exercer.

Figura 39 - Foto da exposição.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 40 - Foto de comemoração da culminância do projeto.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Imagens autorizadas pelos responsáveis dos alunos.

Os alunos manipulam essas máquinas e acessam todas essas informações com um "cérebro artificial" que está nas pontas dos dedos. O professor precisa estar inserido nesse mundo digital para falar a mesma linguagem do aluno e explorar essas habilidades para ensinar a ler, interpretar e escrever de forma proficiente. É nesse sentido que se incorpora, nesse estudo, o suporte do blog, como instrumento de linguagem multissemiótica e ferramenta cognitiva mediadora entre o homem, a máquina, os meios, os processos semióticos e os pensamentos (signos), materializados em textos virtuais. Sendo assim, a intenção não é excluir o impresso, mas articular os dois. Diante dessa proposta, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar a

escrita de um texto mais longo – a crônica –, de produção própria para apreciação de todos que tiverem acesso ao blog, ao livro e, posteriormente, à minha dissertação publicada.

Em vista disso, é importante que os alunos leiam, desenvolvam as habilidades de leitura e escrita esperadas, participem com prazer e gostem dos resultados. Eles foram avaliados desde o início do projeto: leitura, produção e divulgação do trabalho. Ainda foi observado o interesse, a participação e, principalmente, o envolvimento de cada um durante todo o processo de leitura e produção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dissonâncias que me trouxeram a esta pesquisa são as mesmas encontradas em salas de aulas e fruto de reclamações entre professores e alunos todos os dias. A inquietação de sempre gira em torno de metodologias fracassadas, que não favorecem o aprendizado da leitura e da escrita, pois os alunos leem, mas não compreendem, escrevem textos escolares, mas não escrevem textos coerentes para se comunicarem nos diversos contextos sociais.

Pensar na realidade dos meus alunos, como ponto de partida, foi muito importante para desenvolver as ações, em busca de soluções para as dificuldades de leitura e escrita identificadas durante o diagnóstico. As vivências e experiências em relação à leitura literária ocorriam na escola, durante os primeiros anos do ensino fundamental e foram se perdendo no percurso. Com isso, os estudos gramaticais ganharam espaço e relevância, com cópias de assuntos no caderno, decorados para prova e facilmente esquecidas. Geralmente as famílias ajudam pouco nesse sentido, pois não têm o hábito de ler ou incentivar a leitura e, por sorte, algumas crianças ouviram histórias dos avós, geralmente oriundas da literatura oral. Essas, seguramente são atingidas por uma minúscula partícula de curiosidade que pode vir a crescer ou se esvai na adolescência, quando essas histórias serão consideradas interessantes apenas para criancinhas.

Não raro, durante as minhas experiências docentes e na tentativa de modificar essa realidade "decoreba", fui surpreendida com perguntas tipo: Professora, quando vai ensinar português? Na primeira vez que escutei isto, fiquei atônita e mal soube responder. Mas foi muito importante escutar e refletir. A partir daí, comecei a ampliar minha visão e minha prática. Nas outras disciplinas, o livro didático induz também a decorar os assuntos para provas, tornando-se obrigatório e enfadonho. O tema da leitura é visto por toda a comunidade escolar, como exclusiva preocupação da Língua Portuguesa. Dessa forma, quando as crianças chegam na adolescência, em clima de total descaso com a leitura, fica difícil motivá-las e encantá-las com algum tema. Seguramente se faz necessário adentrar no mundo deles e buscar os assuntos que se aproximem dos interesses comum.

Diante dessa realidade e atuando como professora de Língua Portuguesa, encontrei, neste estudo, a possibilidade de desenvolver as habilidades de escrita dos alunos do Ensino Fundamental, a partir do gênero discursivo autoral. Acresce-se que, durante a aplicação diagnóstica, percebi que os alunos se identificaram bastante com as minhas crônicas e com a possibilidade de interagir pessoalmente com a autora. A partir de um olhar minucioso para as construções do diagnóstico, para os alunos e para o contexto escolar e social aos quais eles pertencem, defini as habilidades a serem desenvolvidas durante a intervenção. E, para dar conta

dessas atividades, dividi os conteúdos em conceituais, procedimentais e atitudinais, além disso oportunizei uma intervenção fora do contexto da sala de aula, assim como a reescrita desse gênero.

A tarefa foi árdua, mas a perspectiva, excepcional, tanto para mim, como para eles. Então, apostei no resultado e estruturei as ações para alcançar os objetivos. As atividades desenvolvidas representavam mais que um simples instrumento de ensino, e sim mais uma possibilidade de pensar o texto, o contexto, o outro e o mundo. Foi uma experiência real do entrecruzamento de enunciados, conforme discute Bakhatin (2011), numa cadeia dialógica discursiva imensurável entre autor-texto-leitor-contexto-autor. O eu/autora/pesquisadora percebeu a possibilidade de orientar os processos comunicativos discursivos a partir desses quatro elementos e, assim, influenciar o outro (aluno/autor) ao refinamento de ideias, à reflexão e à reconfiguração dos processos de ensinar a escrever, escrevendo.

Dessa forma, o eu/pesquisadora continuou o processo de pesquisa-ção, aplicando ativamente a sequência didática distribuída em três módulos. No módulo I, os alunos vivenciaram a leitura do gênero discursivo crônica e suas múltiplas possibilidades discursivas. A interação dos alunos com as leituras e as atividades puderam ser observadas pelo entrosamento com o texto, pela espera da novidade da próxima crônica, pelo cumprimento das pesquisas, entrevistas, diálogos com moradores extraclasse e como os alunos davam retorno às atividades em forma de aprendizado, análise das produções, encenações, discussões, mesa-redonda, debates. Nesse sentido, o ato de criação artística se fundiu às práticas reais de aprendizado, ao passo que, enquanto estudavam, produziam significados, transformavam-se, transformavam o outro.

Os alunos pesquisaram ditos populares, biografia dos autores, informações sobre a Gamboa antiga e escreveram todos os dados coletados para relatar em sala de aula. O instrumento era o diário de leitura. Nele os alunos escreviam todas as percepções durante a leitura, relatavam dificuldades, pesquisavam palavras que não compreendiam, faziam resumo de obras e utilizavam, como uma bússola, para auxiliar na escrita. Ao final do módulo, fizemos uma produção para as *Olimpíadas de Língua Portuguesa.* Nesse momento nem todos os alunos conseguiram escrever uma crônica. Muitos escreveram relatos, o que não consideramos como parâmetro de análise, até porque o módulo I foi planejado para ler e compreender o jogo discursivo da crônica. Para agregar essa compreensão textual, criamos possibilidades para o desenvolvimento de habilidades de identificar as características do gênero discursivo crônica e as relações entre autor-texto-leitor, bem como a forma de composição, estilo, circulação, contexto e suporte das crônicas e apreciação dos valores sociais, culturais e humanos,

considerando a autoria e o contexto social. Pela participação dos alunos nas atividades orais, escrita e contextuais, percebi que eles alcançaram os objetivos propostos.

Os alunos que produziram crônicas foram orientados a reescrever e adequar ao padrão para concorrer ao concurso. A seguir fizemos a leitura das crônicas em sala e coloquei no mural como premiação aos participantes. Como nem todos os alunos estavam participando do processo de reescrita, utilizei o suporte do *Whatsapp* para orientar os alunos/participantes em outros momentos fora da sala de aula. Essa prática se estendeu para os outros módulos. Ainda foi possível quantificar, pelos dados das análises, que dos 25 alunos em estudo, 15 conseguiram compreender esse recurso textual nas relações intertextuais entre a música *Amor e sexo*, a crônica *Descobertas* e a crônica *Amor é prosa, sexo é poesia?* e 9 entenderam o efeito de ironia presente nas crônicas. No entanto, apesar de os alunos não representarem um número maior de reconhecimento dos conteúdos trabalhados no texto, eles participaram efetivamente de todas as atividades.

No módulo II, trabalhamos com as crônicas jornalísticas e literárias e produção contextual durante os *Jogos da Primavera*. O objetivo era colocar o aluno no centro do evento e favorecer possibilidades reais de produção. Era a oportunidade deles se sentirem como um jornalista, um repórter, ou um comentarista de jogos e poder dar forma a sua produção. As crônicas produzidas durante os jogos estavam carregadas de exageros, ironia e humor, assim, classifiquei como crônicas literárias, porém alguns alunos utilizaram os recursos para tratar os adversários e visitantes de forma ofensiva e desrespeitosa, motivo pelo qual foram orientados sobre os prejuízos em relação a esse comportamento.

Analisei três crônicas que representaram níveis e estilos diferentes. A crônica que representou o Grupo A apresentou todas as características do gênero, utilizou bem os recursos das figuras de linguagem, mas não sustentou o texto com uma relevância informativa. A crônica que representou o Grupo B também apresentou todas as características composicionais do gênero, mas poderia aplicar melhor os conteúdos, desenvolver a relevância informativa e utilizar os recursos da crônica literária, visto que iniciou o texto mais formal e depois caminhou pela via literária. Porém, foi interessante perceber que a aluna evoluiu muito em relação ao texto apresentando no diagnóstico. A crônica representante do Grupo C estava carregada de ironia com humor, mas tratava alguns colegas de forma pejorativa. Consegui diminuir os excessos durante a reescrita, mas a autora apresentou muita resistência para permitir a mudança de alguns termos do texto. Em relação à produção inicial, foi possível perceber que essa aluna conseguiu desenvolver as habilidades de escrita, pois inicialmente pertencia ao Grupo D, por não ter seu

texto categorizado, pertencente a nenhum gênero e, após a aplicação, ela conseguiu escrever um texto que se enquadra no gênero proposto: a crônica.

Já no módulo III, planejei trabalhar a reescrita do texto, não que não tenha trabalhado nos módulos anteriores, mas para permitir que os alunos melhorassem as crônicas já produzidas, porém a maioria dos alunos resolveu escrever novas crônicas, fazendo com que o término da aplicação se estendesse por mais tempo. Com base na análise global, 100% dos alunos escreveram crônicas em níveis diferentes, assim reuni as produções em três grupos. O Grupo A representa os 52% dos alunos que produziram crônicas autorais e demonstraram que desenvolveram as habilidades necessárias objetivadas para leitura, escrita e reescrita de crônicas. Esse percentual representa os alunos que produziram crônicas, atendendo às características composicionais do gênero e apresentaram relevância informativa coerente com a proposta temática e utilizaram intertextualidade explícita. Eles sustentaram a progressão temática até concluir o texto com coesão adequada ao nível educacional deles, orientados na reescrita a adaptarem de acordo a norma.

O percentual de crônicas autorais do Grupo B representa 16% das crônicas que apresentaram um grau menor de habilidades, de acordo aos conteúdos trabalhados e eficiência na reescrita. Esses alunos produziram crônicas relevantes, mas poderiam melhorar a articulação entre as orações, deixando o texto mais coeso e coerente. Eles utilizaram intertextualidade em menor grau que os alunos do Grupo A, e os que citaram foram influenciados pelas músicas, ditos populares, frases de efeito, frases de pensadores dentre outros. As crônicas autorais do Grupo C representam 32% dos alunos com menor grau de habilidades desenvolvidas em relação ao Grupo A e B. De certo, são crônicas literárias, mas com prejuízo no desenvolvimento de conteúdos, ou na eficiência de manter a progressão temática, prejudicando a coerência.

Assim, percebi o protagonismo dos alunos quanto aos quatro campos de atuação previstas na Base Nacional Comum Curricular – (BRASIL, 2017): Da vida cotidiana: – pesquisas e entrevistas na localidade, diálogos com os moradores, encenações e produção referencial; Da vida pública: – os alunos foram confrontados em produções reais e contextuais com a possibilidade de escrever crônicas jornalísticas durante os "Jogos da Primavera", publicação em blog e livro de crônicas; Das práticas de estudo e pesquisa: – estudo da composição e características do gênero discursivo crônica, pesquisa de publicações em outros suportes, pesquisa da biografia dos autores, ampliação de estudo enciclopédico e visão de mundo, dentre outros estilos de crônicas, produção de mesa-redonda, debate, discussões; Artístico/Literário: – passeio cultural e produções de crônicas literárias. Um estudo articulado

e planejado para o desenvolvimento da escrita autônoma e significativa dos estudantes, tendo o gênero discursivo crônica como principal aliado.

Logo, de modo geral, esta proposta possibilitou aos alunos o desenvolvimento de habilidades cognitivas de escrever e reescrever crônicas, observáveis em suas produções, que certamente representam avanços em suas competências linguísticas e textuais. Todavia, pondero que pelo tempo de aplicação da sequência didática, e carência no desenvolvimento de habilidades como pré-requisito, nem todas as habilidades propostas foram desenvolvidas plenamente. O processo de reescrita se deu a partir de leitura das produções em sala de aula e adaptação dos acréscimos sugeridos pelos colegas e por mim, depois da reescrita no diário de leitura, digitação e acompanhamento pela plataforma do *Whatsapp*. Desse modo, os objetivos foram alcançados, pois os alunos conseguiram escrever o gênero, aprenderam a utilizar a intertextualidade, a ironia e a sustentar uma relevância informativa e compreenderam o quão importante é o processo de reescrita para melhorar o texto a cada novo olhar.

Quanto ao modelo de sequência didática, ressalto que de início atendia as expectativas, porém durante a aplicação dos módulos precisei fazer algumas adaptações e, assim, conclui com o sentimento de que poderia desenvolver um modelo de sequência didática próprio. Do mesmo modo, afinar a proposta da BNCC ainda em fase de implementação com o modelo de SD, objetivos e conteúdos, possibilitou algumas angústias e adaptações no planejamento de aula, cabendo utilizar duplo recurso para atingir os objetivos propostos. No entanto, a partir da proposta contextual e instrumentos de pesquisa-ação, tanto os alunos quanto o meu fazer docente foram influenciados pela adoção de métodos de valor cultural e relevância social. Essa prática acelerou o desenvolvimento de habilidades necessárias, engajadas na vida social e profissional dos alunos de forma autônoma e competente.

As obras serão devolvidas às estantes e os teóricos retornarão ao silêncio de um livro fechado, mas as vozes construídas durante esse percurso não serão caladas. Certamente, fomos modificados e continuaremos transformando discursos, diálogos, experiências, percepções em textos e esses textos em outros textos, numa proporção imensurável de enunciados, capazes de compensar a proposta deste estudo e de outros que serão motivados avidamente por este.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Textualidade:** noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola, 2017.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português:** encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Editora 34, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedito Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERTONE, Márcia Elizabeth**. A construção da leitura e da escrita:** do 6. Ao 9. Ano do ensino fundamental. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BAHIA. Secretaria da Educação. Superintendência de Políticas para Educação Básica. União Nacional dos Dirigentes Municipais da Bahia. **Documento Curricular Referencial da Bahia para Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Bahia Salvador: Secretaria de Educação, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BUIN-BARBOSA, Edilaine. **A escrita na escola:** a construção da coerência textual. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

CALDAS, Fabiane de J. Descobertas. **Jornal VALENÇA AGORA.** Valença, 21/01 a 27/01/2010.

CANDIDO, A. et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
_____. O direito à literatura. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **O sentido do texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos. **Intelectuais das Áfricas.** Campinas: Pontes, 2018.

COELHO, Fábio André; PALOMANES, Roza. **Ensino de Produção Textual.** São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2018.

COUTO, Mia. **Um rio chamado Tempo, Uma casa chamada Terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequencias didática para o oral e a escrita:apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.) **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. Org. ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: Schneuwly, Bernard; Dolz, Joaquim (org) **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. Org. ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. Campinas: Mercado de Letras, 3ª ed. 2013.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria; CORACINI, Maria José Rodrigues. **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela:** alfabetização, formação de professores, línguas maternas e estrangeiras. Canpinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura.** São Paulo: Contexto, 2018.

FEIJÓ, Caio. **A sexualidade e o uso de drogas na adolescência:** o papel da família e da escola na prevenção das DST, gravidez na adolescência e o uso de drogas. Osasco: Novo século, 2007.

FERREIRO, Emilia**. Psicigênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FOUCALT, Michel. **"A escrita de si"**. Ditos e escritos, volume V. Ética, sexualidade e política. Trad. Elisa Monteiro o Inês Autran. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

GALVÃO, Araken Vaz. **Crônicas das prisões e do Exílio**. Salvador: Assembleia Legislativa, 2014.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HALL, Stuart**. A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HATOUM, Milton**. Relato de um certo Oriente.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

HIGGOUNET, Charles. **História concisa da escrita.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2009.

KOCH, Ingedore. **Desvendando os segredos dos textos.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. 10.ed.São Paulo: Contexto,2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual**, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Felipe. Desequilibra. **Jornal A tarde**. Salvador, 21/09/2019.

PESSOA, Fernando. **Mensagem.** Portugal: Centro Atlântico, 2010.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SANTOS, Rosa Maria Fonseca. **Os trabalhadores do Mar** – Labuta, Cultura, e Mémória na Ilha da Gamboa do Morro, Cairu – Ba. Salvador: JM, 2013.

SCHLATTER, Margarete; LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. **A ocasião faz o escritor:** caderno do professor. São Paulo: Cenpec, 2019.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2005.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso:** a representação humorística na história brasileira: da Belle Êpoque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

VAL, Maria da Graça Costa; ROCHA, Gladys **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto – o sujeito –autor**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UGMG, 2008.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2014.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO

O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA COMO INCENTIVO À ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A PRÁTICA AUTORAL DA PROFESSORA E DOS ALUNOS

Volume 2

SANTO ANTÔNIO DE JESUS
2020

FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO

O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA COMO INCENTIVO À ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A PRÁTICA AUTORAL DA PROFESSORA E DOS ALUNOS

Volume 2

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras do Departamento de Ciências Humanas do Campus V da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Adelino Pereira dos Santos.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS
2020

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

2 CRÔNICA: CARACTERIZAÇÃO E DOMÍNIO DISCURSIVO 20

2.1 DA CRÔNICA JORNALÍSTICA: CIRCUNSTANCIAL, CRÍTICA E BANAL AO ESTILO LITERÁRIO 22

2.2 O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA COMO FERRAMENTA DE ENSINO 25

2.3 PRÁTICAS DE LEITURA E (RE)ESCRITA DO GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA 29

2.4 TEXTUALIDADE: APLICAÇÃO DOS ELEMENTOS ESSENCIAIS DE PRODUÇÃO AO SENTIDO GLOBAL DO TEXTO 32

2.5 (RE)ESCRITA: UMA PRÁTICA CONTÍNUA DE EXERCITAR AS HABILIDADES DE ENSINO 36

3 "EUS": REFLEXÕES ENTRE A FORMAÇÃO DOCENTE E A AUTORIA TEXTUAL 40

3.1 – PRÁTICAS DE LINGUAGEM, ATUAÇÃO E ESCRITA: DIÁLOGOS ENTRE HABILIDADES INDISSOCIÁVEIS À LUZ DA BNCC 43

3.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA 46

3.2.1 Desenvolvendo a produção inicial 51

3.2.2 Análise da produção inicial 59

3.2.3 Habilidades consolidadas no diagnóstico e a serem construídas 71

4 CRÔNICAS: PARA ALÉM DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS 73

4.1 MÓDULO I – DESENVOLVENDO HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA DO GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA 81

4.1.1 A crônica na aula de Língua Portuguesa 82

4.1.2 "O lugar onde vivo" 87

4.1.3 O gênero crônica em debate 96

4.1.4 Textualidade e sentido: uma análise das produções dos alunos 104

4.1.5 Dados comparativos contextuais 113

4.2 MÓDULO II – ASPECTOS LINGUÍSTICOS E ESTRUTURAIS DO GÊNERO CRÔNICA 117
4.2.1 A crônica como gênero discursivo 117
4.2.2 Crônica: do jornalístico ao literário 126
4.2.3 Textualidade e sentido: análise das produções dos alunos 145
4.2.4 Dados comparativos contextuais 153
4.3 MÓDULO III – A CRÔNICA EM PRODUÇÃO 157
4.3.1 Crônica: competência autoral 158
4.3.2 Reescrita da produção final 169
4.3.3 Análise das produções finais 173
4.3.4 – Dados comparativos textuais 184
4.3.5 Culminância do projeto 186
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 189
REFERÊNCIAS 194
APÊNDICES 198
APÊNDICE A – Atividade de leitura e análise de crônicas 198
APÊNDICE B - Atividade de leitura e análise de crônicas 206
APÊNDICE C – Atividade de leitura e análise de crônicas 209
APÊNDICE D – Atividade de leitura e análise de crônicas 214
Há umas quatro décadas o futebol-arte foi sendo posto num ostracismo soturno 215
APÊNDICE E - Atividade de leitura e análise de crônicas 224
APÊNDICE F - Atividade de leitura, análise e produção de crônicas 231
APÊNDICE G – Termo de autorização de uso de imagem 238
APÊNDICE H – Livreto de crônicas 239
ANEXOS 298

APRESENTAÇÃO

Este volume reúne os apêndices e anexos utilizados na dissertação *O gênero discursivo crônica como incentivo à escrita no ensino fundamental: a prática autoral da professora e dos alunos*. Para melhor compreensão do trabalho de pesquisa como um todo é indispensável que se observem as atividades de produção e análise de crônicas, a autorização do uso de imagem e o livreto de crônicas produzido pelos estudantes. O anexo integra o termo de liberação da pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

A dissertação se apresenta em dois volumes por causa da sua extensão e pela dificuldade de *upload* em plataformas digitais do programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS –, Campus V – UNEB.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Atividade de leitura e análise de crônicas

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisadora: Fabiane de Jesus Caldas Brito.
Orientador: Dr. Adelino Pereira dos Santos.

Estudante: _____

ATIVIDADE DE ANÁLISE DAS CRÔNICAS "AMOR É PROSA, SEXO É POESIA"; "SOBRE O AMOR" E "DESCOBERTAS"

Texto 1

Amor e sexo - Rita Lee

Amor é um livro
Sexo é esporte
Sexo é escolha
Amor é sorte
Amor é pensamento, teorema
Amor é novela
Sexo é cinema
Sexo é imaginação, fantasia
Amor é prosa
Sexo é poesia
O amor nos torna patéticos
Sexo é uma selva de epiléticos
Amor é cristão
Sexo é pagão
Amor é latifúndio
Sexo é invasão
Amor é divino
Sexo é animal
Amor é bossa nova
Sexo é carnaval
Amor é para sempre
Sexo também
Sexo é do bom

www.vagalume.com.br/rita-lee/amor-e-sexo.html. Acesso em: 05/10/2018

Texto 2

AMOR É PROSA, SEXO É POESIA

Arnaldo Jabor

Sábado, fui andar na praia em busca de inspiração para meu artigo de jornal. Encontro duas amigas no calçadão do Leblon:
– Teu artigo sobre amor deu o maior auê... – me diz uma delas. – Aquele das mulheres raspadinhas também... Aliás, que você tem contra as mulheres que barbeiam as partes? – questiona a outra.

– Nada... – respondo. – Acho lindo, mas não consigo deixar de ver ali nas partes dessas moças um bigodinho sexy... não consigo evitar... Penso no bigodinho do Hitler, do Sarney... Lembram um sarneyzinho vertical nas modelos nuas... Por isso, acho que vou escrever ainda sobre sexo...

Uma delas (solteira e lírica) me diz:

– Sexo e amor são a mesma coisa...A outra (casada e prática) retruca:
– Não são a mesma coisa não...

Sim, não, sim, não, nasceu a doce polêmica ali à beira-mar. Continuei meu cooper e deixei as duas lindas discutindo e bebendo água-de-coco. E resolvi escrever sobre essa antiga dualidade: sexo e amor. Comecei perguntando a amigos e amigas. Ninguém sabe direito. As duas categorias trepam, tendendo ou para a hipocrisia ou para o cinismo; ninguém sabe onde a galinha e onde o ovo. Percebo que os mais "sutis" defendem o amor, como algo "superior". Para

os mais práticos, sexo é a única coisa concreta. Assim sendo, meto aqui minhas próprias colheres nesta sopa.

–O amor tem jardim, cerca, projeto. O sexo invade tudo isso. Sexo é contra a lei. O amor depende de nosso desejo, é uma construção que criamos. Sexo não depende de nosso desejo; nosso desejo é que é tomado por ele. Ninguém se masturba por amor. Ninguém sofre de tesão. O sexo é um desejo de apaziguar o amor. O amor é uma espécie de gratidão a posteriori pelos prazeres do sexo.

O amor vem depois, o sexo vem antes. No amor, perdemos a cabeça, deliberadamente. No sexo, a cabeça nos perde. O amor precisa do pensamento. No sexo, o pensamento atrapalha; só as fantasias ajudam. O amor sonha com uma grande redenção. O sexo só pensa em proibições: não há fantasias permitidas. O amor é um desejo de atingir a plenitude. Sexo é o desejo de se satisfazer com a finitude. O amor vive da impossibilidade sempre deslizante para a frente. O sexo é um desejo de acabar com a impossibilidade. O amor pode atrapalhar o sexo. Já o contrário não acontece. Existe amor sem sexo, claro, mas nunca gozam juntos. Amor é propriedade. Sexo é posse. Amor é a casa; sexo é invasão de domicílio. Amor é o sonho por um romântico latifúndio; já o sexo é o MST. O amor é mais narcisista, mesmo quando fala em "doação". Sexo é mais democrático, mesmo vivendo no egoísmo. Amor e sexo são como a palavra farmakon em grego: remédio e veneno. Amor pode ser veneno ou remédio. Sexo também – tudo dependendo das posições adotadas.

Amor é um texto. Sexo é um esporte. Amor não exige a presença do "outro"; o sexo, no mínimo, precisa de uma "mãozinha". Certos amores nem precisam de parceiro; florescem até mais sozinhos, na solidão e na loucura. Sexo, não – é mais realista. Nesse sentido, amor é uma busca de ilusão. Sexo é uma bruta vontade de verdade. Amor muitas vezes é uma masturbação. Seco, não. O amor vem de dentro, o sexo vem de fora, o amor vem de nós e demora. O sexo vem dos outros e vai embora. Amor é bossa nova; sexo é carnaval.

Não somos vítimas do amor, só do sexo. "O sexo é uma selva de epiléticos" ou "O amor, se não for eterno, não era amor" (Nelson Rodrigues). O amor inventou a alma, a eternidade, a linguagem, a moral. O sexo inventou a moral também do lado de fora de sua jaula, onde ele ruge. O amor tem algo de ridículo, de patético, principalmente nas grandes paixões. O sexo é mais quieto, como um caubói – quando acaba a valentia, ele vem e come. Eles dizem: "Faça amor, não faça a guerra". Sexo quer guerra. O ódio mata o amor, mas o ódio pode acender o sexo. Amor é egoísta; sexo é altruísta. O amor quer superar a morte. No sexo, a morte está ali, nas bocas... O amor fala muito. O sexo grita, geme, ruge, mas não se explica. O sexo sempre existiu – das cavernas do paraíso até as saunas relax for men. Por outro lado, o amor foi inventado pelos poetas provinciais do século XII e, depois, revitalizado pelo cinema americano da direita cristã. Amor é literatura. Sexo é cinema. Amor é prosa; sexo é poesia. Amor é mulher; sexo é homem – o casamento perfeito é do travesti consigo mesmo. O amor domado protege a produção. Sexo selvagem é uma ameaça ao bom funcionamento do mercado. Por isso, a única maneira de controla-lo é programa-lo, como faz a indústria das sacanagens. O mercado programa nossas fantasias.

Não há saunas relax para o amor. No entanto, em todo bordel, finge-se um "amorzinho" para iniciar. O amor está virando um hors-d'oeuvre para o sexo. O amor busca uma certa "grandeza". O sexo sonha com as partes baixas. O perigo do sexo é que você pode se apaixonar. O perigo do amor é virar amizade. Com camisinha, há sexo seguro, mas não há camisinha para o amor. O amor sonha com a pureza.

Sexo precisa do pecado.

Amor é o sonho dos solteiros. Sexo, o sonho dos casados. Sexo precisa da novidade, da surpresa. "O grande amor só se sente no ciúme" (Proust). O grande sexo sente-se como uma tomada de poder. Amor é de direita. Sexo, de esquerda (ou não, dependendo do momento político. Atualmente, sexo é de direita. Nos anos 60, era o contrário. Sexo era revolucionário e

o amor era careta). E por aí vamos. Sexo e amor tentam mesmo é nos afastar da morte. Ou não; sei lá... e-mails de quem souber para o autor.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Texto 3

SOBRE O AMOR

Ferreira Gullar

Houve uma época em que eu pensava que as pessoas deviam ter um gatilho na garganta: quando pronunciasse — eu te amo —, mentindo, o gatilho disparava e elas explodiam. Era uma defesa intolerante contra os levianos e que refletia sem dúvida uma enorme insegurança de seu inventor. Insegurança e inexperiência. Com o passar dos anos a idéia foi abandonada, a vida revelou-me sua complexidade, suas nuanças. Aprendi que não é tão fácil dizer eu te amo sem pelo menos achar que ama e, quando a pessoa mente, a outra percebe, e se não percebe é porque não quer perceber, isto é: quer acreditar na mentira. Claro, tem gente que quer ouvir essa expressão mesmo sabendo que é mentira. O mentiroso, nesses casos, não merece punição alguma.

Por aí já se vê como esse negócio de amor é complicado e de contornos imprecisos. Pode-se dizer, no entanto, que o amor é um sentimento radical — falo do amor-paixão — e é isso que aumenta a complicação. Como pode uma coisa ambígua e duvidosa ganhar a fúria das tempestades? Mas essa é a natureza do amor, comparável à do vento: fluido e arrasador. É como o vento, também às vezes doce, brando, claro, bailando alegre em torno de seu oculto núcleo de fogo.

O amor é, portanto, na sua origem, liberação e aventura. Por definição, anti-burguês. O próprio da vida burguesa não é o amor, é o casamento, que é o amor institucionalizado, disciplinado, integrado na sociedade. O casamento é um contrato: duas pessoas se conhecem, se gostam, se sentem atraídas uma pela outra e decidem viver juntas. Isso poderia ser uma coisa simples, mas não é, pois há que se inserir na ordem social, definir direitos e deveres perante os homens e até perante Deus. Carimbado e abençoado, o novo casal inicia sua vida entre beijos e sorrisos. E risos e risinhos dos maledicentes. Por maior que tenha sido a paixão inicial, o impulso que os levou à pretoria ou ao altar (ou a ambos), a simples assinatura do contrato já muda tudo. Com o casamento o amor sai do marginalismo, da atmosfera romântica que o envolvia, para entrar nos trilhos da institucionalidade. Torna-se grave. Agora é construir um lar, gerar filhos, criá-los, educá-los até que, adultos, abandonem a casa para fazer sua própria vida. Ou seja: se corre tudo bem, corre tudo mal. Mas, não radicalizemos: há exceções — e dessas exceções vive a nossa irrenunciável esperança.

Conheci uma mulher que costumava dizer: não há amor que resista ao tanque de lavar (ou à máquina, mesmo), ao espanador e ao bife com fritas. Ela possivelmente exagerava, mas com razão, porque tinha uns olhos ávidos e brilhantes e um coração ansioso. Ouvia o vento rumorejar nas árvores do parque, à tarde incendiando as nuvens e imaginava quanta vida, quanta aventura estaria se desenrolando naquele momento nos bares, nos cafés, nos bairros distantes. À sua volta certamente não acontecia nada: as pessoas em suas respectivas casas estavam apenas morando, sofrendo uma vida igual à sua. Essa inquietação bovariana prepara o caminho da aventura, que nem sempre acontece. Mas dificilmente deixa de acontecer. Pode não

acontecer a aventura sonhada, o amor louco, o sonho que arrebata e funda o paraíso na terra. Acontece o vulgar adultério – o assim chamado -, que é quase sempre decepcionante, condenado, amargo e que se transforma numa espécie de vingança contra a mediocridade da vida. É como uma droga que se toma para curar a ansiedade e reajustar-se ao status quo. Estou curada, ela então se diz — e volta ao bife com fritas.

Mas às vezes não é assim. Às vezes o sonho vem, baixa das nuvens em fogo e pousa aos teus pés um candelabro cintilante. Dura uma tarde? Uma semana? Um mês? Pode durar um ano, dois até, desde que as dificuldades sejam de proporção suficiente para manter vivo o desafio e não tão duras que acovardem os amantes. Para isso, o fundamental é saber que tudo vai acabar. O verdadeiro amor é suicida. O amor, para atingir a ignição máxima, a entrega total, deve estar condenado: a consciência da precariedade da relação possibilita mergulhar nela de corpo e alma, vivê-la enquanto morre e morrê-la enquanto vive, como numa desvairada montanha-russa, até que, de repente, acaba. E é necessário que acabe como começou, de golpe, cortado rente na carne, entre soluços, querendo e não querendo que acabe, pois o espírito humano não comporta tanta realidade, como falou um poeta maior. E enxugados os olhos, aberta a janela, lá estão as mesmas nuvens rolando lentas e sem barulho pelo céu deserto de anjos. O alívio se confunde com o vazio, e você agora prefere morrer.

A barra é pesada. Quem conheceu o delírio dificilmente se habitua à antiga banalidade. Foi Gogol, no Inspetor Geral quem captou a decepção desse despertar. O falso inspetor mergulhara na fascinante impostura que lhe possibilitou uma vida de sonho: homenagens, bajulações, dinheiro e até o amor da mulher e da filha do prefeito. Eis senão quando chega o criado, trazendo-lhe o chapéu e o capote ordinário, signos da sua vida real, e lhe diz que está na hora de ir-se pois o verdadeiro inspetor está para chegar. Ele se assusta: mas então está tudo acabado? Não era verdade o sonho? E assim é: a mais delirante paixão, terminada, deixa esse sabor de impostura na boca, como se a felicidade não pudesse ser verdade. E no entanto o foi, e tanto que é impossível continuar vivendo agora, sem ela, normalmente. Ou, como diz Chico Buarque: sofrendo normalmente.

Evaporado o fantasma, reaparece em sua banal realidade o guarda-roupa, a cômoda, a camisa usada na cadeira, os chinelos. E tudo impregnado da ausência do sonho, que é agora uma agulha escondida em cada objeto, e te fere, inesperadamente, quando abres a gaveta, o livro. E te fere não porque ali esteja o sonho ainda, mas exatamente porque já não está: esteve. Sais para o trabalho, que é preciso esquecer, afundar no dia-a-dia, na rotina do dia, tolerar o passar das horas, a conversa burra, o cafezinho, as notícias do jornal. Edifícios, ruas, avenidas, lojas, cinema, aeroportos, ônibus, carrocinhas de sorvete: o mundo é um incomensurável amontoado de inutilidades. E de repente o táxi que te leva por uma rua onde a memória do sonho paira como um perfume. Que fazer? Desviar-se dessas ruas, ocultar os objetos ou, pelo contrário, expor-se a tudo, sofrer tudo de uma vez e habituar-se? Mais dia menos dia toda a lembrança se apaga e te surpreendes gargalhando, a vida vibrando outra vez, nova, na garganta, sem culpa nem desculpa. E chegas a pensar: quantas manhãs como esta perdi burramente! O amor é uma doença como outra qualquer.

E é verdade. Uma doença ou pelo menos uma anormalidade. Como pode acontecer que, subitamente, num mundo cheio de pessoas, alguém meta na cabeça que só existe fulano ou fulana, que é impossível viver sem essa pessoa? E reparando bem, tirando o rosto que era lindo, o corpo não era lá essas coisas… Na cama era regular, mas no papo um saco, e mentia, dizia tolices, e pensar que quase morro!

Isso dizes agora, comendo um bife com fritas diante do espetáculo vesperal dos cúmulos e nimbos. Em paz com a vida. Ou não.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Texto 4

DESCOBERTAS

Outro dia ouvi no rádio a música de Rita Lee "Amor e sexo" e prestando atenção à letra, fiquei traçando um paradoxo entre as comparações citadas. Gostei muito das analogias. Em outro momento, passeando as mãos e os olhos curiosos nas prateleiras de livros proibidos e intocáveis pelo fanatismo do meu cunhado, avistei num canto, meio escondido, certo livro que logo me chamou a atenção pelo título: "Amor é prosa, sexo é poesia, crônicas efetivas" de Arnaldo Jabor. Minha reação imediata foi pegar o livro escondido, porque sabia que meu cunhado não me emprestaria. Quando comecei a ler, percebi que o mesmo foi fonte de inspiração da música que havia despertado algo em mim. O tema me remeteu a várias passagens de minha vida e fiquei fazendo comparações tentando descobrir o que realmente nos traz felicidade. Penso que nossas escolhas têm sempre metade de oportunidade de dar certo e se isso não acontece é porque essas escolhas eram compostas de partículas de momentos que acabaram e logo foram substituídas por outras.

Nesse momento de reflexão, voltei tanto no tempo que fui parar na minha infância, na época das descobertas. Creio que sexo é aquele assunto que todo menino e menina querem saber quando entram na puberdade. Mas o que fazer para saber sobre o tema "pecado"? Sei que fui um pouco precoce nesse aspecto de querer saber sobre sexualidade. Já aos sete anos, queria entender como meu pai e minha mãe me fizeram. Ficava investigando aqueles gemidos abafados vindos do outro quarto na madrugada. Sentia-me uma coruja. Como não tinha espaço para perguntar para minha mãe, acabava recorrendo à minha avó – coitada! – que se saia da situação enganando-me, lógico. Contava-me aquelas histórias de cegonhas que eu achava lindas, mas que não me convenciam. Incansavelmente voltava a fazer milhões de perguntas e ela respondia com milhões de histórias inventadas e estapafúrdias. Deixei isso um pouco de lado quando me apaixonei aos nove anos e fiquei interessada em beijos. O objeto da paixão, ou melhor, os objetos eram dois meninos, um moreno e outro loiro, para contrastar. Um na escola e outro perto de minha casa. Depois de ensaiar beijos no espelho comigo mesma, fui experimentar o primeiro beijo no garoto da escola. Ele era menos bonito que o outro, e eu queria o beijo melhorado e ensaiado com o bonitão. Eu me sentia flutuando em nuvens de algodão. Fazia poesias bobas em coleções de papeis de carta decorados, com corações partidos e flechados por todos os lados. Mandava para os meninos e ficava de longe observando a reação de cada um deles. Eu amava fazer isso! Esses beijos foram os melhores de minha vida porque eram inocentes e puros, não tinha aquela troca de língua e saliva (o primeiro desses chega a ser desagradável).

Quando entrei no ginásio, com onze anos, tive um encontro desagradável com uma ladra de sonhos, bem mais velha e frustrada, que estava já na oitava série. Convidava-nos para conversas sobre sexo e aquela minha inquietação de saber das coisas através de minha mãe, foi ser saciada por uma menina sem escrúpulos que não era mais virgem e que já havia feito até abortos. Foi um choque!

O tempo foi passando e as histórias de amor da infância e adolescência ficaram só na lembrança. De repente a gente percebe que entra numa espécie de caça pela "cara metade". Primeiro encontro, um dia inteiro para se arrumar: cabelo, unhas, a escolha da roupa ideal, consulta a amiga mais experiente. Roupas folgadas, ele pode me achar velha; roupas apertadas...vulgaridade. O que será que ele vai pensar de mim? Chega o horário esperado, o homem desejado, a boca sedenta por um beijo.

Suspiros fundos e apertados, olhos brilhantes e reluzentes. Aparece aquele rubor na face, escondendo uma falsa timidez. E o sucesso vai depender muito mais da mulher do que do homem, porque como somos mais amorosas e estamos sempre à procura do amor, qualquer deslize do homem é fatal. Qualquer coisa pode transformá-lo, em poucos segundos, em príncipe ou sapo. Depois tudo se adapta e fica mais fácil. Difícil mesmo é descobrir quando o homem fala com o coração ou com a testosterona. Sempre tem aquele artista que finge um amor que não sente para conquistar o que quer, mas o universo das mulheres é tão carente que elas até preferem ouvir uma linda mentira à solidão com mil verdades. Existem homens de todo jeito. Pense naquele cara que perturba os sentidos, aquela química perfeita que nem a física consegue explicar, que já olha como se estivesse despindo a mulher. Esse é o tal que aparece com chaves e um cadeado enorme pendurado no coração, com um convite à loucura e um chamado à amargura. Quando se pensa em procurar a chave para abrir o coração dele, já se foi sem deixar explicação. Você fica vagueando sozinha até se perguntando o que fez de errado. Nada foi feito de errado, os homens é que são complicados. O amor está ligado a sofrimento e a mulher sofre muito mais porque ama demais.

Por isso eu concordo com Arnaldo Jabor quando diz: "O amor exige coragem e o homem é covarde". O homem, quando conquista, acha que não tem mais com que se preocupar e, "aí a fila anda"! Todos estão em busca de prazer e felicidade, mas têm medo. Medo de sofrer, medo de errar, medo de se decepcionar, medo de ferir a ordem de tabus criados por uma sociedade que nem sempre valoriza a mulher e de religiões alienadoras. Eu só não entendo a ideia de que, fazer as ocultas pode, porque todo mundo faz tudo escondidinho e mantém as aparências para não ser condenado. Até hoje não entendo o porquê de se manter o celibato, se Deus criou o homem e a mulher para se completarem. E por trás das cortinas, criancinhas herdarão o reino dos céus! Eu hein! Podem me chamar do que quiserem, mas o que quero mesmo é ser feliz. Quero beijar excessivamente, até porque os músculos da face agradecem; quero cantar, dançar, falar em línguas dos poetas, e quero amar muito também. Se tiver que casar várias vezes para encontrar o que quero, o farei. Ainda não posso dizer se achei meu amor de verdade, só o tempo dirá, porque amor de verdade é aquele que dura a vida inteira. Talvez possa escrever sobre isso um dia, mais no fim de minha vida. Neste momento posso dizer que amo alguém interessante e sou amada por ele ainda mais, mesmo que seja um tipo patológico de amor-paixão que, segundo os filósofos é "o amor carnal". Sentimento que já atravessou certas barreiras do acaso. É melhor eu aproveitar antes que vire tragédia grega.

Fabiane Caldas.
(1º lugar concurso de crônicas da AVELA)

CALDAS, Fabiane de J. Descobertas. **Jornal VALENÇA AGORA.** Valença, 21/01 a 27/01/2010.

1. As crônicas analisadas, apresentam uma unidade temática de interesse comum. Que unidade é essa? Como você se relaciona com esse tema?

_____

_____

2. Os sentimentos que você descreveu na dinâmica foram despertados pelas temáticas das crônicas? Descreva.

3. De acordo ao que estudamos sobre as características do gênero crônica, você conseguiu fazer relações entre as situações vividas pelas personagens e o seu cotidiano? Explique.

4. A crônica “Descobertas” é uma crônica autoral que narra as descobertas da sua professora quando tinha a sua idade. Você considera relevante essas experiências para que você aprenda com os erros e acertos alheios ou prefere arriscar suas próprias experiências? Isso suscita algo em você que mereça ser contado?

5. Na crônica “Descobertas, a personagem viveu ineditamente situações que esperava ter sido preparada por sua mãe e acabou descobrindo sozinha no convívio e experiências com outros. Você considera um fator comum, pois os pais não conseguem conversar sobre esses assuntos com os filhos? De que forma você acredita que essas circunstâncias poderiam ser minimizadas para evitar descobertas desastrosas ou irreversíveis?

6. Foi possível perceber diálogos intertextuais entre as crônicas “Amor é prosa, sexo é poesia”, “Sobre o amor” e “Descobertas”, e a música “Amor e sexo” de Rita Lee? Descreva.

7. Você já se interessou por relacionamentos ou namora atualmente? Poderia relatar sua experiência e como seus pais encaram relacionamentos na sua idade?

8. Seus pais conversam com você sobre prevenção, doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez na adolescência?

_____

_____

9. Assim como a personagem da crônica, você acredita que os homens são complicados, amam de forma superficial apenas para conquistar e não sabem preservar ou isso também é característica de algumas mulheres?

_____

_____

10. Na crônica "Descobertas" o amor é tema central e a autora conclui afirmando viver um tipo patológico de amor/paixão. Você poderia descrever o que parece para você esse tipo de amor?

_____

_____

11. Alguns trechos das narrativas são marcados por ironia. Quais?

_____

_____

_____

12. As crônicas apresentam marcas de oralidade? Quais?

_____

_____

13. Sobre quais fatos cotidianos você mais se interessaria em escrever?

_____

_____

_____

14. Referente às características composicionais do gênero crônica, analise as crônicas estudadas e aponte os trechos em que os recursos foram utilizados.

_____

_____

_____

_____***Sucesso!***

APÊNDICE B - Atividade de leitura e análise de crônicas

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisadora: Fabiane de Jesus Caldas Brito.
Orientador: Dr. Adelino Pereira dos Santos.

Estudante: _____

TER OU NÃO TER NAMORADO

Fernando Sabino

Quem não tem namorado é alguém que tirou férias remuneradas de si mesmo. Namorado é a mais difícil das conquistas. Difícil porque namoro de verdade é muito raro. Necessita de adivinhação, de pele, de saliva, lágrima, nuvem, quindim, brisa ou filosofia.

Paquera, gabiru, flerte, caso, transa, envolvimento, até paixão é fácil. Mas, namorado, mesmo, é muito difícil. Namorado não precisa ser o mais bonito, mas aquele a quem se quer proteger e quando se chega ao lado dele a gente treme, sua frio e quase desmaia pedindo proteção. A proteção dele não precisa ser parruda, decidida ou bandoleira: basta um olhar de compreensão ou mesmo de aflição. Quem não tem namorado, não é que não tem um amor: é quem não sabe o gosto de namorar. Se você tem pretendentes, dois paqueras, um envolvimento e dois amantes, mesmo assim pode não ter um namorado.

Não tem namorado quem não sabe o gosto da chuva, cinema, sessão das duas, medo do pai, sanduíche de padaria ou drible no trabalho. Não tem namorado quem transa sem carinho, quem se acaricia sem vontade de virar sorvete ou lagartixa e quem ama sem alegria. Não tem namorado quem faz pacto de amor apenas com a infelicidade. Namorar é fazer pactos com a felicidade ainda que rápida, escondida, fugida ou impossível de durar.

Não tem namorado quem não sabe o valor de mãos dadas, de carinho escondido na hora em que passa o filme, de flor catada no muro e entregue de repente, de poesia de Fernando Pessoa, Vinícius de Moraes ou Chico Buarque lida bem devagar, de gargalhada quando fala junto ou descobre a meia rasgada; de ânsia enorme de viajar junto para a Escócia ou mesmo de metrô, bonde, nuvem, cavalo alado, tapete mágico ou foguete interplanetário.

Não tem namorado quem não gosta de dormir agarrado, fazer cesta abraçado, fazer compra junto. Não tem namorado quem não gosta de falar do próprio amor, nem de ficar horas e horas olhando o mistério do outro dentro dos olhos dele, abobalhados de alegria pela lucidez do amor. Não tem namorado quem não redescobre a criança própria e a do amado e sai com ela para parques, fliperamas, beira d'agua, show do Milton Nascimento, bosques enluarados, ruas de sonhos e musical da Metro.

Não tem namorado quem não tem música secreta com ele, quem não dedica livros, quem não recorta artigos, quem não chateia com o fato de o seu bem ser paquerado. Não tem namorado quem ama sem gostar; quem gosta sem curtir; quem curte sem aprofundar. Não tem namorado quem nunca sentiu o gosto de ser lembrado de repente no fim de semana, na madrugada ou meio-dia de sol em plena praia cheia de rivais. Não tem namorado quem ama sem se dedicar; quem namora sem brincar; quem vive cheio de obrigações; quem faz sexo sem

esperar o outro ir junto com ele. Não tem namorado quem confunde solidão com ficar sozinho e em paz. Não tem namorado quem não fala sozinho, não ri de si mesmo, e quem tem medo de ser afetivo. Se você não tem namorado porque não descobriu que o amor é alegre e você vive pesando duzentos quilos de grilos e de medo, ponha a saia mais leve, aquela de chita, e passeie de mãos dadas com o ar. Enfeite-se com margaridas e ternuras, e escove a alma com leves fricções de esperança. De alma escovada, e coração estouvado, saia do quintal de si mesmo e descubra o próprio jardim. Acorde com gosto de caqui e sorria lírios para quem passe debaixo da janela.

Ponha intenções de quermesse em seus olhos e beba licor de contos de fada. Ande como se o chão estivesse repleto de sons de flauta e do céu descesse uma névoa de borboletas, cada qual trazendo uma pérola falante a dizer frases sutis e palavras de galanteira. Se você não tem namorado é porque ainda não enlouqueceu aquele pouquinho necessário a fazer a vida parar e de repente parecer que faz sentido.

Enlou-cresça.

Fizeram a gente acreditar que amor...

Martha Medeiros

Fizeram a gente acreditar que amor mesmo, amor pra valer, só acontece uma vez, geralmente antes dos 30 anos. Não contaram pra nós que amor não é racionado nem chega com hora marcada.

Fizeram a gente acreditar que cada um de nós é a metade de uma laranja, e que a vida só ganha sentido quando encontramos a outra metade. Não contaram que já nascemos inteiros, que ninguém em nossa vida merece carregar nas costas a responsabilidade de completar o que nos falta: a gente cresce através da gente mesmo. Se estivermos em boa companhia, é só mais rápido.

Fizeram a gente acreditar numa fórmula chamada "dois em um", duas pessoas pensando igual, agindo igual, que isso era que funcionava. Não nos contaram que isso tem nome: anulação. Que só sendo indivíduos com personalidade própria é que poderemos ter uma relação saudável.

Fizeram a gente acreditar que casamento é obrigatório e que desejos fora de hora devem ser reprimidos. Fizeram a gente acreditar que os bonitos e magros são mais amados, que os que transam pouco são caretas, que os que transam muito não são confiáveis, e que sempre haverá um chinelo velho para um pé torto. Ninguém nos disse que chinelos velhos também têm seu valor, já que não nos machucam, e que existe mais cabeças tortas do que pés.

Fizeram a gente acreditar que só há uma fórmula de ser feliz, a mesma para todos, e os que escapam dela estão condenados à marginalidade. Não nos contaram que estas fórmulas dão errado, frustram as pessoas, são alienantes, e que poderíamos tentar outras alternativas menos convencionais.

www.pensador.com/frase/NDQyOTcw/acesso: 23.01.2019.

ATIVIDADE DE ANÁLISE DAS CRÔNICAS “Ter ou não ter namorado”, de Fernando Sabino e “Fizeram a gente acreditar que amor...” de Martha Medeiros.

1. No início do primeiro parágrafo da crônica “Ter ou não ter namorado” o autor faz uma afirmação “Quem não tem namorado é alguém que tirou férias remuneradas de si mesmo”; a partir dessa afirmação e da sequência seguinte, explique o que é ter namorado segundo a narrativa do autor?

_____
_____
_____

2. No penúltimo parágrafo da crônica o autor afirma que é preciso enlouquecer para fazer a vida fazer sentido e no último parágrafo ele conclui o texto com apenas uma palavra “enlou-cresça”. Explique o que significa o uso desse trocadilho entre essas duas expressões?

_____
_____
_____
_____

3. A crônica “Fizeram a gente acreditar que amor...” é demarcada pelo uso do título no início de cada parágrafo levando à reflexão sobre os conceitos sociais levam as pessoas acreditarem na fórmula do amor. Você concorda com os conceitos explanados pela autora? Justifique!

_____
_____
_____
_____

4. Relate fatos do seu dia a dia que se assemelham a essa afirmativa e se as pessoas ainda vivem presas a conceitos criados pela sociedade que surgem como sinônimos de verdade.

_____
_____
_____
_____
_____

5. De acordo com as apresentações das temáticas, questionamentos e experiências apresentadas na mesa-redonda, porque devemos assumir atitudes responsáveis?

_____
_____
_____

Sucesso!

APÊNDICE C – Atividade de leitura e análise de crônicas

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisadora: Fabiane de Jesus Caldas Brito.
Orientador: Dr. Adelino Pereira dos Santos.

Estudante (a): _____

Texto 1

A ESCRITA É OUTRA

Fernando Sabino

Leio no jornal uma entrevista com o autor de Cem Anos de Solidão. Só que seu nome é Gabriel Garcia Márquez e não Marques, como saiu publicado.

Não que eu seja lá muito cioso dessas coisas, pelo contrário: meus lapsos ortográficos costumam ser bem mais graves que uma simples troca do z pelo s. Fixei na memória a grafia certa do nome do escritor, não só por ter sido com Rubem Braga o seu primeiro editor no Brasil, mas principalmente por causa daquela sensacional entrevista sobre ele, que dei na época a uma estagiária de um jornal do Rio.

– Me mandaram fazer com você uma entrevista sobre o marquês – e ela foi ligando logo o gravador.

– Que marquês? – estranhei.

– Esse que vocês editaram.

– Não editamos nenhum marquês, que eu saiba.

– O autor desse best-seller de vocês, Cem Anos de Perdão.

– De solidão.

– Ou isso: de solidão. Ele não é marquês?

– Não. Ele não é marquês. O nome dele é Gabriel Garcia MÁRQUEZ. Com z no fim. Se duvidar, é capaz de ter até acento no a.

– Então é isso. Foi confusão minha

– e ela não se deu por achado, muito menos por perdida, sempre empunhando um gravador junto ao meu nariz.

– Por que é que o livro dele está fazendo tanto sucesso?

– Porque é um livro muito bom.

– Foi por isso que vocês publicaram? Respirei fundo:

– Por isso o quê, minha filha? Por ser muito bom? Ela me olhou como se estivesse entrevistando uma toupeira:

– O que eu estou querendo saber é por que vocês publicaram o livro dele.

– Porque nos foi recomendado como sendo um livro muito bom. – Recomendado por quem?

– Pelo Neruda.

– Quem?

– Pablo Neruda. Quando ele esteve no Rio pela última vez, falou com o Rubem que se tratava do romance mais importante em língua espanhola desde Dom Quixote.

– Quem é esse?

– Esse quem? O Rubem?

– Não: o outro.

– Dom Quixote?

– Não: esse cara que você falou antes. O que recomendou o livro. Resolvi deixar cair:

– Você vai me desculpar, minha filha, mas não dá. A entrevista fica para outra vez, quem sabe. É muita honra para um pobre marquês, mas infelizmente… Ou Márquez, se você não se incomoda. No mais, muito obrigado.

– Eu é que agradeço!

Ela desligou o gravador, com ar satisfeito, despediu-se e foi embora. Tudo depende do nosso ponto de vista em relação ao assunto.

O meu era de frente, em relação a esta outra: uma estudante de seus dezoito anos (vestibular do curso de Letras) que vinha a ser um verdadeiro esplendor.

Esplendor de nossa raça, bem entendido: direi em resumo que tinha competência para passar no vestibular do que quisesse, no que dependesse de apresentação física. Sua pele era da cor de sorvete de chocolate, daquele mais claro, mas não tão fria, muito antes pelo contrário, viva e cálida como a de um fruto – cor de jambo, como se dizia antigamente, só que já não me lembro bem da cor do jambo, faz tempo que não vejo um. O rosto era brejeiro, como também se dizia antigamente. E o corpo perfeito como… como…

– Como?

– Eu perguntei o que faz um redator. Sentada à minha frente, ela deixara o eterno gravador ligado sobre a mesinha entre nós e esperava pela minha resposta, pernas cruzadas, joelhos à mostra. Descruzei as minhas:

– Não entendi bem a pergunta. Antes de mais nada, como é mesmo o seu nome?

– Lindalva – respondeu, com voz de criança.

– O que foi mesmo que você me perguntou, Lindalva?

– Eu perguntei o que faz um redator.

– Um redator? Um redator redige, não é isso mesmo? Mas por que você está me perguntando isso? Ela desatou as pernas:

– Você não é um redator? Cruzei as minhas:

– Bem, de certa maneira… no jornal não sou propriamente um redator, mas um cronista. Ou um colunista, se você prefere. Também redijo, não há dúvida, mas o que eu sou na realidade é um escritor.

– E o que faz um escritor? – ela perguntou então, inalterável. Meu Deus, ia começar de novo.

– Um escritor esteve – respondi, com um suspiro resignado.

– Não é isso que eu quero saber – reagiu ela, fazendo beicinho.

– Então perguntou o que você quer saber, Lindalva.

– Quero saber o que eu perguntei: o que faz um escritor:

– Um escritor é um sujeito que só sabe perguntar e não responder a perguntas. Ainda mais perguntas como essa. De repente entendi:

– Ah, você está querendo saber não a função que exerce um escritor, mas as qualidades intrínsecas que fazem de uma pessoa um escritor, não é isso mesmo.

– Isso mesmo: o que é que faz um escritor?

– As qualidades intrínsecas – arrematei.

– Qualidades o quê?

– Intrínsecas.

– Ah, sei… Ela mostrou os dentes, abrindo os lábios num sorriso. Pensou um pouco, e não lhe ocorrendo mais nada a perguntar, desligou o gravador, dando a entrevista por encerrada. Chegou a minha vez de perguntar: – Que faz uma pessoa como você, Lindalva?

– Como eu, como? – Como eu como? Cruzei as pernas, sem que ela descruzasse as suas:

– Estou querendo dizer é que acho surpreendente uma moça como você perdendo tempo em me entrevistar. Acompanhei-a até a porta:

– Por que não entrevista o Sargentelli, e suas lindas mulatas do Oba-Oba? Você tem futuro.

– Ele também é escritor? Disse-lhe que não: a escrita dele era outra.

– Gosto muito dos seus escritos – concedeu ela, com um trejeito.

– E eu dos seus.

– Dos meus escritos?

– Dos seus encantos

– emendei.

– Então tá – e ela estendeu o rosto me oferecendo a face, muito faceira, para um beijo de despedida

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Texto 2

BEIJO ROUBADO

Hoje parecia um dia como outro qualquer. Acordei cedo e como de costume antes do banho procurei por minha mãe na cozinha. Na verdade nunca digo nada para ela, apenas me agrado de vê-la perambulando na cozinha adiantando o café da manhã – isso me dá uma sensação de um dia bom, ou melhor, bem iniciado – a melhor forma de começar o dia é ser acordada por minha mãe com o som do baticum na cozinha, sentir o cheiro do café.

Apresso-me para o banho, hoje é dia de plantão no hospital. No mesmo instante que percorro meu corpo ensaboando-o e sem sequer pensar nas curvas, meus pensamentos vagueiam a organizar uma agenda de plantão que nem sei o que me espera. E como não sei o que me espera, penso em esperar da melhor forma possível. Adianto os passos para minha produção matinal digna do ambiente: jaleco branco – elementos de poder –, e como não posso me apresentar de forma extravagante, escolho acessórios singelos a ocasião, sem esquecer dos meus tons de maquiagem nude – como nós, mulheres chamamos agora o tom cor da pele – e meu sempre presente batom cor de rosa. Esse sim vai garantir o meu sorriso contagiante e largo aos meus pacientes. Acredito que muitos dos que vão ao hospital estão doentes da alma, então atendo sorrindo para ver se consigo aquebrantar a patologia da alma, alcançar o coração e depois ajudar a diagnosticar a patologia, se houver.

Entre minha casa e o hospital observo tudo nas ruas e as peculiaridades da correria de cada um rumo as suas atividades diárias. O canto doce dos pássaros, o latido dos cachorros, o cheiro de pão da padaria, pessoas com semblante da noite. São segundos de interação que me fazem sentir uma pessoa pertencente a esse local.

Depois de muitos cumprimentos e sorrisos aos colegas lá estou eu de volta a organizar minha sala escura e gélida de RX a pensar que o único detalhe para quebrar o gelo do ambiente é o meu sorriso largo cor de rosa.

Era um dia calmo, até que se instaurou uma confusão na recepção. Um paciente que acabara de se registrar reclamava de sua prioridade por ter mais de 60 anos de idade, e um plano público de saúde. Aliás, muito mais que 60 anos, pois na ficha de atendimento constavam 76 anos. Esse paciente foi conduzido a minha sala e, apesar de idoso, tinha um semblante sarcástico de um jovem namorador. Enquanto fazia a entrevista de costume e entre um olhar para ficha e outro para o senhor, em milésimos de segundos, ele tentou me roubar um beijo na boca que graças ao meu reflexo rápido só pegou de raspão. Perguntei o que ele estava tentando fazer e na maior simplicidade de tratar do caso como algo comum, disse-me que estava roubando um pouco da minha juventude. Perguntei-lhe se ainda gostaria de realizar o exame ou se poderia dispensá-lo. Não sei se pela minha atitude que a ele pareceu inusitada, ou por outra razão, houve uma transformação em sua forma de proceder. Passou de ousado a humilde. Pediu-me, como um cordeirinho, que tivesse paciência – coisa que eu já estava tendo bastante –, que cuidasse bem daquele pobre velho. Tudo isso dito com um ar bem submisso. Que paradoxo este homem – pensei. E propus-me a fazer o que a minha profissão pedia naquele momento. Prestei o atendimento ao qual ele necessitava. Ele reclamava de fortes dores na coluna lombar e dorsal e quando se despedia agradeceu o atendimento com um beijo meloso na minha mão.

Isso me fez pensar um pouco mais sobre a lei que protege e dá prioridade aos idosos a partir dos 60 anos e como esse senhor que reclamava dos seus direitos quase me pegou desprevenida na sala de RX. No hospital às vezes as prioridades dependem de outros fatores e de outras circunstâncias, pois como estamos lidando com vidas humanas, o grau de urgência pode mudar o foco para se salvar uma vida.

Dias se passaram e nem lembrava mais do fato. Outro dia normal, saí do hospital além do horário habitual de almoço e entre a fome que cortava meu estômago e a possibilidade de pagar juros numa conta, resolvi enfrentar logo a fila do caixa. Meia hora de fila numa farmácia na rua principal de comércio de nossa cidade, – Valença, BA –, a que todos chamamos de Calçadão, que só tem um caixa, e no mesmo momento que coloquei minha mãozinha com o boleto e o dinheiro, por cima da minha mão num mesmo buraquinho onde quase só cabe uma mão, outra bastante enrugada foi colocada sobre a minha, fazendo-se ouvir no mesmo instante uma voz:

– Tenho prioridade.

Meu estomago deu um rebuliço e minha adrenalina subiu na mesma hora. Deixando aparte meu lado meigo e feminino, decidida já a responder a altura, pois naquele momento aquela "declaração de direitos", justa em quaisquer circunstâncias, mais me pareceu um insulto. Pensei rápido: vou dizer que ele pode ter prioridade, mas não tem educação. E quando olhei nos olhos daquele senhor – que só naquele momento descobri que eram azuis –, minha voz quase não saiu. Era ele! O mesmo senhor que tentara roubar-me um beijo na sala de RX umas semanas antes.

E meu discurso mudou na mesma hora. Voltei a ser meiga, mas dissimulada, e perguntei:

– O senhor se lembra de mim?

Ele me olhou meio assustado e bastante desconfiado e balançou a cabeça bem lenta como um sinal de meio não. Ah! Essa era minha hora mágica de dizer algo que ficou inquietado em mim depois daquele episódio.

Daí falei em um tom bem baixo como de quem cochicha ao pé do ouvido para os outros da fila não ouvirem:

– Sou aquela moça de jaleco branco e batom rosa que o senhor tentou beijar na sala de RX, na semana passada.

No mesmo instante vi que o seu semblante mudou e ele ficou envergonhado. Enquanto a moça no caixa esperava o desfecho, perguntei:

– O senhor tem certeza que necessita nesse momento da prioridade de idoso?

Ele apenas se recolheu e me deixou fazer meu pagamento e saí dali não mais com dor de estômago, mas em cólicas de tanto rir daquele velhinho metido a esperto disfarçado de jovem galanteador.

Fabiane Caldas (inédita).
Valença, 03 de setembro de 2015.

ATIVIDADE DE ANÁLISE DAS CRÔNICAS "A escrita é outra", de Fernando Sabino e "Beijo roubado" de Fabiane Caldas.

1. As crônicas "A escrita é outra" e "Beijo roubado" são jornalísticas ou literárias? Por quê?

_____

_____

2. Quanto a linguagem nos textos, é rebuscada ou coloquial? Explique!

_____

_____

3. De que forma os autores constroem a ironia e o humor nos textos?

_____

_____

4. Quais assuntos sérios estão por trás da aparente conversa fiada narradas nas crônicas?

_____

_____

_____

5. Os textos apresentam qual tipologia textual predominante?

_____

6. As crônicas foram narradas a partir de qual discurso: direto ou indireto? Na primeira ou terceira pessoa?

_____

_____

7. A unidade temática das duas crônicas giram em torno do mesmo assunto? Explique.

_____

_____

8. Diante dos nossos estudos, você percebeu que as crônicas circulam em vários suportes. Em que suporte você gostaria que circulasse a sua crônica?

_____

_____

9. Vocês conseguiram perceber o momento em que os autores das crônicas fazem reflexões diretas sobre o tema? Destaque.

_____

_____

_____

10. Quanto à relevância informativa, que novidade as crônicas trouxeram de informações para vocês?

_____

_____

_____

11. A crônica "A escrita é outra" traz um final inesperado. Esse resultado dialoga com a crônica "Beijo roubado"? Em que sentido?

_____

_____

_____

Sucesso!

APÊNDICE D – Atividade de leitura e análise de crônicas

Estudante (a): _____

ATIVIDADE DE ANÁLISE DAS CRÔNICAS "Há quatro décadas o futebol-arte foi sendo posto num ostracismo soturno"; "Na hora do gol"; "Futebol de rua"; "É paixão"

Há umas quatro décadas o futebol-arte foi sendo posto num ostracismo soturno

Por Márcio Tavares do Amaral

Agora, falando sério: o jogo entre os da Verdade e os da não-verdade teve proporções épicas. Não tanto pela partida em si, mas pelo que estava em causa. Há umas quatro décadas o futebol-arte foi sendo posto num ostracismo soturno, e novas táticas de eficácia e força foram se tornando naturais. Os tempos mudaram: calçada da fama para os velhos craques, e bola pra frente. — Não que alguém tenha nada contra a eficácia. Mas ela não dança, não finta, não tabela. Não inventa, não arrebata. Vence. — Não que alguém tenha alguma coisa contra vencer.

O problema é que a progressiva descida dos Verdadeiros para a última divisão tirou os fundamentos do esporte. Boa defesa, distribuição sábia e ataque astucioso já não são indispensáveis. Desde que no final saia o gol. Ou o empate, frio e feio. Coisa triste. O amor às quatro linhas, amor real, foi se arrastando para o museu. As jogadas individuais, a beleza da representação do espaço do campo numa mente ágil e leve — fora. A verdade do jogo passou a ser a vitória. Valendo gol de barriga e de mão. Desde que o juiz não veja. E a pancadaria come entre as torcidas de um olho só, incapazes de verem o jogo. Demonizando o adversário. — Não que alguém tenha nada contra torcer.

Cartão vermelho para o jogo da Verdade. E aí é que está o problema. Um esporte inventado num passado que atravessou tempos longuíssimos, ficou bonito, encantou multidões, arrebatou — de repente posto na última divisão. O mando de campo agora sempre nas mãos da Não-verdade. Nesse exclusivismo há poder, mas não há beleza, há resultados, mas não graça. É essa unidimensionalidade que assusta. Não é mais esporte, é pura técnica. Muita preparação física, pouca humanidade. Por isso a seleção da verdade veio para o sacrifício. Para mostrar um jogo leve e encantador. Ir, contra os melhores prognósticos, para um corajoso enfrentamento.

A rivalidade, a contradição, as fricções guerreiras são boa coisa. Deviam ser. Mas os novos jogadores, treinados na academia da Vitória, veem com desgosto o jogo dos antigos, que frequentavam a academia do Risco. Agora é preciso controlar de antemão as variáveis, ter o jogo na cabeça antes de pô-lo no gramado (sintético). Acabou, dizem os novos campeões, o confronto de estilos. Não há mais estilo. Isso era coisa de estetas. Os tecnólogos da bola não abrigam mais essas levezas duvidosas. Não deve haver dúvida. É ganhar. Essa coisa de "essência do esporte" já deu.

Por isso é que Morte do Sujeito faz sucesso: porque não duvida, não pondera, não crê nem descrê. Vai lá e faz. Desprezo de Deus só reconhece as quatro linhas. Acrescentar uma dimensão fora delas, inspiração, alma do jogo, é uma tolice que compromete a eficácia. Fim dos Fundamentos joga como se não valessem mais regras, pactos entre os times, convenções de sentido. Junto com Desconstrução, arrasa tudo que séculos de experiência com a bola inventaram. Espírito de Sistema é como se dissesse: esqueçam essa lenda de que o jogo representa a vida. Fixem-se nas coordenadas e suas interações. Joguem como máquinas jogariam. Campeão do Perspectivismo e Relativismo Feroz vêm da mesma escola, a do "depende, vale o que parece, daqui foi gol'" Não se ligam muito na realidade. Cientista Formalista só vê esquemas. Não tem amor à massa suja, brilhante e confusa da vida. Pós-fatos

e Fatos Alternativos também vêm do mesmo time de base. Não admitem discussões inúteis sobre se houve falta, se a bola passou da linha, se o impedimento era flagrante. Isso são fatos. Ou eram. Fatos já eram.

Por isso precisamos dos da Verdade. Porque, sem eles, não há mais jogo. As vitórias são antecipadas. Mas os da Verdade foram caindo, perdendo prestígio, perdendo a graça. Muitos acreditam que acabaram. Só que não. Foram ao campo provar que o jogo precisa de dois. E foi o que se viu. Depois de um primeiro tempo em que foram desprezados — e ganharam —, houve um de equilíbrio. Deu empate por dois motivos: havia, afinal, dois times; e demonstrou-se que, sem essas diferenças, mesmo abissais, o jogo perderia a graça. Ambas as equipes jogaram para ganhar, de verdade. E foi o que se viu: um empate de goleada. 4 x 4! Placar tão inesperado que os da Verdade saltaram a terceira divisão e vieram para a Segundona. Estão subindo. Não têm mais medo. Mas aprenderam uma coisa: os adversários jogam bola. Sem eles o jogo também não acontece. A situação não é um deus-nos-acuda nem um negror de fim de mundo. Tem conversa. O que é preciso é reaprender a jogar. E respeitar o adversário. Não há inimigos. No campo, entre as quatro linhas, é possível suspender o ódio. E ir na bola. Decidir na bola pode ser uma boa maneira de reencontrar o caminho da verdade. Ou não. A conferir. O campeonato só começou.

https://oglobo.globo.com/cultura/cronica-esportiva-21044363#ixzz5TX393nK9.

Acesso: 10/10/2018.

Texto 2

Na hora do gol

Por Guilherme Pansonato.

Sempre guardarei na memória aquele fatídico 3 a 2 do Santos em cima do Corinthians, no Morumbi, no final de 2002, que garantiu o título brasileiro ao time santista.

–É pênalti pai, pênalti no Robinho – eu gritava e pulava ao lado do meu pai, que parecia nervoso e apreensivo. Robinho na bola. Correu. Bateu. Gol. Na hora do gol não há perna que não pule, não há boca que não grite, não há braço que não se erga, não há quem não se emocione. Na hora do gol, o pai ergue o filho, o filho abraça o pai, o pacote de pipoca voa, é gol. A torcida explodiu aos berros, a alegria contagiou.

Os braços do meu pai me ergueram para os céus, e ele mostrou a todos, naquele momento, os maiores orgulhos de sua vida.

O tempo foi passando, eu fui crescendo e os compromissos de trabalho do meu pai foram tomando conta da agenda. Eu fui “deixado de lado” por um bem maior, pelo dinheiro que garantiria o meu futuro. Ir ao estádio nos finais de semana ficou completamente esquecido. Minha relação com ele nunca mais foi a mesma. Sempre senti que o nosso maior momento de conexão e carinho se dava ali, no estádio, na hora do gol.

Em minha última visita ao estádio do Pacaembu, nesta quarta, vi pai e filho sentados esperando ansiosamente pelo começo partida. Lembrei do meu falecido pai. Durante os primeiros 45 minutos, confesso que o que mais me chamou atenção foram as reações de alegria

dos dois torcedores quando o time ia para o ataque, e o medo de quando o time adversário retrucava. No intervalo, não aguentei de curiosidade e fui conhecer os meus admirados do primeiro tempo. Seu José, pequeno comerciante da cidade, levava pela primeira vez seu filho, Otávio, ao histórico Pacaembu, para ver o seu time de coração, o Santos, disputar uma partida.

Após a breve conversa, resolvi ver o segundo tempo ao lado deles. Seria uma grande emoção conseguir reviver essa lembrança da minha infância, vendo pai e filho se abraçando e comemorando o gol, como eu já fiz com meu pai algumas vezes anos atrás. O grande problema é que o gol não chegava. Era bola na trave em um chute de longe, era defesa do goleiro na batida da falta, era zagueiro que tirava em cima da linha. A bola não queria entrar.

O jogo terminou 0 a 0. Santos fora da competição. Torcida adversária comemorando. Me despedi deles logo em seguida e segui para a saída do estádio observando pai e filho saindo tristes e magoados com o resultado do jogo. Na volta para casa, dentro do carro, eu também poderia estar triste por não ter rememorado minha infância, por não ter me visto com o meu pai naquele momento. Mas não, eu estava pensativo.

Será que aqueles dois torcedores algum dia voltariam ao estádio juntos? Será que aquele menino terá uma lembrança de seu pai, como eu tenho do meu? Sei de uma coisa para hoje e sempre: na hora do gol, eu lembro do meu pai.

http://redacao.mackenzie.br/12379-2/.Acesso em: 10/10/2018

Texto 3

Futebol de rua

Por Luis Fernando Verissimo

Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. Mas existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. Se você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. Futebol de rua é tão humilde que chama pelada de senhora. Não sei se alguém, algum dia, por farra ou nostalgia, botou num papel as regras do futebol de rua. Elas seriam mais ou menos assim:

DA BOLA – A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa. No caso de se usar uma pedra, lata ou outro objeto contundente, recomenda-se jogar de sapatos. De preferência os novos, do colégio. Quem jogar descalço deve cuidar para chutar sempre com aquela unha do dedão que estava precisando ser aparada mesmo. Também é permitido o uso de frutas ou legumes em vez da bola, recomendando-se nestes casos a laranja, a maça, o chuchu e a pêra. Desaconselha-se o uso de tomates, melancias e, claro, ovos. O abacaxi pode ser utilizado, mas aí ninguém quer ficar no golo.

DAS GOLEIRAS – As goleiras podem ser feitas com, literalmente, o que estiver à mão. Tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas, os livros da escola, a merendeira do seu irmão menor, e até o seu irmão menor, apesar dos seus protestos. Quando o jogo é importante, recomenda-se o uso de latas de lixo. Cheias, para aguentarem o impacto. A distância

regulamentar entre uma goleira e outra dependerá de discussão prévia entre os jogadores. Às vezes esta discussão demora tanto que quando a distância fica acertada está na hora de ir jantar. Lata de lixo virada é meio golo.

DO CAMPO – O campo pode ser só até o fio da calçada, calçada e rua, calçada, rua e a calçada do outro lado e – nos clássicos – o quarteirão inteiro. O mais comum é jogar-se só no meio da rua.

DA DURAÇÃO DO JOGO – Até a mãe chamar ou escurecer, o que vier primeiro. Nos jogos noturnos, até alguém da vizinhança ameaçar chamar a polícia.

DA FORMAÇÃO DOS TIMES – O número de jogadores em cada equipe varia, de um a 70 para cada lado. Algumas convenções devem ser respeitadas. Ruim vai para o golo. Perneta joga na ponta, a esquerda ou a direita dependendo da perna que faltar. De óculos é meia-armador, para evitar os choques. Gordo é beque.

DO JUIZ – Não tem juiz.

DAS INTERRUPÇÕES – No futebol de rua, a partida só pode ser paralisada numa destas eventualidades:

a) Se a bola for para baixo de um carro estacionado e ninguém conseguir tirá-la. Mande o seu irmão menor.

b) Se a bola entrar por uma janela. Neste caso os jogadores devem esperar não mais de 10 minutos pela devolução voluntária da bola. Se isto não ocorrer, os jogadores devem designar voluntários para bater na porta da casa ou apartamento e solicitar a devolução, primeiro com bons modos e depois com ameaças de depredação. Se o apartamento ou casa for de militar reformado com cachorro, deve-se providenciar outra bola. Se a janela atravessada pela bola estiver com o vidro fechado na ocasião, os dois times devem reunir-se rapidamente para deliberar o que fazer. A alguns quarteirões de distância.

c) Quando passarem pela calçada:

1) Pessoas idosas ou com defeitos físicos.

2) Senhoras grávidas ou com crianças de colo.

3) Aquele mulherão do 701 que nunca usa sutiã.

Se o jogo estiver empate em 20 a 20 e quase no fim, esta regra pode ser ignorada e se alguém estiver no caminho do time atacante, azar. Ninguém mandou invadir o campo.

d) Quando passarem veículos pesados pela rua. De ônibus para cima. Bicicletas e Volkswagen, por exemplo, podem ser chutados junto com a bola e se entrar é golo.

DAS SUBSTITUIÇÕES – Só são permitidas substituições:

a) No caso de um jogador ser carregado para casa pela orelha para fazer a lição.

b) Em caso de atropelamento.

DO INTERVALO PARA DESCANSO – Você deve estar brincando.

DA TÁTICA – Joga-se o futebol de rua mais ou menos como o Futebol de Verdade (que é como, na rua, com reverência, chamam a pelada), mas com algumas importantes variações. O goleiro só é intocável dentro da sua casa, para onde fugiu gritando por socorro. É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi. Se a bola dobrar a esquina é córner.

DAS PENALIDADES – A única falta prevista nas regras do futebol de rua é atirar um adversário dentro do bueiro. É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto.

DA JUSTIÇA ESPORTIVA – Os casos de litígio serão resolvidos no tapa.

Após leitura das crônicas a professora abrirá uma discussão sobre os aspectos discursivos presentes nas crônicas. Nesse processo, terá significação os recursos polifônicos da crônica, tendo como plano de fundo, os mundiais de futebol, e a diversidade de discursos jornalísticos, na medida em que estes aproximam leitores, torcedores, jogadores, repórteres, dentre outros para o mesmo universo de emoções.

Texto 4

É paixão...

É Brasil...goooooooool, assim eclodia a voz triunfante daquele locutor – aqui entre nós, nada simpático – Galvão Bueno, promovendo um pico e depois um enfraquecimento do ritmo das minhas batidas cardíacas. Sim, aquelas que são acompanhadas de perto quando as pessoas estão hospitalizadas e com o coração fraquinho. São como relevos, montanhas, abismos, serras e ficamos tentando decifrar aquele enigma, até que ela só diz alguma coisa quando passa a ser apenas uma linha infinita e sem vida e o tum-tum abre espaço para o som do choro, lágrimas e dor. Os médicos chamam de sístole e diástole e eu de amigas da vida e da morte. Durante os jogos da copa do mundo, essas amigas do coração devem ter saído da sincronia e entrado em colapso por milésimos de segundos, porque surgia uma arritmia transitória – aquilo que minha avó chamava de palpitação. E antes de levantar e sair gritando é gol do Brasil, entre explosão de hormônios do nervoso e do prazer – como diriam os especialistas: adrenalina e endorfinas – , os canarinhos se abraçavam no campo ao som dos gritos da torcida. Da mesma forma acontecia do lado direito da tela, abracei a primeira pessoa que apareceu à minha frente: sacudidas, caídas, levantadas e até palavrão, com a licença do domínio da emoção que toma conta do gosto doce do tetra campeão.

Foi o primeiro jogo que a minha idade me permitiu participar. Assistia os replays de jogos com o rei Pelé e o Garrincha, nomes inesquecíveis da cultura esportiva, mas quando pensava em futebol, só lembrava-me daquela duplinha perfeita da copa de 1994, Bebeto e Romário. Nunca entendi muito das regras de campo, então acompanhava atentamente a narração e agitação do jogo para vibrar com o gol. Tenho uma colega que fala de jogo como se "fosse homem", atualmente é um tanto machista falar dessa forma, pois os estádios estão coloridos da graça feminina, sem falar do futebol feminino que ganhou seu espaço. Mas, enfim, essa colega entende muito das táticas de futebol e eu só entendo de animação, emoção e paixão.

Quando ainda frequentava o fundamental I, gostava de jogar "pelada" com os meninos na escola – Opa! Deixe-me explicar a ambiguidade: baba, como dizemos aqui na Bahia, popularmente conhecido como jogo de rua, ou simplesmente pelada. Aquele jogo que parece não ter regras, o jogo do tudo pode, que todo mundo é juiz, mas quem determina mesmo as regras é o dono da bola, aquele que acaba o jogo quando seu time está perdendo ou quando a mãe chama para tomar banho e ele tem que levar o principal elemento do jogo para casa. Comumente jogávamos baba descalços, mas uma menina jogando sozinha com os meninos já parece entrar no jogo em desvantagem.

Naquela época ninguém tinha chuteira, no máximo um *All Star* ou um *kichute* para ir à escola. Então quem iria arriscar ficar sem o calçado que os pais compravam para durar o ano inteiro? A regra era simples, jogar baba com eles, e terminar o ano com os mesmos em estado deplorável. É inacreditável, mas alguém criou um *Kichute* verde, o mais inacreditável ainda foi alguém comprar um calçado que por sua natureza já era feio, que dirá verde, mas surreal mesmo foi esse ser doar para minha mãe e, ainda esse calçado parar nos meus pés como o mais durável, o da moda, ou melhor, o inimigo da moda.

Como não poderia contrariar minha mãe, pois naquele momento não poderia me dar outro calçado, pensei em uma finalidade prática para destruir o coitado. Então, transformei meu *Kichute* em chuteira e entrei no jogo "armada até os dentes", – os dentes eram o calçado – pois era incontrolável o meu riso diante dos algozes do baba que empurravam, derrubavam, e faziam valer de tudo para tomar a bola dos meus pés. Acompanhada do "inimigo da moda" cometi algumas faltas, que graças a Deus no baba não é tão grave assim, a não ser que você consiga

fraturar as “canelas” do seu adversário de tanta canelada ou a do dono da bola. E daí? Nem ligava! O importante era dominar a bola e, como diria Nelson Rodrigues, essa forma de jogar era de uma complexidade tão incrível que beirava o sobrenatural.

Aquelas coisas que fazia eram realmente sobrenaturais, mas valia a diversão intensa por causa dessas transgressões e isso nem me assombrava à noite, pois havia um propósito maior do que ganhar o jogo, ou machucar alguém, o de destruir aquele elemento de gozação que estava nos meus pés. Com o tempo, ganhei o nome de Maria João do *Kichute* verde, não só por isso, mas porque não gostava de pentear o cabelo e minha mãe o cotou bem curto e, para piorar a situação, quando não jogava bola, brincava de pega-pega e bafo (disputa de jogadores para virar com a batida e vento das mãos figurinhas que sobravam da coleção de revistas de super-heróis) com os meninos na escola – passava até cuspe nas mãos para ganhar dos meninos. Aff! Isso me fez receber o respeito deles, o ódio das meninas e, de sobra, a fama de fazedora de hematomas nas pernas alheias – Uma menina realmente terrível! O meu objetivo só foi alcançado no ano posterior, pois não poderia entrar de sapato de cor no ginásio. Aliás, a diretora Edna (lembra professora Edna?) do Complexo Gentil Paraíso Martins em Valença, não deixava entrar nem com uma “xuxa” no cabelo que não fosse preta ou azul – parecia até colégio militar.

No ginásio me desapeguei da bola pela brincadeira de elástico, e finalmente troquei o meu *Kichute* verde pela troca de papéis de cartas. – Ufa! Mas, por outro lado, para ser sincera, já tinha até me apegado ao dito cujo. Porém, naquela altura, queria mesmo era parar de ser alvo das brincadeiras, das piadas e dos apelidos, como o nome de Maria João. Então num esforço excessivo, me metamorfoseei na garota mais feminina da escola, nos moldes atuais devo ter sido a mais papagaiada. Passava horas colocando água sanitária na calça e passando a escova para rasgar, levava acessórios coloridos e batom vermelho escondido na bolsa para usar na escola. Cruzava o portão da escola bem sonsa, despercebida pela inspeção, e depois usava dentro da escola, mas nem sonhava em transitar na frente da direção para não sofrer o risco de ser capturada. Isso funcionou até a diretora colocar os olhos em mim, mais enfeitada que o Boi na festa folclórica. Ela me colocou para fora da escola e deu ordens para o porteiro não me deixar entrar naquele estado, mas a vice-diretora Lucinha, sempre me colocava para dentro, porque sabia que minha mãe não poderia me dar outra calça e dizia ela que a diretora não entendia a juventude. Meu tio até que me deu uma calça nova, mas era fora de moda, sem nenhum atrativo e fiz a mesma coisa, pois o importante era manter o título que estava conquistando com as meninas – e funcionou. Isso custou um pouco da minha identidade, mas vamos amadurecendo e nos moldando de acordo aos desejos da sociedade, ou nos rebelamos e sofremos as consequências.

Esse distanciamento do futebol só me deixava vibrar pelos jogadores famosos ou em jogos de copa do mundo. Quando alguém me perguntava para qual time torcia, dizia que era para o que estava ganhando. Realmente tinha um sentimento de pesar por aqueles que perdiam e a equipe vencedora sempre se prepara mais e merece a vitória pela boa qualificação, ou não, às vezes vai na sorte, na desestabilidade de um gol contra. Isso, até que um dia, me deparei com um namorado fanático pelo Vitória, e me declarei vitória, depois outro pelo Bahia e virei Bahia, depois pelo Corinthians e assim sucessivamente. Não consegui manter a mesma perspicácia do escritor Elieser Cesar que confessou em um conto que mais parece crônica que não é vira -folha e é capaz de trocar de mulher, de religião, mas não troca de time. Meu time era a base do amor, do agrado, da partilha de emoções. Este até teve coragem de expulsar do seu taxi o jogador Italiano, Paolo Rossi, responsável por eliminar o Brasil do fatídico jogo da copa de 1982. “- Fora! Fora de campo! Quer dizer, do meu carro. Está expulso! Fora!”, deu cartão vermelho para o jogador no meio da rua e foi embora. Se tivesse visto daria até uma gargalhada, pois acho incrível esse potencial de amar o time ganhando ou perdendo acima de tudo e todos. Esse sentimento de vingança deve ter sido bem prazeroso para um torcedor fanático por futebol.

Certa vez fui para o BaVi em Salvador e durante o primeiro tempo gravei a trave que o Bahia estava fazendo gol. Enquanto isso, tomei conta de observar todas as manifestações dentro do estádio: as músicas da torcida organizadora, os caras pintadas, a ostensividade com a outra equipe, os vendedores ambulantes...quando a narração entoava o gol e via a bola na rede marcada levantava para vibrar. No segundo tempo, continuei com a mesma prática até que a bola entrou no gol e fui a única da torcida a levantar. Quando me dei conta do meu embaraço e a torcida me fuzilando num olhar, comecei a esbravejar em xingamentos: - que merda é gol do Vitória! Depois sentei e fui interrogada sobre minha postura e tive que confessar que não estava prestando atenção ao jogo e não lembrei que no segundo tempo o time fazia gol do lado oposto.

Essa não foi a única vez que passei vexame no estádio. Em outro jogo entre Brasil e África do Sul, acabei de pousar em São Paulo e ganhei o ingresso para esse jogo no Morumbi. Muito entusiasmada nem almocei, peguei um lanche e rumo à arquibancada. Avistei meu time de verde e amarelo e fiquei na torcida. Quando o primeiro gol foi anunciado, só eu de um lado e poucos outros do outro lado levantaram. Uma voz soou baixinho: - O que você está fazendo? E graças as minhas habilidades femininas e conexão rápida dos neurônios, percebi algo errado e rapidamente em frações de segundos abriu a lembrança de uma reportagem em que Neymar estaria jogando de chuteira cor de rosa. Meus olhos atravessaram o quatro por quatro de campo e flagrou Neymar de chuteiras rosa e uniforme azul e branco. Naquele momento não havia disfarce para defender meus canarinhos, o símbolo da bandeira nacional despregada no campo, pois pertencia aos africanos e estava prestes a ser eliminada da torcida. Levei o caso na graça como sempre e me desapeguei de time, até que atualmente meu marido quase perdeu um dedo pendurado pela aliança no gancho que prede a rede jogando com o filho na AABB. Daí, falei para ele parar de tentar suicídio jogando sem afinidade, até porque ele se declara “perna de pau”, e ele me perguntou qual era o meu time e como pensei que ele não tinha nenhum, porque nunca o vi falando com amor sobre futebol, falei: - Bahia! E ele, como assim se eu sou Vitória? Ahhhhhhh! Não vou mais mudar de time e ponto final.

Fabiane Caldas (inédita).
Valença, 19 de janeiro de 2019

1. As crônicas apresentadas são todas jornalísticas? Distingue-as.

_____

_____

_____

_____

2. Em qual crônica o humor fica bastante evidente? Descreva com trechos do texto.

_____

_____

_____

3. Foi possível identificar traços psicológicos das personagens das crônicas? Quais?

4. Se você fosse escolher uma das crônicas para ter como exemplo próximo do seu estilo de escrita, qual seria?

5. A crônica “Há quatro décadas o futebol-arte foi sendo posto num ostracismo soturno” gira em torno de qual relevância informativa?

6. A crônica “Na hora do gol” apresenta propósito comunicativo pontuais da crônica. Quais são?

7. A crônica “É paixão” apresenta vários elementos textuais que retomam experiências vividas pela autora do seu passado e presente com os jogos de futebol. O que mais chamou sua atenção em relação aos recursos utilizados pela autora?

8. Tem algo em comum entre as crônicas “É paixão” e “Futebol de rua”?

9. Descreva o perfil dos autores das crônicas.

10. Em qual suporte as crônicas jornalísticas podem ser publicadas?

11. A crônica “Futebol de rua” de Luiz Fernando Verissimo apresenta uma construção interessante do futebol de rua (pelada), reescreva a crônica transformando em uma crônica de futebol oficial.

Sucesso!

APÊNDICE E - Atividade de leitura e análise de crônicas

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisadora: Fabiane de Jesus Caldas Brito.
Orientador: Dr. Adelino Pereira dos Santos.

Estudante: _____

Texto 1

Como Aprendi a Cozinhar(*)

Para minha mãe, *in memoriam*

Criado dentro de rígidas normas da cultura sertaneja de outrora, nunca fui dado a grandes demonstrações de afetividade, aprendi, desde cedo, que homem não chora e nem anda por aí exibindo seus sentimentos por quaisquer motivos. Sei que dentro dos padrões de hoje sou considerado conservador – se não o for chamado de retrógrado – entretanto isso não me causa espécie, prefiro ser visto como tal, a ter que compactuar com uma época em que os valores são desprezados, sem que novos valores sejam adotados.

Por isso, com essa ressalva sobre meu caráter "jurássico" – como está na moda dizer – vou falar, neste mês da mulher, de uma que teve papel fundamental na minha formação, inclusive em minha forma de agir e pensar: minha mãe.

Ela, como muitas mulheres sertanejas, era, mais bem, parecida com a terra: um tanto seca, um tanto rude, significando que não era também muito dada a demonstrar afetividade. Se carinho ou afago fez a alguns dos seus sete filhos, foi quando eles eram recém-nascidos, porque não consigo me lembrar de ter recebido um beijo, ou um singelo carinho físico seu. Sua ternura – hoje descubro – era externada na forma de serviços domésticos. Preparava almoços fartos e supimpas, se recusava a sentar-se à mesa, e ficava da porta da cozinha, levemente encostada no portal, olhando-nos a comer e a fazer algazarra. Nem quando meu pai era vivo, ela se dignou a acompanhar-nos à mesa, por mais pressão que ele fizesse. Mas isso, sua incapacidade de demonstrar sentimentos, nunca me incomodou e só comecei a indagar-me sobre isso quando, adulto, já vivia bastante distanciado do resto da minha família, por obra e graça dos atropelos que a ditadura militar praticou contra o Brasil e as famílias brasileiras.

E foram justamente as mazelas da ditadura o que me aproximou fisicamente de minha mãe. Explico melhor. Foram a solidão e a saudade, ocasionadas pela ditadura o que nos aproximou. Fiquei exilado por longos anos em Montevidéu, Uruguai. A saudade e a solidão proporcionadas pelo exílio são uma das experiências humanas mais dolorosas que se pode sofrer. Entretanto, esta não é a oportunidade para falar disso, ainda que a minha mãe, à distância, muito contribuiu para minorá-las. Ignorando que afetividade pode ser externada de muitas formas, ao sentir-me só, e incapaz de confessar o quanto sentia sua falta, escrevia-lhe pedindo receitas de comidas brasileiras, enganando-me que a saudade vinha das vísceras (e do paladar) quando verdadeiramente me vinha de uma só víscera: o coração.

(*) Publicado na Revista da Família Cristã, nº 833, maio de 2005, págs. 74/5.

Naquele tempo o serviço telefônico não era tão popular, além de caro – e os exilados, na maioria dos casos, não nadavam em dinheiro – era difícil e censurado. Por isso eu lhe escrevia cartas (que também podiam ser censuradas) perguntando, por exemplo, como se fazia um arroz, uma carne assada, um mungunzá – devo esclarecer que, naquela época, não sabia fritar nem um ovo – a carta demorava quase um mês, em sua viagem de ida e volta. Ao recebê-la, tinha ainda que praticar, várias vezes, com a receita até conseguir o sabor que me lembrasse o seu olhar, enigmático e silencioso, vindo da porta da cozinha. Assim, por meio de cartas trocadas por mais de dez anos, aprendi a cozinhar. E hoje me orgulho de ser um razoável cozinheiro. Entretanto o aprendizado maior vindo nas cartas trocadas com minha mãe, só alcancei a entender bem mais tarde, depois de sua morte, porque, por muitos anos enganei-me que sentia saudade da comida brasileira, mas o que sentia mesmo era saudade do seu olhar protetor, onde devia estar oculto mil beijos, mil carinhos não materializados. Pelo menos não tornados reais de forma física, mas consubstanciados na forma mais sublime em que se pode demonstrar amor: em um olhar.

Por isso é que, hoje, posso não só afirmar que tenho dificuldade de externar sentimentos, mas – e isso é bem pior! – que tinha também dificuldade de receber ternura. Aquela ternura etérea que nos pode chegar através de um simples gesto. Que nos pode chegar por meio da lembrança de um simples, pretérito e longínquo olhar...

Ao constatar essa tardia verdade, estava lendo o livro do escritor moçambicano Mia Couto, "O último vôo dos flamingos", e chegara a uma parte em que ele – grosso modo – diz "que o melhor lugar para se chorar é a varanda", porque "À frente está o mundo e seus infinitos; atrás está a casa, o primeiro abrigo." Apesar das aspas, a citação não é textual, é que ao ler essa parte do livro, lembrei-me de minha mãe, de seus mudos olhares da porta da cozinha. Era um domingo chuvoso, minha mulher estava justamente na cozinha preparando-nos um bacalhau. Reinava um silêncio de exílio, feitos de solidão e saudade. Então não tive outra opção que contrariar minha arcaica formação sertaneja e correr para a varanda da nossa casa e fazer o que tinha que ser feito.

GALVÃO (2014, p. 269).

Texto 2

Despedida

Rubem Braga

E no meio dessa confusão alguém partiu sem se despedir; foi triste. Se houvesse uma despedida talvez fosse mais triste, talvez tenha sido melhor assim, uma separação como às vezes acontece em um baile de carnaval — uma pessoa se perde da outra, procura-a por um instante e depois adere a qualquer cordão. É melhor para os amantes pensar que a última vez que se encontraram se amaram muito — depois apenas aconteceu que não se encontraram mais. Eles não se despediram, a vida é que os despediu, cada um para seu lado — sem glória nem humilhação.

Creio que será permitido guardar uma leve tristeza, e também uma lembrança boa; que não será proibido confessar que às vezes se tem saudades; nem será odioso dizer que a separação ao mesmo tempo nos traz um inexplicável sentimento de alívio, e de sossego; e um indefinível remorso; e um recôndito despeito.

E que houve momentos perfeitos que passaram, mas não se perderam, porque ficaram em nossa vida; que a lembrança deles nos faz sentir maior a nossa solidão; mas que essa solidão ficou

menos infeliz: que importa que uma estrela já esteja morta se ela ainda brilha no fundo de nossa noite e de nosso confuso sonho?

Talvez não mereçamos imaginar que haverá outros verões; se eles vierem, nós os receberemos obedientes como as cigarras e as paineiras — com flores e cantos. O inverno — te lembras — nos maltratou; não havia flores, não havia mar, e fomos sacudidos de um lado para outro como dois bonecos na mão de um titeriteiro inábil.

Ah, talvez valesse a pena dizer que houve um telefonema que não pôde haver; entretanto, é possível que não adiantasse nada. Para que explicações? Esqueçamos as pequenas coisas mortificantes; o silêncio torna tudo menos penoso; lembremos apenas as coisas douradas e digamos apenas a pequena palavra: adeus.

A pequena palavra que se alonga como um canto de cigarra perdido numa tarde de domingo.

Rubem Braga, A Traição das Elegantes, Editora Sabiá, Rio de Janeiro, 1967.

Texto 3

Saudosas lembranças

Fabiane Caldas

Houve uma época que toda semana estava cruzando os mares em busca de conhecimento e um lugar ao sol. Lembro com muita saudade das minhas andanças pelo mundo da linguagem com minha amiga argentina, Liliana. Éramos mestrandas de uma disciplina na UFBA em Salvador e pesquisávamos sobre literatura popular. Foi assim que abrimos os olhos para as reminiscências e tomei contato com a palavra Arguidá (por meio do grupo folclórico que representa parte da identidade cultural do povo de Valença e região). Apesar de não concluir os estudos nessa universidade, o Arguidá nunca saiu de mim e vivo paralelamente buscando ressaltar seus belos cantos de trabalho que fazem parte da nossa cultura. Os temas por lá sempre giravam em torno do resgate de uma identidade que representasse a cultura nacional e assim, ficávamos feito loucas buscando algo que referendasse essa identidade – até parece que a cultura estava perdida no mundo, pagando para ser resgatada – só daí já se vê que o estudo começava de forma equivocada. Nossa orientadora até tentou disfarçar o termo, mas era lugar comum, porque todo mundo utilizava o termo "resgate". Foi um tempo de desafios, de conhecer outras pessoas e construir conhecimento, mas durou o tempo necessário. O melhor disso eram os causos de viagens e toda semana uma coisa nova.

Certo dia, retornando no balanço do Ferry Boat – aproveitávamos a travessia para ler o material teórico da disciplina – com minha amiga argentina, que já mora há mais de 30 anos no Brasil, e o material de estudo a punho: *Identidade* de Zygmunt Bauman e *A identidade cultural na pós-modernidade* de Stuart Hall. Fiz uma pergunta que a deixou inquieta. – Você nasceu na argentina, mas mora a maior parte da sua vida no Brasil, seus filhos e marido são brasileiros, então qual a sua verdadeira identidade? Para mim parecia uma pergunta simples, mas a resposta não foi tão simples assim. Ela não conseguia responder, porque o Brasil já estava mais nela do que ela no Brasil. Nesse momento ela falou o quanto sentia falta da sua juventude na argentina e daí descobri que não existe a palavra saudade em espanhol. Foi minha vez de ficar pensativa e inquieta – não poder expressar a saudade que se sente, como é isso? Seríamos nós brasileiros agraciados ou confinados a expressar sentimento de perda com essa palavra?

Por outro lado, fiquei pensando na monotonia da vida sem as músicas que expressam saudade, ou cair num paralelismo sentimental de ouvir essas músicas – ou não se sentir capaz de lembrar de alguém só de ouvir uma música ou uma poesia que expresse saudade? É bem

isso! Sou capaz de reviver a dor de uma paixão, sem nem ter me apaixonado, só de ouvir uma música apaixonada – Ah! Suspiro e transpiro, quero nem saber – mas vamos confessar que saudade é uma dessas palavras carregada de sentimento. Já pensou não existir a música de Dorival Caymmi e ele não poder relatar o sentimento de pertencimento de sua Itapoã? "Saudade de Itapoã me deixa/ Eu nunca tive saudade igual/ Me traga boas notícias daquela terra toda manhã". De Renato Russo: "Cada saudade tem um porquê ou um por quem" – e como tem! Cristiano Araújo: "O que temos para hoje é saudade, mas qual de nós vai procurar" – depende do tamanho do amor ou da razão, da alegria de ficar junto ou da certeza da separação, da distância que separa os corpos ou a frieza que separa os corações ou até medo da aproximação, às vezes é só orgulho mesmo, mas como alerta o tal dito popular: "Dois bicudos não se beijam" fica um de lá e outro de cá e a saudade no meio machucando o peito. Assim como expressa Valentim: "Quando a saudade apertar o fundo do peito/ Lembra que todo mundo sente, saudade de alguém/ E que quando a distância existe, a lembrança é o que mantém/ Vivendo junto da gente, quem a gente quer também". Essa machucou, né? Assim dá para sentir saudade até de quem ainda está para nascer, mas queremos bem a tanta gente que fica difícil não sentir um aperto no coração. Lembrei-me dos amigos que conquistei e dos que me conquistaram, alguns perdi pelos caminhos da vida – eram apenas impostores – outros estão distantes pela imposição da correria do dia a dia. Tenho uma amiga-irmã que me diz sempre que me ama e a distância jamais vai nos separar e nossos corpos já entendem isso, mas se uma precisar da outra, levanta-se uma onça.

No final do ano recebi uma cartinha de um dos meus melhores alunos: F. A. Nela ele expressava tanto sentimento, em uma mistura de despedida e gratidão, de uma amizade que não poderia terminar com a passagem do ensino fundamental para o médio e findou suas palavras escrevendo: "Passa-se o tempo e só lembranças nos restam, e uma longínqua saudade que nos inspira em nossa nova jornada" – estarei sempre com você e sei que ainda te chamarei de Dr. F. A. Ah! Agora entendi o sentido real da palavra "longínqua" que você sempre utiliza nos textos. Semana passada um velho amigo me confessou que seus 80 e poucos anos não teriam valido muito a pena se não tivesse me conhecido – fiquei me sentindo a última bolacha do pacote. Essas lembranças que devemos eternizar!

Alguns ex-amigos nos trazem decepções, mas mesmo assim somos tão tolerantes que conseguimos ter saudade até daqueles tempos que hoje intitulamos de época da falsidade. Assim é a vida, mas não devemos gastar energia além do necessário com essas coisas, pois com o tempo atingimos o nível da quase perfeição de perdoar e seguir em frente. Voltemos para nossas músicas que é melhor, Onze: 20: "Saudade é chuva que não passa / Saudade é a ausência mais presente em mim / Quando você não está aqui", – é muito amor brasilsilsilsil. Adriana Calcanhoto: Saudade/ Diga a esse moço por favor / Como foi sincero o meu amor" – olha a saudade ganhando asas ou uma personificação – e Bruno e Marrone completam: "Saudades palavra triste / Quando se perde um grande amor / Na estrada longa da vida eu vou chorando a minha dor / Igual uma borboleta / Vagando triste por sobre a flor / Seu nome sempre em meus lábios irei chamando por onde for". Êita! Marilia Mendonça: "Falando em saudade/ De novo eu acordei pensando em você/ O que falta em você sou eu/ Seu sorriso precisa do meu/ Sei que está morrendo de saudade/ Vem buscar logo a sua metade". – Êêêêê sofrência! O coração apertou agora, são muitas lembranças surgindo e como dizia Patativa do Assaré: "Saudade dentro do peito/ É qual fogo de monturo / Por fora tudo perfeito / Por dentro fazendo furo". Impossível não sentir saudade, pois sempre teremos pelo que ou por quem sentir. Passaria uma vida cantando músicas e recitando poemas sobre... Mas voltarei para o mesmo banzo que minha amiga sentiu, enquanto me recupero das rebeliões de sentimentos que essas lembranças me trouxeram.

Retomando a questão de identidade, já perdi e encontrei a minha várias vezes – umas que fizeram parte da minha adolescência, período mais comum de se perder e foram tantas

metamorfoses que é melhor esquecer – mas nada parecido com o relato que segue, vai ser difícil de acreditar, mas mesmo assim vou contar. Entre soluços e choro, ouvi a voz agonizante da minha mãe inquerindo meu tio: – Porque meu pai me registrou como menino, será que minha mãe não falou para ele, será que ele estava bêbado? – A essa altura, quem vai saber? Minha mãe nasceu nos Buris, um povoado próximo de Teolândia, no dia 16 de agosto de 1952, e como era dia de São Roque, e naquela época as pessoas consultavam uma bula para colocar o nome nos filhos, só existiam duas possibilidades de nomes para minha mãe: Raquel ou Roquelina. As pessoas também pronunciavam os nomes subtraindo algumas letras e quando leram para minha avó "Raqué", ela refugou e preferiu o outro nome. –Também não sabia ler, coitada! Mas coitada mesmo foi minha mãe com essa sina, a pobre nem sonhava o que estava por vir! A nossa cultura diz que o homem deve registrar o filho como compromisso de paternidade, pois mãe sabe que o filho saiu dela, mas o homem nem sempre tem certeza se o que saiu dele foi o que vingou – mas deixa esse assunto para lá, porque vai dar muito pano para manga. Então meu avô foi registrar minha mãe – e acredito eu –, que entendeu que o nome do "filho" era Roque Lima e assim o registrou – o coitado também não sabia ler – e minha mãe carregou o nome de Roque Lima até os 18 anos. Durante o período escolar ela nunca respondia a chamada da professora – não sei como não perdeu por falta. Quando minha mãe foi trabalhar numa casa de família em Salvador, escondeu sua certidão de nascimento. Seu patrão era militar e conseguiu a certidão quase à força e quando verificou o absurdo que havia acontecido, orientou-a a mudar de nome. Minha mãe voltou no cartório e falou que perdeu a certidão e precisava de outra, mas como ela falava Roquelina e graças ao mundo ainda não informatizado, o escrivão não encontrou e registou ela novamente – até hoje fico me perguntado por que minha mãe não falou outro nome depois de sofrer tanto trauma com esse, mas é assim mesmo, o nome que nossos pais escolhem tem sempre um sentindo que vai além das nossas forças. Ela só queria uma explicação, mas ninguém pode responder. É uma dor que vai carregar enquanto viver, mas falei para ela que se precisar de atestado é só mostrar a cicatriz de três cesarianas e as certidões de três filhos, porque até onde sei, eu não poderia nascer de nenhum Roque... – minha mãe vai querer morrer quando descobrir que escrevi sobre isso....Ah! ah! ah! Certa vez uma mulher falou que o santo de minha mãe era macho e por isso ela não iria se casar...aff! – Outra maluquice! Essa foi a única identidade que vi merecer resgate...He! he! he!

Mas falei que não iriam acreditar e o relato ainda não acabou, pois parece filme de terror. Uma dessas sem explicação que assombram as pessoas por aí a fora. Por algum tempo até tentei decifrar esse enigma, mas depois deixei para lá. Mas quando chega o dia que deveria ser de alegria e comemoração é uma tensão até que ele se finde a meia noite e todos podem adormecer em paz – isso se sua irmã não te ligar gritando e até você entender que ninguém morreu e era de felicidade, porque conseguiu comprar uma passagem de avião – Aff! Quase infartei e entrei num abismo sem conseguir sentir minhas pernas. Como disse, minha mãe nasceu no dia 16 de agosto, dia de São Roque, santo considerado pela comunidade católica como padroeiro dos inválidos e cirurgiões, além de ser o protetor contra a peste e demais epidemias... – assim me contou o Google. E foi assim que ela ganhou aquele nome – melhor nem relembrar. Enfim, coincidência ou não sei o quê – quem souber pode me escrever – meus avós, pais da minha mãe, faleceram no dia 16 de agosto – Pasmem! Minha mãe não tem motivos para se alegrar com essa data de nascimento, pois os pais dormiram na morte no dia do seu aniversário, além das incertezas que carrega das circunstancias do seu registro de nascimento. É uma mistura de melancolia, tristeza, mágoa, histórias mal explicadas e lembranças que acometem todos os familiares.

Muitos anos se passaram depois do último adeus aos meus avós e meu irmão perdeu sua identidade para o mundo das drogas – era a minha outra metade. Um belo dia de domingo, o final de tarde acinzentou-se. Recebemos uma ligação, e quando cheguei ao hospital, no dia 16 que só não era de agosto, mas de janeiro, jazia um corpo pálido sem vida, sem riso, sem

esperança e muitas perguntas sem respostas e a lembrança de uma conversa em que ele me dizia: – Você que está sofrendo por mim, eu não estou sofrendo por nada. Uma vida efêmera e fugaz de 27 primaveras e as lembranças perenes da despedida constante. Sempre lembro de uma música do Adão Negro que ele cantava para mim: "Tão longe de você / Mas eu vou voltar, ó meu amor/ Não esqueça de mim / Eu quis ficar perto de você e não sair / Mas a vida quis assim / Não tarda o sol vai iluminar o nosso amor / E a saudade vai ter fim / Ó meu anjo bom quero você perto de mim". Mal consigo ouvir essa música sem que meus olhos virem espelhos d'água – quem sabe um dia, em algum lugar, nos encontraremos! Muitos perguntavam seu nome, outros chamavam de amigo e eu tive que engolir o choro e voltar para minha mãe e dizer que o nome do meu irmão era saudade. E assim, lembro-me de um trecho da crônica "Como aprendi a cozinhar" que está no livro: *Crônicas das prisões e do exílio*, do meu amigo, o escritor Araken Vaz Galvão, citando um trecho de Mia Couto, externando saudade: "O melhor lugar para chorar é a varanda, porque à frente, está o mundo e seus infinitos; atrás está a casa, o primeiro abrigo". A saudade me exilou e quase me matou por seis meses, mas tive que enxugar as lágrimas e como bem disse esse meu velho amigo escritor: - Eu sei que você muitas vezes levantou de manhã e teve que inventar o mundo, enfrentá-lo e mesmo pesado e gigante, carregá-lo nas costas para poder conquistá-lo – Acertou na mosca!

Fabiane Caldas (inédita).
30 de janeiro de 2019

ATIVIDADE DE ANÁLISE DAS CRÔNICAS "Como aprendi a cozinhar" de Araken Vaz Galvão, "Despedida" de Rubem Braga e "Saudosas lembranças" de Fabiane Caldas.

1. As crônicas se afinam através da mesma unidade temática, qual é ela?

_____

_____

2. A crônica "Como aprendi a cozinhar" e a crônica "Saudosas lembranças" fazem retomadas intertextuais de outros textos, quais?

_____

_____

_____

3. Os autores fazem várias reflexões sobre as temáticas. Retire das crônicas uma reflexão de cada texto e comente sobre tais reflexões.

_____

_____

_____

_____

4. Na crônica saudosas lembranças, a autora apresenta vários trechos de músicas entre suas reflexões sobre saudade. Qual recurso textual ela utilizou?

_____

_____

5. A crônica “Saudosas lembranças”, traz um trecho intertextual a crônica “Como aprendi a cozinhar”, reescreva o trecho.

_____

_____

6. Segundo a autora da crônica “Saudosas lembranças”, ocorreu um fato em sua vida que a saudade a exilou e quase a matou por seis meses. Qual fato foi esse fato e o que você comentaria sobre isso?

_____

_____

7. Foram feitas várias retomadas anafóricas ao logo dos textos. Em que consiste esse recurso? Cite algumas retomadas que foram utilizadas.

_____

_____

8. Quais recursos apresentados você utilizará na sua crônicas?

_____

_____

_____

9. Descreva uma lembrança ou uma saudade que te faz suspirar e transpirar.

_____

_____

10. Além de fatos cotidianos a crônica precisa apresentar uma relevância informativa, ou novidade para o leitor, dita de uma forma única por você. Qual relevância informativa terá o seu texto? Explique!

_____

_____

_____

_____

Sucesso!

APÊNDICE F - Atividade de leitura, análise e produção de crônicas

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisadora: Fabiane de Jesus Caldas Brito.
Orientador: Dr. Adelino Pereira dos Santos.

Estudante:_____

ATIVIDADE DE PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO TEXTUAL

A última crônica

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu quereria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês.

O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiando, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

1. Observe que na crônica de Fernando Sabino "A última crônica", ele inicia o texto abordando circunstanciais da escrita e da produção de uma crônica e inesperadamente ele presencia um episódio cotidiano, porém abordado por ele de forma única que inspira a produção de uma crônica. Descreva a unidade temática da sua crônica.

_____

_____

_____

2. Quais as características principais das personagens?

_____

_____

3. A narrativa cotidiana que será contada parte de um fato inusitado ou comum? Aconteceu com você ou com outra pessoa? É um fato real ou fictício?

_____

_____

4. Será abordado algum aspecto humano (social, político, psicológico e/ou filosófico)? Qual?

_____

_____

5. De que forma será organizada a estrutura do texto? O tema será iniciado por uma narração e ao longo da narrativa você fará as reflexões? Ou de outra forma?

_____

_____

6. Como pretende concluir a crônica? Pretende sair do lugar comum apontando para um sentido além do texto ou do cotidiano?

_____

_____

A copa do apito

Nelson Rodrigues

"Mas ele enxergou o óbvio ululante, ou seja: — o futebol vive de sombrias e facinorosas paixões. Durante os noventa minutos, são onze bárbaros contra onze bárbaros."

Amigos, eis uma verdade inapelável: — só os subdesenvolvidos ainda se ruborizam. Ao passo que o grande povo é, antes de tudo, um cínico. Para fundar um império, um país precisa de um impudor sem nenhuma folha de parreira. Vejam a presente Jules Rimet. Nas barbas indignadas do mundo, a Inglaterra se prepara para ganhar no apito o caneco de ouro.

Vocês pensam que há algum disfarce, ou escrúpulo, ou mistério? Absolutamente. Tudo se fez e se faz com uma premeditação deslavada e na cara das vítimas. A serviço da Inglaterra, a FIFA escalou oito juízes ingleses para os jogos do Brasil. A arbitragem foi manipulada para liquidar primeiro os bicampeões e, em seguida, os outros países sul-americanos. O jogo Inglaterra x Argentina[2] foi um roubo. Uruguai x Alemanha, outro escândalo.

E nem se pense que a Inglaterra baixou a vista, escarlate de vergonha. Nada disso. Por que rubor, se ela é um grande povo e se tem, ou teve, um grande império? Vejam o sincronismo da coisa: — um juiz alemão deu a vitória à Inglaterra contra a Argentina, um juiz inglês deu a vitória à Alemanha contra o Uruguai. No jogo Argentina x Alemanha, foi expulso um jogador argentino. Terminado o jogo, cinco jogadores sul-americanos tiveram que sair quase de maca.

Valeu tudo contra o Brasil e, sobretudo, contra Pelé. O crioulo foi caçado contra a Bulgária. Não pôde jogar contra a Hungria e só voltou contra Portugal. Nova caçada. Sofreu um tiro de meta no joelho. Verdadeira tentativa de homicídio. O juiz inglês nem piou. Silva levou um bico nas costelas. Jairzinho foi outra vítima e assim Paraná. O árbitro a tudo assistia com lívido descaro.

E nós? Que fizemos nós? Nada. No último jogo, o Brasil apanhou sem revidar. Amigos, eu sei que os nossos jogadores tiveram um preparo físico quase homicida. Antes da primeira botinada, já o craque brasileiro estava estourado. Sei também que o Brasil não teve, jamais, um time. A nossa equipe era o caos. Por outro lado, faltou-nos qualquer organização de jogo, qualquer projeto tático.

Além disso, porém, a seleção brasileira acusou um defeito indesculpável e suicida. Como se sabe, esta Copa é uma selva de pé na cara. E, no entanto, vejam vocês: — o brasileiro lá apareceu com um jogo leve, afetuoso, reverente, cerimonioso. E havia um abismo entre os dois comportamentos: nós, fazendo um futebol diáfano, incorpóreo, de sílfides; os europeus, como centauros truculentos, escouceando em todas as direções.

Ainda ontem, o sr. Barbosa Lima Sobrinho escrevia um lúcido artigo sobre a suavidade do nosso escrete. Note-se que se trata de um acadêmico, que deve ter compromissos com as boas maneiras, a polidez, o trato fino etc. etc. Mas ele enxergou o óbvio ululante, ou seja: — o futebol vive de sombrias e facinorosas paixões. Durante os noventa minutos, são onze bárbaros contra onze bárbaros.

Claro que as palavras do sr. Barbosa Lima Sobrinho são outras. Mas o sentido, se bem o entendi, é este. Portanto, não tem sentido que o Brasil vá jogar contra os bárbaros europeus com manto de arminho, sapatos de fivela ou peruca de marquês de Luís XV. Eis a verdade: — o que dá charme, apelo, dramatismo aos clássicos e às peladas é o foul. A poesia do futebol está no foul. E os jogos que fascinam o povo são os mais truculentos.

O Brasil naufragou num mar de contusões por isso mesmo: — porque sabia apanhar e não sabia reagir. O ilustre acadêmico está rigorosamente certo. Hoje, depois do pau que levamos, aprendemos que o craque brasileiro tem de ser reeducado. Digo "reeducado" no sentido de virilizar o seu jogo. Amigos, o Mário Pedrosa está fazendo um ensaio sobre o futebol. É um pensador político, um crítico de artes plásticas, homem de uma lucidez tremenda. Ora, o intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata. E o nosso Mário Pedrosa sabe disso e foi um dos sujeitos que sofreram na carne e na alma o fracasso da seleção. Pois espero que, no seu ensaio, inclua todo um capítulo assim titulado: — "Da necessidade de baixar o pau."

Dito isto, vamos escolher o meu personagem da semana. Podia ser o Paraná. Eu sei que, tecnicamente, ele deixa muito a desejar. Sei. Mas, contra os portugueses, Paraná deu um pau firme e épico. Mas eu prefiro Rildo. Que grande, solitária e inexpugnável figura. No meio do jogo, era tal o seu brio que dava a sensação, por vezes, de que ia comer e beber a bola. Foi um bárbaro jogando contra bárbaros. Amigos, o argentino que deu no juiz alemão lavou a alma de todo um povo. Pois o nosso Rildo, com suas rútilas botinadas, promoveu e reabilitou o homem brasileiro.

http://copa2014.gov.br/pt-br/noticia/cronicas-de-nelson-rodrigues-a-copa-do-apito. Acesso em 14.07.2019.

1. Nelson Rodrigues é considerado o cronista esportivo de maior destaque no Brasil. Durante os Jogos da Primavera algumas crônicas se destacaram como crônicas

jornalísticas e outras apesar de falar de futebol, continuou classificada como crônicas literárias. A partir do texto acima e da sua produção, defina se sua crônica final será jornalística ou literária e descreva a unidade temática da crônica jornalística que pretende produzir.

_____

_____

2. Quais as características principais das personagens?

_____

_____

3. A narrativa será elaborada a partir de uma notícia ou a partir de sua vivência em jogos locais ou televisivos?

_____

_____

4. Será abordado algum aspecto humano (social, político, psicológico e/ou filosófico)? Qual?

_____

_____

5. De que forma será organizada a estrutura do texto? O tema será iniciado por uma narração e ao longo da narrativa você fará as reflexões? Ou de outra forma?

_____

_____

6. Como pretende concluir a crônica? Pretende fazer uma crítica e apresentar melhores resultados? Ou concluir com sentimento e emoção?

_____

_____

Crônica é alguma coisa que muito existe

Wanderlino Arruda

Antes de mais nada, é bom dizer que crônica é coisa de jornal e de internet. Sempre feita depressa, com hora marcada, muitas vezes com atraso. É construída de pequenos lances, registro mais circunstancial e não do definitivo. Assuntos efêmeros, soma de jornalismo e literatura, os temas, vez por outra, ganham concretude, universalidade, jeito especial na ultrapassagem de tempo e espaço. Crônica é comentário de assuntos que podem ser ou não ser do conhecimento do público, tipo assim – como dizem os jovens – de algum ângulo subjetivo de acontecências. Conteúdo de crônica é algo recriado pelo cronista, espécie de busca existente ou do imaginário muito próxima do conto. Crônica pode ser sempre narração de experiência ou

de sonhos, visão de mundo e de vida, reportagem quase em nível poético. A crônica tem de ter aparência de simplicidade, mesmo que seja construída com recursos artísticos. Como um jornal ou um blog nasce, vive, envelhece e morre a cada dia, a crônica é destinada a leitores apressados, feita para ligeiro momento de leitura. Precisa de pelo menos um sentido de duração, ser mensagem para ficar na memória. Não pode, nem deve ser esquecida como folha impressa ou imagem virtual. Crônica não é notícia comum, codificada só para informação diária, tem que ter profundidade. É mais para o sentimento, palavras diretamente ligadas à emoção, fazendo do leitor um cúmplice ideológico da condição humana. É um reencontro com o ameno, uma intensidade de sinais de vida que, se não escritos, acabam deslizados para o esquecimento. Claro que é a pressa de viver do cronista a vontade de estar presente e de ser ao mesmo tempo em determinado lugar, que o faz testemunha, porta voz e intérprete de um quase real normalmente gratificante. A crônica é mais um espaço de dimensão interior repetida entre escritor e leitor, ternura resgatada das experiências de cada um. Cada palavra, cada frase, cada silêncio representarão significados mais do individual do que do coletivo, pois no fundo, a crônica é uma conversa entre duas pessoas, um conluio positivo do que do e amigo, quando um e outro veem mundo e vida da mesma forma que ambos gostariam de ver. O autor constrói o texto e lhe dá o colorido quase que pré-combinado com o seu parceiro leitor. Comparada com formas mais consistentes, a crônica é mais uma tenda, um pequeno abrigo espiritual, nunca uma casa de verdade. A crônica serve ao espírito como ato de reflexão compartilhada e mágica, algo assim de ligeiro conforto. Em verdade, a crônica, jamais apareceria em público. Um acontecimento não escrito é mera potencialidade dispersa, conteúdo não sentido, essência não encontrada. Viva – pois e assim – hoje e sempre – a crônica!

https://novaescola.org.br/conteudo/5886/cronicas-reflexoes-sobre-o-cotidiano. Acesso em: 14.07.2019

PRODUÇÃO

1. A partir dos estudos durante o bimestre com crônicas jornalísticas e literárias, elabore o texto final com temática e estilo escolhidos por você.

_____

_____

_____

_____

Sucesso!

APÊNDICE G – Termo de autorização de uso de imagem

Colégio Municipal Hildécio Antônio Meireles

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Na qualidade de responsável pelo menor abaixo qualificado, matriculado neste estabelecimento de ensino, autorizo o uso de imagem do mesmo através de fotografia, impressão, slides, ou qualquer outro processo análogo, para divulgação das atividades escolares, através da pesquisa de dissertação de mestrado com o título: **O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA COMO INCENTIVO À ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A PRÁTICA AUTORAL DA PROFESSORA E DOS ALUNOS,** além da publicação das produções com os nomes dos alunos em livro impresso e divulgação na Internet, *webs-site*, para fins didáticos, pedagógicos, pesquisa e divulgação de projetos audiovisuais ou mesmo a cessão de depoimentos, respeitadas as diretrizes fixadas no Estatuto da Criança e do Adolescente, estando ciente desde já, que não caberá em tempo algum, qualquer reclamação, indenização, ou pagamento de valor antecipado ou posterior pelo uso de sua imagem, sendo a presente autorização feita de modo gratuito e permanente.

Nome completo do Responsável_____
Documento de identificação _____
Grau de parentesco ( ) pai ( ) mãe ( ) avó ( ) avô ( ) tio (a)
Nome completo do aluno_____
Data de nascimento _____

Gamboa, 25 de novembro de 2019.

APÊNDICE H – Livreto de crônicas

LITERARTE: Vivências literárias

Crônicas de estudantes da Gamboa

Dedico

Aos meus alunos do 9º ano do Colégio Municipal Hildécio Antonio Meireles – Gamboa, por serem resilientes, parceiros e contribuírem significativamente para transformação de métodos teóricos em realidade prática. A todos vocês, minha eterna gratidão!

CRÔNICAS

1. Vila de Pescador (Nia).....03
2. Os Fantasmas da Fonte Grande (Aisha).....04
3. Olhares cotidianos e um pôr do sol inigualável (Anahi).....07
4. Gamboa do Morro: Olhares cotidianos de uma adolescente (Malaika).....08
5. Essa é a minha última carta de amor (Anahi).....10
6. Eu depois de você (Aisha).....12
7. O fim de um início paradoxal (Yara) 14
8. O espinho de uma rosa (T'Challa).....17
9. Sentimentos confusos (Zoe Evel) 19
10. Adolescência Avassaladora (Janaína).....21
11. Infância desfalcada (Hadiya).....23
12. A cadeira de balanço (Shena) 25
13. Relato de um ano diferente (Tainá).....26
14. Vida que segue (Kalifa).....30
15. Meninas Malvadas (Chaya).....31
16. Eles são só hipócritas (Anahi) 33
17. As grandes mudanças (Aziza).....35
18. Amar a si mesmo (Nala).....37

19. As últimas prosas de um ano inesquecível (Malaika).....39
20. Amizade verdadeira (Plutão).....41
21. Obstáculos da vida (Valentim).....42
22. Um ano diferente (Latasha).....43
23. Futebol Arte (Raoni).....44
24. Como o esporte entrou na minha vida (Layla)....46
25. Duas paixões e um esportista (Kaluanã).....47
26. O grande dia (Anahi).....49
27. Gamboa: Jogos de Primavera (Yara).....50
28. O jogo tão esperado (Tainá).....52
29. Jogos de Primavera (Kayin).....54
30. Inferno astral (Mofirilanpi).....55

A P R E S E N T A Ç Ã O

Abrindo os diálogos

Este livreto de coletânea de crônicas, *LITERARTE: vivências literárias,* reúne as produções finais dos alunos do 9°anoA, em 2019, desenvolvidas durante a aplicação da proposta de intervenção pedagógica no Colégio Municipal Hildécio Antônio Meireles, do distrito de Gamboa, Cairu-Bahia. Os alunos participaram da leitura e produção do gênero discursivo crônica, tendo a autoria docente como elemento motivador.

Vale ressaltar que as crônicas aqui apresentadas revelam que os alunos obtiveram avanço nas suas competências linguísticas textuais e autorais, a partir do estudo sistemático do gênero discursivo crônica.

Assim, convidamos para uma aventura textual e a possibilidade de pensar o texto, o contexto, o outro e o mundo, através de uma experiência real de entrecruzamento de enunciados.

Fabiane Caldas.

Vila de Pescador

Nia

A Gamboa para uns é um paraíso e para outras é uma chatice. Moro aqui desde que eu era um bebezinho e tenho várias lembranças deste lugar onde marcou a minha infância. A Gamboa não é mais como antes – como dizem as pessoas de antigamente – pois para eles a Gamboa virou "outro lugar", mas para mim está tudo "normal" – deve ser porque não sou de antigamente. Todos falam que aqui é um lindo lugar, e é mesmo! É um lugar onde pessoas podem relaxar e aproveitar muito, mas é porque eles só viram por fora, por dentro tem ruas esburacadas, rios poluídos e ainda chegou o petróleo onde está afetando animais aquáticos, ambientes, pescadores, principalmente moradores. Porque isso agora hein?

Antigamente a Gamboa oferecia muito recursos naturais, exemplo: fontes, rios, bicas, cachoeiras e tinha uma reserva natural de árvores. Na Nova Gamboa, antigamente tinha pé de cajueiro, uma roça de um senhor chamado Nego Veio. Outro ponto positivo era que os pais poderiam colocar seus filhos para aprender uma profissão como carpinteiro ou pedreiro. As pessoas tinham mais tranquilidade do que nos dias de hoje, pois aqui era uma vila de pescador onde existia muitos barcos à vela. O mesmo se reuniu no atual hoje Restaurante Nativas, no passado era chamada "Geladeira do senhor Aloísio", porque ele fornecia gelo e isca para os pescadores e para o auto mar buscar o sustento para as famílias e o mesmo tinha uma flauta de barco.

Hoje a Gamboa atual não é mais a mesma com muitos pontos negativos, com o crescimento da população houve um grande desequilíbrio ecológico. Muitas construções regular em segurança e tranquilidade na nossa localidade. Hoje pode ver que mesmo não tendo aproveitado essas maravilhas, meus

parentes puderam me contar um pouco dessas convivências. Como diz Marcos Perrin "Dizem de quem vivi no passado é museu, pois para mim, sem passado você não tem vivência".

Os fantasmas da Fonte Grande

Aisha

O celular despertou às cinco da manhã de sábado e eu levantei meio a contragosto da cama. Fui para cozinha fazer o café – como de costume – e saí com a caneca de café na mão e sentei em uma das cadeiras de minha varanda. Enquanto degustava o café, pensava na pergunta que me fizeram no dia anterior: “O que a Gamboa tem além das praias?" Se eu respondi a pergunta? Respondi. Mas se nem eu estava convencida com minha resposta, a pessoa estaria? Suspirei e olhei atentamente para a paisagem à minha frente, algumas casas, coqueiros, e enfim a praia. – E pensar que um dia essas casas não estavam aqui, muito menos a minha –. Apenas as praias, bastante árvores, talvez uma ou duas casas muito distantes umas das outras, e ali onde está o mercado, uma lagoa. Meu pai me contou várias histórias sobre Gamboa, e como ela era antigamente. As casas eram de taipa, uma ou duas pessoas tinham televisão em casa. Ele também disse que a água do mar batia cá em cima, quase no Toque – um bairro da Gamboa – e que quando era criança ele e seus amigos saltavam do pico e caíam no mar. Ainda relatou sobre as festas típicas e manifestações culturais como “Chegança”, “Bumba-meu-boi”, “Ternos de Reis”, “Dondorô” e “Zambiapunga”, dentre outras. Essas manifestações estão bastante escassas atualmente, mas gostamos de ouvir as histórias. Tomei mais um gole de meu café e voltei meu olhar novamente para praia.

- Gamboa é mais que só praia. Falei comigo mesma, em voz alta num tom de reflexão e constatação.

No dia seguinte estava com minha família indo de carro para casa do meu tio, no Zimbo – periferia de Morro de São Paulo que pertence ao arquipélago de Tinharé – Cairu – Ba – e assim que passamos pela Fonte Grande, – fonte entre a estrada de encontro entre Zimbo e Gamboa – mais ou menos a um metro de distância da fonte, o carro "morreu" – pelo menos é assim que dizemos quando um carro para de funcionar do nada –. Então, saímos do automóvel e enquanto esperava o meu tio consertar o carro, sentei-me num tronco. Focava meus olhos na fonte cercada por paredes e pensava na história que meu pai me contou:

- Na época eu trabalhava no Zimbo e um dia, eu estava vindo para casa depois do trabalho e passei pela Fonte Grande no caminho. Estava cansado e com calor, então parei para descansar um pouquinho. Eu entrei na fonte e tomei um banho, acho que fiquei lá uns cinco minutos e depois saí, vesti minha camisa e quando ia pegar minha mochila, ouvi um barulho da água e de risadas, como se tivesse gente tomando banho naquele momento também. Senti uma mistura de medo e curiosidade, mas mesmo assim fui olhar, já que já que quando saí da água, não havia ninguém. Olhei por cima do muro e não tinha ninguém e o barulho também tinha parado. Pensei ter sido coisa da minha cabeça, mas aí, o barulho voltou.

- E aí? O que o senhor fez? Perguntei curiosa.

- Aí, pernas para quem te tem! Demos risadas.

- Dei uma carreira que só fui parar em casa.

À noite em casa voltei a pensar no assunto e a me questionar se tudo aquilo era realmente verdade. Todas aquelas histórias que ouvi sobre os fantasmas da Fonte Grande ou das outras entidades que já deram as caras por aqui. Lembrei que minha tia me contou outras história parecidas com essa do meu pai. Então os fantasmas são

mesmo reais? Essas pessoas realmente viram eles? Como diria minha avó “Quem nunca viu quer ver”. Não importa, pois finalmente começo a entender a razão da inquietação de um pensador quando dizia: “Há mais coisas ente o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia” – essa é a chave. A nossa ilha não pode ser explicada e sim apreciada com olhos de quem percebe além das aparências turísticas, das belas praias e banho medicinal de argila. Aqui também é um lugar de histórias e carências, de cantos e encantos, de contos e crenças e para quem vem de fora apenas um porto de passagem, mas para quem é nativo, às vezes na rede só vem saudade, mas em cada canto um ponto de encontro, onde nossa história pode ser contada, nos levar ao passado das nossas origens mais remotas e manter viva a nossa cultura valiosa.

Olhares cotidianos e um pôr do sol inigualável

Anahi

Hoje o dia amanheceu tão diferente. Os pássaros cantarolando o mais alto que podiam e o pôr do sol estava parecendo uma obra de arte. As pessoas caminhando pela praia, falando sobre as coisas da vida, pensando no futuro e como esse dia estava sendo tão maravilhoso. Um dia desses nesse lugar, - Ah! Esse lugar! Aqui a fofoca voa mais rápido do que os pássaros no céu. Esse lugar onde ter um cabelo bem hidratado é sinônimo de paciência. Onde até os coelhos procriam menos que as pessoas.

A Gamboa é realmente um lugar fantástico, um lugar onde você pode encontrar toda a paz que deseja – se você for um turista. Às vezes quem mora aqui pode perder completamente a paciência. Como diz a minha vó: “Você pode ficar com os fios de cabelo completamente brancos”.
Morar na Gamboa é algo totalmente diferente de tudo que eu já vivi antes. Eu nunca havia morado em cidades pequenas, muito menos em "ilhas" e ter essa experiência foi/está sendo algo muito diferente e bom para mim. É muito diferente porque não é uma cidade, que todo dia você vê caras novas. É um lugar onde você sabe que quando colocar os pés para fora de casa irá sair andando pelo mesmo caminho, ver as mesmas pessoas e falar as mesmas coisas:

- Oi dona Maria, boa tarde. Tudo bem com a senhora?

- Oi seu Pedro, eu estou bem sim. E o senhor? Acordou melhor das dores?

Morar na Gamboa é isso, é saber exatamente como será a sua rotina. Exceto quando alguém morre, aí sim tudo muda, parece que o clima fica mais tenso, tudo muda de forma. Pelo menos por um dia você não escuta os arrochas repetidos do vizinho, nem vê a dona Maria falando com o seu Pedro sobre a Cláudia, que engordou mais depois que casou com o João. Pelo menos por um dia você vê que exista um luto.

Morar na Gamboa é poder dizer que tem o melhor quintal do mundo, sair de casa e ir em direção ao mar somente para observar as maravilhas de Deus e refletir sobre todas as coisas que você fez no dia. Morar na Gamboa é você ter a consciência de que para alguém não gostar de você não precisa de motivos, às vezes a Vitória só falou para Joanna que você passou por ela e não deu boa tarde. Porém nem tudo são flores, é difícil acordar 6:00h da manhã e ver os homens com o chapéu tão enterrado no rosto que malmente podemos ver os olhos, segurando aquelas gaiolas enormes nas mãos – um disfarce perfeito para outras ações ilícitas e a gente só observa –, mas

isso pode ser bem complicado para as senhoras como a dona Maria, que tem problema no coração.

Por outro lado, ainda existe muita coisa boa. Como eu disse no começo da crônica, as coisas que nós vemos na Gamboa podem ser mágicas como o pôr do sol, essa vista, essa praia... não tem como não amar esse lugar.

Gamboa do Morro: Olhares cotidianos de uma adolescente

Malaika

Hoje acordei e parei no tempo deixando de lado meu suspiro de sempre – minhas séries de suspense e terror. Não é comum uma adolescente aqui na Gamboa ter muitos atrativos, mas decidi parar minhas atividades habituais para passar os olhos atentos e pude ver que nada está como antes.

Hoje eu tenho quinze anos e acumulou muita coisa com o tempo aqui na Gamboa – ilha de Cairu. Foi abrindo muitas igrejas, lanchonetes, mercados, lojas, padarias, mercearias, *lan house*, mas por outro lado, se perdeu muita coisa, sobretudo as brincadeiras no final de tarde. Há dez anos, de tardezinha, era comum estar na rua com as meninas, brincando de esconde-esconde; dono da rua; pega-pega; pique-alto; panelinha no quintal. Hoje eu saio na rua no final da tarde e as crianças estão quase sempre em casa. Eu ia para a praia sozinha com as minhas amigas, porque nossos pais não tinham medo de que acontecesse algo ruim. Hoje as crianças não podem, pois tem muitos turistas, pessoas de fora na praia, e eles têm medo de que algo de ruim aconteça.

A praia não mudou muito, mas o pouco que mudou fez total diferença. Foi construído um deck, pousadas, *hostels*, barracas e restaurantes. Assim, quando eu ia para à praia eu só me importava em entrar no mar e só sair no final da tarde. Eu ia

para a linda praia das barracas e no poço só vai quem sabe nadar. A praia da argila, conhecida por ter areia (argila) medicinal. Ainda frequento essas praias, mas atualmente observo as pessoas tirando foto, tomando sol, jogando futevôlei, *futmesa*, ou apenas passeando.

À noite não tinha muito o que fazer, então eu e as meninas fazíamos o nosso cineminha na casa de alguma de nós, mas agora tem a praça, a pastelaria do Almir, o crepe da Mara, a sorveteria do Nilton, o açaí e o cachorro-quente, o carrinho do Nando. Às vezes saímos despreocupadas para andar de bicicleta, patins, patinete, skate, namorar, passear, conversar, esse é o lugar onde vivo.

Essa é a minha última carta de amor

Anahi

Eu juro que tentei não falar de amor, mas fazer o que, né? Eu não consigo. Como todo mundo sabe, eu sempre gostei muito de falar sobre tudo isso. Falar sobre o amor sempre foi o meu melhor passatempo.

Desde que eu vim para Gamboa os meus sentimentos começaram a embaralhar dentro de mim. Comecei a gostar de pessoas que nem me fazer feliz, faziam – na verdade era só fogo no rabo mesmo. Até que eu achei ter encontrado o grande amor da minha vida. Eu amava puxar aquela trança dele e chamá-lo de "Rapunzel", era maravilhoso zoar ele só por diversão, e também pelo fato de ele ficar muito engraçado brigando comigo. Era um conto de fadas com muitos tapas e poucos beijos, porém, um conto de fadas. Mas sabe quando seu príncipe vira um sapo? Então, foi exatamente isso que aconteceu. Adivinhem só... o

meu príncipe gostava de ir para Nárnia – sim, ele fumava/fuma na verdade – imaginem aí a minha cara quando eu descobri isso. Mas tudo bem, o tempo passou e eu aprendi a superar, com muitas idas e voltas, mas eu superei. Finalmente aprendi que é impossível ajudar alguém quando a pessoa não quer ser ajudada. Só lamento pelas minhas amigas que gastaram tanto as palavras tentando fazer eu parar de ligar pra ele – coitadas! No final, ele está na Argentina e continua indo para Nárnia, a maior diferença é que agora ele não é mais o meu príncipe – graças a Deus! No começo é difícil, mas ainda bem que "se teu ex não te quis tem quem queira".

Depois disso tudo a minha vida continuou indo, com algumas decepções amorosas, alguns até que deram certo, mas eu não sentia nada de especial, não sentia aquele frio na barriga, não me sentia preenchida, não conseguia imaginar o meu futuro com as pessoas que passavam pela minha vida. Sabe quando você sabe que não ia dar certo? Então... Eu já sabia que não ia dar certo, e eu tinha razão. Um está solto por aí sem saber o que quer da vida, o outro está com uma das minhas melhores amigas – graças a Deus, quem sabe agora ele tomou um rumo na vida –, e o resto está por aí em Nárnia e antes que vocês pensem o contrário, eu não gosto só de zé droguinha não, só alguns. Já gostei de jogadores também, mas como diz o Exaltasamba "eu me apaixonei pela pessoa errada".

Resolvi a minha vida e prometi para mim mesma que não iria gostar de mais ninguém por muito tempo, até que um certo dia eu me peguei morrendo de ciúmes só por ver o meu amigo conversando com a minha amiga. Eu não quis acreditar no que eu estava sentindo, não estava acreditando que eu poderia estar caindo de novo nas ciladas do meu coração, mesmo depois de dizer tanto para o meu cupido "tenho muito medo de me apaixonar, já sofri o bastante, você como antes vem sempre apronta sem medo de errar".

Eu juro que eu não queria gostar, não queria me entregar – na verdade até hoje eu não me entreguei totalmente – o medo de

ser chutada é bem maior do que tudo. Só quem sempre esteve comigo sabe o tanto que eu sofri com o "Rapunzel". Já tentei dizer "melhor eu ir... Tudo bem, vai ser melhor só.". Só que "faltou coragem pra dizer que não". Essa vez é diferente, eu sinto algo diferente, sinto que pode dar certo mesmo que várias pessoas digam que não. Mas é como diz a Rita Lee "Deus me defenda da sua inveja. Deus me proteja da sua macumba. Deus me imunize do seu veneno."

Complicado, nunca achei que com 14 anos eu estaria escrevendo crônicas sobre o amor. Nem pensei que fosse amar tão cedo. Mas tudo bem. Deixa acontecer naturalmente, eu não quero mais me ver chorar.

E eu termino dizendo "essa é a minha última carta de amor" mas "eu falei isso da última vez".

Eu Depois De Você

Aisha

"Nunca saberemos o quão forte somos até que ser forte seja a única escolha".

Que loucura! Parece que foi ontem que eu era uma criança, imaginando como seria a minha vida na idade adulta. Mas que fique claro, tenho apenas 15 anos, e mesmo que falte pouco para me tornar adulta, me sinto como uma criança que está crescendo desenfreadamente.

A pior fase da vida é a adolescência? Eu espero que seja. Para todos, os problemas começam na adolescência, e para mim não foi diferente. E por que seria? Aos 12 anos de idade, percebi que as coisas haviam mudado. Eu me sentia diferente e sozinha.

Nunca tive muitos amigos, sempre foi apenas meu irmão e eu. E foi aí que começou a busca pela minha identidade e não estou falando do RG, mas de outra identidade. No fim do ano, conheci uma pessoa que havia acabado de se mudar para cá. Não demorou muito e eu criei um laço de amizade com ela. Minha mãe nunca gostou muito da ideia, e sempre me avisava, dizia que essa pessoa não prestava. E ela estava certa. Depois que enxerguei quem ela era realmente, era tarde demais. Fiquei muito triste, mas aprendi que as pessoas não são confiáveis até que o tempo prove o contrário. No mesmo ano, conheci uma das minhas melhores amigas, e finalmente saí do ponto de partida e comecei a montar o quebra-cabeça que ganhei junto com a adolescência. Comecei o sétimo ano com um grande objetivo, saber quem eu era, e foi nesse ano que conheci minha outra amiga, a gente brigava tanto que eu não tinha certeza que íamos "dar certo", mas o tempo passou, brigamos e até hoje e continuamos "juntas".

O oitavo ano foi o pior de todos. Foi quando me sentia incapaz de qualquer coisa, como se eu não fosse capaz de fazer qualquer coisa e eu luto contra isso todos os dias. Aliás, luto contra o mundo todos os dias. E quando esse sentimento de incapacidade vem, e a vontade de desistir é forte, na minha cabeça soa a voz do Tio Iroh (tio do príncipe Zuko em Avatar) dizendo: "Ás vezes a vida é como este túnel escuro, nem sempre se vê a luz no fim do túnel, mas se você continuar em frente, você chegará a um lugar melhor". E aí eu me sinto motivada a continuar essa até o final do túnel.

Semana passada eu assisti ao filme "Como eu era antes de você". No começo eu estava meio hesitante, pois queria ler o livro antes, mas apertei o play acidentalmente e fiquei com preguiça de "sair do filme". O filme é baseado em um livro, com o mesmo título, escrito por JoJo Moyes. Na trama ela conta a história de Louisa Clark, uma garota sem ambição alguma que se torna cuidadora de Will Traynor, que após um acidente de moto há dois anos atrás, ficou tetraplégico. Um romance que

apresenta um final peculiar, que surpreende a todos que esperavam que o casal ficassem juntos. Essa história me fez refletir durante um bom tempo, e também mudou o meu jeito de ver as coisas. A história fala exatamente sobre transformação e foi o que aconteceu comigo, eu me transformei. Aprendi que devemos ter coragem e fazer esforços necessários para retomar a vida quando tudo parecer acabado. Assim como o Will mostrou para Lou que ela podia mais, que podia voltar a estudar, a ser alguém, e ter ambições, e que havia um mundo cheio de oportunidades. Ela também transformou-o e o fez enxergar que ele ainda poderia ser feliz mesmo com sua deficiência.

E com isso eu concluo que não importa o quão difícil esteja suportar as dores, as feridas abertas. Nós ainda podemos ser felizes em alguns momentos, e viver intensamente, até nós mesmo decidirmos qual é o nosso limite. "Você só vive uma vez. É sua obrigação aproveitar a vida da melhor forma possível." — JoJo Moyes.

O fim de um início paradoxal

Yara

Tudo começou nos primeiros dias do mês que marcou o início do segundo semestre. Em uma conversa paradoxal com um homem, ou melhor, um adolescente, um pouco mais velho que minhas 14 primaveras, surgiu um interesse indescritível. Suas palavras e elogios até acalentaram meu ego, mesmo acreditando que tudo isso fazia parte dos galanteios masculinos para conquistar a minha apreciação. Ele elogiou a minha forma de dançar – não que eu seja uma dançarina, mas gosto muito de dançar – dentre outras coisas. Fui embarcando nas conversas, até que pegamos amizades e um belo dia, rolou o tão esperado

pedido de namoro. Não vou negar que eu estava vivendo uma fase boa da minha vida.

O pontinho roxo estava me proporcionando sentir um sentimento que nunca tinha sentido antes, uma coisa de outo mundo, nunca pensei que fosse sentir isso. Foi um namoro de muitas loucuras até porque, nem eu e nem ele era muito certo do juízo. Nenhuma das minhas amigas apoiavam muito e não vou mentir, fiquei muito triste, porque logo no inicio só tive o apoio que precisava de duas pessoas.

O tempo foi passando e minhas amigas foram se acostumando com a ideia. Não sei se digo infelizmente ou felizmente, mas acabou e depois dessa experiência, me envolvi com outras pessoas tentando substituir essa pessoa, que me fazia um bem danado. Nos afastamos algumas vezes mas depois nos reaproximamos – graças a Deus!

Hoje em dia rola até uns beijinhos, mas não suporto a ideia de ter que dividir ele com outras meninas, mas tudo bem. Tem umas certas meninas que me provoca com ele, faço de tudo para não ligar, mas Sharizart me tira do sério e Dourado também. Sharizart é o tipo de pessoa que apoia e da em cima, não consigo entender isso, já Dourado não é tão proposital.

Nas madrugadas trocamos até umas ideias, não nego que são uma das melhores conversas e vou dormir com o sorriso de orelha a orelha. Quem nunca foi dormir com um sorriso radiante depois de uma conversa com o *crush*? Muitas vezes a gente até discute por coisas idiotas. Muitas pessoas perguntam o porquê de não voltamos, mas não depende só de mim, né? Fico dividida entre duas frases “Se for para ser será” e “Se você quer que algo aconteça, faça acontecer”. Algumas amigas sempre falam o trecho de uma música “para de insistir chega de se iludir, o que você está passando eu já passei e eu sobrevivi, se ele não te quer supera” Marília Mendonça – isso acaba com qualquer um. Mas afinal no fundo eu até sinto que rola alguma coisa. Ele mesmo já me disse e pelo que eu conheço ele tem maturidade o suficiente para falar: não quero mais! Enfim terminamos,

ficamos e hoje em dia são os momentos em que esqueço dos meus problemas. É uma mistura de amor e ódio e Sorriso sempre fala que um dia iremos voltar, eu até acredito nisso, mas vai que voltamos?

Além de *ficante/crush* é um dos meus melhores amigos. Ele me ajuda sempre nas minhas crises, acho que por isso me desperta o sentimento. Algumas amigas falam que homem não presta, que eles só querem uma única coisa, mas eu ainda acredito que existe alguns que dão valor a mulher que tem do lado. Uma música expressa muito sobre meus sentimentos por ele "o que eu não faria para esse amor vencer, que louco eu seria de perder você, sem o teu carinho eu não sou ninguém, você me faz tão bem" Ferrugem. Tem outra também "Se essa boca não beijasse tão bem, se esse abraço não fosse tão massa, se quer saber se eu quero um outro alguém, nem de graça. Leva mal não, só tem espaço para você no coração" Pixote. E eu termino dizendo: Não desista de quem você ama, ao menos que essa pessoa não respeite a pessoa maravilhosa que você é, e pise no seu coração, machucando sua alma e mudando sua essência.

O espinho de uma rosa

T'Challa

O amor é como uma rosa, linda e formosa porém é preciso ter cuidado, porque no aroma de amores pode conter espinhos. Em 2018, eu fui morar com meu pai, e mudei de escola. Não estava preocupado, pois já havia estudado nela dois anos. Contudo, o primeiro dia foi surpreendente... Sentei-me num canto da sala e à minha frente estava uma garota, que quando à vi, meu cérebro liberou grandes quantidades de

neurotransmissores, meu coração começou a acelerar e meu corpo a se agitar. Não sei se você acredita em amor à primeira vista, mas se não foi isso, não sei o que poderia ter sido.

A aula começou e eu estava pensando em uma maneira de falar com ela, quando a professora pediu para formar grupos. Sorte? Eu não sei! Mas agora eu tinha a oportunidade perfeita para conversar com ela.

Passou-se dias e já erámos grandes amigos, entretanto eu não queria só a amizade dela, é como diria Zé Ramalho: "Quanto tempo o coração leva pra saber/ que o sinônimo de amar é sofrer?". Eu não entendo como uma menina é tão enigmática. Era quase impossível saber se ela gostava de mim, ou eu estava muito "cego".

Em julho desse mesmo ano, eu decidi voltar a morar com minha mãe, a fim de esquecê-la, e por alguns outros motivos complexos. Foi uma decisão muito complicada, pois eu estava extremamente apaixonado por ela e, por ter que mudar de escola no meio do ano, entretanto era o certo a se fazer.

"O amor é feito de paixões/ e quando perde a razão/ não sabe quem vai machucar." Ah! Como eu queria ter escutado essa música antes! Mas se eu tivesse escutado, talvez não teria ganhado a experiência de que em hipótese alguma se deve mudar sua essência por um sentimento.

O ano acabou e eu recebi uma mensagem dela, dizendo que iria vir estudar na mesma escola que a minha. Por quê?! Agora é azar? Também não sei, mas aquela mensagem me encheu de esperanças. Talvez dessa vez eu conseguiria conquistar o coração dela e dizer para ela: "Sem você, sou caçador sem caça/ Sem você, a solidão me abraça/ Sem Você menos que a metade/ Sou incapacidade de viver por mim/ Sem você, eu sem você." Ah! O cérebro apaixonado como diria o neurocientista Pedro Calabrez: "É uma demência temporária!". Isso se dá pelo fato do córtex pré-frontal se inibir. Pré-frontal é uma área do cérebro responsável pela tomada de decisão e planejamento.

O próximo ano letivo começou e, lá estava eu, mais uma vez em busca da missão de conquistar o coração da minha amada, mas adiantando, não deu nada certo. Ficamos sem nos falar duas vezes e finalmente, eu tive coragem de falar para ela sobre meu sentimento e saciar todas as minhas dúvidas e, o resultado foi extremamente frustrante para mim. Passei meu momento de “sofrência” e solidão. Foi quando percebi que, eu não era aquela pessoa, eu sou Eu, não vou esquecer todos os meus sonhos por causa de um sentimento, por mais intenso que ele seja.

Nessa situação minha mãe diria: "Nunca sofra por ninguém.", talvez ela esteja certa, mas eu não ainda não quero aceitar a realidade. Em "algum lugar" da minha imaginação isso ainda pode ser real, e ainda mais, uma citação de uma Professora minha fica ecoando em minha mente: "Os desejos e as vontades mudam, o que pode ser real hoje, no futuro pode ser possibilidade, ou não!" Mas quem eu quero enganar? Joana Nunes diria: " Deixei de ser flor para te dar as minhas pétalas/ deixei o meu orgulho para te dar a confiança/ deixei o que era para te dar o que nunca fui/ deixei de sonhar para te dar o meu pensamento/ deixei a minha Terra para te dar o Planeta...e tu, simplesmente ... deixas-me! ". Difícil entender, mas concordo com os filósofos e músicos quando dizem que "Sinônimo de amor é sofrer."

Sentimentos confusos

Zoe Evel

Hoje eu vim falar de um sentimento tão simples e ao mesmo tempo tão complicado que todo o ser humano seja ele grande ou pequeno sente, ou irá sentir em algum momento de

sua vida. Um sentimento invasor que não pede permissão para entrar e quando entra, meche totalmente com o psicológico até da pessoa mais forte.

O AMOR é um sentimento tão puro que não conseguimos escondê-lo por mais que a gente tente. É um sentimento tão sincero capaz de no meio do dia conseguir arrancar um sorrisinho bobo no canto da face, que transforma um homem por mais "coração de pedra" que seja, em um menininho bobo e apaixonado capaz de deixar o orgulho de lado pela pessoa que ama. Amar é coisa de outro mundo, onde podemos fazer das mais simples até as mais chocantes loucuras.

O amor dá sentido a nossa vida, isso quando ele é verdadeiro e de verdade. Sabemos quando ele é verdadeiro, pois o amor verdadeiro independente do que acontecer, você não desiste dele, pelo contrário você ama cada vez mais. É difícil expressar o amor através de palavras porque descrevê-lo não é o suficiente, você precisa sentir o quão lindo é amar.

Como diz Felipe Sandrin: "O amor é como quando você encontra o seu par e aquela pessoa sem fazer nada de diferente lhe toca lá no fundo como se fosse totalmente diferente do que até então você conhecia e julgava entender". Não podemos explicar porque vai além do que compreendemos: simplesmente é! Claro que também tem o seu lado ruim, afinal nem tudo na vida são flores, tem momentos que você vai ter que topar coisas que não te agradam, mas agrada o seu parceiro, simplesmente pelo fato de amá-lo. Quando você ama, você começa a ter um ponto de vista diferente das coisas, tudo vai ficar mais colorido, tudo vai ter essência. Mas, para ser sincera amar é coisa de louco onde só os corajosos demonstram o que sentem. Eu já fui uma dessas corajosas de demonstrar o que sentia e o resultado não foi tão bom assim.

Tinha apenas 11 anos quando me encantei por um garoto que morava em minha rua. Ele era bem mais velho que eu, pois tinha 13 anos. Então nunca teria chances com ele, ainda mais que não era só eu que gostava dele. Outras meninas mais

velhas do que eu também gostavam dele, mas, decidi que estava disposta a demonstrar os meus sentimentos. Então, falei a um amigo dele o que estava sentindo e imediatamente o amigo falou a ele, e o resultado...? Sim! Isso mesmo! Ele nem me deu bola. Confesso que sofri bastante e chorei horrores, mas passou. Hoje eu tenho 15 anos e ele 17. Ele namora com outra menina, e eu respeito muito isso, afinal, não sinto mais nada por ele, mas, de todo o coração quero que ele seja feliz ao lado da pessoa que ama – mesmo não sendo eu. Somos amigos, mas nunca vou esquecê-lo, afinal mesmo não correspondido foi o meu primeiro amor. Minha mãe costuma dizer que: "só se ama uma vez". Se é verdade? Não sei! Mas já senti atração por muitos meninos, mas nunca como senti por ele. Não sei se é pecado pois ele tem namorada e somos amigos e, também não sei se é certo o que sinto, ou acho que sinto, mesmo que seja totalmente insignificante mas, não mandamos no coração ele é quem manda na gente e muito menos nos sentimentos, pois não temos controle.

Mas enfim, ainda tenho muitas dúvidas para tirar sobre o amor e mesmo que conseguisse tirar sempre irá ter algumas pendentes. Dúvidas e mais dúvidas aparecem a cada dia, mas creio que com o passar do tempo as coisas ficarão mais esclarecidas, pois ainda sou inexperiente para falar dessas coisas, mas mesmo com esse mundo malvado e cheio de ilusões acredito no amor eterno, não perfeito, mas eterno.

Adolescência avassaladora

Janaína

Um dia me perguntaram de uma saudade que me fazia suspirar e transpirar. Pensei por um breve momento sobre

lembranças ou coisas que eu sentia falta, mas pelo que eu lembrava, nada me fazia muita saudade. Passaram-se dias, e vieram à minha memória momentos difíceis que tinha passado no ano anterior, 2018. Foi um momento tenso da minha vida que achei que não ia conseguir continuar. Tinha crises de ansiedade, tristezas profundas e não via mais sentido em nada. Fiquei refletindo um tempo sobre tudo isso, e fui um pouco mais atrás. Comecei a comparar a minha infância com o início da minha puberdade – que é uma transição e tanta – e percebi o quanto eu sentia falta da minha infância. Eu desde criança era uma pessoa muito "pra frente". Eu tinha uma vontade imensa de crescer! Se qualquer pessoa fosse me perguntar qual era o meu maior sonho, eu respondia: ser adolescente! Conclui o ensino fundamental 1, e no sexto ano fui estudar em Valença, o que chocou um pouco. Eu estava longe da minha mãe, numa escola onde eu não conhecia ninguém, totalmente sozinha. Isso me impressionou, porque durante o ano eu fui conhecendo as pessoas e o mundo de uma outra forma, e posso falar que perdi minha infância aos 11 anos. Desde então, não teve um momento que eu quis pegar em uma Barbie pra brincar. Todas as informações que eu não conhecia sobre absolutamente tudo, estavam me cercando. E eu comecei a perceber que a adolescência não era o mar de rosas que eu fantasiava. Eu acredito que muitos jovens vivem ou estão vivendo isso. Nós começamos a perceber que o negócio vai ficando pesado, e nem dá pra explicar. Vem tristezas que você nem sabe de onde veio. Você pode ter a capacidade de amar por apenas 5 minutos, e o pior: Você tem a *playlist* da *bad*. Mas também somos capazes de carregar uma euforia que nem somos capazes de falar. E foi nessa intensidade toda que comecei a ver o lado bom dessa fase. Fui descobrindo novas personalidades, e vi que posso me divertir muito também sendo adolescente. E, finalmente, eu descobri a minha saudade! Posso falar que não é uma saudade comum, mas nada nunca na minha vida foi comum, então tá tudo certo. Eu em meio aquelas crises do ano passado, senti falta de ser eu. Porque para mim era uma

novidade essa questão de sentir muito. E isso mexia comigo, porque eu achava que estar triste não fazia parte de mim. Mal sabia eu que era o crescimento. Para mim, o que aconteceu comigo e o que acontece com todo jovem nesse início de puberdade, é se ver totalmente perdido e gastar todas as suas forças tentando se encontrar ou ficar bem todo tempo. E isso acaba atrapalhando a leveza que essa fase deveria ser. Por isso, quero falar hoje para todos os meus amigos, que estão passando por essa transição: não há nenhum problema com a nossa intensidade, nós temos que aceitar o momento em que estamos. Aí sim! Vamos descobrindo o nosso novo eu e vendo nosso amadurecimento. Como diz Caetano Veloso: "cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é". Fico feliz em ter descoberto isso no início da minha adolescência, porque agora posso levar a vida sem nenhum pesar e curtir intensamente tudo o que ela tem a me proporcionar. E enquanto a saudade da minha infância? Hoje apenas uma boa lembrança. Porque sei que cada fase é um aprendizado, e eu escolho aprender e usufruir muito bem desta nova fase, e com certeza, sendo uma verdadeira metamorfose ambulante.

Infância desfalcada

Hadiya

A Infância é um período marcante para maioria das pessoas, inclusive para mim, mas quem dera fosse uma infância "normal". Meus pais moravam juntos até os meus cinco anos de idade e antes disso, infelizmente me recordo de coisas que não me alegro muito e ando tendo recaídas diariamente com essas

lembranças. Quando ainda moravam juntos, o clima não era dos melhores, pois meu pai era praticamente viciado em bebidas alcoólicas e nesse período, presenciei cenas que estão presas comigo. Lembro das vezes que chegava em casa bêbado, quebrando as coisas, vomitando e na maioria das vezes chamava o meu nome, e eu chorava nos braços da minha mãe. Também já assisti meu tio brigar com meu pai por causa do seu horrível vício e não consigo esquecer das vezes em que fui buscá-lo nos bares, pedindo que voltasse para casa. Ele nunca aparecia nas apresentação que tinham no colégio e quando procurava-o, meu coração apertava por não vê-lo, mas por outro lado, pelo menos já sabia onde ele estava.

Já minha mãe, fazia o impossível pra que eu pudesse ter uma infância normal, pena que não deu muito certo. Todo domingo, ela fazia questão que fosse pros “cultinhos” da EBD (Escola Bíblica Dominical). Pena que ela não entendia o peso da separação para mim e o quanto sonhava com uma família normal novamente. Como diria Fernando Pessoa “Viver é ser outro. Nem sentir é possível se hoje se sente como ontem se sentiu: sentir hoje o mesmo que ontem não é sentir - é lembrar hoje o que se sentiu ontem, ser hoje o cadáver vivo do que ontem foi a vida perdida”. Era assim que me sentia: morta! Eles se separam quando eu tinha apenas 5 anos e me acostumar com a ideia, não foi tão fácil. Todas as noites meu pai implorava pela volta e enquanto ouvia os gritos, chorava.

O tempo passou e fui tentando me acostumar com a ideia. Lembro que fiquei doente, mas não me lembro qual a doença. As únicas lembranças que tenho, é que fiquei um tempo de cama, sem nem conseguir andar. Nas madrugadas, vomitava bastante, não conseguia nem beber água. Fiquei fraca, e os meus "passeios" eram pro posto. As pessoas me olhavam como olhar de desprezo, nojo, pena... Mas graças a Deus, minha família me deu muito apoio, quando eu mais precisei eles estavam lá.

Hoje meus pais seguem os caminhos de Deus. E tenho eles como exemplo. Eu me acostumei, mas não estou totalmente

curada da ferida que ficou. E toda vez em que conversam comigo sobre as saudades da infância, meu coração aperta. Tento me sentir como essa música "Tem coisas que eu não sei/Tem coisas que eu nem quero saber/Mesmo depois que eu crescer vou guardar meu mundo para não sofrer/Quero sonhar com príncipe encantado que um dia virá para ser meu namorado e a turma de amigos, muita amizade e Jesus entre a gente que felicidade". Espero que um dia eu possa entender tudo isso. Mas por enquanto, sigo com a ferida ainda aberta vivendo aqui e lá, tentando dar atenção as duas pessoas mais importantes da minha vida e sonhando que um dia eu possa transformar essa ferida em força.

A cadeira de balanço

Shena

A ansiedade é como uma cadeira de balanço só te mantém em movimento, mas acaba não te levando a lugar nenhum. Já imaginaram quantos jovens hoje em dia sofrem de ansiedade? Parece besteira, uma coisa sem valor, mas não é nada disso. Muitos jovens por não saber lidar com a ansiedade, acabam deixando ela tomar conta do seu corpo, fazendo você se sentir insuficiente e substituível e você se afasta de muitas pessoas e acaba sozinho, vivendo apenas num mundo só seu.

Comecei o ano normalmente, na expectativa de ser um ano ótimo, mas, isso não passou de uma expectativa mesmo. No meado do ano apareceu leves ansiedades (coisas normais do dia a dia), mas depois disso, as coisas só pioraram, pois me sentia horrível, tinha várias crises de ansiedade em qualquer lugar que

eu estivesse, até no colégio (tenho até hoje). Como diria Tati Bernardi; "Você sabe que chegou ao cúmulo da ansiedade, quando fica ansiosa até para a ansiedade passar ". Como eu falei: só piora.

Acho que quando se sofre de ansiedade, é quase impossível notar-se, a não ser que interfira na sua vida cotidiana. Como se não bastasse ter a ansiedade, ela ainda vem acompanhada de transtornos emocionais, fobia social e crises de ansiedade. Também como não se ter tudo isso no mundo que vivemos? Agora imagine uma pessoa ter tudo isso em um único dia? Coisa de louco, né? Mas acontece diariamente com maior parte dos jovens desse ano(2019). Acho que 2019 ficou para história. Um ano de aprendizado ou será do fracasso?

Queria fechar minha crônica com apenas uma frase "No fim, estamos todos tentando sobreviver a nós mesmos e a esse mundão, mas algumas pessoas tem batalhas maiores que as outras". Pois é, não é adequado colocar alguém nesse "novo" mundo, se nós mesmos mal conseguimos sobreviver com essa tal ansiedade, que nos corrompe, nos maltrata e nos persegue. Será que novas carnes sobreviveriam a tamanha ansiedade? Aguardemos!

Relato de um ano diferente

Tainá

O ano novo tinha chegado e eu estava bem feliz, pois tem um velho ditado "Ano novo, vida nova". Eu estava torcendo para que minha vida melhorasse, mas os dias foram passando e eu vi que isso de melhorar era apenas mais um sonho. Passaram dias e mais dias e eu estava toda para baixo, pois não tinha uma vida como a das outras meninas, mas pelo menos eu achava que

tinha uma pessoa do meu lado. Eu era ingênua, não sabia bem o que estava fazendo e tive um amor no começo do ano, mas esse amor não é bem do começo do ano. Eu já tinha três anos gostando de um menino, e tipo eram três anos e não três dias. Bom, não irei dizer que fui correspondida, porque não fui. Demorou muito para ele corresponder e esse sentimento, porém no final de 2018, ele já tinha se interessado por mim. Demorou bastante, mas finalmente o menino que eu era apaixonada quis algo comigo e mais uma vez eu tinha me enganado. Ele não queria nada sério comigo – não liguei muito para isso, pois achava que só ele ficando comigo já era o bastante. Depois de um tempo aprendi muitas coisas, amadureci e entendi o sentido de um relacionamento. Conversei com ele e vi que não valia a pena insistir em alguém que gostava de outra.

O tempo foi passando e ainda era apaixonada por ele e não podia mudar meus sentimentos. Então continuei ficando com ele, até que ele viajou para jogar bola e a gente não ficou mais, nem se falou por conta da distância. Com um tempo ele voltou e me disse que era para esquecer esse lance de eu e ele. Fiquei tentando ser forte e disse: tá bom. Fui para minha casa e chorei muito durante três dias. Foi daí que nasceu uma amizade bem grande com um dos amigos dele e ele acabou me dando vários conselhos e virando meu melhor amigo. Mas sempre tem aquelas pessoas que só imaginam o pior de você. Minha amizade com ele ficou mais forte do que eu pensava, mas uma colega minha gostava dele e começou a dizer que não ficava com ele, porque eu tinha vontade de ficar com ele. Fiquei bem mal com isso, pois ela sabia que eu era apaixonada por Souza – era assim que eu e minhas colegas o chamávamos. Depois de 14 anos morando no Toque, meus pais tiveram uma briga e nessa briga eu quase perdi a pessoa que eu mais amava e amo que é meu pai. Então eles se separaram, minha mãe foi morar no Toque com meus irmãos e meu pai ficou no Toque comigo e com minha irmã.

Com um tempo meus pais resolveram voltar e todos nós fomos morar na rua (no centro). Fiquei feliz, pois na rua eu tinha uma amizade muito forte com Isabelle e Evelyn, éramos as melhores amigas. Contávamos tudo uma para outra e com o tempo percebi que essa amizade não era tão forte como eu achava que era. Nos afastamos uma das outras e lá se foi o trio, mas isso não vem ao caso. Outro dia me fizeram uma pergunta "se eu sentia saudades de tudo que passei com elas?'' Eu os respondi que passado é passado e que se um dia as considerei como melhores amigas não cometerei mais esse erro. Desistir das amizades na rua e comecei a ir para o Toque de novo. Lembra do menino que eu disse lá em cima que era apaixonada? Nessa história é quase a mesma coisa só que ao contrário, eu ainda gostava dele um pouquinho, e ele? Ele estava apaixonado por mim e já que eu ainda gostava dele um pouquinho voltei a ficar com ele. Ficamos por um bom tempo. Daí começamos a namorar e os meses foram passando, então parei de gostar dele e pedi para terminar, mas já que ele estava apaixonado não gostou muito da ideia, mas aceitou. Eu disse que se ele quisesse poderíamos ser amigos, só que ele disse que não, pois eu acabei com a vida dele e não queria ser meu amigo para conseguir me esquecer. Daí paramos de nos falar. Meses se passaram e nada mudou na minha vida, continuei a mesma e com um tempo tive depressão pelas coisas que passei e passo em casa. Passei meses na cama, sem comer, sem sair, apenas chorando e me cortando. Para muitos era pra chamar atenção, mas só eu e Deus sabemos a dor de não ter ninguém do seu lado para nada. Bom, ai vocês se perguntam: "Como ninguém se você tinha a gente?" Eu respondo que amor de amizade é bem diferente que amor de família. Sabe aquele momento que você começa a menstruar e sua mãe te explica tudo. O que não pode fazer, o que deve fazer quando a menstruação vem? Eu nunca tive isso, sempre tive que fazer tudo sozinha. Sabe aquele primeiro menino que você gosta e sua mãe lhe dá conselhos? Eu também nunca tive isso. Sabe aqueles bolinhos, festa surpresas de aniversário? Eu também

nunca tive isso, sempre passei meu aniversário em branco e até hoje nada mudou. Sempre fiz o melhor para todos eles, sempre tentei fazer surpresas para eles, e nunca recebi esse carinho em troca. Sabe aqueles conselhos que sua mãe lhe dá para o seu bem? Eu também nunca tive isso. Lembra lá em cima que falei que minha vida não era como a das outras meninas? Bem, é sobre isso. Nunca tive nada disso, nunca tive um amor de mãe, um carinho, conselhos. Sempre tive decepções, minha mãe sempre achou que eu nunca seria e nunca serei boa para nada. Como ela disse eu sou um lixo e sempre serei. Esse sempre foi o motivos das minhas tristezas, choros, cortes, etc.

Com meses passando de depressão consegui superar e venci, mais todos os dias lembro de tudo que passei/passo sinto um ódio de não ter sido uma boa filha. Se sou ignorante, estressada e bipolar é porque nunca tive amor de mãe e me tornei o que sou hoje.

Passou algum tempo, conheci pessoas novas, amores novos, mas quem disse que ainda tenho eles do meu lado? Todos se foram, amizades, amores, todos sempre pensaram o pior de mim, muitos falam que só viro amiga da pessoa para saber da vida deles, mas eu nunca quis isso, eu só queria amigos para receber o carinho que nunca tive em casa. Hoje eu namoro e estou feliz com isso, mas e sobre minhas amizades? Ah! Eu não tenho nem colegas, nem amigos, mas não fico mal por isso. Se eles sempre pensaram o pior de mim é porque nunca valorizam o melhor de mim quando tiveram.

Vida que segue

Kalifa

Quando tinha apenas dois anos, minha mãe estava passando por uns problemas – não sei quais. Na realidade qual

é a família que não passou por problemas? Infelizmente ela não quis contar quais eram os problemas e preferiu agir da pior forma possível – pelo menos para mim. Certo dia no final da tarde ela me deixou com meu avô bêbado e falou que iria precisar sair, eu fiquei assustada mas mesmo assim esperei por ela e muitas noites se passaram e até hoje estou sentada na minha varanda esperando ela voltar.

Mesmo eu passando por isso tudo meu pai se envolveu com drogas, passando um tempo ele foi internado no centro de recuperação e ficou durante nove meses lá. Voltou para casa recuperado – era o que eu achava naquele momento –, mas como todos nós sabemos é difícil se recuperar de um vício tão grande e infelizmente ele voltou a fumar, e foi se afundando cada vez mais e depois de um tempo de madrugada exatamente as 01:30h da manhã do dia 18 de novembro, ele caiu em uma emboscada e tomou 2 tiros. Acordei com os choros inconsoláveis de uma amiga da minha vó, e estava todos em desespero. Perguntei o que tinha acontecido e todos me olharam com cara de desespero e não queriam me dizer, mas sabe aquela sensação? Uma sensação de que o mundo todo está caindo em suas costas, a sensação de quando você recebe a pior notícia da sua vida. Queria que fosse mentira, mas foi mais rápido do que a velocidade da luz e até hoje não consigo acreditar. De lá para cá minha vida mudou totalmente, como diz aquela música tem um "coração com buraquinhos".

Depois que meu pai morreu e sou uma menina totalmente diferente e não sou feliz como antes, nem tenho ânimo para sair. Fico trancada no quarto, na maioria das vezes não consigo nem dormir pensando nele. Passei um tempo me cortando e ninguém sabia o porquê, até cheguei a tentar me matar e assim como a maioria do povo, minha tia achava que era tudo modinha, mas ela nunca soube o que realmente acontecia por dentro de mim, mas tem passo dentro da agente que não consegue se preencher com qualquer coisa. Vida que segue!

Meninas malvadas

Chaya

Hoje eu vou falar de um assunto pouco comum em minhas crônicas, sem decepções, sem estresse, sem tristeza, sem jogo e sem o amor idealizado. Vou falar sobre amizade, uma em específico que conseguiu mudar a minha vida e meu ano tão chato. "Deus criou a amizade porque ele sabia que quando o amor machucasse, ela seria a cura", assim diz um pensador desconhecido e sendo sincera eu concordo com ele, pois um grupo de amigas chamado IMMSN foi a minha base nas minhas frustrações.

As loucuras, os conselhos e os surtos dessas meninas foram uma das melhores coisas que aconteceram nesse ano. Em meio a tantas coisas ruins e tristezas em minha vida, elas foram a minha alegria. Desde aquele gesto bobo com as mãos que parecia coisa de criança, eu já sentia que essa amizade iria durar, a partir do nosso primeiro almoço juntas eu vi que poderia confiar e até hoje estamos aí, compartilhando segredos e confiando umas nas outras.

Todos os nossos momentos juntas são especiais. Os almoços na casa de Blair já virou tradição, com o nosso bom e velho macarrão com calabresa. Mas não tem só almoços não. Teve a nossa "noite do pijama" também, e que noite viu, já podem até adivinhar, né? Ivy e Blair aprontaram todas. Ah! Sobre aquela noite não poderia esquecer, "Não é assim burro" e, lembrem? “Dragão não dorme, cospe fogo, dragão”. Mas enfim, quando junta Jenny, Ivy, Vanessa, Serena e Blair não tem para ninguém, e quem iria imaginar que eu seria amiga das meninas que ano passado eu odiava por serem ex do meu atual que agora também é ex? Bom, a vida tem essas surpresas.

Mas nem tudo são flores, nos estranhamos sim, discutimos sim e também ficamos “retadas”, em outras palavras,

chateadas, umas com as outras, mas isso é coisa passageira não dura muito. Confesso que já tive ciúmes de Jenny e Blair com Dan (uma carinha aí), mas percebi que estava sendo besta e deixei de lado.

Muita gente chama o nosso bonde de grupinho da fofoca, mas para eles nós cantamos a música da Rita Lee, "Deus me proteja da sua inveja, Deus me defenda da sua macumba. Deus me perdoe por querer, que Deus me livre e guarde de você".

Encerrando essa crônica, eu agradeço, a Jenny pelos conselhos, a Venessa por ser a "sincerona" do bonde, a Ivy e blair pelas meluquices, e a mim mesma, Serena, por me permitir fazer parte desse grupo. Já dizia a música de Projota e Vitão "Sei lá, só sei que a sorte uma dia vem", e a minha sorte já chegou por ter o IMMSN na minha vida.

Eles são só hipócritas

Anahi

Eu juro que pensei em mais de mil formas para começar essa crônica, mas sinceramente eu não sei. Todo mundo já está farto de me ver falando de amor nas minhas crônicas, falando de um amor verdadeiro, de um amor entre um homem e uma mulher que sempre vão ter um final feliz. Mas e o verdadeiro amor? Esse neguinho nunca viu né? eu acho que é porque eu mesma tento me acostumar com ele dia após dia.

Um dia desses eu estava no meu canto só observando tudo que estava minha a volta, não estava achando nada de interessante, até que comecei a olhar para um grupinho. O assunto da conversa eram meninas – só aí já dá para saber que o grupinho era de meninos, né? Enquanto eles falavam eu estava

lá escutando tudo – não me julguem, eu sei que você já fez isso –. Mas não é sobre os meninos que eu quero falar não, eu quero falar sobre o assunto deles, as meninas e sinceramente eu tenho muita pena dessas mentes.

Desde que eu comecei a entender sobre esse mundo e as pessoas que nele habitam, comecei a ter um pouco de medo. Medo do que as pessoas pensariam de mim, falariam de mim, ouviriam de mim. Comecei a entender que neste mundo "Pimenta nos olhos dos outros é refresco", - nunca vi uma frase que representasse tão bem o povo brasileiro.

Lembra que no primeiro parágrafo eu falei sobre o primeiro amor? Eu estava falando do nosso amor próprio, da nossa auto confiança, da nossa autoestima. Quem me conhece deve até pensar. "nossa, que ironia. A menina que não gosta de si mesma falando sobre ter amor próprio". *Super* normal, as pessoas falam "eu te amo" e cometem adultério.

Vocês acreditam que cerca de 800 mil pessoas morrem de suicídio por ano? E adivinhem aí qual é a faixa etária de idade que dessas pessoas: de 15 a 24 anos. Gente, são 800 mil pessoas que se matam por não amarem a si mesmas, por não se sentirem suficiente, se sentirem vazias em um mundo tão cheio. São 800 mil pessoas que escutam você dizer que isso é viadagem. Mas para você deve ser mesmo, né? Quem sou eu para te julgar, Sra./Sr. perfeito. Estou falando sobre amor próprio, se ame mesmo. Só não esquece de limpar essa sua alma suja.

"Viu aquela menina? se entrar na água mar seca!", "Fica demais, pegar quebra.", "Muita estria!", "Quanto buraco na perna.", "Sentar em mim, me esmaga.". O grupinho que eu falei no início estava na praia, e eu também, infelizmente, não queria ter que escutar aquilo em um lugar onde eu queria paz. Na verdade é horrível ter que escutar em qualquer lugar e qualquer hora coisas como essa.

Um dia um amigo meu me perguntou o porquê de não aceitar no meu corpo e falando sério com vocês eu não sei bem o que responder. É como se eu não conseguisse aceitar o que eu

vejo quando eu olho no espelho, não consigo me sentir segura quando escuto elogios, até porque o menino que me perguntou o porquê eu não me aceitar, não segura a língua antes de soltar uma piadinha sobre meu corpo. Se vocês não sabem o que é isso, é uma palavra pequena que tem um significado imenso: HIPOCRISIA, essa é a palavra. A palavra que enoja certas pessoas, fala que odeia certa atitude, e sabe o que acontece? Vai lá e faz. SÓ JESUS NA CAUSA.

Eu queria terminar essa crônica dizendo que quem ama é assim mesmo, se aceite. Só que eu sei que só isso não muda nada. Então saiba que você é suficiente, você não é nada daquilo que todo mundo fala, você é você e isso é bom. Na verdade isso é ótimo. Não deixe nenhum babaca dizer ao contrário, eles são só babacas que nem a própria cueca lavam.

As Grandes Mudanças

Aziza

Posso falar que depois de algumas coisas não sou mais a mesma e, ainda que é fácil falar, porém é mais difícil ainda fazer. Há alguns anos eu era uma garotinha inocente que só queria brincar com minhas bonecas e ficar andando pela rua feliz, gritando, correndo, caindo, me machucando e isso é mais que normal, pois era apenas uma criança. Quando somos criança tudo é mais fácil, tem mais pessoas que estão conosco, se preocupando com nossos passos com medo que a gente se machuque, mas o tempo passa tão rápido que acaba você não aproveitando o que você queria. Quando olha "BUM" o tempo passou e estou aqui com 15 anos e me perguntando: Esse tempo todo o que eu fiz? O tempo passou tão rápido que eu acabei não aproveitando o que eu queria. O que eu tenho mais saudade e da minha infância, pois eu não aproveitei nada. Posso falar que

perdi minha infância rápido, pois não via a hora de crescer e principalmente minha maior vontade de menina era ser mocinha. Sempre perguntava para minha mãe, minha tia, minha vó, como era ser mocinha, se era bom menstruar que era o que eu mais queria. Elas simplesmente falavam com muita calma: "Você vai ser no momento certo, tudo no seu tempo ", e a minha ansiedade acabou tirando a minha infância.

Queria aproveitar logo a vida de adolescente, pensando eu que era fácil, até que chegou o dia que menstruei pela primeira vez e não esperava, pois uma menina com apenas 11 anos acordar em plena manhã com sua calcinha completamente suja de sangue é aterrorizante. Não foi bom e chorei muito, pois não estava acostumada com nada disso, tudo para mim era novo. E assim fui perdendo a minha infância de pouquinho a pouquinho, que nem eu mesma percebi e agora o que resta? Uma grande saudade. Se eu queria voltar atrás? Sim muito! Me arrependo de não ter aproveitado nada? Quase toda vez à noite fico pensando por que passou tão rápido e principalmente de não ter aproveitado nada e a maioria dos meus amigos falam, que tem marcas das suas infâncias. E o que eu posso falar? Como diz Marisa Monte "Eu penso em você desde o amanhecer, até quando eu me deito". A saudade da infância é grande, porém não posso voltar atrás e agora posso falar com toda a certeza que a minha maior saudade está sendo a minha infância, por não ter aproveitado nada. O ano de 2019 chegou e aqui estava cheia de esperanças, pensando que ia ser tudo novo justo por ser um ano novo e em 2019. Prometi mudar tudo, pensava que tudo que aconteceu comigo de ruim no outro ano, não ia se repetir nesse, mas estava enganada, pois posso falar que esse ano foi o que eu mais sofri. Esse foi o ano que mais me ensinou, quem sim, quem não e quem nunca. Foi um ano que mais me decepcionei, por jurar que todas as pessoas que estavam ao meu lado iria continua estando. Por achar que não ia me machucar, mas foi um ano que eu me decepcionei de um jeito que nem eu mesma posso acreditar, pois por ser tão frágil acabo me machucando demais

por pessoas que hoje vejo que não vale a pena. Garanto que hoje já não sou mais a mesma, fico pensando por que mudei tanto. Às vezes queria voltar a ser a mesma e ter a felicidade que eu tinha antes, não deixando passar incríveis, pessoas que eu jamais pensaria que estaria comigo.

Hoje eu só tenho a agradecer a quem ficou comigo, por me aturar tanto, pois sou uma pessoa complicada e esse ano foi surpreendente, pois aprendi que a gente não sabe o que pode acontecer. Como diz Chico Xavier " Não exijas dos outros qualidades que ainda não possuem", e assim diz Lulu Santos completa "Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia ", ainda Nélson Rodrigues "Com sorte você atravessa o mundo, sem sorte você não atravessa a rua ". Com esses trechos concluo minha crônica com uma assertiva, aproveite o hoje, pois nada será mais o mesmo, e mesmo você tendo sorte faz o que você quiser da sua vida, e sem sorte você não atravessa nem a rua. Nada podemos nos deixar abalar, pois como diz Fernando Sabino "De tudo ficaram quatro coisas. Da queda, um passo de dança .../Do medo, uma escada .../Do sonho, uma ponte.../Da procura um encontro" e não podemos desistir de nada mesmo que seja difícil, com uma frase de Fernando Sabino, enfim concluo "No fim tudo dá certo, e se não deu certo é por que ainda não chegou ao fim".

Amar a si mesmo

Nala

Ter uma pessoa como companhia deve ser legal, "pra que tem". Esse já não é o meu caso. Eu como sempre estou sozinha, então eu não sei como é ter um amigo. Quem tem sabe se preocupar e se importar. Na verdade eu já tive várias pessoas,

que eu me preocupava, mas nunca se importava comigo. Eu que tenho que correr atrás para não perder essa amizade, mas no final, mas do que adianta correr atrás de amizades sendo que é só você que tá fazendo de tudo para essa amizade não acabar? Mas uma hora você cansa até não querer mais essa amizade.

Eu nunca pensei em ter outra amizade, então eu tive uma pessoa muito importante na minha vida e nos conhecemos por conta de uma briga boba. Depois dessa briga nós começamos a conversar a nos conhecer melhor e eu agradeço muito, por ele ter entrado na minha vida. Eu estava passando por um momento muito difícil na minha vida e até confesso que eu nunca contei isso para ninguém, só para ele e para essa crônica que estou escrevendo.

Então uma ótima oportunidade para eu desabafar, tirar um grande peso na minha vida. Eu estava insegura para contar isso, mas eu quero que as pessoas saibam o que eu passei e para uma pessoa que contei isso eu simplesmente confiei nele, apesar dele ter me ajudado eu sou muito grata a ele, principalmente por nunca ter me deixado só. Eu estava pensando em desistir de mim e do mundo, mas eu tinha medo de largar tudo, principalmente minha família. Eu contei isso pra ele e, a todo momento ele me ajudou, mesmo estando longe, ouviu minhas queixas e vontade de desistir.

Ele falou que não, porque se eu fizesse isso quando ele viesse para cá, não iria me ver mais. Eu amo o trecho dessa música “Always lookim out behind my pences almays felt isolated”. Parece que me descreveu. É disso que eu estou falando “isolamento”, tristeza e a coisa que eu odeio é ficar só. Confesso que as vezes é bom, mas aquele menino ficou comigo por alguns meses e depois fez como os outros, me esqueceu, não lembra mais de mim. Eu fico me perguntando o que sinto por ele se é amizade ou amor ou se ele está bem.

Então é essa falta que sinto de uma pessoa como ele, mas é assim que eu levo a vida sendo eu mesmo. É assim que eu fecho minha crônica com uma frase "Foi de tanto perder o chão que fortaleci minhas asas entre um milhões de tombos aprendi na marra a voar".

As últimas prosas de um ano inesquecível

Malaika

As datas para alguns são muito importantes e cá entre nós, elas fazem total diferença quando se trata de lembranças. No primeiro dia desse ano já previa, não somente pelo simples fato de ser um novo ano, mas porque todos ao meu redor estavam criando expectativas e ilusões que tudo iria ser diferente e eu como sempre, sem muitas expectativas, pois sabia que iria ser apenas mais um ano.

Ao chegar em casa e colocar a cabeça no travesseiro comecei, a pensar se valeria a pena não aproveitar mais um ano e não superar meus medos. Pensei tanto que quando abri o olho o sol já estava brilhando e todos aqueles pensamentos serviram para que eu chegasse a conclusão de que, eu iria viver e apenas o que tiver que ser será.

Tem uma frase que eu gosto e me representa de um autor desconhecido, que diz – "percebi que eu gosto mais de mim e que meu amor como café, amargo" - essa frase me fez perceber que eu sempre fui tão amarga com as pessoas que sempre foram doces comigo, por não querer deixar as pessoas verem que embaixo daquela casca toda tinha alguém de verdade e com sentimentos.

Entendi que ou você se arrisca ou você se conforma e eu me arrisquei. Não é que esse tal amor existe? Realmente um dia

acontece e a gente tem que crescer. Como diz o livro "O céu de júpiter" – "não gosto de desistir, nem sei se a palavra certa é essa, mas chega uma hora que você precisa libertar todos os sentimentos, planos e sonhos, porque querendo ou não um coração não vive só de expectativas". E eu me libertei, porque consciência pesada por não viver é pior que castigo.

Esse ano não teve só descobertas sobre mim, porém amor e amizades também. E como eu poderia esquecer as pessoas que se tornaram as mais importantes para mim? O grupo IMMSN – iniciais dos nomes de cada uma delas, foi formado pelo grupo das meninas mais incríveis que conheci esse ano. Para muitos É só mais um grupinho de fofocas, mas para mim elas são meu porto seguro. São elas que me fazem sorrir quando eu quero chorar, que me tiram do chão quando os problemas me amarram.

Agradeço também aos meus novos amigos por tudo, pelas conversas, conselhos, risadas, suspiros, aventuras, enrascadas e o melhor de tudo por serem vocês. Tem uma frase da série *Os 13 Porquês* que diz- "meu maior medo é te esquecer, e o meu segundo maior medo é nunca te esquecer" - tenho medo de esquecer todas as pessoas que entraram na minha vida e eu sou grata a elas, mas também tenho medo de nunca esquecê-las.

Termino essa crônica com uma frase do filme *Ratatuille* que diz - "as coisas até podem dar errado, mas você não deve deixar que ninguém define seu limite a partir de sua origem, pois o único limite é a sua alma". Até aqui 2019.

Amizade verdadeira

Plutão

A amizade é a melhor coisa que existe, se você tem amigos você tem tudo. Amizade não é diferente do que todos dizem. É

estar nos momentos bons e ruins, saber falar a verdade na cara, sem medo. Não é fingir que é sua amiga durante sua vida toda e quando você estiver com sua confiança bem forte, a pessoa te machuca, ou quando você quer ajudar mesmo machucada e ela te trata mal. Até porque quem não tem problemas? Eu tenho vários, mas tento esconder. Não duvido das pessoas que tem depressão, mas gente que diz que tem e não tem acho que está trazendo doenças para eles mesmas. Não é só porque a pessoa tem muitos problemas que não sabem lidar que parece que vai morrer. A amizade pode ser confundida com falsidade, esse é o pior erro que um ser humano pode cometer. Eu tenho muitas amizades e não pense que na minha vida não existe falsidade, mas eu procuro me afastar, não aos poucos de uma vez só, como minha mãe e minha tia sempre dizia. "O que não te faz crescer não te serve". No meu ponto de vista amizade é aquela que mesmo em momento insignificante está guardada na memória, é rir quando você cai e principalmente saber aceitar ajuda. Por isso que eu agradeço ao IMMSN – grupo de colegas que tem afinidade e se completam, por fazerem meus segundos, minutos, horas e meses mais felizes.

Obstáculos da vida

Valentim

Eu nunca sei por onde começar, mas depois que começo é até difícil de parar. Desde pequeno sou caladão, gosto de ficar em silêncio e observar o mundo com outra visão, muitas das vezes fico calado por motivos pessoais e outras só quero ficar em paz e longe das pessoas banais que só querem nos atrasar e

deixar para trás. Pessoas assim são sem futuro que só quer prejudicar o próximo e se esconder no escuro e muitas vezes essa pessoa é a que te chama de irmão, bate nas suas costas e diz estar contigo independentemente da situação, mas não se deixe levar.

As coisas ruins vem de quem a gente menos espera. Eu aprendi que isso é normal da vida e sempre vai acontecer, são coisas assim que nos ajuda a amadurecer. Então muitas vezes os problemas são para nos fazer entender que na vida problemas sempre vamos ter e devemos procurar a solução, nunca abaixar a cabeça diante da situação. Muitos vão te criticar e outros até apoiar, mas muitas vezes por trás disso tudo, eles querem te ultrapassar.

As pessoas gostam de te ver bem, só não melhor do que elas e aí começa a inveja e a falsidade, mostra ser verdadeiro, mas por trás só tem maldade. Outros preferem julgar as pessoas sem ao menos conhecer, saber o que está acontecendo ou procurar entender, a pessoa pode estar em uma situação difícil e com isso é mais um passo em direção ao precipício. Então antes de falar qualquer coisa, pense bem e você estará ajudando a vida de alguém. Existe as pessoas orgulhosas, que ao invés de admitir e demonstrar, prefere mentir do que contar.

Aprendi que dessa vida a gente não leva nada, no caixão só vai uma muda de roupa e mais nada. Então pare de ser tão arrogante e aproveite cada instante. Ame o próximo não pelo aparência, mas sim por quem são, independentemente da cor, raça ou religião, respeite o próximo e ame de coração. A gente não é melhor que ninguém e por isso mantenho a humildade e levo comigo sempre a sinceridade de ser um amigo de verdade. Nunca desista do seu sonho porque você é capaz, faça sua trajetória em silêncio e veja a diferença de fazer as coisas com perseverança. Umas das coisas que eu não consigo entender, é a pessoa que fala ter sentimentos sem ao menos ter.

Gosto de pessoas que se arriscam e tentam algo de verdade, até porque se não tentar, nada vira realidade. Conheci

uma menina e gostei de verdade, fazia de tudo por ela e isso não é nem a metade. Ela dizia sentir algo também, mas na verdade queria esquecer alguém e por final fiquei pra trás, não esqueço isso jamais. Não consigo ficar de mal com ela, porque a única coisa que eu quero é o bem dela. Menina doce e delicada, quero te ver sorrir e mais nada, independentemente da situação, você sempre estará no meu coração. É como já dizia Friedrich Nietzsche "O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte."

Um ano diferente

Latasha

Tudo iniciou quando eu estava assistindo os fogos de artifício do Réveillon e por um momento estava olhando para os fogos refletindo pingos de luz no mar e, me fiz a seguinte pergunta "Será que 2019 vai ser um ano legal?" Passaram alguns segundos e do nada o barco que estava com a caixa dos fogos explodiu. Só escutei os gritos das pessoas e a fumaça. Um senhor que muitos chamam de Velho se machucou, porque ele foi vê o barco que estava os fogos. Pude perceber que naquele instante algo me dizia que 2019 seria um ano diferente. Está sendo um ano diferente mesmo, porque nunca imaginei que coisas que pudessem ter acontecido, aconteceram. Fui mal na escola (digo, nas médias) dessa vez exagerei um pouco. Meus pais ficaram arrasados e também aconteceu algumas tragédias, mas prefiro não comentar sobre isso, porque só de lembrar me dá um aperto no peito. Como já dizia minha amiga "Pessoas que a gente menos espera, se vão em um piscar de olhos". Assim me dá uma saudade quando eu lembro do ano de 2018, parece que foi tudo muito mais fácil. Como já dizia o cantor Tim Maia "não

sei porque você se foi quantas saudades eu senti". Só desejo muito sucesso para o ano de 2020.

Futebol arte

Raoni

Futebol é um assunto que todo menino gosta, ou pelo menos os que gostam da coisa. É assunto para qualquer lugar e hora, ou em rodas de conversas, ou na escola, até mesmo na lanchonete, dentre outros lugares que cabe o assunto. Desde os meus três anos de idade já gostava de futebol – segundo relato da minha mãe, porque não me lembro bem –, mas lembro que eu só tinha uma bola e gostava muito dela e não gostava muito de emprestar para ninguém. Até completar 5 anos de idade quando eu entrei no meu primeiro treino era muito ruim de bola, mas eu tinha uma esperança que ia ser bom um dia, porém só fui ficar bom de bola em 2018 e meu futebol só foi ser reconhecido nesse ano (2019). É isso: faça algo repetidas vezes com dedicação até que se torne bom naquilo que faz.

E o que fez o meu futebol ser reconhecido foi a copa EJA, foi quando o meu time ganhou de 2 a 0. Foi a minha primeira copa pelo sub-17 e fiquei muito nervoso e ansioso, mas quando vi os meus adversários maiores do que eu confesso que fiquei com medo e coloquei na minha cabeça, que ia superar o meu medo e que íamos ganhar. Assim, com força de vontade eu consegui superar o meu medo, meu nervosismo e minha ansiedade e conseguimos ganhar e isso me deixou muito emocionado e feliz – claro!

Conseguimos ir para a final, apesar do jogo ser muito difícil e teve muita trapaça pela parte do juiz, nós tínhamos conseguido fazer 5 a 4 nos nossos adversários, mas o juiz tinha marcado como 5 a 5 e o meu time ficou muito inconformado, porque teve que ir pros pênaltis e um dos jogadores do meu time

e eu decidimos que não iríamos bater o pênalti, já os outros bateram o pênalti e ganhamos.

A copa EJA foi muito diferente dos meus treinos foi mais intenso para mim foi como se estivesse participado de uma copa do mundo e espero que se repitam muitas vezes. Sem contar o fato de eu estar jogando ao lado de uma pessoa que eu admiro muito, o meu melhor amigo que é como um irmão pra mim. Já consegui fazer teste em dois dos maiores times da Bahia, mas infelizmente ainda não conseguiu passar. Com isso eu consegui entender que ser um jogador profissional não é nada fácil, mesmo assim continua sendo o meu sonho.

Quem olha de fora pensa que é fácil, porém, apesar dos meus treinos serem bons, são muito cansativos, mas é bom para eu ter mais resistência e alcançar os meu objetivos de me tornar um bom jogador profissional e realizar o meu sonho de criança.

Como o esporte entrou na minha vida

Layla

Quando eu era mais nova via todas as meninas, que tinha intimidade jogando bola no campo e, queria muito aprender a jogar, mas haviam alguns problemas por eu não saber jogar e muitas pessoas falavam: “sai daí, você é muito ruim”, dentre outras coisas. Então com tudo isso, eu desisti e tomei pavor do futebol. Em 2018 comecei a ter interesse novamente. Achava muito legal ver as meninas indo todos os anos jogar em vários lugares. Foi daí que falei para mim mesma que em 2019, eu iria entrar para o time de Joselito e, muitas meninas me incentivaram para eu começar a treinar como o professor Joacy e o professor Joselito, então entrei.

No primeiro dia de treino acordei, ajudei minha mãe a fazer as coisas em casa e, fiquei meia hora procurando trabalho,

achava um, achava outro. Só que não era ideal para jogar bola, até que achei um, esperei dar 9:30h e fui para quadra. Chegando lá fiquei morrendo de vergonha porque eu era a única que não sabia jogar e todas as outras meninas já jogava há muito tempo. Lembra de quando eu falei lá em cima daquele tempo que eu tomei pavor de futebol? Pois é, as meninas jogavam desde aquela época. Então, continuando, o professor Joselito chegou e mandou eu e as outras meninas se alongarem antes de começar o treno e fizemos os alongamentos. Então começou o treino e fizemos muitos exercícios e quando acabamos todos os exercícios, teve o famoso baba.

Os times foram divididos e deu início ao baba e de repente, eu fiz um gol e me surpreendi muito, pois era a primeira vez que eu estava treinando e me saí bem. Quando o jogo acabou o professor tirou foto de mim e colocou no grupo do time falando que eu fui muito bem jogando. E até hoje eu estou no time e amo muito jogar bola. Já joguei com as meninas em outros lugares, mas logo no começo nem todas as meninas me criticavam só porque tinha mais experiência do que eu. Outra falava que eu estava indo bem. Assim, a opinião de quem me criticava não era nada. Hoje eu recebo elogios e, um pouco de crítica, pois muitas pessoas ainda falam que eu não sou boa de bola, mas hoje eu não ligo mais para a opinião dessas pessoas. Como diz Marcelle Figueiredo: “Se eu fosse me preocupar com a opinião dos outros, eu viveria a vida deles e não a minha” e pensar assim me basta.

Duas paixões e um esportista

Kaluanã

Desde guri sempre gostei de esporte e o que eu mais gostava era de futebol. Não podia ver um baba, nem um treino que logo queria participar. Jogo para mim era como se fosse jogar em um time profissional do lado dos melhores jogadores do mundo. Quando o treinador me colocava junto com meu parceiro Negresco, na mesma posição de zagueiro, acabava não tendo para mais ninguém. Ele sempre foi um zagueiro justo e não gostava de bater, mas comigo não tinha essa, apenas a bola passava, mas o jogador adversário sempre no chão e às vezes nem a bola passava. Então fui considerado muitas vezes o melhor, mas chegou um tempo que eu parei de jogar bola e comecei a praticar artes márcias, Muay Thay, Jiu Jitsu , capoeira , enfim, mas parei porque o professor foi embora e passei a praticar capoeira somente. Quando era guri e as pessoas falavam da capoeira e eu achava coisa de otário. Assim quando comecei a praticar, tive outra visão e quando tinha roda, os capoeiristas mais velhos me batia e toda vez que eu ia jogar e nunca desisti. Até que um dia, através de muito esforço nos treinos acabei passando os capoeiristas mais velhos. Com o tempo, os capoeiristas pagaram finalmente suas graduações e por considerarem que eu ainda era o mesmo iniciante não me graduaram. Até que um dia os capoeiristas mais velhos começaram a jogar comigo e eu acabei batendo em todos eles e fui considerado o melhor capoeirista da Gamboa. Depois do meu mestre no grupo daqui, sempre treino para manter o título de melhor, mas de uns dias para cá, voltei a jogar bola. Para mim está sendo minha melhor fase, mas, até porque, como uma forma de jogo entrei em uma disputa por uma pessoa e teve vários impasses, mas, eu acho que acabei ganhando o coração dala. Não foi nada fácil, mas cabei chegando onde queria e agora ela

sabe que gosto muito então está tudo favorável e como dizia um vaqueiro "Na competição do amor o coração dela venceu e na disputa dos mais fortes quem perdeu foi eu".

O grande dia

Anahi

E chegou o grande dia, o dia em que eu levantei da cama sabendo que iria passar raiva até não poder mais. O dia que eu sabia que iria ver rostos novos e escutar novas vozes - eu amo essa sensação.

Acordei cedo, comecei a me arrumar, e quando acabei, sai de casa me despedindo da minha avó com um sorriso de orelha a orelha, mas antes de ir para a quadra passei na casa das minhas amigas, claro, queria chegar lá no estilo.

Pronto, meu bonde estava formado e a expectativa para aquele jogo estava lá no alto. Chegamos na frente da escola. – Uau! O futevôlei é realmente algo lindo de se ver. Algo mágico, não tão puro, porém encantador.

Os jogos começaram fora da quadra - como meu amigo disse na crônica dele "foram muitas vitórias e derrotas, mas é assim mesmo, nada na vida são só flores". E quando acabou as partidas do futevôlei, foi para dentro da quadra, todas nós fomos.

Quando entramos na quadra estava rolando o jogo das meninas do sub 14, desde ali a emoção começou, desde aquele jogo os meus nervos já estavam à flor da pele. As meninas estavam jogando e a arquibancada gritando, era maravilhoso escutar o: lê, lê, lêo, lê, lêo, lê, lêo, lê, lêo, GAMBOAAA.

Com muitas faltas, cartões, escanteios, rabos de olho e muita emoção o jogo acaba de 3x1 para as meninas da Gamboa – claro!

Mas o dia não acabou por aí, muitas coisas ainda rolaram. Entre essas coisas, o jogo das meninas do sub 17. Esse jogo é o clássico, o jogo que me faz ficar com a garganta doendo toda vez que eu assisto.

O jogo começa com muitos olhares, muito deboche, muita falta e principalmente cartões. Mas vocês pensam que isso foi só no jogo? Vocês estão enganados! Aquela arquibancada estava pegando fogo - literalmente, muito fogo. Foi uma mistura de fofoca, ciúmes - ai ai, bebê, vocês que se cuidem, porque Charizard não é mole.

Depois de um dos acontecimentos, acontece o primeiro gol, infelizmente não tivemos o segundo gol, mas as aventuras daquele dia valeram por tudo.

E termino essa crônica dizendo: "FUTEBOL NA GLOBO, AQUI É EMOÇÃO..."

Meninas, não tenham ciúmes do que não é de vocês, é feio...!

Gamboa: Jogos da Primavera

Yara

Todos agitados para o início dos jogos. Os organizadores dão início a abertura e logo em seguida vem o grupo de dança e finalizando a abertura um pequeno grupo de música. E o jogo dos pequenos começa. O jogo já começa com muita emoção, todos gritando pra fazer gol, e quando finalmente o real Gamboa ia conseguir fazer gol, a bola vai para fora.

E finalmente foi gol e todos gritavam como loucos – eu nem sei o nome do time adversário, mas estou torcendo para quem está ganhando. Sempre assim, quer dizer, nem sempre, não entendo muita coisa de futebol mesmo. E o jogo acaba 4×2.

Durante o intervalo do jogo acontece mais uma apresentação, dessa vez, uma apresentação de ballet. As meninas pequeninas estavam lindas e deram um belíssimo show. Na volta do intervalo começa o jogo de baleado, na arquibancada todos muito animados, dançando ao som do que estava tocando. Bem no final o jogo ficou tenso, LN e AL do time da Gamboa estavam de marcação com uma menina do time adversário, até que AL baleia a menina e finalmente ganhamos.

Eu já estava praticamente sem voz de tanto gritar quando o jogo de futsal feminino começou, até gente sangrando saiu da quadra e nada de gol. Já pela noite teve basquete e vôlei, cheguei atrasada então não sei quem ganhou o jogo de basquete. O jogo de vôlei já começa bem para o time rosa abrindo 4 pontos na frete do seu adversário, e, como os times não tinham nomes vou classificar como time rosa e time verde. Depois do vôlei começou o jogo de futsal, eu não estava entendendo nada porque saí da quadra por alguns minutos, e assim como o vôlei classifiquei como time rosa e time amarelo.

No dia seguinte pela manhã teve mais jogos dentro da quadra, estava tendo futsal e fora dela estava tendo futevôlei e vamos confessar que tinha uns bebês lindo por lá. Pela tarde não foi diferente, deram um show eu não prestei muita atenção porque os "bebês" estavam tirando um pouco da minha atenção – só minhas amigas entendem esse trecho.

O futsal das meninas foi muito emocionante Valença X Gamboa e as meninas da Gamboa ganharam o jogo mas aconteceram algumas confusões que deixou o jogo mais emocionante e quase acontecia uma briga, mas foi impedida pelo juiz. Apesar de todas as desavenças e confusões a Gamboa se consagrou campeã.

O jogo tão esperado

Tainá

Enfim tinha chegado o dia dos “Jogos de Primavera” do modelo Gamboa. E quem acorda às 06:40h da manhã? Pois é! Euzinha! Acordei às 06:40h da manhã, pois minha prima foi me acordar para ir pro jogo. Então fiz as coisas, tomei banho, e falei para ela que no primeiro dia os jogos começariam às 13:00h da tarde, e ela na teimosia dizendo que iria começar de manhã. Então me arrumei e fui, quando cheguei na quadra quem estava lá? Ninguém, absolutamente ninguém. Fiquei feliz por não ter ninguém porque pelo menos ninguém viu esse mico kkkkk.

Daí voltamos pra casa, almoçamos e esperamos dar 13:00h e começamos a nos arrumar de novo. Fomos para a quadra, dessa vez ela estava cheia de pessoas, de vibrações, nervosos, e muita alegria. Fomos para a última arquibancada e chegando lá, encontrei minhas colegas e sentei ao lado delas. O jogo dos meninos iria começar, e o goleiro de um time era namorado de minha colega, que estava do meu lado, o jogo começou e ela nervosa, pois o namorado já tinha tomado um gol, e ela gritou para ele: “finge que tá me agarrando que você consegue pegar a bola”, e eu e as meninas se acabando de dar risada da cara dela.

O jogo acabou e o placar foi 1×1. E enfim tinha chegado minha hora de jogar baleado, e assim começa o baleado da Gamboa × Zimbo. Eu estava bem na fileira do fundo e cheia de ódio, pois as meninas não queriam passar a bola. Então resolvi deixar as meninas do Zimbo me balear para finalmente eu conseguir pegar na bola, assim fui para o lado oposto da quadra, e começamos a balear o time adversário, só que o ranço da gente da Gamboa era com a menina de camisa 11 do Zimbo, que parecia uma lagartixa dançando kkkkkk. Eu e LN cheias de ódio dela, ficamos tentando balear ela, só que LN foi baleada, mas o jogo continuou, a quadra vibrando, várias pessoas gritando seu

nome – é a melhor força – e outras gritando tira o deboche Tainá. E eu ria muito!

Então baleamos todas as meninas do Zimbo e como já estava cansada, resolvi ficar um pouquinho e depois fui para casa. Antes de ir tinha falado vou para casa descansar para amanhã vê os bebês de Valença. Vou vir arrumada!

Finalmente o segundo dia, e eu estava toda arrumada, quando cheguei IB e HL já tinham me perguntado por que eu estava tão arrumada, então falei que era para quando o povo de Valença chegar, falar pelo menos uma se salva kkkkkk. As pessoas de Valença chegaram, lembra lá em cima que falei que iria vir arrumada para ver os bebês? Então, eles eram bebês mesmo, só que bebês monstros kkkkkk. Então fui assistir o futevôlei e quando cheguei lá, estava maravilhoso, o futevôlei tinha um brilho que era impossível identificar, só as fortes entenderiam o brilho da Calvin Klein kkkkkk. Sai do futebol e entrei para quadra e estava jogando o sub 17 dos meninos, e estava meio por fora de tudo, então não sabia bem o placar, mas cheguei bem feliz gritando meu primo que estava jogando.

O time de meu primo perdeu, mas eu não me importei muito, pois ele tinha jogado muito. Quando acabou o jogo dos meninos, iria começar o jogo das meninas que todos nós estávamos esperando. O jogo começou e as meninas do futebol da Gamboa estavam ganhando, e as meninas de Valença já estava com ódio pois estavam perdendo. Quando a bola foi para o escanteio as meninas de Valença que iria bater, e quando ela chega no escanteio PL grita “Saí daí peito de ... cuidado para não chutar o peito pensando que é a bola”. A menina de Valença passou um rabo de olho já cheia de ódio e o jogo continua, logo após a jogadora LZ tinha sofrido uma falta e quem bateu foi a jogadora KL camisa 10 do futebol da Gamboa. Ela faz o gol e a quadra vibra, pula, xinga, todos com nervoso e alegria ao mesmo tempo, mas nesse jogo não podia faltar o deboche de KL. A menina debochou o jogo todo, e só entrou para bater e não queria apanhar, então o jogo acabou e as keninas do futebol

da Gamboa venceram. Mas quem disse que acabou por aqui? Rs. À noite ainda tinha mais! Fui pra casa tomei banho, esperei dar 19:00h para ir, e quando cheguei já estava rolando o vôlei. Eu não entendi muito o jogo, só sei que as meninas do time rosa ganharam. Acabou o vôlei, e começou o jogo masculino da EJA, um time verde e o outro time rosa, bem eu também não entendi nada desse jogo, mas fingi que estava entendendo tudo. O jogo saiu empatado e acabou os jogos de primavera, e eu fui pra casa me perguntando como eu iria fazer uma crônica se eu não tinha entendido nada.

Jogos de Primavera

Kayin

Os Jogos de Primavera foram bem da hora, pois teve vários esportes como: futsal, futevôlei, futebol, dentro outros. Assisti o futsal feminino é parando para observar bem, as meninas daqui jogam muito. Elas também estão de parabéns, por ganharem os jogos. Não posso esquecer dos meninos que jogaram bem o futsal. Queria muito saber participar do futsal, mais não sei jogar bola, então não joguei. Posso não ter participado, porém foi bastante divertido ver meus amigos jogando, mas em compensação, joguei o esporte que eu gosto que é o futevôlei, porém fique meio triste, por não ter ganhado, mas fica como experiência para a próxima. Haverá campeonato no próximo ano e, com fé em Deus vou ser campeão, pois é muito legal também ver nosso colégio competindo, com outros colégios. Para gente é uma honra ver nosso colégio cada vez mais dando seu máximo e fazendo o que pode para ser campeão. Por outro lado eu dei meu máximo, mais não consegui e fiquei em terceiro, mas é como eu digo nunca perca o foco do que você

gosta. Eu creio que não só eu, mas como outros que pensam dessa forma atingirão seus objetivos.

Inferno astral

Mofirilanpi

Esse ano foi uma loucura. Vivi várias experiência e passei por coisas que nunca pensei em passar. Foi bom? Até hoje não sei, mas com isso aprendi muitas coisas, que estão me fazendo amadurecer, principalmente a minha forma de agir, pensar e dizer. Mas não se engane, eu ainda cometo erros, pois todos os seres humanos erram algum dia.

As decepções estão me fazendo ver que as pessoas não são verdadeiras. Hoje eu não vejo quem são mais, pois nem todo mundo que está com você, torce por você. Falo por experiência própria assim como dizia Nelson Rodrigues "O ser humano é cego para os próprios defeitos". Essa palavra significou muito para mim, pois ninguém olha para os seus próprios defeitos, criticam os dos outros, falam dos outros e isso é mais que verdade.

De uns tempos para cá, eu tenho observado muito isso. Tem pessoas que estão com você, mais não torce por você. Todo momento mantém uma coisa que não é e, isso me machuca muito, pois eu fico sem saber em quem confiar. Já me decepcionei tanto, pois se eu me decepcionar por pessoas que já esperava, tudo bem, já estaria conformado, mas acontece de pessoas que eu menos espero. Isso acaba comigo, pois eu não vou saber em quem confiar e esse ano me mostrou muitas coisas. O principal foi: quem sim, quem não e quem nunca. Pessoas que são verdadeiras não são passageiras e sim permanece na nossas

vidas até nos últimos momento, que mais precisamos e não nos abandona na fase mais difícil. “Mas não me olha assim, cada qual tem o seu inferno astral que a si consome. Se eu sou um garoto, Leone, as circunstância me fizeram homem”.

Coletânea de crônicas produzidas pelos alunos do 9º ano do Colégio Municipal Hildécio Antonio Meireles – Gamboa.

Produto da Intervenção Pedagógica do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, por:

Professora Fabiane Caldas.

UNEB – *CAMPUS* V

Orientada por:

Professor Dr. Adelino Pereira dos Santos.

Gamboa – Cairu, Ba - 2019

Produção independente

ANEXOS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EU: AUTORA, PROFESSORA E PESQUISADORA: O GÊNERO CRÔNICA NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA
Pesquisador: FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO
Área Temática:
Versão: 3
CAAE: 00868918.0.0000.0057
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.214.966

Apresentação do Projeto:
O projeto apresenta de forma clara objetivos, hipótese, justificativa, fundamentação teórica, cronograma, orçamento, recursos, referências, riscos, benefícios, critérios de inclusão e critérios de exclusão.

Objetivo da Pesquisa:
Os objetivos apresentados são claros e exequíveis:
Objetivo primário:
1. Apresentar uma proposta de intervenção pedagógica, a partir de leitura e produção do gênero discursivo crônica, tendo a autoria docente como elemento motivador, a alunos do 8°/9° ano do ensino fundamental da escola Colégio Municipal Hildécio Antônio Meireles, do distrito de Gamboa, Cairu- Bahia.
Objetivo Secundário:
1. Analisar e discutir de que maneira o trabalho de leitura e escrita de crônicas poderá possibilitar a esses alunos o desenvolvimento de habilidades cognitivas do ler e do escrever, observáveis em suas produções, que representem avanços em suas competências linguísticas e textuais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
São feitas referências aos riscos e benefícios nas Informações básicas sobre o projeto de pesquisa, no Termo de consentimento livre e esclarecido e no Termo de assentimento do menor.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa relevante, desenvolvida a partir do gênero literário crônica, que possivelmente possibilitará aos estudantes envolvidos a ampliação de habilidades de leitura, competência linguístico-comunicativa e escrita proficiente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Está anexada ao projeto a seguinte documentação de apresentação obrigatória, em conformidade com as normas brasileiras para pesquisas envolvendo seres humanos:

1. Folha de rosto;
2. Termo de compromisso do pesquisador;
3. Termo de autorização institucional da coparticipante;
4. Termo de autorização institucional da proponente;
5. Termo de confidencialidade;
6. Termo de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa;
7. Termo de consentimento livre e esclarecido para participantes;
8. Termo de consentimento livre e esclarecido para pais e/ou responsáveis;
9. Termo de assentimento do menor.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise consideramos que o projeto encontra se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador

responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1208565.pdf	13/03/2019 20:32:13		Aceito
Outros	ASSENTIMENTO_MENOR.pdf	13/03/2019 20:27:58	FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RESPONSAVEL.pdf	18/12/2018 00:26:50	FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/12/2018 23:48:55	FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	10/10/2018 22:57:45	FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO	Aceito
Outros	PROPONENTE.pdf	04/10/2018 23:22:37	FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO	Aceito
Outros	CONCORDANCIA.pdf	04/10/2018 23:21:06	FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO	Aceito
Outros	CONFIDENCIALIDADE.pdf	03/10/2018 11:01:29	FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	COPARTICIPANTE.pdf	03/10/2018 10:39:38	FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	COMPROMISSO.pdf	03/10/2018 10:37:48	FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO	Aceito
Folha de Rosto	DOCUMENTO.pdf	03/10/2018 09:04:41	FABIANE DE JESUS CALDAS BRITO	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SALVADOR, 22 de Março de 2019

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br